

DO MESMO AUTOR DE
AS CINCO PESSOAS QUE VOCÊ
ENCONTRA NO CÉU

Mitch Albom
O PRIMEIRO
TELEFONEMA
DO CÉU

*Como você se sentiria se um dia recebesse uma ligação
de alguém que ama muito – e que já se foi?*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O PRIMEIRO
TELEFONEMA
DO CÉU



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938–2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Witch Albom
O PRIMEIRO
TELEFONEMA
DO CÉU



Título original: *The First Phone Call from Heaven*

Copyright © 2013 por Asop, Inc.
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Flávia Rossler

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Ana Grillo e Luis Américo Costa

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Victor Burton

ebook: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A295p

Albom, Mitch, 1958-

O primeiro telefonema do céu [recurso eletrônico] / Mitch Albom [tradução de Flávia Rossler]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: The first phone call from heaven

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-350-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rossler, Flávia. II. Título.

14-16204

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Debbie, uma virtuose
do telefone, de cuja voz
sentimos falta todos os dias.

A semana em que tudo começou

No dia em que o mundo recebeu o primeiro telefonema do céu, Tess Rafferty tentava, sem sucesso, abrir uma caixa de chá em saquinhos.

Trimmm!

Ela ignorou o toque e enfiou as unhas no invólucro de celofane.

Trimmm!

Com o indicador, atacou a emenda, na lateral da caixa.

Trimmm!

Conseguiu, afinal, fazer uma pequena abertura, rasgou o celofane e amassou-o na palma da mão. Sabia que a ligação cairia na secretária eletrônica se não atendesse antes de mais um...

Trimmm!

– Alô?

Tarde demais.

– Tsc, que saco – resmungou para si mesma.

Ouviu o clique da máquina no balcão da cozinha e o início da saudação: “Olá, aqui é a Tess. Deixe seu nome e telefone e eu ligarei assim que puder. Obrigada.”

Um bipe curto soou. Depois, Tess ouviu chiados. Em seguida:

– *É a mamãe... Tenho uma coisa pra lhe dizer.*

Tess ficou sem fôlego. Deixou o celofane cair.

Sua mãe tinha morrido havia quatro anos.

 *Trimmm!*

O segundo telefonema quase não foi ouvido por conta de uma acalorada

discussão na delegacia de polícia. Um funcionário tinha sido premiado na loteria com 28 mil dólares e três agentes discutiam o que fariam se ganhassem uma quantia daquelas.

- A melhor coisa é pagar as contas.
- Isso é exatamente o que *não* se deve fazer.
- Comprar um barco!
- Pagar as contas!
- Eu não acho.
- Comprar um barco!

Trimmm!

Jack Sellers, o chefe de polícia, dirigiu-se ao seu pequeno escritório.

- Se pagar as contas, você vai apenas acumular novas – argumentou.
- Os homens continuavam a discutir quando ele pegou o telefone.
- Departamento de Polícia de Coldwater, Sellers falando.

Chiado. Em seguida, uma jovem voz masculina:

- *Pai? É o Robbie.*

De repente, Jack já não conseguia ouvir os outros homens.

- Que brincadeira é essa?
- *Estou bem, pai. Não se preocupe comigo, certo?*

Jack sentiu o estômago se contrair. Pensou na última vez em que vira o filho, com a barba feita e o cabelo cortado ao estilo militar, desaparecer após passar pelo controle de segurança do aeroporto, a caminho de sua terceira missão.

Sua última missão.

- Não pode ser você – murmurou Jack.

 *Blim-blom!*

O pastor Warren enxugou a saliva do queixo. Ele tirava um cochilo no sofá da Igreja Batista Colheita da Esperança.

Blim-blom!

- Já estou indo!

Levantou-se com dificuldade. A igreja instalara uma campainha na porta

de sua sala porque, aos 82 anos, sua audição piorava a cada dia.

Blim-blom!

– Pastor, é Katherine Yellin. Abra depressa, por favor!

Com passo vacilante, ele foi até a porta e abriu-a.

– Olá, Ka...

Mas ela já havia passado por ele, com o casaco abotoado pela metade, os cabelos ruivos desgrenhados, como se tivesse saído de casa às pressas. Sentou-se no sofá, levantou-se nervosamente, depois voltou a sentar.

– Por favor, acredite: não estou maluca.

– Não, minha cara...

– Diane me telefonou.

– Quem?

– Diane.

A cabeça de Warren começou a doer.

– Sua falecida irmã ligou para você?

– Hoje de manhã. Atendi o telefone...

Ela apertou a bolsa e começou a chorar. Warren perguntou a si mesmo se deveria chamar alguém para ajudá-lo.

– Ela disse para eu não me preocupar – continuou Katherine, com voz rouca. – Falou que estava em paz.

– Foi um sonho, então?

– Não! Não! Não foi um sonho! *Eu falei com minha irmã!*

Lágrimas escorriam pelas suas faces mais depressa do que ela conseguia enxugar.

– Já falamos sobre isto, Katherine.

– Eu sei, mas...

– Você sente saudades...

– Sinto...

– E fica transtornada.

– Não, pastor! Ela disse que está *no céu*... O senhor não entende?

Katherine abriu um sorriso bonito, do tipo que Warren jamais vira em seu rosto.

– Não tenho medo de mais nada – falou.

☿ *Brimmm!*

Uma campainha de segurança soou e o pesado portão do presídio deslizou para o lado. Sullivan Harding, um homem alto e de ombros largos, avançou a passos lentos, com a cabeça baixa. Tinha o coração acelerado, não pela excitação da liberdade, mas pelo receio de que alguém pudesse puxá-lo para dentro de novo.

Em frente. Em frente. Manteve os olhos fixos no bico dos sapatos. Só os levantou quando ouviu um ruído se aproximar no cascalho – passos leves e rápidos.

Jules.

Seu filho.

Sentiu dois braços pequenos ao redor de suas pernas. Enfiou as mãos nos cabelos encaracolados do menino. Viu seus pais – a mãe com um casaco corta-vento azul-marinho, o pai com um terno marrom-claro –, os rostos abatidos enquanto se uniam em um abraço coletivo. O dia estava frio e cinzento e a rua estava escorregadia por causa da chuva. Só sua esposa não participava daquele momento, embora sua ausência fosse como um personagem entre eles.

Sullivan gostaria de dizer algo profundo, mas tudo o que saiu de seus lábios foi um sussurro:

–Vamos embora.

Instantes depois, o carro em que estavam desapareceu na rua.

Foi nesse dia que o mundo recebeu seu primeiro telefonema do céu.

O que aconteceu depois depende do tamanho da fé de cada um.

A segunda semana

Caía uma chuva fina e fria, o que não era incomum no mês de setembro em Coldwater, uma cidadezinha ao norte de certas partes do Canadá e a apenas alguns quilômetros do lago Michigan.

Apesar do frio, Sullivan Harding seguia a pé. Ele podia ter pedido emprestado o carro do pai, mas, após dez meses de confinamento, preferia o ar livre. Usando um gorro de esqui e um casaco de camurça, passou diante da escola de ensino médio que frequentara vinte anos antes, pela madeireira fechada desde o último inverno, pela loja de artigos de pesca, com seus barcos de aluguel empilhados como conchas, e pelo posto de gasolina, onde um frentista examinava as unhas das mãos, encostado a uma parede. *Minha cidade*, Sullivan pensou.

Chegou a seu destino e limpou as botas em um capacho de palha no qual se lia DAVIDSON & FILHOS. Ao perceber uma pequena câmera acima da porta, tirou instintivamente o gorro, passou as mãos nos fartos cabelos castanhos e olhou para a lente. Depois de um minuto sem resposta, entrou.

Dentro da funerária, o calor estava quase sufocante. As paredes eram revestidas com painéis de carvalho escuro. Em cima de uma mesa havia um livro de registro de presença aberto.

– Posso ajudá-lo em alguma coisa?

O diretor, um homem alto, magro e pálido, de sobrancelhas espessas e cabelos louro-claros, estava à sua frente, de braços cruzados. Parecia ter quase 70 anos.

– Meu nome é Horace Belfin.

– O meu é Sully Harding.

– Ah, sim.

Ah, sim, Sully pensou, aquele que não foi ao enterro da esposa porque estava na prisão. Sully fazia isso agora: completava frases inacabadas por acreditar que as palavras que as pessoas não pronunciam soam mais alto do que aquelas que de fato dizem.

– Giselle era minha esposa.

– Meus pêsames.

– Obrigado.

– Foi uma cerimônia linda. Imagino que a família tenha lhe dito.

– A família sou eu.

– Claro.

Os dois se calaram.

– Os restos mortais? – Sully enfim perguntou.

– Estão no nosso columbário. Vou buscar a chave.

Ele foi para o seu escritório.

Sully pegou um folheto que estava sobre a mesa. Abriu-o no parágrafo sobre cremação: “Os restos cremados podem ser espalhados no mar, colocados em um balão com gás hélio, lançados de um avião...”

Devolveu o folheto à mesa. Lançados de um avião. Nem mesmo Deus poderia ser tão cruel.

❧ Vinte minutos mais tarde, Sully saiu do prédio com as cinzas da esposa em uma urna em formato de anjo. Tentou segurá-la só com uma das mãos, mas achou informal demais. Experimentou carregá-la nas mãos em concha, mas desse jeito ela parecia uma oferenda. Por fim, apertou-a contra o peito, com os braços cruzados, como as crianças carregam às vezes uma mochila com livros. Percorreu as ruas de Coldwater dessa forma por quase um quilômetro, com os sapatos fazendo a água da chuva espirrar para os lados. Quando chegou à frente do correio, sentou-se em um banco e, com cuidado, colocou a urna a seu lado.

A chuva parou. Os sinos da igreja repicaram a distância. Sully fechou os olhos e imaginou Giselle aninhada contra ele, seus olhos verde-piscina, os cabelos pretos como alcaçuz, o corpo delgado e os ombros estreitos. Apoiada

nele, ela parecia murmurar: *Me proteja.*

Mas não, ele não a protegera. E isso Sully jamais conseguiria mudar. Permaneceu sentado no banco por um longo tempo, um homem arrasado, com o anjo de porcelana a seu lado, como se os dois estivessem à espera de um ônibus.

☿ As notícias da vida são transmitidas por telefone. O nascimento de um bebê, um noivado, um acidente trágico em uma estrada tarde da noite... Quase todos os acontecimentos marcantes da jornada humana, bons ou ruins, são anunciados pelo toque de um aparelho telefônico.

Agora, sentada no chão da cozinha, Tess esperava que aquele toque soasse de novo. Durante as duas últimas semanas, seu telefone fora portador das notícias mais surpreendentes. Sua mãe *existia*, em algum lugar, de algum modo. Pela centésima vez ela relembrou a última conversa que as duas haviam tido.

– *Tess... Pare de chorar, minha querida.*

– Não pode ser você.

– *Sou eu, sim. Estou aqui, sã e salva.*

Sua mãe sempre dizia isso quando telefonava durante alguma viagem, fosse de um hotel, de um spa, até de uma visita a parentes a apenas meia hora de distância. *Estou aqui, sã e salva.*

– Isso não é possível.

– *Tudo é possível. Estou com o Senhor. Quero lhe contar sobre...*

– Sobre o quê, mamãe? Sobre o quê?

– *Sobre o céu.*

Então a ligação tinha caído. Tess olhou para o telefone em sua mão como se ele fosse uma coisa de outro mundo. Aquilo era totalmente ilógico. Ela sabia. No entanto, voz de mãe é inconfundível; nós conhecemos cada modulação, cada sussurro, cada tom grave ou agudo. Não havia dúvida. Era *ela*.

Tess encolheu os joelhos até o peito. Desde o primeiro telefonema ela ficara em casa, comendo apenas cereal, biscoitos, ovos cozidos, qualquer

coisa que houvesse lá. Não tinha ido trabalhar, não fizera compras, nem sequer recolhera a correspondência.

Passou a mão nos longos cabelos louros, que precisavam de uma boa lavada. Uma confinada à espera de um milagre? O que as pessoas diriam? Ela não se importava. Algumas palavras vindas do céu tinham tornado inúteis todas as palavras do mundo.

🌀 Jack Sellers estava sentado à sua escrivaninha na casa de tijolos vermelhos convertida em sede do quartel-general da Polícia de Coldwater. Para os colegas de trabalho, parecia que ele estava digitando relatórios, mas Jack também estava esperando que o telefone tocasse.

Havia sido a semana mais estranha de sua vida. Duas ligações de seu falecido filho. Duas conversas que ele pensava que jamais voltaria a ter. Ainda não contara à ex-mulher, Doreen, mãe de Robbie. Ela entrara em depressão e caía no choro à simples menção de seu nome. O que dizer a ela? Que seu filho, morto em combate, estava agora vivo em algum lugar? Que a porta para o céu ficava na sua mesa? E depois?

O próprio Jack não tinha ideia do que fazer. Sabia apenas que, cada vez que o telefone tocava, ele corria em direção ao aparelho, rápido como um raio.

O segundo telefonema, como o primeiro, acontecera numa tarde de sexta-feira. Ele ouvira alguns estalos, um chiado, depois um toque sonoro.

– *Sou eu, papai.*

– Robbie.

– *Estou bem, pai. Não há dias ruins aqui.*

– Onde você está?

– *Você sabe onde estou. Pai, é impressionante...*

Em seguida, um clique.

Jack gritara:

– Alô? Alô?

Percebeu que os outros policiais olhavam para ele e fechou a porta. Um minuto depois, o aparelho voltou a tocar. Ele olhou para o identificador de

chamadas. Como na vez anterior, leu apenas NÚMERO DESCONHECIDO.

– *Alô?* – sussurrou.

– *Diga à mamãe que não chore... Se soubéssemos o que nos espera, jamais nos preocuparíamos.*

☿ Quem tem uma irmã nunca deixa de tê-la, ainda que não possa mais vê-la ou tocá-la.

Katherine Yellin estava deitada em sua cama, os cabelos ruivos espalhados no travesseiro. Cruzou os braços e apertou o telefone rosa que tinha pertencido a Diane. Era um modelo *flip* Samsung, enfeitado com um adesivo brilhante de um sapato de salto alto, símbolo do amor de Diane por moda.

É melhor do que em nossos sonhos, Kath.

Diane dissera isso no segundo telefonema, que, como o primeiro – como todas aquelas estranhas ligações para Coldwater –, acontecera numa sexta-feira. *Melhor do que em nossos sonhos.* A palavra que mais encantou Katherine na frase foi *nossos*.

As irmãs Yellin tinham uma ligação especial, como se fossem siamesas, e faziam tudo juntas na pequena Coldwater. Diane, dois anos mais velha, acompanhara Katherine na caminhada diária à escola, preparara o caminho para que ela se tornasse bandeirante, tirara o aparelho dos dentes quando Katherine colocara o seu e se recusara a ir para a pista de dança nos bailes da escola antes que a irmã também tivesse um par. As duas tinham pernas compridas, ombros fortes e conseguiam nadar quase 2 quilômetros no lago durante o verão. Ambas frequentaram a faculdade local. Choraram juntas quando seus pais morreram. No casamento de Diane, Katherine fora sua dama de honra; três anos depois, os papéis se inverteram. Cada uma teve dois filhos – Diane, meninas, e Katherine, meninos. Suas casas ficavam a menos de 2 quilômetros de distância uma da outra. Até seus divórcios aconteceram com um ano de diferença.

Apenas na saúde elas eram diferentes. Diane tinha fortes enxaquecas, sofria de arritmia cardíaca e pressão alta, e com apenas 46 anos um aneurisma repentino a matou. De Katherine, o que diziam era que nunca tinha ficado

doente na vida.

Durante anos, sentira-se culpada por isso. Mas agora ela entendia. Diane, sua doce e frágil irmã, tinha sido chamada por uma razão. Ela fora escolhida pelo Senhor para mostrar que a eternidade espera pelos fiéis.

É melhor do que em nossos sonhos, Kath.

Katherine sorriu. *Nossos*. Naquele telefone rosa que pressionava contra o peito, ela redescobrira a irmã que jamais poderia ter perdido.

E não deixaria de falar sobre isso.

A terceira semana

É preciso começar de novo. É o que todos dizem. A vida, no entanto, não é um jogo de tabuleiro, e a perda de uma pessoa querida nunca é como “recomeçar um jogo”. É, acima de tudo, “continuar sem”.

A esposa de Sully se fora. Tinha morrido após um longo coma. De acordo com o hospital, falecera durante uma tempestade no primeiro dia de verão. Sully ainda estava na prisão, e faltavam nove semanas para conquistar a liberdade. No momento em que recebeu a notícia, sentiu o corpo inteiro entorpecido. Foi como se tivesse ficado sabendo da destruição da Terra enquanto estava na Lua.

Ele agora pensava o tempo todo em Giselle, ainda que cada lembrança trouxesse de volta a sombra do último dia deles, do desastre, do fogo, do modo como tudo o que ele conhecera se transformara em um instante trágico. Não importava. Ele estava envolto na lembrança triste que guardava dela, pois isso era o mais próximo de tê-la por perto. Colocou a urna em formato de anjo em uma prateleira ao lado do sofá em que Jules, que dali a dois meses completaria 7 anos, dormia.

Sully sentou-se e afundou na cadeira. Ainda estava se adaptando à liberdade. As pessoas podem pensar que, depois de dez meses na prisão, qualquer um daria pulos de felicidade pela soltura. Mas o corpo e a mente se acostumam às condições, mesmo às mais terríveis, e ainda havia momentos em que Sully fixava os olhos nas paredes, tão apático quanto um prisioneiro. Precisava lembrar a si mesmo que podia sair para a rua quando quisesse.

Pegou um cigarro e olhou ao redor do apartamento barato e estranho, no segundo andar de um prédio sem elevador, com aquecimento coletivo. Pela janela, via um conjunto de pinheiros e uma pequena ravina que levava a um

córrego. Lembrou-se de sua infância, quando costumava capturar rãs naquele local.

Sully voltara para Coldwater porque seus pais tinham tomado conta de Jules durante o processo e o período de prisão, e ele não queria prejudicar a vida do menino mais do que já havia feito. Além disso, para onde iria? Seu emprego e sua casa não existiam mais. Os advogados haviam consumido seu dinheiro. Ele observou dois esquilos que corriam um atrás do outro até o alto de uma árvore e imaginou que Giselle poderia ter gostado daquele lugar, desde que não se importasse com a localização, o tamanho, a sujeira e a pintura descascada.

☿ Uma batida na porta interrompeu o devaneio de Sully. Ele espiou pelo olho mágico. Mark Ashton estava do outro lado, com duas sacolas de supermercado na mão.

Mark e Sully tinham sido colegas na aviação naval; pilotavam jatos juntos. Sully não o via desde a condenação.

– Olá – cumprimentou Mark quando a porta se abriu.

– Olá – respondeu Sully.

– Que lugar ótimo... Isto é, se você for um terrorista.

– Veio de Detroit dirigindo?

– Vim. Não vai me convidar para entrar?

Trocaram um abraço rápido, constrangido, e Mark seguiu Sully até a sala. Viu Jules no sofá e abaixou a voz.

– Ele está dormindo?

– Está.

– Trouxe biscoitos recheados de chocolate para ele. Toda criança gosta de biscoito de chocolate, não é?

Mark colocou as sacolas no balcão da cozinha entre caixas ainda por abrir. Reparou no cinzeiro cheio de guimbas de cigarro e em diversos copos na pia – copos pequenos, do tipo que em geral se usa para bebidas alcoólicas, não para água.

– Então... – disse.

Sem as sacolas nas mãos, Mark parecia não ter com o que se distrair. Olhou para Sully, seu antigo parceiro de voo, cujo rosto de menino e expressão assustada lembravam o jogador de futebol sempre disponível que ele um dia fora, agora apenas mais magro e mais velho, sobretudo ao redor dos olhos.

– Foi nesta cidade que você cresceu?

– Agora você entende por que fui embora.

– Como está se virando?

Sully deu de ombros e não disse nada.

– Olhe. É terrível. O que aconteceu com Giselle...

– É.

– Sinto muito.

– É.

– Pensei que deixariam você sair para o funeral.

– “O regulamento da Marinha regula a Marinha.”

– Foi uma cerimônia linda.

– Ouvi dizer.

– Quanto ao resto...

Sully ergueu os olhos.

– Que o resto vá para o diabo – disse Mark. – Todos sabem.

Todos sabem que você foi para a prisão, Sully pensou, completando a frase inacabada. *Não sabem é se você mereceu ir.*

– Tentei visitá-lo.

– Eu não queria visitas.

– As pessoas acharam estranho.

– Não me importo.

– Sully...

– Vamos parar por aqui, está bem? Já contei o que houve. Um milhão de vezes. Eles acreditaram em outra coisa. Fim da história.

Sully olhou para as mãos e estalou os nós dos dedos.

– Quais são seus planos agora? – perguntou Mark.

– Em que sentido?

– Com relação a trabalho.

– Por quê?

– Conheço um sujeito perto daqui. Dividi o quarto com ele na faculdade. Liguei para ele.

Sully parou de estalar os dedos.

– Antes de falar comigo?

– Você vai precisar de dinheiro. Ele talvez tenha um emprego para você.

– Emprego de quê?

– Vendedor.

– Não sei fazer isso.

– É fácil. Basta cativar o cliente, pegar um cheque e receber a comissão.

– Que tipo de negócio?

– Jornal.

Sully piscou várias vezes.

– Está brincando, né?

Pensou em todos os jornais que haviam escrito sobre seu “incidente” e chegou à conclusão mais rápida e mais fácil, uns reescrevendo as palavras dos outros até aniquilá-lo, antes de passar para a matéria seguinte. Ele odiava jornais desde então. Deixara de comprá-los, e nunca mais voltaria a fazê-lo.

– Isso permitirá que você continue aqui – argumentou Mark.

Sully caminhou até a pia. Lavou um copo. Queria que Mark fosse embora para poder enchê-lo com o que tivesse vontade de beber.

– Deixe o número dele que mais tarde eu ligo – retrucou Sully, embora soubesse muito bem que não ligaria.

🌀 Tess sentou-se com as pernas cruzadas nas almofadas vermelhas macias e observou pela janela seu amplo gramado, que não era aparado havia semanas. Era naquela casa que ela tinha crescido. Lembrou-se de sua infância, quando, enroscada naquele mesmo lugar nas manhãs de domingo, resmungava com Ruth, sua mãe, que, sentada à mesa de bridge, conferia suas encomendas e poucas vezes levantava os olhos.

– Estou entediada – dizia Tess.

– Vá dar uma volta lá fora – murmurava Ruth.

- Não tem nada para fazer.
- Vá fazer nada lá fora, então.
- Eu queria ter uma irmã.
- Desculpe, não posso ajudá-la nisso.
- Poderia, se decidisse casar.
- Já fui casada.
- Não tem nada para fazer.
- Experimente ler um livro.
- Já li todos.
- Leia de novo.

E assim continuavam uma conversa maçante que, de alguma forma, se repetiu por toda a adolescência, a faculdade, a vida adulta, até os derradeiros anos de Ruth, quando o mal de Alzheimer roubou-lhe as palavras e, por fim, acabou com qualquer desejo seu de falar. Ruth passou os últimos meses de vida em um silêncio sepulcral, com o olhar fixo na filha e a cabeça inclinada, como uma criança encarando uma mosca.

Agora, no entanto, elas tinham voltado a se falar, como se a morte fosse um voo no qual Ruth deveria ter embarcado mas que Tess descobrira que a mãe perdera. Uma hora antes, Tess havia recebido outra ligação.

- *Sou eu, Tess.*
- Ah, meu Deus! Ainda não consigo acreditar, mamãe.
- *Eu sempre disse que encontraria um jeito.*

Tess sorriu, apesar das lágrimas, lembrando-se de como a mãe, devota da alimentação saudável, costumava brincar que, mesmo morta, encontraria um modo de fazer com que Tess tomasse seus suplementos vitamínicos.

- Você estava tão doente, mamãe...
- *Mas aqui não há nada que cause dor.*
- Você sofreu tanto...
- *Querida, ouça o que vou dizer.*
- Estou ouvindo. Pode falar.
- *O sofrimento pelo qual passamos na vida na verdade não nos atinge... não nosso verdadeiro eu... Somos muito mais leves do que pensamos.*

Essas palavras bastaram para dar a Tess uma calma abençoada. *Somos muito*

mais leves do que pensamos. Ela olhou para a foto que tinha nas mãos, a última das duas juntas, tirada na festa de aniversário de 83 anos da mãe. Era possível ver o preço cobrado pela doença: as maçãs do rosto encovadas de Ruth, a expressão vazia, o suéter caramelo pendurado em sua estrutura esquelética.

– Mãe, como é possível? Você não está usando um telefone.

– Não.

– Como está falando comigo?

– *Alguma coisa aconteceu, Tess... Tem uma abertura.*

– Uma abertura?

– *Por enquanto.*

– Quanto tempo vai durar?

Uma longa pausa.

– Mãe? Quanto tempo ela vai durar?

– *Ela não vai durar.*

☿ Milagres acontecem silenciosamente todos os dias: num centro cirúrgico, num mar tempestuoso, no aparecimento repentino de um estranho à beira da estrada. Eles quase nunca são computados. Ninguém faz esse tipo de controle.

Uma vez ou outra, no entanto, um milagre é proclamado ao mundo.

E, quando isso acontece, as coisas mudam.

Tess Rafferty e Jack Sellers talvez pudessem ter mantido seus telefonemas em segredo, mas Katherine Yellin não. *Proclame as boas-novas a toda a humanidade.* É o que diz o Evangelho.

E então, numa manhã de domingo, 23 dias após o primeiro telefonema misterioso de Coldwater, o pastor Warren postou-se diante de seus fiéis na Igreja Batista Colheita da Esperança e começou a folhear a Bíblia, sem saber que sua igreja se transformaria para sempre.

– Leiamos juntos Mateus, capítulo 11, versículo 28 – anunciou, piscando repetidas vezes.

A impressão não estava nítida, e seus dedos tremiam. Era a idade. Ele pensou no salmo. *Não me desampare agora, quando estou velho e com os cabelos*

brancos.

– Com licença!

Cabeças se viraram. Warren espiou por cima dos óculos. Katherine estava de pé na quinta fila. Usava um chapéu preto e um vestido lilás. Nas mãos, segurava um pedaço de papel.

– Pastor, desculpe-me, mas o espírito de Deus me força a falar.

Warren engoliu em seco. Ele não sabia aonde aquilo chegaria.

– Katherine, por favor, sente-se...

– É importante, pastor.

– Agora não é a...

– Eu fui testemunha de um *milagre!*

Um pequeno arquejo percorreu os bancos.

– Katherine, o Senhor está com todos nós, mas proclamar um milagre...

– Aconteceu há três semanas.

– ... é um assunto muito sério...

– Eu estava na cozinha. Era uma manhã de sexta-feira.

– ... que deve ser deixado para os líderes da Igreja.

– Recebi um telefonema...

– Realmente, devo insistir...

– ... da minha *falecida irmã!*

Mais arquejos. Ela tinha a atenção de todos agora. A igreja estava tão silenciosa que era possível ouvi-la desdobrar o papel que tinha nas mãos.

– Era Diane. Muitos dos aqui presentes a conheciam. Ela morreu há dois anos, mas sua alma está viva no céu. Ela me disse!

Warren lutava para não tremer. Ele perdera o controle do púlpito, um pecado capital, no seu entender.

– Nos falamos pela primeira vez naquela sexta-feira de manhã – continuou Katherine, lendo mais alto, ao mesmo tempo que secava as lágrimas com o dorso da mão. – Eram 10h41. E na sexta-feira seguinte, às 11h14, e na sexta-feira passada, às 19h02. Ela disse meu nome... Falou: “Kath, chegou a hora de contar para todos. Estou à sua espera. Estamos todos esperando.”

Ela virou-se para o fundo da igreja.

– “Estamos todos esperando.”

A congregação começou a murmurar. Do púlpito, Warren via que todos se agitavam nos bancos, como se um vento soprasse entre eles.

Bateu com a palma da mão no suporte para a Bíblia.

– Eu insisto! – Bateu de novo. – Atenção! Por favor! – Voltou a bater. – Com todo o respeito que devemos à nossa irmã, não podemos saber se isso é verdade...

– *É* verdade, pastor! – exclamou uma voz vinda do fundo da igreja.

Era profunda e grave, e todas as cabeças se viraram para ver um homem alto e robusto vestindo um casaco marrom esportivo, de pé, as mãos enormes apoiadas no banco à sua frente. Era Elias Rowe, um afro-americano membro da congregação havia muitos anos, proprietário de uma empresa da área de construção. Ninguém conseguia se lembrar de uma vez sequer que ele tivesse se dirigido a uma multidão... até aquele momento.

Ele girava os olhos para todos os lados. Quando voltou a falar, foi com voz quase reverente:

– Eu recebi uma ligação também.

A quarta semana

Ninguém sabe ao certo quem inventou o telefone. Embora a patente nos Estados Unidos pertença a Alexander Graham Bell, que nasceu na Escócia, muitos acreditam que ele a tenha roubado de um inventor norte-americano chamado Elisha Gray. Outros afirmam que o crédito deve ser dado a um italiano chamado Manzetti, a um francês chamado Bourseul, a um alemão chamado Reis ou ainda a outro italiano chamado Meucci.

O que pouco se discute é que todos esses homens, que trabalharam em meados do século XIX, estudaram a ideia de transmitir vibrações vocais de um lugar para outro. A primeira de todas as conversas telefônicas, no entanto, entre Bell e Thomas Watson, em duas salas separadas, continha as seguintes palavras: “Venha cá. Quero ver você.”

Nos incontáveis telefonemas dados desde então, esse conceito nunca esteve longe de nossos lábios. “Venha cá. Quero ver você.” Apaixonados impacientes. Amigos a longas distâncias. Avós falando com netos. A voz ao telefone não passa de uma sedução, de uma simples migalha para os famintos. “Venha cá. Quero ver você.”

Sully dissera isso na última conversa com Giselle.

Ele tinha sido acordado às seis horas em seu quarto de hotel em Washington por um oficial superior, Blake Pearson, que devia levar um jato F/A-18 Hornet de volta para a Costa Oeste. Ele estava doente e não conseguiria ir. Sully poderia substituí-lo? Poderia parar em Ohio, se quisesse, passar algumas horas com Giselle – ela e Jules estavam lá visitando familiares – e depois seguir viagem. Sully concordou na mesma hora. Ele interromperia por pouco tempo suas duas semanas de serviço, e a visita inesperada à família faria com que as longas horas de voo valessem a pena.

– Talvez você passe aqui hoje? – perguntara Giselle, sonolenta, quando ele ligou para dar a notícia.

– Isso. Daqui a umas quatro horas.

– Quer mesmo vir?

– Claro. Quero ver você.

Se tivesse sabido o que aconteceria naquele dia, ele teria mudado tudo: jamais teria entrado no avião, jamais teria falado com Blake, e não teria sequer acordado. Mas não. Sua última conversa telefônica com Giselle acabou como a primeira do mundo.

– Também quero ver você – respondera ela.

☿ Sully voltou a pensar nisso quando ligou o motor do carro do pai, um Buick Regal de nove anos que ficava na garagem a maior parte do tempo. Aquela tinha sido sua última viagem de avião. A última vez que vira um aeródromo. A última vez que ouvira a voz da esposa. *Também quero ver você.*

Saiu com o carro pela entrada de veículos da casa dos pais e se dirigiu à Lake Street, a principal rua da cidade, passando pelo banco, pelo correio, pela padaria e pela lanchonete. As calçadas estavam vazias. O proprietário de uma loja estava parado na porta com uma vassoura na mão.

Apenas alguns milhares de pessoas passavam o ano inteiro em Coldwater. Os turistas do verão, que pescavam no lago, já tinham ido embora. A banca de sorvete estava fechada com tábuas. A maioria das cidades pequenas no norte de Michigan se isolava assim que começava o outono, como se se preparassem para hibernar.

Uma época péssima, Sully percebeu, para procurar emprego.

☿ Amy Penn estava torcendo por algo grande. Quando a emissora de TV perguntou se lhe interessava trabalhar alguns dias durante a semana, ela pensou *Sim, ótimo, política* – ou, melhor ainda, um julgamento –, qualquer coisa que pudesse livrá-la da mesmice das notícias de sábado e domingo. Tinha 31 anos, não era mais uma novata na área (embora amigos dissessem que ela era tão bonita que aparentava 25) e para conseguir um trabalho

melhor precisava de matérias melhores. Mas era difícil encontrar reportagens melhores nos fins de semana no condado de Alpena, que eram reservados principalmente a partidas de futebol, bazares de caridade e festivais de frutas.

– Pode ser minha grande chance – disse entusiasmada a Rick, seu noivo, um arquiteto.

Isso foi na noite de quinta-feira. No meio da manhã seguinte, depois de acordar cedo, vestir um tailleur verde-limão, ajeitar a franja ruiva para o lado e passar um pouquinho de rímel e um batom forte, Amy estava em um escritório sem janelas na emissora, ouvindo uma história que não tinha nada a ver com as matérias que ela esperava.

– Tem uma mulher em Coldwater que afirma receber ligações da irmã que já morreu – explicou Phil Boyd, diretor de notícias da emissora.

– Sério? – disse Amy, pois o que mais poderia falar?

Olhou para Phil, um homem corpulento, de barba ruiva malcuidada, que parecia um viking, e se perguntou se ele era um cara sério – no que dizia respeito à matéria, embora a barba também justificasse a dúvida.

– Onde fica Coldwater?

– Cerca de 140 quilômetros a oeste.

– Como se sabe que ela está recebendo esses telefonemas?

– Ela falou durante o culto.

– Como as pessoas reagiram?

– É isso que você tem que descobrir.

– Então preciso entrevistar essa mulher.

Phil ergueu uma sobrancelha.

– É um começo.

– E se ela for doida?

– Traga a gravação, só isso.

Amy olhou suas unhas. Ela as tinha feito especialmente para aquela reunião.

– Você sabe que essa história não é real, Phil.

– O monstro do lago Ness também não é. E quantas novas reportagens têm sido feitas sobre o assunto?

– É verdade. Está bem.

Amy levantou-se. Ela supunha que a matéria seria descartada quando se revelasse ridícula.

– E se for uma perda de tempo?

– Não é perda de tempo – retrucou Phil.

Só depois de ter saído Amy entendeu o que ele tinha querido dizer: “Não é perda de tempo *porque é você.*” Não estavam usando ninguém importante.

☿ O que Phil não revelara e não ocorrera a Amy perguntar foi como a emissora Nine Action News tinha sabido de algo que acontecera em local tão distante.

Tinha sido por uma carta que chegara misteriosamente à mesa de Phil. Não estava assinada e não tinha o nome do remetente. Datilografada em espaço duplo, dizia apenas o seguinte:

Uma mulher foi escolhida. O dom do Céu na Terra. Esta se tornará a maior notícia do mundo. Coldwater, Michigan. Pergunte a um homem de Deus. Um telefonema confirmará tudo.

Na condição de diretor de notícias, Phil estava acostumado a receber correspondências estranhas. Quase sempre as ignorava. Alpena, no entanto, não era um lugar onde se podia jogar para o alto “a maior notícia do mundo”, pelo menos não uma que talvez ajudasse a aumentar a audiência, da qual dependia o emprego de Phil.

Ele então pegou uma lista de igrejas em Coldwater e deu alguns telefonemas. Os dois primeiros caíram no correio de voz. Na terceira tentativa, porém, para uma tal Igreja Batista Colheita da Esperança, uma secretária atendeu e Phil pediu para falar com o pastor responsável pela congregação – “Pergunte a um homem de Deus”.

– Como ficou sabendo? – perguntou o pastor, surpreso.

☿ Hoje em dia, um telefonema pode chegar até você em qualquer lugar: no trem, no carro, tocando no bolso de sua calça. Cidades grandes, pequenas, vilarejos, até tendas de beduínos entram no circuito, e qualquer pessoa no lugar mais remoto do mundo pode levar um aparelho ao ouvido e falar.

Mas e se você não quiser ser encontrado?

Elias Rowe desceu da escada e pegou sua prancheta. O frio logo o obrigaria a realizar projetos só no interior das casas, e aquela reforma era um dos poucos trabalhos que lhe dariam dinheiro após a chegada do inverno.

– Podemos começar a colocar o gesso na segunda-feira – disse.

Josie, a dona da casa, balançou a cabeça.

– Alguns familiares virão no fim de semana e ficarão até segunda-feira.

– Terça, então. Vou ligar para o estucador.

Ele pegou o celular. Percebeu que Josie o olhava.

– Elias, você recebeu mesmo... você sabe...

– Não sei o que recebi, Josie.

Naquele exato momento, o telefone vibrou. Os dois se entreolharam. Elias afastou-se e curvou o corpo enquanto atendia. Falava em voz baixa.

– Alô?... Por que está me ligando? Pare com isso. Não sei quem você é, mas nunca mais me telefone de novo!

Apertou com tanta força o botão de desligar que o aparelho escapou de seus dedos e deslizou para o chão. Josie olhou para as enormes mãos de Elias.

Elas tremiam.

☿ Havia cinco igrejas em Coldwater: católica, metodista, batista, protestante e sem denominação. Durante toda a vida, o pastor Warren jamais vira um encontro entre todas elas.

Até aquele dia.

Se Katherine Yellin não tivesse se levantado diante da congregação naquela manhã de domingo, o que aconteceu em Coldwater talvez tivesse o destino de tantos outros milagres mantidos em segredo e apenas sussurrados por aí.

No entanto, uma vez expostos ao público, os milagres mudam as coisas. As pessoas estavam comentando – pessoas das igrejas, em especial. Por isso, os cinco líderes religiosos estavam reunidos no escritório de Warren enquanto a Sra. Pulte, secretária da igreja, servia café a todos. Warren observou os rostos. Ele era, no mínimo, quinze anos mais velho que os outros.

– Pode nos dizer, pastor – começou o padre católico, William Carroll, um homem robusto vestindo batina –, quantas pessoas estavam na igreja naquele domingo?

– Talvez umas cem – respondeu Warren.

– E quantas ouviram o testemunho da mulher?

– Todas.

– E pareceram acreditar nela?

– Pareceram.

– Ela é dada a alucinações?

– Não.

– Está tomando algum medicamento?

– Acho que não.

– Então isso aconteceu mesmo? Ela recebeu um certo tipo de telefonema?

Warren balançou a cabeça.

– Não sei.

O ministro metodista inclinou-se para a frente.

– Recebi sete fiéis esta semana, e todos perguntaram se é possível fazer contato com o céu.

– Meus fiéis – disse o ministro protestante – perguntaram por que isso aconteceu na igreja de Warren e não na nossa.

– Os meus também.

Warren correu os olhos pela mesa e viu que todos os religiosos estavam com a mão erguida.

– E o senhor diz que uma emissora de TV vai mandar alguém aqui na semana que vem? – perguntou o padre Carroll.

– Foi o que o produtor falou – respondeu Warren.

– Bem – retrucou o padre Carroll, juntando as mãos. – A questão é: o

que faremos?

☿ A única coisa mais assustadora do que ir embora de uma cidade pequena é jamais ir embora dela. Sully disse isso uma vez a Giselle, ao explicar por que tinha mudado de estado para cursar a faculdade. Naquela época, ele pensava que nunca voltaria.

Mas lá estava ele de novo em Coldwater. E na sexta-feira à noite, após deixar Jules na casa de seus pais (“Ficaremos com ele esta noite”, sua mãe dissera. “Relaxe.”), Sully foi a um bar chamado Pickles, um lugar onde ele e seus colegas do ensino médio costumavam tentar entrar sorrateiramente. Sentou-se em um banco alto no fundo e pediu uma dose de uísque e uma cerveja, depois fez o mesmo pedido mais duas vezes. Quando acabou de beber, pagou e saiu.

Passara os últimos três dias à procura de trabalho. Nada. Na semana seguinte, tentaria as cidades vizinhas. Fechou o zíper do casaco e percorreu alguns quarteirões, passando por inúmeros sacos de folhas secas que ainda não haviam sido recolhidos. Viu luzes a distância. Ouvia o eco de uma multidão. Como não queria voltar para casa, seguiu na direção das luzes e chegou ao campo de futebol da escola de ensino médio.

Era o seu antigo time, o Coldwater Hawks, que estava jogando, com o tradicional uniforme vermelho e branco. Ao que parecia, a temporada não estava boa. Três quartos das arquibancadas estavam vazios e o pequeno público era formado principalmente pelas famílias dos jogadores: crianças corriam pelos degraus e pais usavam binóculos para procurar os filhos no meio dos homens empilhados.

Na adolescência, Sully jogara futebol americano. O Hawks não era muito melhor naquela época. Coldwater era menor do que as escolas adversárias e quase todos os anos só conseguia montar uma equipe por sorte.

Sully aproximou-se das arquibancadas. Olhou para o placar. Último quarto, e o Coldwater perdia por três *touchdowns*. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco e parou para assistir ao jogo.

– Harding! – gritou alguém.

Sully ficou paralisado. O álcool tinha entorpecido seus sentidos, e ele não pensara na possibilidade de alguém reconhecê-lo na sua antiga escola, ainda que vinte anos depois. Girou a cabeça devagar, tentando estudar a plateia sem ser muito óbvio. Talvez tivesse apenas imaginado. Virou-se para o campo.

– Jerônimooooo! – gritou outra pessoa, rindo.

Ao ouvir a provocação – “Jerônimo” era uma expressão que os paraquedistas das Forças Armadas costumavam gritar ao saltar de um avião –, Sully engoliu em seco. Dessa vez, não se virou. Permaneceu imóvel durante um minuto, talvez. Depois, afastou-se.

A quinta semana

Um caminhão de bombeiros desceu a Cuthbert Road rugindo, com as luzes vermelhas refletindo no céu noturno de outubro. Cinco homens do Primeiro Grupamento Voluntário de Coldwater iniciaram um ataque sistemático às chamas que saíam do andar superior da moradia dos Rafferty, uma casa colonial de três quartos pintada na cor creme e com venezianas vermelhas de madeira. Quando Jack estacionou sua viatura, os bombeiros já estavam com tudo sob controle.

Tudo, exceto a mulher aos berros.

Ela era loura, tinha cabelos longos e ondulados, vestia um suéter verde-limão e estava sendo contida no gramado por Ray e Dyson, dois dos homens de Jack. Pelo modo como seguravam os braços inquietos da mulher, eles estavam perdendo a batalha. Gritavam com ela por sobre o barulho da água.

– É perigoso, senhora!

– Preciso voltar!

– A senhora não pode fazer isso!

Jack se aproximou. A mulher, magra e atraente, devia ter 30 e poucos anos. E estava furiosa.

– Me larguem!

– Senhorita, sou o chefe de polícia. O que...

– Por favor! – Ela aproximou o rosto do dele, os olhos ardendo em fúria.

– Andem logo! Ele pode estar *ardendo em chamas agora!*

Sua voz era tão estridente que até Jack, que imaginava já ter presenciado todo tipo de reação ao fogo, ficou surpreso: já tinha visto pessoas que soluçavam sobre a grama molhada, outras que gritavam como animais, e ainda aquelas que reclamavam com os bombeiros por destruir suas casas com

a água, como se o fogo pudesse se extinguir sozinho.

– Preciso entrar, preciso entrar – repetia a mulher com histeria, como um mantra, enquanto tentava escapar do controle de Dyson.

– Qual é o seu nome? – perguntou Jack.

– Tess. Me largue!

– Tess, será que vale a pena arriscar sua...

– *Vale!*

– O que há lá dentro?

– *Você não vai acreditar em mim!*

– Tente!

Ela suspirou e baixou a cabeça.

– Meu telefone – disse por fim. – Preciso dele. Recebo ligações...

Então ela parou de falar. Ray e Dyson se encararam, revirando os olhos. Jack ficou em silêncio. Por um momento, permaneceu imóvel. Depois, fez um sinal para os dois homens.

– Deixem comigo – falou, e os dois ficaram felizes por deixar a maluca sob a responsabilidade dele.

Quando eles saíram, Jack colocou as mãos nos ombros da mulher e olhou dentro de seus olhos azuis, tentando ignorar como, mesmo angustiada, ela era bonita.

– Onde está o telefone? – perguntou.

🌀 Jack, àquela altura, tinha recebido quatro telefonemas do filho morto.

As ligações aconteciam sempre às sextas-feiras, em sua sala na delegacia de polícia, e ele falava com o corpo curvado, o aparelho pressionado contra o ouvido.

O choque de ouvir Robbie dera lugar à alegria, até mesmo à ansiedade, e cada conversa deixava Jack mais curioso a respeito do lugar onde se encontrava o filho.

– *É impressionante, pai.*

– Como é esse lugar?

– *A gente não vê as coisas... estamos dentro delas.*

– Como assim?

– *A minha infância, por exemplo... Eu a vejo... É muito legal!*

Robbie riu e Jack quase não suportou. O som da risada do filho! Fazia tanto tempo!

– Ainda não entendi, filho. Conte mais.

– *O amor, pai. Ao meu redor... o amor...*

A ligação se encerrara de repente – todas tinham sido curtas –, e Jack permaneceu na sala por mais uma hora, esperando que o telefone voltasse a tocar. Por fim, pegou o carro e foi para casa, sentindo ondas de euforia seguidas de exaustão. Sabia que precisava contar a história a Doreen, talvez a outras pessoas também. Mas o que elas achariam de tudo aquilo? O chefe de polícia de uma cidadezinha começa a dizer às pessoas que tem conversado com alguém que já morreu? Além disso, com frequência as pessoas se agarram a um vislumbre do céu por medo de perdê-lo, da mesma forma que uma criança mantém uma borboleta presa dentro de suas mãos em concha. Jack, a essa altura, imaginava que só ele recebesse as ligações.

Naquele momento, no entanto, diante da casa em chamas, pensou na mulher que gritava, no seu apego ao telefone, e imaginou que talvez não estivesse sozinho.

❧ *Alegria e tristeza vivem no mesmo lugar.* Era a letra de uma canção que tocava na cabeça de Sully enquanto ele brincava com bolhas de sabão para distrair o filho durante o banho. O banheiro era tão velho quanto o resto do apartamento, com ladrilhos redondos do tamanho de moedas e paredes verde-abacate. Havia um espelho largado no chão, esperando que Sully o pendurasse.

– Não quero lavar o cabelo, pai.

– Por que não?

– Entra xampu no meu olho.

– Mas você tem que lavar.

– Mamãe deixava.

– Sempre?

- Às vezes.
- Vamos pular essa parte hoje, então.
- Oba!

Sully continuou a brincar com as bolhas. Pensou em Giselle, no seu jeito de dar banho em Jules quando ele era bebê, de como ela o secava e o envolvia em uma toalha felpuda com capuz. Em cada fibra de seu ser, Sully sentia a ausência da esposa.

- Pai?
- Hã?
- Você se despediu do avião?
- Do avião?
- Quando saltou dele.
- Não saltei. Fui ejetado.
- Qual é a diferença?
- É diferente, só isso.

Ele viu seu reflexo no espelho – cabelos desgrehados, olhos injetados, barba por fazer. Passara mais uma semana à procura de trabalho nas cidades vizinhas, Moss Hill e Dunmore. As pessoas não estavam otimistas. “A economia está péssima”, diziam. “E com a madeireira fechada...”

Precisava encontrar um emprego. Passara onze anos na Marinha, um ano na reserva e dez meses na prisão. Todas as solicitações de emprego continham uma pergunta sobre condenações criminais. Como esconder a sua? De todo modo, quantas pessoas por ali sabiam do ocorrido?

Pensou no sujeito que o chamara no campo de futebol e gritara “Jerônimo”. Talvez ele tivesse imaginado toda a situação. Estava bêbado, não estava?

- Você tem saudade do seu avião, pai?
 - Hã?
 - Tem saudade do seu avião?
 - A gente não tem saudade de coisas, Jules, só de pessoas.
- O menino olhou para os joelhos, que se projetavam da água.
- Então você não se despediu.
 - Não deu tempo.

– Por que não?

– Foi rápido demais. Assim, sem mais nem menos.

Sully tirou a mão da banheira e estalou os dedos ensaboados. Observou as bolhas se desmancharem.

Marido perde a esposa. Filho perde a mãe. *Alegria e tristeza vivem no mesmo lugar.*

Assim, sem mais nem menos.

☿ As cidades pequenas sempre nos recebem com uma placa. Palavras simples como o título de uma história – BEM-VINDO A HABERVILLE; AGORA VOCÊ ESTÁ EM CLAWSON –, mas, quando passamos por elas, vemos dentro dessa história, e tudo o que fizermos será parte dela.

Amy Penn passou de carro pela placa COLDWATER, FUNDADA EM 1898, sem ter ideia de como, nas semanas seguintes, ela transformaria aquela cidadezinha. Tudo o que ela sabia era que o café que comprara no caminho já tinha acabado havia muito tempo, que o rádio emitia apenas chiados e que ela dirigira durante quase duas horas, desde Alpena, com a constante sensação de que o mundo encolhia, passando de quatro pistas para uma, de luzes vermelhas para amarelas intermitentes, de cartazes de um lado ao outro de viadutos para placas de madeira em campos vazios.

Ela se perguntou por que, se as almas no além estavam fazendo contato com os vivos, isso precisava acontecer tão longe de tudo. Então pensou em casas mal-assombradas. Elas nunca ficam dentro da cidade, certo? Estão sempre no alto de uma colina, em lugares isolados e assustadores.

Pegou o celular e começou a fotografar Coldwater, estudando onde poderia instalar sua câmera. Havia um cemitério cercado por um muro baixo de tijolos. Um posto de bombeiros com garagem para um veículo. Uma biblioteca. Algumas lojas na Lake Street tinham as vitrines cobertas por tábuas de madeira, enquanto outras pareciam ter sobrevivido por acaso: um mercado, uma lojinha de bijuterias, uma serralheria, uma livraria, um banco, uma casa colonial reformada com uma placa na varanda que indicava ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA.

Amy passou principalmente por casas antigas, com entradas de veículos estreitas e pequenos arbustos ladeando o caminho até a porta da frente. Estava à procura da casa de Katherine Yellin, cujo número de telefone encontrara no catálogo. A mulher parecera um pouco entusiasmada demais ao fornecer o endereço, que Amy inserira no sistema GPS do celular: Gunningham Road, 24.755. *Que endereço comum para um milagre*, Amy pensou. Mas, na verdade, não havia milagre nenhum. Aquilo era uma enorme perda de tempo. *Faça o melhor que puder. Seja profissional*. Ela deu meia-volta com o carro da emissora e percebeu que nem todas as casas na rua tinham numeração.

– Ótimo – murmurou. – Como vou encontrar o lugar?

Na verdade, ela não precisava ter se preocupado. Quando chegou à casa que procurava, Katherine estava na varanda e acenou para ela.

☿ Dizem que é melhor ter fé do que crer, e a fé do pastor Warren permanecia intacta. Já a crença estava vindo com mais dificuldade. Era verdade que a Igreja Batista Colheita da Esperança atraía cada vez mais fiéis e a congregação estava com sua energia renovada. Em vez de apenas curvar a cabeça e rezar por um emprego, as pessoas buscavam cada vez mais o perdão e faziam promessas de se comportar melhor. A informação de Katherine de que fizera contato com o além tinha contribuído para isso.

Ainda assim, Warren continuava preocupado. Ele havia falado com aquele homem da emissora de TV de Alpena (como as notícias se espalhavam depressa!), mas, quando lhe foi pedido que explicasse o fenômeno, não soube o que responder. Por que o bom Deus concederia a dois membros de sua igreja um contato sagrado com o outro mundo? Por que aqueles dois? Por que naquele momento?

Tirou os óculos de leitura, esfregou as têmporas e passou os dedos pelos cabelos brancos e finos. Suas bochechas estavam caídas como as de um cachorro velho. Suas orelhas e o nariz pareciam crescer a cada ano. Seus dias de dúvida existencial haviam ficado bem para trás, na época da Faculdade de Teologia. Agora que ele tinha 82 anos e seus dedos tremiam até para virar as

páginas de um livro de orações, esses questionamentos não existiam mais.

No início da semana ele chamara Katherine ao seu escritório para lhe contar sobre as perguntas da TV de Alpena. Sugeriu que ela fosse muito cautelosa.

– E Elias Rowe? – perguntou ela.

– Não tenho notícias dele desde aquele dia na igreja.

Katherine pareceu quase satisfeita.

– A Colheita da Esperança foi escolhida por alguma razão, pastor. – Levantou-se. – E, quando uma igreja é escolhida, ela deve liderar a marcha na direção da fé, não obstruí-la, não acha?

Ele observou-a calçar as luvas. Aquilo parecia mais uma ameaça do que uma pergunta.

☿ Naquela noite, Elias parou na lanchonete de Frieda, único lugar para se comer em Coldwater aberto depois das nove. Acomodou-se no fundo e pediu uma sopa de carne com cevada. O local estava quase vazio. Ele ficou satisfeito. Não queria ninguém por perto fazendo perguntas.

A partir daquele momento em que tinha se levantado na igreja e falado aquelas breves palavras – “Eu recebi uma ligação também” –, ele se sentia um fugitivo. Na ocasião, só quisera dizer que Katherine não estava maluca. Afinal de contas, ele também tinha recebido um telefonema do além – cinco, agora –, e negá-lo com o silêncio parecia um pecado.

No entanto, esses telefonemas não o deixavam feliz. Eles não vinham de um ente querido que partira, mas de um antigo empregado rancoroso chamado Nick Joseph, um carpinteiro que fazia telhados e trabalhara com Elias por dez anos.

Nick gostava de beber até cair e costumava ligar para Elias com uma desculpa atrás da outra para justificar seus atrasos ou a baixa produtividade. Com frequência, ia trabalhar bêbado, e Elias o mandava para casa sem pagamento.

Um dia, Nick chegou de novo visivelmente embriagado. Enquanto estava no telhado, iniciou uma discussão acalorada, virou-se de forma brusca e caiu,

quebrando um braço e machucando as costas.

Quando Elias recebeu a notícia, demonstrou mais irritação que empatia. Deu instruções para que Nick fosse submetido a um teste de embriaguez, embora o homem pedisse aos colegas de trabalho, aos gritos, que não chamassem ninguém. Quando a ambulância chegou e o teste foi feito, deu positivo. Como resultado, ele perdeu o benefício do seguro por acidente de trabalho.

Nick nunca mais voltou a trabalhar. Estava sempre dando entrada no hospital e passou a enfrentar sérios problemas financeiros devido às limitações impostas pelo plano de saúde.

Um ano após o acidente, Nick foi encontrado morto no porão de sua casa, vítima de uma aparente insuficiência cardíaca.

Isso acontecera um ano e meio antes.

Agora, de repente, Elias estava recebendo telefonemas dele.

– *Por que fez isso?* – Assim começou o primeiro telefonema.

– Quem está falando? – perguntou Elias.

– *É o Nick. Lembra de mim?*

Elias desligou, tremendo. Olhou para o identificador de chamadas: NÚMERO DESCONHECIDO.

Uma semana mais tarde, na frente de Josie, uma freguesa, o telefone tocara de novo.

– *Eu precisava de ajuda. Por que não me ajudou? Deus... me perdoou. Por que você não?*

– Chega! Seja você quem for, nunca mais me ligue! – gritara Elias, então desligara o aparelho e o jogara no chão.

Por que aquilo estava acontecendo? Por que com ele? Por que naquele momento? Uma garçonete trouxe a sopa e ele engoliu algumas colheradas, forçando-se a reencontrar o apetite que perdera algumas semanas antes. No dia seguinte, pretendia trocar seu número. Tirá-lo do catálogo. Se aquelas ligações fossem mesmo um sinal de Deus, Elias fizera sua parte. Ele as tinha confirmado.

Não queria mais saber daquele milagre.

A sexta semana

Dois anos antes de inventar o telefone, Alexander Bell gritou no ouvido de um morto.

A orelha, o tímpano e os ossos correspondentes tinham sido retirados de um cadáver pelo sócio de Bell, um cirurgião, para que Bell, na época um jovem professor de elocução, pudesse estudar como o tímpano conduzia o som. Ele conectou um canudinho à membrana, colocou um pedaço de vidro fumê na outra ponta e posicionou um funil do lado de fora.

Quando Bell gritou através do funil, o tímpano vibrou, fazendo o canudinho se movimentar, o que deixou marcas no vidro. A ideia original de Bell era usar essas marcas para ajudar seus alunos surdos a aprenderem a falar, incluindo sua futura esposa, uma jovem chamada Mabel Hubbard. Logo, no entanto, ele percebeu implicações ainda mais importantes.

Se o som conseguisse fazer vibrar uma corrente elétrica da mesma forma que tinha acontecido com o canudinho, as palavras poderiam chegar tão longe quanto a eletricidade. Bastaria uma espécie de tímpano mecânico em cada ponta.

O crânio de um cadáver tinha sido a faísca para aquela inspiração. Assim, os mortos já eram parte do telefone dois anos antes de o aparelho ser inventado.

🌀 As folhas de outono caem cedo no norte de Michigan, e na metade de outubro as árvores já estavam nuas. Isso dava uma estranha sensação de vazio às ruas de Coldwater, como se uma força muito potente as tivesse aspirado, deixando a cidade deserta.

Isso não duraria.

Alguns dias antes de o resto do mundo tomar conhecimento do milagre de Coldwater, Jack Sellers, com a barba recém-feita, de camisa azul impecável e cabelos penteados para trás, parou na cozinha incendiada de Tess Rafferty. Observou-a despejar uma colher cheia de café solúvel em sua xícara já cheia.

– Assim ingiro mais cafeína – explicou ela. – Tento estar sempre acordada para o caso de receber uma ligação tarde da noite.

Jack assentiu com a cabeça. Olhou ao redor. O fogo não afetara muito o andar de baixo, embora as paredes marrons tivessem ficado bastante escurecidas por causa da fumaça. Ele viu sobre o balcão uma secretária eletrônica antiga recuperada do incêndio e, claro, o valioso telefone de Tess, um modelo bege de parede, já de volta ao seu lugar, logo à esquerda do armário.

– Então esse é seu único telefone?

– Esta é a casa que foi da minha mãe. Ela gostava assim.

– E as ligações acontecem sempre às sextas-feiras, também?

Tess fez uma pausa.

– Esta não é uma investigação policial, não é?

– Não, claro que não. Estou tão confuso quanto você.

Jack deu um gole em seu café e procurou não olhar tantas vezes para o rosto de Tess. Ele explicara que tinha ido lá para conferir os danos do incêndio – em uma cidade pequena como Coldwater, a polícia e o corpo de bombeiros trabalhavam juntos –, mas ambos sabiam que se tratava de um subterfúgio. Afinal, ele tinha recuperado o telefone dela das chamas. Por que faria isso a não ser que soubesse que havia algo especial em relação a ele?

Em quinze minutos eles já trocavam confidências. Parecia que partilhavam o segredo mais angustiante do mundo.

– Sim – respondeu Tess –, as ligações acontecem sempre às sextas.

– Sempre aqui? Nunca no trabalho?

– Não tenho ido trabalhar. Sou diretora de uma creche e minha equipe tem me substituído. Arranjo sempre uma desculpa. Para ser sincera, nem tenho saído de casa. Pode parecer ridículo, mas não quero perder nenhuma

ligação.

– Posso fazer uma pergunta?

– Ahã.

– O que ela disse na primeira vez? Sua mãe.

Tess sorriu.

– Na primeira vez ela deixou uma mensagem na secretária eletrônica. Na segunda, quis me contar sobre o céu. Na terceira, perguntei como era lá, e ela só ficava repetindo que é bonito. Disse que a dor que sofremos é apenas um modo de nos fazer agradecer pelo que virá depois.

Tess fez uma pausa, depois completou:

– Ela também falou que isso não duraria.

– O quê?

– Esse contato.

– Ela disse quanto tempo duraria?

Tess balançou a cabeça.

– Então você não contou para mais ninguém? – perguntou Jack.

– Não. E você?

– Também não.

– Nem para sua esposa?

– Somos divorciados.

– Ainda assim, ela é a mãe de seu filho.

– Eu sei. Mas o que eu diria a ela?

Tess baixou os olhos e fixou-os em seus pés descalços. Havia dois meses que não ia à pedicure.

– Quando você o perdeu? Seu filho.

– Há dois anos. No Afeganistão. Saiu de um prédio que tinha acabado de inspecionar e um carro explodiu a poucos metros dele.

– Que coisa terrível.

– É.

– Mas você o enterrou, certo? Houve um velório?

– Vi o corpo, se é o que quer saber.

Tess estremeceu.

– Sinto muito.

Jack fixou os olhos no fundo da xícara. Na infância, aprendemos que podemos ir para o céu. O que não aprendemos é que o céu pode vir até nós.

– Você acha que nós dois somos os únicos? – perguntou Tess.

Jack desviou o olhar, constrangido pela súbita ligação que sentia com aquela mulher bonita e pelo menos dez anos mais jovem que ele. Pelo modo como ela dissera “nós dois”.

– Talvez – respondeu, sentindo-se compelido a acrescentar: – Talvez não.

🌀 Amy seguiu com o carro da emissora pela rampa que dava acesso à autoestrada. Pisou fundo no acelerador e deu um suspiro de alívio quando a estrada se abriu em três pistas.

Após três dias em Coldwater, ela tinha a sensação de estar voltando ao mundo real. Sua câmera estava no porta-malas. Ao lado dela, uma bolsa de lona continha as fitas. Pensou na conversa que tivera com Katherine Yellin, a ruiva de olhos azuis cuja beleza devia ter atingido o auge na época do ensino médio. Apesar do Ford velho que dirigia e do bolo caseiro de café que servira, ela era um pouco intensa demais para o gosto de Amy. A diferença de idade entre elas não era muito grande – Katherine devia ter 40 e poucos anos e Amy estava com 31 –, mas Amy duvidava que conseguiria um dia apegar-se a alguma coisa com tanto fervor quanto Katherine se aferrara à ideia da vida após a morte.

– O céu espera por nós – afirmara Katherine.

– Deixe-me instalar a câmera.

– Minha irmã diz que é um lugar deslumbrante.

– Que incrível.

– Você acredita em alguma coisa, Amy?

– A questão não é sobre mim.

– Mas você acredita em alguma coisa, não é, Amy?

– Sim, claro. Acredito.

Amy tamborilou no volante. Tinha dito uma mentirinha. E daí? Ela conseguira a entrevista. Não voltaria lá. Editaria o que tinha, veria se Phil algum dia colocaria a matéria no ar e recomeçaria sua caçada a um emprego

melhor.

Pegou o celular e verificou se havia mensagens. Para ela, Coldwater já não passava de um pontinho no seu espelho retrovisor.

Mas nada transforma mais uma cidade pequena do que uma visita de fora.

As fitas gravadas no seu porta-malas provariam isso.

Quatro dias depois

NOTICIÁRIO

Canal 9, Alpena

(Imagens de postes telefônicos em Coldwater.)

AMY: À primeira vista, ela se parece com qualquer outra cidade pequena, com seus postes e seus fios telefônicos. Entretanto, de acordo com uma cidadã de Coldwater, aqueles fios podem estar conectados a uma força mais poderosa do que a empresa de telefonia!

(Katherine diante da câmera, com seu telefone na mão.)

KATHERINE: Recebi um telefonema de minha irmã mais velha, Diane.

(Fotografia de Diane.)

AMY: Esta é a questão: Diane morreu há quase dois anos, de aneurisma. Katherine Yellin recebeu sua primeira ligação no mês passado e diz que desde então tem recebido outras, sempre às sextas-feiras.

(Katherine diante da câmera.)

KATHERINE: Sim, é isso mesmo, tenho certeza que é ela. Minha irmã me diz que está feliz no céu. Que...

(Câmera se aproxima; Katherine chora.)

KATHERINE ... está à minha espera, que eles estão aguardando todos nós.

AMY: Acredita que seja um milagre?

KATHERINE: Claro que sim.

(Amy, diante da Igreja Batista Colheita da Esperança.)

AMY: Katherine anunciou nesta igreja, no domingo passado, o telefonema que recebeu. A reação foi uma mistura de choque e esperança. É claro que nem todos se convenceram.

(Imagem do padre Carroll.)

PADRE CARROLL: Precisamos ser muito cautelosos ao falar sobre a eternidade. É melhor deixar essas questões – perdoem o modo como o que direi vai soar – para as autoridades superiores.

(Amy, caminhando sob os fios telefônicos.)

AMY: Pelo menos mais uma pessoa alega ter recebido uma ligação vinda do além, embora prefira não falar conosco. Ainda assim, aqui em Coldwater, as pessoas se perguntam quem será o próximo a receber um telefonema do céu.

(Amy para de caminhar.)

AMY: Amy Penn, para a Nine Action News.

O pastor Warren desligou a TV. Estava com o rosto tenso, perdido em seus pensamentos. Talvez pouca gente tivesse assistido ao noticiário, disse a si mesmo. Tinha sido muito curto, certo? E as pessoas esquecem as notícias muito rápido depois que assistem a elas.

Estava contente por não ter falado com a repórter, apesar das várias tentativas dela. Ele explicara, com muita paciência, que não cabia a um pastor comentar esses fatos, uma vez que a Igreja não havia tomado uma posição oficial sobre o caso. Estava satisfeito por ter deixado o padre Carroll fazer uma declaração única, algo com que os outros sacerdotes também tinham concordado.

Warren trancou seu escritório e entrou na igreja deserta. Ajoelhou-se devagar por causa da dor nas articulações, fechou os olhos e fez uma prece. Era em momentos como esse, sozinho na casa Dele, que o religioso se sentia mais perto do Senhor. Ele permitiu-se pensar que o Todo-poderoso assumira o controle da situação e que aquele seria o fim da história: a exaltação de uma fiel, uma repórter de TV curiosa e nada mais.

Antes de sair, pegou seu cachecol do cabide e enrolou-o no pescoço. Já passava muito das cinco, e por isso os telefones haviam sido desligados. Warren saiu sem perceber que todas as linhas piscavam na mesa da Sra. Pulte.

☿ No sonho que Sully tinha várias vezes por semana, ele estava de novo na cabine de seu jato, de capacete, viseira abaixada, máscara de oxigênio

posicionada. Sentiu um impacto violento. O avião balançou. Os ponteiros se paralisaram. Puxou uma alavanca e a cobertura transparente voou para longe. Um foguete explodiu abaixo dele. Sentiu uma dor excruciante no braço. Depois, tudo ficou em silêncio. Ele viu uma pequena chama e, bem abaixo, os destroços de seu avião. Viu outra chama, ainda menor.

Enquanto flutuava na direção da terra, uma voz sussurrou “Não desça. Continue no céu. Aqui em cima é mais seguro”.

Era a voz de Giselle.

Ele acordou de repente, coberto de suor. Correu os olhos pela sala. Estava no sofá de seu apartamento, onde adormecera depois de dois sucos de *cranberries* com vodca. A TV estava ligada. Canal 9, a emissora de Alpena. Ele piscou repetidas vezes ao ver a imagem de uma repórter diante de uma igreja com aspecto familiar. Era a Colheita da Esperança, a menos de 2 quilômetros de onde Sully agora morava.

– Ainda assim, aqui em Coldwater as pessoas se perguntam quem será o próximo a receber um telefonema do céu.

– Isso só pode ser brincadeira – murmurou Sully.

– Podemos comer agora, pai?

Ele ergueu a cabeça e viu Jules debruçado sobre o sofá.

– Claro, filhão. Papai só estava dormindo um pouco.

– Você está sempre dormindo.

Sully pegou seu copo e bebeu de um só gole o líquido agora quente. Resmungou e levantou-se.

– Vou fazer um macarrão.

Jules arrancou um pedaço de borracha que se soltava do seu tênis. Sully percebeu que precisava comprar um par novo para o filho.

– Pai?

– Sim?

– Quando mamãe vai ligar pra gente?

🌀 Agora bastava. Embora Tess tivesse mandado e-mails para o trabalho dizendo que precisava de algum tempo para si e que, por favor, não

telefonassem para ela, assim que suas colegas ficaram sabendo do incêndio na sua casa, duas delas, Lulu e Samantha, pegaram o carro e foram visitá-la. Bateram com força na porta. Tess abriu-a, protegendo os olhos do sol.

– Ah, meu Deus – disse Lulu, com a voz embargada.

A amiga delas parecia mais magra e mais pálida do que na última vez em que tinham se visto. Seus longos cabelos louros estavam presos em um rabo de cavalo grosso, o que deixava seu rosto ainda mais abatido.

– Tess, está tudo bem?

– Sim, está.

– Podemos entrar?

– Claro. – Deu um passo para trás. – Desculpem.

Já dentro da casa, as amigas de Tess olharam ao redor. O andar de baixo parecia em ordem, como de hábito, exceto pelas marcas de fumaça que enegreciam as paredes. A porta de um dos quartos estava queimada, e a escada, bloqueada por dois pedaços de madeira dispostos em cruz.

– Foi você que isolou a escada? – perguntou Samantha.

– Não. Foi o cara.

– Que cara?

– Um cara da polícia.

Samantha olhou para Tess. Elas eram amigas havia anos e tinham aberto a creche juntas. Faziam as refeições em dupla, cobriam os turnos uma da outra, partilhavam todas as alegrias e todas as tristezas. Um cara? Um incêndio? Como ela não sabia de nada? Samantha deu um passo à frente, segurou as mãos de Tess e disse:

– Ei, sou eu. O que está acontecendo?

☿ Ao longo das duas horas seguintes, Tess contou às colegas de trabalho o que teria parecido inimaginável apenas poucas semanas antes. Detalhou os telefonemas. A voz de sua mãe. Explicou o incêndio, contou que a caldeira que ficava no porão tinha parado de funcionar, que ela instalara aquecedores pela casa toda, um dos quais entrara em curto enquanto ela dormia, provocando uma única fagulha que fizera o segundo andar queimar de ponta

a ponta.

Contou como Jack Sellers salvara o telefone e a secretária eletrônica do fogo. Falou do medo de perder de novo a mãe, do seu jejum, das orações e da emoção que sentira três dias depois, ao receber uma ligação e ouvir a voz da mãe: “*Tess, sou eu...*”

Quando acabou de falar, todas as três choravam.

– Não sei o que fazer – murmurou Tess.

– Você tem cem por cento de certeza?

– É ela, Lulu, eu juro.

Samantha balançou a cabeça, com ar de espanto.

– A cidade inteira está falando desses dois fiéis da Colheita da Esperança. E, durante todo esse tempo, você também estava recebendo ligações.

– Espere – disse Tess. – Há *outros*?

– Foi o que apareceu no noticiário – confirmou Lulu.

As três amigas trocaram olhares.

– Isso nos faz pensar – acrescentou Samantha – a quantas outras pessoas está acontecendo o mesmo.

🌀 Dois dias depois da reportagem na TV, Katherine Yellin foi acordada às seis da manhã por um ruído na varanda.

Ela tinha sonhado com a noite em que Diane morrera. As duas haviam planejado ir a um concerto de música clássica. No entanto, Katherine encontrou a irmã caída no chão da sala, entre a mesa de centro de vidro e o pufe de couro. Ligou para o serviço de emergência e gritou o endereço, depois abraçou a irmã e segurou sua mão cada vez mais fria até a ambulância chegar. Aneurisma é uma dilatação anormal em uma artéria, cuja ruptura pode matar em poucos segundos. Mais tarde, Katherine raciocinaria que só mesmo o coração de sua linda, divertida e maravilhosa irmã mais velha poderia tê-la levado embora, após ter explodido de tão grande.

No sonho, Diane milagrosamente abria os olhos e dizia que precisava usar o telefone.

– *Onde ele está, Kath?*

Então Katherine foi acordada de repente pelo som de... o que era aquilo?
Um murmúrio?

Vestiu depressa um roupão e desceu as escadas nervosa. Abriu a cortina da janela da sala.

Levou a mão ao peito.

No gramado, na claridade do amanhecer, viu cinco pessoas de sobretudo, ajoelhadas e de mãos dadas, com os olhos fechados.

O ruído que acordara Katherine estava claro agora.

Era o som de pessoas orando.

🌀 Amy havia, mais uma vez, escolhido seu melhor *tailleur* e caprichado na maquiagem, mas não tinha grandes expectativas a respeito de seu encontro com Phil Boyd. Ela sabia que ele não acreditava muito em seu talento. Contudo, desde o início da conversa, Amy percebeu nele um tom bem diferente.

– Então, o que achou de Coldwater?

– Bem... É uma cidade pequena. Bem típica.

– E as pessoas?

– Simpáticas.

– Como foi o contato com essa... – ele olhou para um bloco de anotações – ... Katherine Yellin?

– Tranquilo. Isto é, ela me contou toda a história. O que aconteceu. O que ela *acha* que aconteceu, pelo menos.

– Ela confia em você?

– Acho que sim.

– Você foi à casa dela?

– Fui.

– O telefone tocou enquanto você estava lá?

– Não.

– Você pelo menos viu o telefone?

– É um celular. Cor-de-rosa. Ela o carrega para todo lado.

– E o outro sujeito?

– Não quis falar comigo. Eu bem que insisti. Fui ao trabalho dele e...

Phil ergueu a mão como se dissesse “Não se preocupe, isso acontece”. Amy estava surpresa com tamanha compreensão – ou com o interesse demonstrado pelo que ela considerava uma história sem nenhuma importância. As pessoas não diziam o tempo inteiro que recebiam sinais vindos do “outro lado”? Que viam Nossa Senhora no muro de um jardim ou o rosto de Jesus em um bolinho? Essas coisas nunca tinham dado em nada.

– O que acha de voltar?

– A Coldwater?

– É.

– Para outra reportagem?

– Para *continuar* a mesma.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Quer dizer, esperar até que eles recebam uma ligação de outra pessoa morta? Falar sobre isso como se fosse *notícia*?

Phil tamborilou em sua escrivaninha.

– Deixe eu lhe mostrar uma coisa.

Rolou a cadeira até o computador, pressionou algumas teclas e girou o monitor.

– Já viu sua matéria na Internet?

– Ainda não – respondeu Amy, sem explicar a razão.

O motivo era que, na noite anterior, assim que ela chegara em casa, Rick, seu noivo, começara mais uma briga por achar que Amy dava mais importância à carreira do que a ele.

– Dê uma olhada nos comentários – sugeriu Phil, quase sorrindo.

Amy afastou a franja dos olhos e debruçou-se sobre a tela. Abaixo da matéria intitulada “Moradores de Coldwater alegam contato com o além”, havia uma relação de comentários. Viu que eles enchiam a tela, o que considerou estranho, já que as reportagens que ela fazia em geral não tinham repercussão alguma.

– Que bom, hein? – perguntou Amy. – Há quantos... cinco, seis... oito comentários?

– Olhe mais de perto.

Ela obedeceu. No alto da lista, viu algo que lhe escapara e sentiu um arrepio na espinha – *Comentários: 8 de 14.706.*

☿ Sully colocou batatas no prato do filho. Era quinta-feira à noite. Jantar com os pais. Eles o convidavam com frequência, na tentativa de ajudá-lo a economizar. Ele continuava sem emprego. Ainda não desembalara as caixas. Não tinha ânimo para fazer muita coisa além de beber, fumar, levar Jules à escola – e pensar.

Ele gostaria de poder parar de pensar.

– Posso pegar mais? – perguntou Jules.

– Já tem bastante no prato – retrucou Sully.

– Sully, deixe-o pegar mais...

– Mãe...

– O quê?

– Não devemos desperdiçar comida. Estou tentando ensinar isso a ele.

– Podemos nos permitir isso.

– Bem, nem todo mundo pode.

O pai de Sully tossiu, o que pôs fim à conversa. Ele pousou o garfo.

– Vi o carro da emissora de Alpena hoje – disse. – Estava parado em frente ao banco.

– Não se fala em outra coisa – acrescentou a mãe de Sully. – É de arrepiar. Pessoas mortas fazendo telefonemas.

– Pelo amor de Deus... – murmurou Sully.

– Acha que é invenção?

– Você não acha?

– Bem, não tenho certeza. – Ela cortou um pedaço de frango. – Myra conhece aquele homem da igreja, Elias Rowe. Foi ele quem construiu a casa dela.

– E?

– Ela disse que uma vez ele encontrou um erro no valor cobrado e levou um cheque com a diferença para ela. Fez todo o caminho de volta só para

entregá-lo. À noite.

– E isso significa o quê?

– Que ele é honesto.

Sully cutucou as batatas no seu prato com o garfo.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

– O que você acha, Fred?

O pai de Sully suspirou.

– Acho que as pessoas acreditam no que querem.

Sully ficou calado, perguntando a si mesmo se a frase se aplicaria a ele.

– Bem, se isso faz aquela pobre mulher se sentir melhor em relação à perda da irmã, qual é o problema? – comentou sua mãe. – Minha tia costumava falar com fantasmas o tempo todo.

– Mamãe! – exclamou Sully. Apontou com a cabeça na direção de Jules e disse em voz baixa: – Podemos parar por aqui?

– Ah. Claro – retrucou ela.

– Ora, a Bíblia diz que Deus falou no meio da sarça ardente – comentou Fred. – Isso é mais estranho do que um telefonema?

– Podemos parar por aqui? – insistiu Sully.

Todos retomaram os talheres e comeram em silêncio.

– Posso pegar mais batata agora? – pediu Jules.

– Acabe as que tem no prato – respondeu Sully.

– Ele está com fome – argumentou sua mãe.

– Mãe, eu dou comida a ele.

– Eu não quis dizer que...

– Tenho condições de prover meu filho de comida!

– Calma, Sully – interrompeu seu pai.

Silêncio de novo. Um silêncio palpável. Por fim, Jules largou o garfo e perguntou:

– O que é *prover*?

Sully baixou os olhos para o prato.

– É dar alguma coisa a alguém.

– Vó?

– Sim, meu bem?

- Pode me prover de um telefone?
- Por quê?
- Quero ligar para minha mãe no céu.

☿ – Você vai ao Pickles, Jack?

O turno daquele dia tinha acabado. O grupo sairia para tomar uma cerveja. Coldwater não tinha uma equipe policial noturna. As urgências eram resolvidas pela emergência.

– Encontro vocês lá – respondeu Jack, então esperou até eles saírem.

Apenas Dyson continuava no prédio, na sala de descanso, onde ficava o micro-ondas. Jack sentiu o cheiro de pipoca. Fechou a porta de sua sala.

– *Pai, sou eu...*

– Onde você está, Robbie?

– *Você sabe onde. Não mantenha isso em segredo. Pode contar a verdade a todos, agora.*

– Qual é a verdade?

– *Que o fim não é o fim.*

Jack tivera essa conversa com o filho menos de uma hora antes. Tinham sido seis sextas-feiras seguidas. Seis ligações de um menino que ele tinha enterrado. Acessou a relação das chamadas recebidas no seu telefone. Na mais recente, de Robbie, constava NÚMERO DESCONHECIDO. De novo, como já fizera incontáveis vezes, pressionou a tecla de rediscagem e ouviu uma sequência de bipes curtos e agudos. Depois, nada. Falha na conexão. Sem correio de voz. Nem ao menos uma mensagem gravada. Silêncio, apenas. Ele se perguntou mais uma vez se devia iniciar alguma investigação, agora que, de acordo com o noticiário, havia outras pessoas além de Tess e Jack recebendo esse tipo de chamada. Mas como poderia investigar alguma coisa sem admitir que estava envolvido nela? Ainda nem contara a Doreen. Além do mais, ali era Coldwater. Tinham uma radiopatrulha, dois computadores, arquivos de aço velhos e um orçamento que lhes permitia operar apenas seis dias por semana.

Pegou o casaco, vestiu-o e viu seu reflexo no vidro de um mapa

pendurado na parede, com o queixo proeminente que o filho herdara. Os dois eram altos, tinham voz forte e uma risada calorosa. “Meus lenhadores”, era como Doreen costumava chamá-los. Jack lembrou-se do dia em que Robbie dissera que queria entrar para a Marinha.

- Tem certeza, filho?
- *Você* fez isso, pai.
- Não é para todos.
- Mas quero fazer a diferença.
- Consegue se imaginar *não* fazendo isso?
- Não, não consigo.
- Então acho que você já está decidido.

Doreen ficou pálida. Repetiu várias vezes que Jack poderia ter convencido Robbie a não ir em vez de se mostrar tão ridiculamente orgulhoso da coragem do filho.

No fim das contas, Robbie se alistou e Jack e Doreen se separaram. Quatro anos mais tarde, os dois soldados que foram a Coldwater dar a má notícia precisaram escolher entre as duas casas. Foram à de Jack primeiro. Doreen nunca o perdoou, como se ele fosse culpado por aquilo também, além da morte de Robbie a 15 mil quilômetros de distância.

O fim não é o fim.

Jack sentou-se, ainda com o casaco, e mais uma vez pressionou o botão de rediscagem do telefone. Os mesmos bipes. O mesmo silêncio. Teclou um número diferente.

- Alô? – disse Tess Rafferty quando atendeu.
- Aqui é Jack Sellers. Recebeu alguma ligação hoje?
- Recebi.
- Posso passar aí?
- Pode.

Ela desligou.

🌀 No início da década de 1870, Alexander Bell mostrou ao pai de Mabel, seu futuro sogro, uma lista de seus projetos de invenção. Gardiner G.

Hubbard ficou impressionado com vários deles. Mas, quando Bell falou sobre um fio que poderia transmitir a voz humana, Hubbard zombou dele: “Agora você está dizendo bobagens.”

No sábado de manhã, Sully, cansado da situação absurda que eram os telefonemas do além, estacionou o carro de seu pai na frente de um trailer em que se lia CONSTRUÇÕES ROWE, que ele localizara nos arredores da cidade. Achava importante enfrentar aquela história, encerrá-la antes que provocasse mais danos. O luto já era difícil o suficiente. Por que precisaria, ainda por cima, explicar esses delírios para o filho? *Quero ligar para minha mãe no céu.* Sully estava irritado, ferido, e passara tanto tempo sem fazer outra coisa senão lamentar sua dor que aquilo começou a parecer uma missão. Na Marinha, investigara casos dentro de seu esquadrão – acidentes, falhas em equipamentos. Era bom nisso. Seu comandante o aconselhara a tentar se incorporar à unidade jurídica e trabalhar nessa área em tempo integral. Sully preferira voar.

De qualquer forma, não tinha sido muito difícil encontrar o local de trabalho de Elias Rowe. Sully aproximou-se do trailer, estacionado na frente de uma área de terra batida. Na parte de trás havia dois barcos pequenos, uma retroescavadeira e uma picape Ford.

Ele entrou.

– Olá, o Sr. Rowe está?

Atrás de uma mesa, uma mulher troncuda, de cabelos puxados para cima e presos com uma bandana, estudou Sully antes de responder:

– Não, sinto muito. Não está.

– A que horas ele volta?

– Não sei, ele está em um serviço externo. É sobre algum projeto novo?

– Não exatamente.

Sully olhou ao redor. O trailer era pequeno e estava apinhado de desenhos e pastas de arquivo.

– Quer deixar seu nome e telefone? – perguntou a mulher.

– Passo aqui mais tarde – disse ele.

Voltou para o carro e soltou um palavrão. No momento em que deu partida, ouviu o ruído de outro motor. Olhou pelo retrovisor e avistou um

homem atrás do volante da picape Ford. Ele estivera ali o tempo inteiro? Sully desligou o carro, saltou e correu até a picape, agitando os braços até ela parar. Aproximou-se da janela.

– Com licença – falou, ofegante. – Você é Elias Rowe?

– Eu conheço você? – perguntou Elias.

– Minha mãe e você têm um conhecido em comum. Olhe... – Sully suspirou. Como abordar o assunto? – Eu sou pai, entende? Um pai solteiro. Minha esposa... morreu.

– Sinto muito – lamentou Elias. – Eu tenho que...

– Meu filho ainda está digerindo a situação. Mas essa história de telefonemas do céu... Você é um dos que... você disse que recebeu uma ligação?

Elias mordeu o lábio.

– Não sei o que recebi.

– Está vendo? Esse é o problema. Você *não sabe!* Mas e o bom senso? Você não acredita que foi alguém ligando do mundo dos *mortos*, certo?

Elias olhou para o painel da picape.

– Meu filho acha... – O coração de Sully estava acelerado. – Ele acha que a mãe vai ligar para ele agora. Por causa da *sua* história.

Elias ficou com os músculos do rosto rígidos.

– Me desculpe. Não sei como ajudar você.

– Seria bom para mim... bom para ele... se você dissesse a todos que *não é verdade*.

Elias apertou o volante e se desculpou de novo, dessa vez já com o pé no acelerador. A picape deu um solavanco, partiu e sumiu na rua, deixando Sully parado, com as palmas viradas para cima, sozinho no estacionamento.

❧ Naquela noite, Elias levou a picape até um píer público no lago Michigan e esperou que os últimos vestígios de luz sumissem do céu. Pensou no sujeito que o interpelara mais cedo. Pensou no filho que ele mencionara. Pensou em Nick, em Katherine, no pastor Warren e na igreja.

Por fim, quando a escuridão era total, desceu do automóvel, caminhou

até o final do píer e tirou o telefone do bolso do casaco. Lembrou-se de quando era menino e sua mãe doava as sobras de comida para um programa de distribuição de sopa aos carentes. Uma vez ele perguntou por que eles não podiam simplesmente jogar fora os restos, como a maioria das pessoas.

– O que o Senhor dá não se deve desperdiçar – respondera a mãe.

Elias olhou para o celular e murmurou:

– Perdoe-me, Senhor, se desperdiço o que me deu.

Depois, jogou o telefone longe, na direção da água. Perdeu-o de vista na escuridão, mas ouviu um leve ruído no instante em que o aparelho tocou a superfície do lago.

Por um minuto, Elias permaneceu onde estava. Em seguida, voltou para a picape. Decidira sair de Coldwater por um tempo, confiando a supervisão das obras a seu principal mestre de obras. Não queria mais que desconhecidos o procurassem em busca de ajuda. Cancelara o número, cancelara a conta e agora se livrara do aparelho.

Deixou a cidade com uma sensação de alívio e exaustão, como se tivesse acabado de fechar a porta a uma tempestade que se aproximava.

A sétima semana

À medida que os dias passavam em Coldwater, Katherine notava que as pessoas não paravam de encará-la. No banco. No culto nas manhãs de domingo. Até no mercado, onde ela fazia compras havia anos. Daniel, o rapaz do estoque, virava para o lado quando ela o surpreendia, e quando certa vez o olhar de Teddy, o barbudo do balcão de carnes, cruzou com o dela, ele perguntou depressa demais: “Olá, Katherine, como vai?” Na ocasião, havia duas mulheres mais velhas no final do corredor que nem se preocuparam em disfarçar que apontavam para ela.

– É você, não é? – perguntaram.

Katherine fez um leve sinal com a cabeça, em dúvida sobre qual resposta dar. Em seguida afastou-se, empurrando o carrinho.

– Que Deus a abençoe – gritou uma das duas enquanto ela saía.

Katherine virou-se.

– Que Deus a abençoe também.

Katherine lutava contra a vontade de ser humilde, como a Bíblia pregava, e a tentação de gritar sua glória, como a Bíblia também ensinava. Isso fazia com que cada interação fosse um desafio. Todos aqueles olhos sobre ela! Não imaginava que uma entrevista na televisão pudesse dar tanta *visibilidade* a alguém.

Na fila da caixa, ficou atrás de um homem obeso, quase careca, que usava um moletom de um time de futebol americano. Ele esvaziou a cesta de compras. Quando olhou para Katherine, sua expressão mudou.

– Conheço você – disse.

Ela forçou um sorriso.

– Você nos mostrou uma casa, um dia. Para mim e minha mulher.

- Ah, é?
- Era cara demais.
- Ah.
- Estou desempregado.
- Sinto muito.
- É assim que as coisas são.

A mulher atrás da caixa registradora olhou para os dois enquanto organizava as poucas compras do homem: um saco grande de batata chips, manteiga, duas latas de atum e uma embalagem de seis cervejas.

- Eles deixam você falar com outras pessoas? – perguntou o homem.
 - Desculpe, não entendi.
 - Quando telefonam. Os espíritos do céu. Você pode falar com outra pessoa, se quiser?
 - Continuo sem entender.
 - Meu pai morreu no ano passado. Eu estava pensando...
- Katherine mordeu o lábio. O homem baixou os olhos.
- Tudo bem – disse.

Entregou à mulher da caixa um maço de notas de um dólar, pegou a bolsa e foi embora.

Três dias depois

NOTICIÁRIO

Canal 9, Alpena

(Amy na frente da igreja.)

AMY: Como já informamos em primeira mão aqui na Nine Action News, tudo começou nesta cidadezinha, quando uma mulher chamada Katherine Yellin contou, na sua igreja, que tinha recebido um telefonema da pessoa mais improvável de todas: sua irmã, Diane, falecida há dois anos.

(Close de Katherine e Amy.)

KATHERINE: Ela já me ligou seis vezes.

AMY: Seis vezes?

KATHERINE: É. Sempre às sextas-feiras.

AMY: Por que às sextas-feiras?

KATHERINE: Não sei.

AMY: Ela explica como consegue fazer as ligações?

KATHERINE: Não. Só diz que me ama. E fala sobre o céu.

AMY: O que ela diz?

KATHERINE: Que todas as pessoas que perdemos aqui, reencontramos lá. Que nossa família está reunida. Ela. Meus pais.

(Pessoas no gramado da casa de Katherine.)

AMY: Desde que a Nine Action News relatou o caso dos estranhos telefonemas, dezenas de pessoas têm aparecido em Coldwater para conhecer Katherine. Esperam horas para falar com ela.

(Katherine dirige-se às pessoas reunidas em círculo.)

MULHER IDOSA: Creio que ela foi escolhida por Deus. Eu também perdi minha irmã.

AMY: A senhora espera um milagre semelhante?

MULHER IDOSA: Espero. *(Começa a chorar.)* Eu daria tudo para falar com minha irmã de novo.

(Amy, na frente da casa.)

AMY: Devemos ressaltar que, até agora, ninguém conseguiu confirmar esses telefonemas. Mas uma coisa é certa. *(Aponta para a multidão.)* Muita gente acredita que milagres de fato acontecem. *(Olha para a câmera.)* De Coldwater, Amy Penn, para a Nine Action News.

O pastor Warren enfiou o chapéu na cabeça e saiu, dando um leve aceno à Sra. Pulte, que falava ao telefone. Ela afastou o aparelho do rosto e perguntou em voz baixa:

– A que horas o senhor volta?

Nesse momento, foi interrompida pelo toque de outra linha.

– Igreja Batista Colheita da Esperança... sim... um minuto, por favor.

Warren saiu, balançando a cabeça. Durante anos a igreja chegava a passar a manhã inteira sem um único telefonema. Agora a pobre Sra. Pulte mal tinha tempo para ir ao banheiro. Eles recebiam ligações de todos os cantos do país. As pessoas queriam saber se os cultos de domingo estavam disponíveis na Internet. Perguntavam se havia livros de orações especiais usados pelos fiéis, em particular pelos que ouviam as vozes abençoadas do céu.

Warren desceu a rua encolhido para se proteger do cortante vento outonal. Reparou em três carros desconhecidos no estacionamento da igreja e viu rostos também desconhecidos olhando pelas janelas. Coldwater não era um lugar onde pessoas de fora passavam despercebidas. As famílias da cidade moravam ali havia várias gerações. Casas e negócios passavam de pai para filho. Moradores antigos eram enterrados no cemitério local, que datava do início do século XX. Algumas lápides estavam tão gastas e apagadas que era quase impossível ler as inscrições.

Warren lembrou-se da época em que conhecia todos os fiéis da cidade e tinha saúde suficiente para visitar a maioria deles a pé, ouvindo um ou outro “Bom dia, pastor” gritado de algum pórtico. Essa familiaridade sempre o

confortara, como um zumbido suave e constante. Nos últimos tempos, no entanto, esse zumbido se transformara em um guincho bem alto. Ele se sentia incomodado, não apenas pelos carros desconhecidos no seu estacionamento ou por um repórter na sua igreja.

Pela primeira vez na vida, Warren duvidou do tamanho de sua fé.

☿ – Pastor, por favor, sente-se.

Jeff Jacoby, o prefeito, indicou-lhe uma cadeira. Warren acomodou-se. O escritório do prefeito ficava a apenas dois quarteirões da igreja, nos fundos do First National Bank. Jeff também era presidente do banco.

– Que época emocionante, não é, pastor?

– Hã?

– Sua igreja. Dois repórteres de televisão! Quando foi a última vez que isso aconteceu em Coldwater?

– Ah.

– Conheço Katherine dos contratos de hipoteca. A morte da irmã foi um golpe duríssimo para ela. Recuperá-la dessa forma... uau!

– Acha que ela a recuperou?

Jeff deu uma risadinha.

– Bem, o especialista é o senhor.

Warren estudou o rosto do prefeito – as sobrancelhas grossas, o nariz grande, um sorriso fácil que revelava dentes encapados.

– Escute, pastor, temos recebido muitos telefonemas. – Ele examinou o celular para conferir se havia mensagens. – Há boatos de que não se trata apenas de Katherine ou do outro sujeito... qual é o nome dele?

– Elias.

– Isso. Ele desapareceu. Para onde foi?

– Não sei.

– Bem, de qualquer forma, eu estava pensando que seria bom marcar uma reunião na prefeitura. O que acha? Só entre os moradores de Coldwater. Responder a algumas perguntas. Decidir qual rumo tomar. Essa história está crescendo muito. Ouvi dizer que o hotel em Moss Hill está

lotado.

Warren balançou a cabeça. O hotel estava lotado? Em outubro? O que todas aquelas pessoas queriam? Jeff estava teclando algo em seu telefone. Warren reparou nos sapatos do prefeito, de couro marrom macio, amarrados com laços perfeitos.

– Acho que o senhor deveria presidir a reunião, pastor.

– Eu?

– Aconteceu na sua igreja.

– Não tive nada a ver com aquilo.

Jeff largou o telefone. Pegou a caneta e começou a brincar com ela.

– Reparei que o senhor tem andado ausente dos noticiários na TV. Não tem falado com a mídia?

– Katherine já fala o suficiente.

Jeff riu.

– Ela *sabe* falar. De todo modo, deveríamos nos organizar, pastor. Não preciso dizer que nossa cidade está sendo afetada. Esse pequeno milagre poderia significar oportunidades reais.

– Oportunidades?

– Claro! No turismo, talvez. E turistas precisam comer.

Warren cruzou as mãos sobre os joelhos.

– Acredita que isso seja um milagre, Jeffrey?

– Ué! Está perguntando para *mim*?

Warren não respondeu. Jeff largou a caneta. Exibiu de novo os dentes encapados.

– Certo. Quer que eu seja sincero, pastor? Não tenho a menor ideia do que está acontecendo com Katherine. Não sei se a história é real ou se ela inventou tudo. Mas já reparou na quantidade de gente por aí? Sou um homem de negócios. E posso afirmar que... – apontou para a janela. – Isso é bom para os negócios.

🌀 A última conversa delas tinha durado apenas um minuto, mas Tess não conseguia esquecê-la.

– Você ainda sente coisas no céu, mamãe?
– *Sim... amor.*
– Algo mais?
– *Uma perda de tempo, Tess.*
– O quê?
– *Todo o resto.*
– Não entendi.
– *Raiva, arrependimento, preocupação... tudo isso desaparece quando a gente está aqui... Não se perca... dentro de si mesma...*
– Mãe, quero pedir desculpas.
– *Desculpas? Por quê?*
– Por tudo. Por brigar com você. Duvidar de você.
– *Tess... tudo isso já foi perdoado... Agora, por favor...*
– O quê?
– *Perdoe a si mesma.*
– Ah, mãe...
– *Tess...*
– Sinto muito a sua falta.
Uma longa pausa.
– *Você se lembra de quando fazíamos biscoitos?*
Então a linha ficou muda.
Tess explodiu em lágrimas.

🌀 Biscoitos – e outras guloseimas – tinham aproximado Tess e Ruth. Ruth era proprietária de uma pequena empresa de bufê e, sem condições financeiras de contratar alguém, sempre pedia ajuda a Tess. Ruth se sustentava por conta própria desde que se divorciara do marido, Edwin, quando Tess tinha 5 anos. Edwin logo se mudou para Iowa, sem fazer o menor esforço para conseguir a guarda da filha, e nunca mais voltou a Coldwater. Com o passar dos anos, sempre que Tess perguntava pelo pai, Ruth se limitava a dizer: “Por que falar de coisas desagradáveis?” Depois de algum tempo, Tess parou de perguntar.

Como a maioria dos filhos de lares desfeitos, no entanto, Tess ansiava pela metade ausente e entrava em conflito com a que ficara. Mães solteiras não eram comuns em Coldwater, e Tess ficava chateada sempre que chegava a qualquer um dos lugares que frequentava e as pessoas perguntavam “Como está sua mãe?”, como se o divórcio fosse um tipo de doença crônica que exigisse exames regulares. Muitas vezes Tess sentia-se como uma enfermeira tentando curar a solidão da mãe. Nas festas de casamento, quando ela e Ruth estavam arrumando os doces em silêncio na cozinha e a música tocava lá fora, as duas trocavam olhares tímidos. Como quase todos os convidados compareciam a esses eventos com o marido ou a esposa, Ruth e Tess passaram a ser vistas como uma espécie de casal; as pessoas sentiam-se mais confortáveis por ver a Sra. Rafferty com *alguém*, mesmo que fosse sua filha.

Com a igreja católica a história era diferente. O divórcio ainda era malvisto pela instituição, e Ruth aguentava calada os olhares de reprovação de outras mulheres, que ficavam mais intensos à medida que Tess desabrochava e se tornava uma adolescente deslumbrante, daquelas que os homens sempre querem tocar, nem que seja o ombro, de leve, quando as cumprimentam. Tess cansou-se de tanta hipocrisia e parou de frequentar a missa assim que concluiu o ensino médio. Ruth implorou que ela voltasse para a igreja, mas ela dizia: “Isso é ridículo, mãe. Eles nem ao menos *gostam* de você lá.”

Enquanto o fim se aproximava e Ruth já estava na cadeira de rodas, Tess se recusava a levá-la à missa. Mas agora, sentada na sala de sua casa com Samantha à sua frente, ela se perguntava se não seria hora de telefonar para o velho padre.

Uma parte dela queria manter as conversas com a mãe em segredo, como aqueles sonhos que não contamos a ninguém.

Por outro lado, algo sobrenatural estava acontecendo em Coldwater. Jack Sellers. A mulher na televisão. O outro homem de quem haviam falado, da Igreja Batista Colheita da Esperança. Ela não estava sozinha. Talvez a igreja pudesse oferecer uma resposta.

Tudo isso já foi perdoado, Ruth dissera.

Tess olhou para Samantha.

– Ligue para o padre Carroll – pediu.

☿ Jack estacionou na entrada para carros. Seu coração batia forte.

Ele estava decidido a contar sobre os telefonemas a Doreen naquele dia, sem falta. Ligara mais cedo para dizer que precisava conversar com ela, e planejou abordar o assunto assim que entrasse na casa, antes que qualquer outra coisa a distraísse e ele perdesse a coragem. Ele não se importava que o atual marido dela, Mel, estivesse presente. Tratava-se do filho de Doreen. Ela tinha o direito de saber. Jack achou que ela ficaria furiosa por ele não ter contado antes, mas já estava acostumado ao temperamento de Doreen. E cada dia de espera tornaria a situação pior.

Coldwater estava mudando. As pessoas de fora não paravam de chegar. Elas rezavam até no jardim das casas! Todos os dias Jack e Ray precisavam ir a algum lugar para atender a uma reclamação, resolver um problema de estacionamento, de perturbação da ordem, ou algo do tipo. Todos estavam sempre com o celular na mão, e cada toque os deixava ansiosos. Estava até sendo planejada uma reunião na prefeitura para discutir o fenômeno. O mínimo que Jack podia fazer era contar para Doreen que eles estavam envolvidos naquilo.

Subiu até a varanda, respirou fundo e girou a maçaneta. A porta não estava trancada. Entrou.

– Olá, sou eu! – gritou.

Nenhuma resposta. Foi até a cozinha, depois seguiu pelo corredor.

– Doreen?

Ouviu alguém fungar. Entrou na sala de estar.

– Doreen?

Ela estava sentada no sofá, segurando uma foto de Robbie. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Jack engoliu em seco. Era um daqueles momentos dela. Ele precisaria esperar.

– Você está bem? – perguntou ele em voz baixa depois de algum tempo.

Ela piscou repetidas vezes para conter as lágrimas. Apertou os lábios.

– Jack, acabei de falar com nosso filho.

☿ – Meu nome é Harding. Tenho um encontro com Ron Jennings.

A recepcionista pegou o telefone e Sully logo sentou-se, torcendo para que ninguém tivesse reparado nele.

O *Northern Michigan Gazette* tinha instalações modestas. Seus escritórios abertos revelavam a geografia inexorável do jornalismo: editorial de um lado, gerência do outro. À esquerda, mesas bagunçadas, pilhas e mais pilhas de papéis, um repórter de cabelos brancos falando ao telefone. À direita, mesas mais bem organizadas, nós de gravata mais apertados e um escritório visivelmente maior do que todos os outros, no qual estava o editor, Ron Jennings, com seu corpo em forma de pera, sua calvície incipiente, seus óculos de lentes coloridas. Ele fez um sinal para que Sully se aproximasse. Sully levantou-se e avançou a passos lentos, como na sua saída da prisão.

– Mark avisou que você viria – disse Jennings, estendendo-lhe a mão. – Fomos colegas de faculdade.

– Sim, obrigado por... – A voz de Sully quase sumiu e ele engoliu em seco – ... me receber.

Jennings observou Sully com atenção, e este detestou a impressão que devia estar causando: um homem que detestava o emprego que estava prestes a pedir. Que escolha ele tinha? Precisava trabalhar. Não havia outras opções. Com um sorriso forçado, Sully entrou no escritório. Jamais se sentira tão distante de um piloto de caça quanto naquele momento.

Vendas, pensou, com desânimo. Em um *jornal*.

Perguntou a si mesmo se teriam publicado alguma coisa sobre ele.

☿ – Então, como pode imaginar, andamos muito ocupados por aqui – disse Jennings, rindo. – Essa história de telefonemas do céu está bombando! – Pegou a última edição e leu a manchete: “Almas do outro mundo?” – Quem pode saber, não é mesmo? Mas é bom para o jornal. Tivemos que reimprimir as duas últimas edições.

– Nossa! – exclamou Sully educadamente.

– Está vendo aquele sujeito? – continuou Jennings, apontando com a cabeça na direção de um homem que falava ao telefone no lado do editorial.

– Elwood Jupes. Durante 34 anos foi o único repórter aqui. Escrevia sobre tempestades de neve, desfiles de Halloween, futebol escolar. Agora está envolvido na matéria mais importante de todos os tempos. Acabou de entrevistar um especialista em paranormalidade. O cara diz que as pessoas estão captando as vozes de pessoas mortas há anos... no rádio! Nunca ouvi falar disso. E você? No rádio? Dá para acreditar?

Sully balançou a cabeça. Estava detestando aquela conversa.

– De todo modo... – Jennings abriu uma gaveta e pegou uma pasta. – Mark falou que você está interessado na vaga que temos na área comercial.

– Isso mesmo.

– Estou um pouco surpreso.

Sully não respondeu.

– O trabalho não tem muito glamour.

– Eu sei.

– É apenas coleta de anúncios. O pagamento é por comissão.

– Mark me disse.

– Somos uma empresa pequena. Publicamos uma vez por semana.

– Eu sei.

– Não tem nada a ver com pilotagem de jatos ou algo do tipo.

– Não estou à procura de...

– Sei que não quer falar sobre o que aconteceu. Eu entendo. Acredito em segundas chances. Foi o que eu disse a Mark.

– Obrigado.

– Sinto muito pela sua esposa.

– Tudo bem.

– Foi muito triste.

– Foi.

– Chegaram a encontrar os registros do tráfego aéreo?

Pensei que não falaríamos sobre esse assunto.

– Não, nunca encontraram.

Jennings assentiu de leve com a cabeça. Baixou os olhos.

– Enfim, não é o melhor dos empregos...

– Está ótimo.

– Não dá para pagar um...

– Está bom, de verdade.

Trocaram um olhar desconfortável.

– Preciso trabalhar – explicou Sully. – Tenho um filho, sabe?

Tentou pensar em outra coisa para dizer. O rosto de Giselle veio à sua mente.

– Tenho um filho – repetiu.

🌀 Jules tinha nascido depois de alguns anos de casamento, e Sully escolhera seu nome em homenagem a um cantor chamado Jules Shear, autor de uma das canções favoritas de Giselle, “If She Knew What She Wants” – se ela soubesse o que quer.

Quando o bebê nasceu, Sully soube que era exatamente isto que Giselle queria: uma família. Ela e o menino pareciam dividir a mesma alma. Sully reconhecia a curiosidade natural da esposa na atenção com que Jules estudava seus brinquedos, e via a natureza gentil de Giselle no modo como o menino abraçava outras crianças ou acariciava um cachorro.

– Está feliz? – perguntara Sully a Giselle numa noite em que estavam os três no sofá, o pequeno Jules adormecido sobre o peito da mãe.

– Ah, meu Deus, muito!

Tinham falado em ter mais filhos. No entanto, ali estava ele, um pai viúvo de filho único que tinha acabado de aceitar um emprego que não queria. Saiu do *Gazette*, acendeu um cigarro, entrou no carro e acelerou rumo à loja de bebidas. Antes, quando Giselle estava viva, ele pensava no futuro. Agora, só pensava no passado.

🌀 Desde que as religiões existem, existem os amuletos – pingentes, anéis, moedas, crucifixos –, assim como a crença das pessoas em seus poderes benéficos. Da mesma forma que os antigos fiéis mantinham esses amuletos por perto, Katherine Yellin agarrava-se agora ao celular rosa que pertencera à irmã.

Durante o dia, não o largava nem por um instante. À noite, dormia com

ele. Quando saía para o trabalho, colocava o aparelho no volume máximo e o enfiava na bolsa, que agarrava como uma bola de futebol americano. Recarregava o telefone a todo instante, e chegou a comprar uma bateria extra, para o caso de o carregador parar de funcionar. Tinha pedido que ninguém ligasse mais para aquele número, e sim para um outro, que adquirira de uma operadora diferente. A linha antiga, a que tinha sido de Diane, estava reservada apenas para Diane.

Não importava aonde Katherine ia: o celular estava sempre com ela. E agora, aonde Katherine ia, Amy Penn, da Nine Action News, ia atrás. Amy convidara a mulher para jantar em um restaurante excelente (sugestão de Phil, que pagou a despesa) e ouvira as aparentemente intermináveis histórias sobre sua adorada irmã, jurando que ela e todos na emissora queriam apenas uma coisa: divulgar o milagre ao mundo. Katherine concordara que uma bênção como aquela não podia ficar limitada à minúscula Coldwater e que a câmera de Amy, que ela levava aonde quer que fosse, era, na verdade, um instrumento de Deus para agir no mundo moderno.

Numa terça-feira de manhã, então, as duas chegaram juntas ao escritório da Imobiliária Coldwater Collection, ao lado do correio da cidade, que ficava em frente ao mercado. Quando entraram, quatro pessoas estavam na sala de espera, todas aguardando para falar com Katherine e mais ninguém, como tinham dito à recepcionista.

❧ O episódio não foi visto com bons olhos por Lew, Jerry e Geraldine, os outros três corretores da imobiliária, que não tinham clientes novos e viam poucas perspectivas de consegui-los. Antes da chegada de Katherine, naquela terça-feira, os três tinham se reunido para comentar o rebuliço causado pelos telefonemas do céu recebidos pela colega.

- Como podemos saber se isso é verdade? – começou Lew.
- Ela nunca superou a perda de Diane – atalhou Geraldine.
- As pessoas têm alucinações – acrescentou Jerry.
- Estão rezando no jardim da casa dela, pelo amor de Deus!
- Ela está trazendo oportunidades de negócios como nunca tivemos.

– E daí? Se são todas para ela, de que adianta?

A conversa continuou nesse tom, com queixas adicionais: Lew precisava ajudar os netos, que agora moravam com ele; Geraldine nunca gostara da atitude moralista de Katherine; Jerry se perguntava se não seria tarde demais para trocar de profissão, mesmo com apenas 38 anos.

Então Katherine entrou, seguida de Amy. A conversa foi interrompida, sendo substituída por sorrisos falsos.

Seria de esperar que uma pessoa que traz a prova da existência do céu fosse sempre recebida de braços abertos. No entanto, mesmo diante de um milagre, o coração humano pergunta: *Por que não fui eu o escolhido?*

☿ – Bom dia, Katherine – cumprimentou Geraldine.

– Bom dia.

– Alguma notícia de sua irmã?

Katherine sorriu.

– Hoje não.

– Quando foi a última ligação?

– Sexta-feira.

– Há quatro dias.

– Ahã.

– Interessante.

Geraldine olhou para Amy, como se dissesse “*Talvez você tenha vindo aqui para nada*”. Katherine virou-se para seus colegas de trabalho, deu um suspiro e tirou uma Bíblia da bolsa.

E, claro, o telefone da irmã.

– Bem, vou começar a atender os clientes – disse.

O primeiro era um senhor de meia-idade que queria uma casa perto da de Katherine, um lugar onde também pudesse receber “ligações”. Depois foi a vez de um casal de aposentados de Flint, que falou da filha morta em um acidente de carro seis anos antes e da esperança que tinham em fazer contato com ela ali em Coldwater. A terceira cliente era uma senhora grega, enrolada em um xale azul-escuro, que nem chegou a falar em imóvel. Simplesmente

perguntou a Katherine se poderia rezar com ela.

– Claro – respondeu Katherine, em tom quase de desculpa.

Amy afastou-se para dar-lhes privacidade, carregando seu enorme aparelho cinematográfico. Era uma câmera pesadíssima, e ela sempre tinha a impressão de estar erguendo uma mala de chumbo. Um dia, prometeu a si mesma, trabalharia para uma emissora que mandaria um cinegrafista de verdade com ela. Um dia, no seu próximo emprego.

– Que peso, hein? – comentou Lew quando a viu largar a câmera com dificuldade na mesa.

– É.

– Imaginei que já fizessem câmeras menores agora.

– E fazem. Mas não temos os modelos novos.

– Devem deixá-los para Nova York e Los Angeles, não acha?

– Acho que s...

Amy parou de falar. A expressão de Lew se modificara. Ele girou a cabeça. Geraldine e Jerry fizeram o mesmo. Quando Amy percebeu o motivo, uma descarga de adrenalina percorreu suas veias.

O telefone de Katherine estava tocando.

☿ Todas as histórias têm um ápice. O que aconteceu a seguir nos escritórios da Imobiliária Coldwater Collection foi rápido e caótico, mas capturado inteiramente pela câmera trêmula de Amy. A cena levou menos de um minuto, e ainda assim logo seria vista por milhões de pessoas em todo o planeta.

Katherine pegou o telefone. Todos se viraram. A mulher grega começou a rezar na sua língua nativa, balançando-se para a frente e para trás, as mãos sobre o nariz e a boca.

– *Pater hêmôn ho en toes ouranoes...*

Katherine respirou fundo e recostou-se na cadeira. Lew engoliu em seco. Geraldine sussurrou: “E agora?” Amy, que tinha ligado a câmera o mais rápido possível, tentava ao mesmo tempo equilibrá-la no ombro, olhar pelo visor e aproximar-se quando – *bum!* – se chocou contra uma mesa. A câmera

caiu, ainda ligada, e Amy estatelou-se por cima de uma cadeira, machucando o queixo.

O telefone tocou de novo.

– *Hagiasthêto to onoma sou* – murmurou a mulher grega.

– Espere! Não atenda ainda! – gritou Amy.

Mas Katherine pressionou o botão de atender e sussurrou:

– Alô?... Ah, meu Deus... Diane...

– *Hagiasthêto to onoma sou...*

O rosto de Katherine iluminou-se.

– É ela? – perguntou Lew.

– Meu Deus – murmurou Geraldine.

Amy levantou-se com dificuldade, a coxa latejando pela pancada, o queixo sangrando. Captou Katherine no visor no momento em que ela dizia:

– Sim, claro que sim, Diane, sim, vou...

– *Genêthêto to thelêma sou, hês en ouranô...*

– É mesmo ela?

– *Kae epí tês gês. Ton arton hêmôn ton epíousíon...*

– Diane... quando vai me ligar de novo... Diane?... Alô?...

Katherine abaixou o telefone, depois recuou devagar, como se empurrada por uma força invisível. Seus olhos estavam vidrados.

– *Dos hêmín sêmeron; kae apheh hêmín ta opheilêmata...*

– O que aconteceu? – quis saber Amy, desempenhando seu papel de repórter, com a câmera no ombro. – O que ela disse, Katherine?

Katherine a fitou, com as mãos sobre a mesa.

– Ela disse: “Chegou a hora. Não faça segredo disso. Conte a todos. Os bons serão bem-vindos no céu.”

A mulher grega cobriu o rosto com as mãos e chorou. Amy focou a câmera nela, depois no celular que Katherine largara sobre a mesa.

– Conte a todos – repetiu Katherine com ar sonhador, sem perceber que, graças à luz vermelha que piscava na câmera de Amy, era exatamente isso que ela estava fazendo.

A oitava semana

A História sugere que o telefone inventado por Alexander Bell se tornou um sucesso da noite para o dia.

Um sucesso que quase não aconteceu.

Em 1876, os Estados Unidos comemoravam seu primeiro centenário. Em uma exposição montada na Filadélfia, estavam sendo apresentadas novas invenções, sinais de grandeza para os cem anos seguintes, como um motor a vapor de 15 metros de altura e uma máquina de escrever primitiva. No último minuto, o rudimentar aparelho de comunicação elaborado por Bell foi instalado sobre uma pequena mesa espremida entre uma escada e uma parede, em um local chamado Departamento de Educação. Ali ficou durante semanas, sem receber nenhuma atenção de fato.

Bell morava em Boston. Não tinha planos de visitar a exposição – nem dinheiro para isso. Numa tarde de sexta-feira, no entanto, ele acompanhou sua noiva, Mabel, até a estação ferroviária. Ela iria à Filadélfia visitar o pai e começou a chorar diante da ideia de deixar Bell, insistindo que ele fosse também. No momento em que o trem deu partida, Bell, para confortá-la, embarcou de um salto, mesmo sem bilhete.

Dois dias depois desse ato impulsivo, Bell estava na exposição, numa tarde quente de domingo, quando chegou uma delegação de juízes exaustos e suados. A maioria deles só queria era ir para casa. Um deles, no entanto, o respeitado imperador do Brasil, Dom Pedro de Alcântara, reconheceu o inventor de cabelos castanhos que havia trabalhado com estudantes surdos.

– Professor Bell! – exclamou Dom Pedro, cumprimentando-o com os braços abertos. – O que faz aqui?

Depois que Bell explicou tudo, Dom Pedro concordou em ver sua

invenção. Embora exaustos, os juízes aceitaram permanecer no local por mais alguns minutos.

Um fio havia sido estendido de um lado a outro da sala. Bell foi para a extremidade transmissora, enquanto o imperador ficou no receptor. Como fizera com Thomas Watson meses antes (*Venha cá. Quero ver você.*), Bell falou no seu aparelho enquanto o imperador levava o receptor ao ouvido. Seu rosto iluminou-se de repente.

Diante da multidão, Dom Pedro declarou, espantado:

– Meu Deus! Isto fala!

No dia seguinte, a invenção foi transferida para um local de destaque, onde milhares de pessoas se acotovelaram para vê-la, e acabou recebendo o primeiro prêmio e uma medalha de ouro, e o mundo inflamou-se com uma ideia até então inimaginável: era possível falar com alguém a distância.

Se não fosse pelo amor de um homem por uma mulher, que o fizera saltar em um trem na última hora, o telefone de Bell talvez nunca tivesse conquistado o público. Depois que isso aconteceu, a vida de todos mudou para sempre.

❧ Não havia ovos suficientes. Frieda Padapalous enfiou uma nota de cinquenta dólares na mão do sobrinho e falou: “Compre todos os que houver no mercado. Depressa.”

Frieda nunca acreditara em milagres, mas não recusaria esse empurrão repentino nos negócios. A segunda-feira tinha sido movimentada. A terça, mais ainda. Naquele dia a lanchonete estava muito barulhenta e as pessoas gritavam para ser ouvidas. O estacionamento estava lotado. As mesas, repletas de rostos estranhos. Pela primeira vez numa manhã de quarta-feira havia fila para entrar. E ainda não eram nem oito horas!

– Mais café, Jack? – perguntou Frieda.

Completou a xícara antes mesmo de ele responder e logo correu para atender outro freguês.

Jack bebeu seu café devagar e de cabeça baixa, como alguém que guarda um segredo. Decidira não usar seu uniforme naquele dia. Queria observar o

número cada vez maior de peregrinos, agora que um vídeo na Internet mostrava a cidade de pernas para o ar. Reparou em três pessoas com câmeras de televisão e pelo menos outras quatro que pareciam ser jornalistas, além do bando de fisionomias estranhas, gente velha e jovem que não parava de perguntar onde encontrar Katherine Yellin, ou a igreja, ou a imobiliária. Viu dois casais indianos e uma mesa repleta de jovens em trajes religiosos que não conseguiu identificar.

– Com licença, você é daqui? – perguntou um sujeito com um casaco de esqui azul ao se aproximar de Jack.

– Por quê?

– Trabalho para o Canal Quatro, de Detroit. Estamos entrevistando as pessoas sobre os milagres. Sobre os telefonemas. Podemos filmá-lo por um minuto? Vai ser bem rápido.

Jack olhou na direção da porta. Mais pessoas chegavam. O café da manhã na lanchonete de Frieda fazia parte de sua rotina diária havia tanto tempo que ele poderia caminhar de sua casa até o balcão do lugar de olhos fechados. Mas agora se sentia desconfortável. Ainda não contara a Doreen sobre as ligações de Robbie – não depois de ela ter lhe falado sobre as que recebera. Por alguma razão, ele sentia que precisava ouvir primeiro. Colher informações. Doreen dissera que Robbie lhe contara que estava no céu, em segurança, e que “o fim não era o fim”. Quando ela perguntara a Jack sua opinião, ele dissera:

– Doreen, isso a deixa feliz?

Ela começara a chorar.

– Não sei... Sim... Ah, meu Deus, não sei de mais nada.

Jack não queria que os repórteres soubessem sobre sua ex-mulher, nem sobre ele. Pensou em Tess. Também não queria que soubessem sobre ela.

– Você apareceria na televisão – insistiu o homem de casaco de esqui, como se tentasse fechar um acordo.

– Estou só de passagem – respondeu Jack, depois deixou dois dólares sobre o balcão e tomou o rumo da porta.

☞ Jason Turk abriu a porta de serviço do Centro Telefônico Dial-Tek. Bocejou ruidosamente. Era alto, tinha 27 anos, uma tatuagem do Gato Félix no bíceps e estava exausto depois de mais uma longa noite jogando videogames no computador. Pegou uma lata de Coca-Cola de uma geladeira pequena, tomou alguns goles e em seguida arrotou, o que o fez lembrar o que sua namorada dizia às vezes: “Jason, você tem hábitos repugnantes.”

Entrou no escritório, tirou o casaco e vestiu uma camiseta de mangas curtas, azul e prata, com a inscrição DIAL-TEK. Passou os olhos pela correspondência da véspera. Um envelope do escritório central. Outro envelope do escritório central. Um folheto oferecendo serviços de limpeza.

A campainha tocou. Ele consultou o relógio. Oito e dez. Devia ser um dos motoristas dos caminhões de entrega. No entanto, quando abriu a porta dos fundos, viu um sujeito alto vestindo um casaco velho de camurça.

– Olá. Meu nome é Sully. Do *Gazette*.

– Ah, sim. Eu me chamo Jason.

– Como vai?

– Você é novo aqui.

– Sou. Comecei semana passada.

Não parecia muito feliz, Jason pensou.

– Pode entrar.

– Esperamos que você queira renovar por mais três meses...

– Pode poupar sua saliva – interrompeu Jason. – Meu chefe já me entregou o cheque. – Vasculhou uma gaveta. – O que aconteceu com a garota que eles mandaram nas últimas vezes? Victoria?

– Não sei.

Uma pena, Jason pensou. Ela era uma graça.

– Enfim, aqui está – falou, entregando a Sully um envelope em que se lia

GAZETTE: OUTUBRO-DEZEMBRO.

– Obrigado – disse Sully.

– De nada. – Jason acabou sua Coca e ergueu a lata. – Quer uma?

– Não, obrigado. Preciso ir.

Bump!

Eles se viraram.

– O que foi isso? – perguntou Jason.

– Não sei.

Bump!

Era como se um pássaro tivesse se chocado contra uma janela de vidro. Depois, de novo. *Bump! Bump!* E mais uma vez. *Bump!* Em seguida, um som ininterrupto, cada vez mais alto, como uma batida de tambor. *Bumpbumpbumpbumpbump!*

– Que diabo de barulho é esse? – resmungou Jason.

Sully foi atrás dele e os dois saíram para a rua. O que viram os deixou paralisados. Na frente da loja, mais de vinte pessoas se comprimiam contra as vitrines, protegidas por seus casacos. Ao ver Jason e Sully, elas avançaram, como peixes na superfície quando alguém lhes joga comida.

Bumpbumpbumpbumpbump!

Os dois homens se esquivaram e voltaram para o escritório.

– O que é *aquilo*? – gritou Sully.

– Como vou saber? – respondeu Jason, procurando suas chaves.

Ainda faltava uma hora para a loja abrir, e não haviam anunciado nenhuma liquidação ou algo parecido.

– Vai deixar todo mundo entrar?

– Acho que sim... Não é?

– Quer que eu fique por aqui?

– Não. Isto é, talvez. Quero, sim. Mas espere aqui, por favor. Isso está muito *estranho*.

Jason saiu com as chaves na mão. Aproximou-se da entrada principal. Hesitou. A multidão se adensava cada vez mais.

Ele destrancou a porta.

– Desculpem, só abrimos às...

As pessoas correram para dentro, chocando-se contra ele, e se precipitaram para as prateleiras.

– Ei, calma! – exclamou Jason.

– Vocês têm este modelo? – gritou um homem de casaco de couro e moletom cinza, agitando uma folha impressa diante do rosto de Jason.

Jason viu a imagem de uma mulher com um telefone cor-de-rosa na mão erguida.

- É um Samsung, eu acho – disse.
- Vocês têm? Este mesmo modelo?
- Provavelmente...
- Quero todos os que você tiver!
- Não!
- Divida com os outros!
- Quero um!
- Quero três!

Em um instante Jason estava cercado. Sentiu uma mão nas costas, em seguida uma no ombro, depois alguém segurando seu braço e sacudindo um papel bem diante de seu nariz. Estava sendo empurrado de uma pessoa para outra em uma confusão de corpos, até que alguém gritou “Espere!”, e depois: “Ele precisa de espaço!”, e então...

– TODO MUNDO PARA TRÁS!

Era Sully. Ele colocou-se diante de Jason para protegê-lo, os braços à frente como um escudo. Seu grito fez com que as pessoas se calassem e recuassem alguns centímetros, o que permitiu a Jason recuperar o fôlego.

– O que há com vocês? – berrou Sully.

– É, qual é o problema? – acrescentou Jason, sentindo-se mais corajoso com Sully ao seu lado. – Ainda nem *abrimos*. O que querem?

Uma senhora magra abriu caminho e aproximou-se. Círculos escuros sombreavam seus olhos e ela tinha um lenço enrolado na cabeça. Parecia muito doente.

– O telefone – disse, com voz rouca. – O que recebe ligações do céu.

🌀 O que aconteceu com o vídeo de Amy foi o que acontece com muitas notícias no mundo moderno: ele foi jogado na Internet e difundido no ciberespaço. Não houve filtro, edição, controle ou verificação; alguém assistiu a ele, passou adiante e o processo foi repetido não uma ou duas vezes, mas dezenas de milhares, com uma rapidez impressionante. A *tag* do vídeo –

“Telefonema do céu” – acelerou a divulgação. A filmagem tremida – em especial o momento em que Amy tropeçou e perdeu o foco – criou uma estranha aura de autenticidade.

O vídeo foi ao ar pela primeira vez na emissora de Alpena e, no mesmo instante, tornou-se o mais assistido na história do site da Nine Action News, o que rendeu a Amy um telefonema elogioso de Phil. “Mantenha-o no ar”, foi a ordem dele. Grupos religiosos passaram a gravação adiante e logo imagens do rosto de Katherine, da mulher grega orando e do telefone sobre a mesa estavam sendo reproduzidas inúmeras vezes no mundo inteiro. Era a versão moderna do invento de Bell, que assombrara a exposição da Filadélfia, com a diferença de que agora as coisas aconteciam a uma velocidade alucinante.

Em uma semana, a cidade de Coldwater, em Michigan, se transformara no local mais pesquisado na Internet.

🌀 O pastor Warren espiou o interior da igreja. Estava quase lotada de fiéis, em plena tarde de quarta-feira. Alguns tinham a cabeça enterrada nas mãos, outros estavam de joelhos. O religioso reparou em dois homens que usavam chapéu de pescador e rezavam lado a lado, segurando nas mãos estendidas não uma Bíblia ou um hinário, mas... seus telefones celulares.

Warren fechou a porta devagar. Voltou à sua sala, onde os outros clérigos de Coldwater aguardavam.

- Desculpem – disse Warren, sentando-se. – Estava observando as pessoas.
- Seu rebanho – completou o padre Carroll.
- Não é meu rebanho. Aquelas pessoas estão aqui por causa da história de uma fiel.
- Estão aqui por causa de Deus – retrucou o padre Carroll.
- *Sim, sim* – concordaram todos em uníssono.
- Os fiéis estão finalmente vindo até nós, Warren, não o contrário.
- Sim, mas...
- Na reunião da próxima semana, com os habitantes da cidade, devemos enfatizar esse ponto. Usá-lo para inspirar outros. Não estamos cansados de

correr atrás das pessoas para despertar sua fé?

Os outros clérigos assentiram: “Está certo.” “Ele tem razão.” “Amém.”

– Esse ressurgimento, Warren, é uma dádiva maior do que qualquer voz que possa estar falando conosco do céu...

– Ou não – interrompeu Warren.

– Ou talvez – respondeu o padre.

Warren estudou o rosto do padre Carroll. Ele parecia diferente. Mais calmo. Quase sorridente.

– O senhor *acredita* nesse milagre, padre?

Os clérigos se inclinaram à frente. A Igreja de São Vicente era a maior da cidade. A opinião do padre Carroll era essencial.

– Continuo... cético – respondeu, cauteloso. – Mas liguei para o bispo para marcar uma visita.

Todos trocaram olhares. Era uma notícia importante.

– Com o devido respeito, padre – retrucou Warren –, os dois fiéis pertencem à nossa igreja há muito tempo. À Igreja Batista. O senhor sabe disso.

– Eu sei.

– Então o bispo... se vier aqui... não falará com eles, já que não são católicos.

– Isso é verdade.

O padre Carroll inclinou a cabeça e cruzou as mãos sobre o colo. Tinha entendido.

Havia outro motivo.

☿ O que o padre Carroll não tinha revelado era que dois dias antes ele recebera uma mensagem em nome de uma antiga paroquiana, Tess Rafferty. Ele poderia ir à casa dela? Era importantíssimo.

Até ali, ele tratara aquelas histórias de ligações “do outro mundo” como uma grande bobagem. Como enganações. O contrário – que o Senhor, em Sua infinita sabedoria, tivesse esquecido a Igreja Católica ao revelar Seu paraíso eterno ao mundo dos vivos... e preferido o atrapalhado pastor Warren

a ele – seria difícil demais de aceitar.

Tess Rafferty mudou tudo aquilo. Na cozinha de sua casa, que sobrevivera a um incêndio recente, aquela mulher magra e de pouca fé revelou que ela também tinha recebido um contato do além – da falecida mãe, Ruth, de quem o padre Carroll se lembrava muito bem. O mais importante, de acordo com os cálculos de Carroll, era que seu primeiro telefonema tinha sido recebido às 8h20, várias horas antes do de Katherine Yellin.

Essa era uma notícia muito boa para o padre Carroll, uma notícia que ele pretendia partilhar com o mundo cheio de ansiedade.

Se os mortais na Terra estavam sendo contatados por almas do céu, Tess, uma católica, havia sido a primeira.

☿ Na terça-feira à tarde, Sully foi buscar Jules na escola. Foi ao seu encontro assim que ele saiu pela porta.

– Oi, filhão.

– Oi.

– Como foram as coisas hoje?

– Bem. Peter brincou comigo.

– Peter? O menino sem os dentes da frente?

– É.

Caminharam até o carro. Sully baixou os olhos e viu algo azul-claro que saía do bolso do casaco do filho.

– O que é isso aí?

O menino não respondeu.

– Jules, o que é isso no seu bolso?

– Nada.

Sully abriu a porta do carro.

– Não é “nada”.

– Foi a professora que me deu. Podemos ir para casa?

Jules arrastou-se para o banco traseiro e cobriu o bolso com o braço. Sully suspirou e afastou o braço do filho.

Era um celular de plástico.

– Ah, Jules...

O menino tentou pegar o aparelho de volta, mas Sully o afastou.

– Não é seu – gritou Jules, alto o suficiente para atrair olhares de pais que estavam por perto.

– Tudo bem, tudo bem – cedeu Sully, devolvendo-o.

Jules enfiou-o no bolso.

– Isso é por causa da mamãe? – perguntou Sully.

– Não.

– Foi por isso que você o pediu?

– Não.

– O que a professora disse?

– Que eu podia falar com minha mãe, se quisesse.

– Como?

– Posso fechar os olhos e usar o telefone.

– E?

– E pode ser que mamãe me telefone, como aconteceu com aquelas outras pessoas.

Sully estava atordoado. Por que uma professora diria uma coisa dessas? Já bastava o que o menino estava sofrendo. Por que lhe dar uma falsa esperança? Será que a cidade inteira tinha enlouquecido? A multidão na loja de celulares, aquele vídeo na Internet, os malucos rezando no gramado de Katherine Yellin, como se ela fosse uma espécie de profetisa...

– Jules, não quero ver você agarrado a essa coisa, entendeu?

– Por que não?

– Porque é só um brinquedo.

– E daí?

– Não serve para o que você quer.

– Como *você* sabe?

– Eu simplesmente sei.

– Não, não sabe!

Sully ligou o motor e deu um suspiro tão profundo que seu peito chegou a doer. Quando chegaram à casa de seus pais, Jules abriu a porta e correu

para dentro sem olhar para trás.

☿ Quinze minutos depois, Sully dirigia sozinho pela Rota 8, a estrada de apenas duas pistas que ligava Coldwater ao mundo exterior. Ainda estava furioso. Queria voltar à escola, encontrar a professora e gritar: “A senhora tem ideia do que está fazendo?” Faria isso no dia seguinte. Agora precisava trabalhar: tinha que descontar um cheque de uma loja de móveis em Moss Hill. A estrada estava molhada depois de uma neve fina e ele ligou o limpador de para-brisa para afastar a sujeira que os outros veículos faziam respingar no seu vidro dianteiro.

Depois de uma curva, chegou à área conhecida como Lankers Field e viu a antiga placa que dizia VOCÊ ESTÁ SAINDO DE COLDWATER – OBRIGADO PELA VISITA.

Piscou repetidamente.

Uma inscrição tinha sido colada na parte de baixo: VOCÊ FOI SALVO? Atrás, no campo, espalhavam-se mais de dez carros e trailers. Havia grandes barracas brancas e cerca de quarenta pessoas com casacos pesados perambulavam por ali, algumas lendo livros, outras cavando buracos para abrigar fogueiras, uma tocando violão. Sully pensou em peregrinações religiosas, com a diferença de que estas aconteciam em lugares como o rio Ganges, na Índia, ou Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade do México, não em Lankers Field, onde ele costumava andar de bicicleta para acender bombinhas com os colegas de escola.

Isso precisa acabar, Sully disse a si mesmo enquanto reduzia a velocidade do carro. Adoradores de um culto? Especialistas em paranormalidade? O que viria a seguir?

Estacionou o carro e abriu a janela. Um homem de meia-idade, nariz adunco e cabelos grisalhos amarrados em um rabo de cavalo avançou alguns passos na sua direção.

- O que está acontecendo? – perguntou Sully.
- Olá, irmão.
- O que é tudo isto?

– Aqui é um lugar sagrado. Onde Deus fala aos seus filhos.

Sully ficou furioso ao ouvir a palavra *filhos*.

– Quem lhe disse isso?

O homem percebeu a expressão de Sully e forçou um sorriso.

– Nós sentimos. Gostaria de orar conosco, irmão? Talvez sinta o mesmo.

– Na verdade, eu moro aqui. E você está errado. Ninguém está falando com ninguém.

O homem uniu as mãos em prece e sorriu de novo.

– Meu Deus – murmurou Sully.

– Isso mesmo, irmão – disse o homem.

Sully pisou fundo no acelerador e saiu cantando pneu. Queria gritar com todos aqueles fiéis idiotas, com aquelas pessoas cavando buracos, com aquela tocando violão, com a professora de Jules, com os clientes na loja de celulares. *“Acordem! Os vivos não podem falar com os mortos. Se pudessem, não acham que eu tambémalaria? Acham que eu não trocariaria o ar que respiro por uma única palavra de minha esposa? Isso não acontece. Não há Deus que faça algo assim. Não existe milagre nenhum em Coldwater. É algum tipo de truque, uma trapaça, uma fraude, um enorme embuste.”*

Ele não aguentava mais. Procuraria a professora de Jules. O maldito conselho escolar inteiro, caso fosse preciso. E não faria só isso. Também lutaria contra toda aquela mentira sobre o céu. Mostraria que tudo não passava de uma enganação. Talvez até fosse preso, talvez passasse uma grande vergonha, talvez estivesse prestes a iniciar uma fase horrível em sua vida, mas ele ainda tinha sua razão. Ainda sabia a diferença entre a verdade e a mentira. Ele faria por seu filho e por todos aqueles que tinham que lidar com uma perda real o que nunca ninguém havia feito por ele.

Iria ao fundo da história.

A nona semana

– Repita.

– Três mil e quatorze.

– De uma só loja?

– É.

– Quantos eles costumam ter em estoque?

– Quatro.

– Ligo pra você depois.

Terry Ulrich, vice-presidente regional da Samsung, desligou e anotou alguns números. O distribuidor Dial-Tek em Coldwater, Michigan, tinha feito um pedido surreal de um único modelo de telefone, o Samsung 5GH. Não era um aparelho extraordinário. Era do tipo *flip*, fazia chamadas e, com o plano adequado, se conectava à Internet. Mas era só. Os telefones atuais faziam muito mais – gravavam vídeos, rodavam jogos. Por que uma loja venderia milhares de unidades de um modelo ultrapassado?

A resposta, Terry acabara de ser informado, era que o Samsung 5GH era o telefone que estava sendo usado por uma mulher que afirmava falar com o além.

E ela o comprara na loja de Coldwater.

Terry esfregou o queixo com dois dedos e olhou pela janela para os arranha-céus no horizonte de Chicago. Só nesse pedido o lucro se aproximaria dos seis dígitos. Ele voltou a atenção para o computador, fez uma pesquisa na Internet e encontrou uma série de matérias sobre o fenômeno de Coldwater. Assistiu a um vídeo da Nine Action News de Alpena, que achou sentimental demais. No entanto, quando viu quantos acessos o vídeo tinha tido, pegou o telefone imediatamente.

– Peça para o pessoal do marketing vir aqui. Agora.

☿ A mãe de Alexander Bell era surda. Para falar com ela, as pessoas utilizavam um longo tubo de borracha. Mas não Alexander. Ele logo percebeu que a mãe o entendia melhor quando ele aproximava a boca da testa dela e falava em tom grave e sonoro. As vibrações de sua voz eram mais bem absorvidas dessa forma – princípio que um dia seria fundamental para o desenvolvimento do telefone.

Quando Giselle estava no hospital, era desse modo que Sully falava com ela, com os lábios perto da sua testa, a voz grave vibrando com todas as lembranças em que conseguia pensar.

Lembra-se do nosso primeiro apartamento? Da pia amarela? Da Itália? Do sorvete de pistache? De quando Jules nasceu?

E assim ele continuava, às vezes durante uma hora, na esperança de que as vibrações fossem captadas por ela. Ele sempre conseguira fazê-la rir. Sonhava encontrar uma lembrança tão engraçada que a fizesse sair do coma e dizer: “Ah, sim, claro que *me lembro!*”

Isso nunca aconteceu. Mas Sully jamais deixou de tentar. Mesmo na prisão, sentava-se sozinho, de olhos fechados, e ficava repetindo lembranças, como se seus pensamentos pudessem de algum modo chegar a Giselle na cama do hospital. Desde o momento do desastre até o dia em que ela morreu, tudo o que ele realmente queria era ouvir sua voz.

Ouvir sua voz.

Isso jamais ocorreu.

Fora por isso que as histórias de Coldwater o tinham incomodado tanto. Também fora por isso que na segunda-feira de manhã ele pegou blocos e pastas no almoxarifado do *Gazette* e comprou um pequeno gravador para começar a própria investigação.

Tudo o que aquelas pessoas alegavam, ele já tentara. Já ligara para Giselle e não tivera resposta. Não havia além. Os mortos estavam mortos.

Era hora de todos aceitarem isso.

☿ Em Coldwater, o maior local coberto para reuniões era o ginásio da escola de ensino médio. Com as arquibancadas e a colocação de cadeiras dobráveis, o lugar podia acomodar quase duas mil pessoas.

Às seis da tarde de terça-feira, todos os assentos estavam ocupados.

Um pequeno pódio tinha sido erguido contra a parede dos fundos, sob uma bandeira americana e um cartaz vermelho e branco em que se lia TIME DE BASQUETE DE COLDWATER – CAMPEÃO REGIONAL EM 1973, 1998 E 2004. Sentados no pódio estavam o padre Carroll, o pastor Warren e um parlamentar do distrito, com a barriga enorme caindo por cima do cinto e que não parava de enxugar a testa com um lenço. Jack Sellers também estava presente, uniformizado, um sinal de que o decoro seria mantido.

O prefeito Jeff Jacoby, usando uma camisa de gola aberta e um casaco esportivo azul-marinho, subiu no pódio e colocou as mãos no microfone. Suas primeiras palavras – “Boa noite” – soaram apenas como um chiado. As pessoas cobriram os ouvidos.

– Alô?... Testando, testando... está melhor?

A reunião estava limitada aos moradores de Coldwater, que precisavam apresentar a carteira de motorista na entrada. A presença dos meios de comunicação não tinha sido permitida, mas os repórteres esperavam do lado de fora, sentados em seus carros, com os motores ligados. As pessoas que tinham montado acampamento por perto também estavam lá, reunidas no estacionamento, ao pé de um poste de luz, aquecendo as mãos em uma fogueira improvisada em uma lata de lixo de metal. Os policiais Ray e Dyson patrulhavam o local, ao mesmo tempo que se perguntavam o que fariam em caso de confusão, dois pobres oficiais para conter toda aquela gente.

Dentro do ginásio, o prefeito solucionara o problema do microfone.

– Então – começou –, acredito que todos saibam por que estamos aqui. O que aconteceu em Coldwater... e com você, Katherine... foi notável.

Sentada na primeira fila, Katherine fez um leve movimento com a cabeça e a multidão murmurou em aprovação.

– Mas isso também nos trouxe muitos desafios.

Mais murmúrios.

– Agora precisamos nos preocupar com os visitantes, os congestionamentos, a segurança pública e os meios de comunicação.

Murmúrios mais altos. Jack remexeu-se na cadeira.

– Esses são alguns dos assuntos que abordaremos esta noite. Primeiro, padre Carroll, quer começar?

O religioso foi até o microfone e o ajustou enquanto o pastor Warren observava pacientemente. O pastor dissera ao prefeito que não se sentia à vontade diante de uma plateia não religiosa, que o padre Carroll era muito melhor nesse tipo de coisa. Até no gestual. Quase um membro da realeza, Warren pensou.

– Primeiro, oremos – conclamou o padre Carroll. – Que o Senhor nos dê forças esta noite...

Enquanto as pessoas baixavam a cabeça, Sully, sentado em um banco no corredor, enfiou a mão no bolso do casaco e apalpou seu caderno de anotações. No outro bolso, pressionou a tecla REC do pequeno gravador.

– Meus amigos, nem sempre sabemos quais são os planos do Senhor – continuou o padre. – A Bíblia está repleta de heróis improváveis, que relutam em ouvir o chamado. Moisés não queria falar com o Faraó. Jonas escondeu-se do Senhor. O jovem João Marcos abandonou Paulo e Barnabé. O medo faz parte de nossa essência. Deus sabe bem...

As pessoas concordaram com a cabeça. Algumas gritaram “Amém!”.

– O que tenho a pedir hoje, aqui, é: não tenham medo. Vocês estão entre amigos. Entre vizinhos. As Escrituras nos ensinam que devemos espalhar as boas-novas. E esta é uma boa-nova.

O pastor Warren olhou para os outros clérigos, confuso. O padre Carroll não deveria oferecer uma simples bênção?

– Assim, para começar, pergunto: quem, entre os presentes, recebeu uma palavra do céu? Ou acredita ter recebido? Digam quem são, e como foram abençoados.

Um murmúrio percorreu a multidão. Ninguém esperava aquilo. Uma conclamação pública dos milagres? As pessoas olhavam umas para as outras, se interrogando com o olhar.

Katherine Yellin, sentada na primeira fila, levantou-se, orgulhosa, com as

mãos juntas.

– Eu recebi. Da minha irmã – declarou. – Diane Yellin. Deus seja louvado!

A multidão assentiu com a cabeça. Todos conheciam Katherine. As pessoas começaram a olhar à sua volta, à procura dos demais. *Onde está Elias Rowe?* Tess, sentada cinco filas à frente, virou-se para o pódio. O padre Carroll fez um sinal com a cabeça. Ela fechou os olhos, viu o rosto da mãe, suspirou e levantou-se.

– Eu também recebi, da minha mãe, Ruth Rafferty! – anunciou.

As pessoas arquejaram. Katherine estava boquiaberta.

De repente, do lado esquerdo, outra voz:

– Eu recebi, do meu filho!

Cabeças se viraram. Jack arregalou os olhos.

– Robbie Sellers, que morreu no Afeganistão – completou Doreen.

Ela estava de pé, as mãos entrelaçadas. Olhou para Jack no pódio, e ele de repente teve a sensação de que a plateia inteira também o observava. Ele fitou Tess, mas ela desviou o olhar. A multidão sussurrava: *Três? Agora são três?*

Um indiano levantou-se lá na frente.

– Minha filha me ligou! Deus seja louvado!

Um pouco atrás, outro homem aproveitou a deixa:

– Minha ex-esposa!

Depois uma adolescente:

– Minha melhor amiga!

Um homem de terno:

– Meu ex-sócio!

A cada declaração as reações se tornavam mais ruidosas, como a trilha sonora de um filme quando a tensão aumenta. Sully rabiscava depressa no seu bloco de anotações, tentando fazer associações para mais tarde lembrar-se dos rostos.

Quando a multidão se acalmou, havia sete moradores de Coldwater de pé, afirmando terem feito o que parecia inimaginável: falar com o além.

O silêncio tomou conta do ginásio. Jeff puxou o padre Carroll para o lado.

– Meu Deus, padre – sussurrou. – O que faremos agora?

Quatro dias depois

NOTICIÁRIO

ABC News

APRESENTADOR: Para terminar, esta noite vamos a uma pequena cidade em Michigan onde os habitantes afirmam ter reencontrado seus entes queridos da maneira mais estranha possível. Alan Jeremy dá os detalhes.

(Imagens de Coldwater.)

ALAN: A população é de menos de quatro mil pessoas. A indústria mais representativa é um moinho de sidra. Coldwater, no estado de Michigan, não é diferente de milhares de pequenas cidades norte-americanas, pelo menos não era, até as pessoas começarem a receber telefonemas que juram ter vindo do céu.

(Trechos curtos de áudio.)

TESS: Minha mãe me ligou muitas vezes.

DOREEN: Meu filho mantém contato regular comigo.

ADOLESCENTE: Minha amiga morreu em um acidente de carro no ano passado. Há três semanas, ela telefonou e disse que eu devia parar de chorar.

(Fotos da falecida.)

ALAN: O fator comum é que todas as pessoas que telefonam estão mortas, algumas há anos. Esse fenômeno aparentemente impossível levanta questões difíceis para o clero.

PADRE CARROLL: Precisamos estar abertos aos milagres de Deus. Muitas pessoas estão voltando à igreja após saber dessas ligações. Talvez seja essa a vontade do Senhor.

(Cenas de grupos de pessoas em oração.)

ALAN: Coldwater está rapidamente se tornando uma meca para fiéis, e cultos improvisados são realizados em estacionamentos ou áreas abertas. A polícia local

está sobrecarregada.

(Rosto do chefe de polícia, Jack Sellers.)

JACK: Somos um departamento pequeno. Não podemos estar em todos os lugares. Apenas pedimos que as pessoas respeitem a privacidade das outras e façam suas orações em horários razoáveis, entendem? Não à meia-noite.

(Imagens de arquivo.)

ALAN: Dos clarividentes às sessões de espiritismo, os seres humanos sempre afirmaram conversar com os mortos. Pesquisadores do FVE, o Fenômeno da Voz Eletrônica, acreditam que Coldwater não é o primeiro lugar a ouvir vozes do além.

(Rosto de Leonard Kopley, especialista em paranormalidade.)

LEONARD: Ouvimos relatos da existência de gravadores que captam a voz dos mortos, de máquinas que fazem a varredura de frequências de rádio e recebem sinais muito estranhos. Esta, no entanto, é a primeira vez que o telefone é usado com tanta regularidade. É apenas uma nova etapa em nossa relação com o além.

(Imagem de um outdoor da Samsung.)

ALAN: Até a Samsung se juntou à festa. Esse outdoor, que mostra nuvens esparsas, o telefone usado por um dos felizes recebedores de ligações e a palavra DIVINO, está agora afixado na Rota 8.

(Rosto de Terry Ulrich, executivo da Samsung.)

TERRY: Não criamos o telefone com esse objetivo, mas estamos satisfeitos com o fato de ele ter sido “escolhido”. Estamos honrados e sensibilizados. Além disso, garantimos que o modelo está disponível em ampla escala.

(Imagem de um cientista em sua mesa de trabalho.)

ALAN: Como era de esperar, as declarações dos habitantes de Coldwater foram logo colocadas em dúvida. Daniel Fromman pertence à organização internacional Cientistas Responsáveis, em Washington.

(Close de um cientista em conversa com Alan.)

FROMMAN: O serviço telefônico é uma atividade criada pelo homem, assim como os satélites e os aparelhos de transmissão. O contato que essas pessoas sugerem não é apenas impossível, é risível. Não é de modo algum uma questão que deva ser levada a sério.

ALAN: Então como o senhor explica as chamadas?

FROMMAN: As ligações que as pessoas alegam receber?

ALAN: Está sugerindo que elas estão mentindo?

FROMMAN: Estou sugerindo que pessoas de luto podem imaginar muitas coisas. Isso faz com que se sintam melhor. Mas isso não torna a situação real.

(Alan, de pé ao lado de uma enorme barraca.)

ALAN: Ainda assim, os fiéis chegam em massa a Coldwater.

(Rosto de um homem de cabelos grisalhos.)

HOMEM: Isso é um sinal. A eternidade existe, o céu existe, a salvação existe, mas seria melhor que as pessoas acertassem suas contas direto com o Senhor! O Dia do Julgamento está próximo.

(Close de Alan.)

ALAN: Real ou imaginária, alguma coisa está acontecendo enquanto o inverno se aproxima desta cidadezinha do Meio-Oeste. Mas o quê, exatamente? Muitas pessoas aqui dizem que é preciso orar para saber. De Coldwater, Alan Jeremy.

(De volta ao estúdio.)

APRESENTADOR: Em nome de toda a equipe da ABC NEWS, boa noite.

A décima semana

No primeiro dia de novembro, Coldwater estava lotada. Carros bloqueavam as ruas. Não existia mais lugar para estacionar. Havia filas imensas no mercado, no banco, no posto de gasolina e em qualquer lugar que servisse comida ou bebida.

Na terça à noite, Sully espremeu-se por entre a multidão na Lake Street, as mãos enfiadas nos bolsos, e passou diante de um grupo de jovens que cantavam salmos sentados no capô de um carro. Ele se dirigia à Biblioteca Pública de Coldwater, um prédio baixo de tijolos brancos com uma bandeira americana na entrada e uma placa que mostrava uma mensagem diferente a cada semana. A daquela semana dizia: MOSTRE SUA GRATIDÃO! DOE UM LIVRO USADO NO DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS!

Eram quase oito horas, e Sully constatou com prazer que as luzes ainda estavam acesas. Como não tinha acesso à Internet de casa nem cogitava a ideia de usar os computadores do *Gazette* (ele não queria que soubessem o que estava fazendo, principalmente os jornalistas), aquela era a melhor – e única – opção para fazer pesquisa. Ali, naquela biblioteca, ele já escrevera resumos de livros na época do ensino fundamental.

Entrou. O local parecia deserto.

– Olá?

Ouviu um ruído que vinha de uma mesa no fundo. Uma jovem de cerca de 20 anos esticou-se para ser vista.

– Está frio lá fora?

– Muito – respondeu Sully. – Você é a bibliotecária? Ainda é assim que se diz?

– Depende. Ainda se diz que alguém é leitor?

– Acho que sim.

– Então sou a bibliotecária.

Ela sorriu. Tinha os cabelos pintados de roxo, cortados bem curtos, e com uma mecha vermelha. Usava óculos cor-de-rosa. Sua pele era impecável.

– Você parece muito jovem – comentou Sully.

– Minha avó trabalhava aqui antes de mim. Era uma bibliotecária à moda antiga.

– Ah.

– Eleanor Udell.

– É o seu nome?

– Da minha avó.

– Eu tive uma professora chamada Sra. Udell.

– Você estudou na escola de Coldwater?

– Estudei.

– A Sra. Udell era professora do terceiro ano?

– Era.

– Era minha avó.

– Ah, meu Deus. – Sully fechou os olhos. – Você é neta da Sra. Udell!

– Sou bem jovem mesmo, né?

Sully balançou a cabeça.

– Enfim, imagino que vocês tenham um computador aqui.

– Ahã. Logo ali.

Ele olhou para o local indicado. Era um modelo bege, de torre. Parecia antigo.

– Posso...?

– Claro. Fique à vontade.

Ele tirou o casaco.

– Aliás, meu nome é Liz.

– Hum?

– Meu nome é Liz.

– Ah. Prazer, Liz.

Sully movimentou o mouse sobre a mesa, mas nada aconteceu na tela.

– Isto deveria estar funcionando?

– Ah, você precisa fazer login.

Liz levantou-se. Sully ficou surpreso. Apesar de ter um rosto que era o retrato perfeito da saúde e da juventude, a perna esquerda de Liz era torta e ela mancava muito, o que afetava também seu pé direito. Seus braços pareciam um pouco curtos demais para o corpo.

– Deixe que eu faço isso – disse, passando bem perto dele.

Sully saiu do caminho quase rápido demais.

– Tenho esclerose múltipla – explicou ela, sorrindo. – Caso você tenha pensado que se tratava de um novo passo de dança.

– Não... eu sei... eu...

Sully sentiu-se um idiota. Ela digitou uma senha e a tela se iluminou.

– Você está pesquisando sobre a vida após a morte?

– Por que perguntou isso?

– Ora, Coldwater parece que se transformou num 0800-Além agora.

– Não foi por isso que vim aqui.

Ele pegou um maço de cigarros.

– Não é permitido fumar na biblioteca.

– Ah, sim.

Recolocou o maço no bolso.

– Vai à reunião? – perguntou Liz.

– Que reunião?

– A que vai haver na escola. Que coisa maluca! Toda aquela gente recebendo ligações de parentes mortos...

– Você acredita nisso?

– Não mesmo. É estranho demais. Tem alguma coisa acontecendo.

– O quê, por exemplo?

– Não sei.

Ela movimentou o mouse e observou o cursor disparar pela tela.

– Mas seria ótimo, não? Poder falar com todos os que já perdemos?

– Acho que sim.

Ele visualizou a imagem de Giselle. Ela tinha mais ou menos a idade daquela jovem quando os dois se conheceram, numa noite de quinta-feira, na pizzaria Giuseppe, bem ao lado do campus. Giselle trabalhava como

garçonete. Usava uma blusa roxa justa e uma saia envelope preta como uniforme. Tinha olhos tão vivos que Sully pediu seu número de telefone na frente de todos os amigos. Ela riu e rebateu: “Não saio com alunos da faculdade.” No entanto, quando ela entregou a conta, ele viu um número de telefone no verso com as palavras “a não ser que sejam bonitos”.

– Enfim... – disse Liz, batendo duas vezes nas coxas com as mãos espalmadas.

– Obrigado.

– De nada.

– A que horas vocês fecham?

– Hoje e quinta, às nove. Nos outros dias, às seis.

– Certo.

– Grite se precisar de alguma coisa. Embora oficialmente você deva – ela abaixou a voz – *sussurrar*.

Sully sorriu. Ela voltou para sua mesa enquanto ele observava seu andar dolorosamente manco, a incômoda torção do corpo jovem.

– Sully – disse ele. – Meu nome é Sully Harding.

– Eu sei – respondeu ela, sem se virar.

🌀 Horas depois, sozinha em seu quarto, Katherine puxou as cobertas e enfiou-se embaixo delas. Fixou os olhos no teto e começou a chorar.

Fazia dias que ela não ia trabalhar. Não falara com nenhum dos fiéis no seu jardim. Sentia-se violada. Traída. O que fora uma bênção particular se transformara em um circo. Ela ainda via a multidão no ginásio passar por ela e aglomerar-se ao redor de outras pessoas que garantiam ter feito contato com o céu. A movimentação era ruidosa e confusa, e o prefeito não parava de gritar ao microfone: “Uma nova reunião será organizada! Por favor, informem-se com as autoridades locais!”

O cenário do lado de fora era ainda pior. O clarão das luzes das câmeras; a cacofonia de gritos, orações, conversas acaloradas; pessoas apontando, assentindo com a cabeça, agarrando o braço umas das outras para partilhar algum detalhe que tinham acabado de ouvir.

Mais seis pessoas? Impossível. Era evidente que elas tinham ficado com inveja do seu contato com Diane e, em desespero, inventaram as próprias histórias. Elias Rowe, por exemplo. Ele deu um depoimento e depois sumiu, provavelmente constrangido por sua mentira. Uma amiga adolescente? Um ex-sócio nos negócios? Esses não eram os laços de sangue honrados pelo céu. Katherine se perguntou se alguma daquelas pessoas teria algum dia ido a uma igreja.

Ela ouviu o som acelerado da própria respiração. *Acalme-se. Pare de chorar. Pense em Diane. Pense no Senhor.*

Fechou os olhos. Seu peito subia e descia.

Então, o telefone tocou.

☿ Na manhã seguinte, Tess parou diante do espelho e prendeu os cabelos com um prendedor plástico. Abotoou a blusa até o pescoço e não colocou batom. Um encontro com um bispo católico requeria certa discrição.

– Está bom assim? – perguntou ao entrar na cozinha.

– Está ótimo – respondeu Samantha.

Samantha agora passava grande parte do tempo com Tess. Ficava atenta ao telefone sempre que a amiga precisava se ausentar. Como as ligações não aconteciam mais só às sextas-feiras, Tess ficava preocupada, pois não queria perder uma sequer. Sentia-se uma idiota por se deixar dominar por um telefone. No entanto, quando ouvia a voz da mãe, uma sensação indescritível a invadia, fazendo-a esquecer o lado ruim da vida.

– *Não considere isto um fardo, Tess* – dissera sua mãe.

– Mamãe, preciso contar para alguém.

– *O que a impede, querida? Conte para todos.*

– Liguei para o padre Carroll.

– *É um começo.*

– Há muito tempo não vou à igreja.

– *Mas... você tem ido até Deus. Todas as noites.*

Tess assustou-se. Ela fazia suas orações em particular, antes de dormir, mas só começara depois da morte da mãe.

– Mamãe, como sabe disso?

A linha silenciou.

Tess olhou para Samantha. Elas ouviram a batida da porta de um carro. Pouco depois, a campainha tocou.

☿ O padre Carroll entrou atrás de seu acompanhante, o bispo Bernard Hibbing, da Diocese Católica Romana de Gaylord, um homem de rosto largo e corado, óculos com armação de metal e trazendo uma cruz pendurada à altura do peito. Depois que os mandou entrar, Tess percebeu uma multidão do outro lado da rua. Fechou a porta depressa.

– Aceitam uma xícara de café? Ou um chá? – perguntou.

– Não, obrigado – responderam os dois.

– Vamos nos sentar aqui.

– Ótimo.

– Então – começou Tess, olhando para eles. – Como vamos fazer?

– Bem, o mais simples – falou o bispo Hibbing – é você nos contar o que aconteceu. Desde o início.

Ele recostou-se na cadeira. Era obrigação do bispo investigar acontecimentos alegadamente milagrosos e manter o ceticismo, já que a maioria não passava de coincidência ou exagero. Se julgasse que algo divino tinha mesmo ocorrido, ele devia, no mesmo instante, levar o fato ao conhecimento do Vaticano, que, por sua vez, repassava a investigação para a Congregação para as Causas dos Santos.

Tess falou do triste falecimento da mãe, levada pelo Alzheimer. Em seguida, detalhou os telefonemas. O bispo Hibbing ouviu-a com atenção, em busca de pistas. Ela se considerava uma “eleita”? Acreditava ter iniciado aquele fenômeno? Nos dois casos, as respostas mereciam atenção. Os poucos milagres verdadeiros pareciam escolher suas testemunhas, não o contrário.

– Conte-me sobre sua infância. Alguma vez ouviu vozes?

– Não.

– Já teve visões ou revelações?

– Nada desse tipo.

- O que você faz da vida?
- Sou diretora de uma creche.
- Para crianças carentes?
- Algumas são. Aceitamos crianças cujos pais não podem pagar. Não é bom para os negócios, mas, o senhor sabe...

Ela deu de ombros. O bispo Hibbing fazia anotações. Ele duvidava que o caso Coldwater tivesse relação com a Igreja. Havia uma diferença entre o milagre e a paranormalidade. O aparecimento de sangue em uma estátua da Virgem Maria e o encontro de Santa Teresa de Ávila com um anjo brandindo uma espada pelo menos envolviam um contato sagrado. Falar com fantasmas, não.

Por outro lado, as ligações suscitavam sérias preocupações. Essa era a razão do envolvimento do bispo Hibbing, de quem os superiores na Igreja Católica esperavam um rápido e discreto relatório.

Se as pessoas de fato acreditavam que estavam se comunicando com o céu, quanto tempo levariam para imaginar que receberiam uma mensagem do Senhor?

☿ – Nessas conversas – continuou o bispo –, sua mãe fala sobre Jesus?

- Fala.
 - E sobre Deus Pai?
 - Muitas vezes.
 - Sobre a graça de Deus?
 - Ela diz que estamos todos perdoados. Os telefonemas são muito curtos.
 - O que ela lhe pediu para fazer com as mensagens que envia?
- Tess olhou para Samantha.
- Pediu que eu contasse sobre elas para todo mundo.
 - Todo mundo?
 - Isso.
- O bispo trocou olhares com o padre Carroll.
- Posso ver o telefone?
- Tess mostrou-lhe o aparelho. Acionou a antiga secretária eletrônica com a

primeira mensagem e a voz de sua mãe. Eles a ouviram várias vezes. A pedido do bispo, Tess reuniu diversas fotos da família, assim como o obituário de sua mãe que o *Gazette* publicara.

Em seguida, o padre Carroll e o bispo Hibbing reuniram suas coisas.

– Obrigado pelo seu tempo – disse o bispo.

– E agora? – quis saber Tess.

– Que tal orarmos? – sugeriu o padre Carroll.

– Sim, devemos todos orar – concordou o bispo Hibbing.

Os dois sorriram e se despediram.

Quando abriram a porta, um grupo de repórteres de televisão os esperava na calçada.

🌀 A vida na delegacia sofrera uma mudança radical. Desde a reunião geral, os telefones não tinham parado de tocar. Quando as ligações não se referiam a aglomerações, reclamações sobre barulho, carros estacionados em gramados ou visitantes pedindo informações, eram as emissoras de rádio ou os jornais pedindo a Jack Sellers uma declaração sobre as afirmações de sua ex-mulher ou ajuda para convencê-la a falar em uma igreja ou fazer uma conferência sobre a vida após a morte. O número do celular de Doreen não constava do catálogo, mas “Departamento de Polícia de Coldwater” era fácil de encontrar.

Jack tinha mentido na primeira vez em que perguntaram “O senhor também recebeu uma ligação, delegado?”. Depois, não tivera escolha a não ser manter a mentira. Seus dias eram uma sucessão de negações tanto na vida particular quanto na profissional: ele mandava as pessoas circularem, se dispersarem, se acalmarem, mesmo sabendo que as suspeitas delas eram legítimas. No fim de cada dia, ele se sentia totalmente esgotado.

O que tornava tudo aquilo suportável – a única coisa, na verdade – era o som da voz de Robbie. Os telefonemas continuavam, regulares, e Jack percebia como sentira falta de falar com o filho, como tinha lutado para encobrir seu sofrimento desde o velório. Voltar a ouvi-lo era como curar a ferida em seu coração, fazendo-a enfim cicatrizar.

– Filho, sua mãe já contou a todos – dissera ele no telefonema mais recente.

– *Eu sei, pai.*

– A cidade inteira estava lá.

– *Que legal!*

– Ela fez a coisa certa?

– *Deus quer que as pessoas aprendam...*

– Aprendam o quê?

– *A não ter medo... Pai, eu tinha tanto medo quando estava na guerra... Todos os dias eu temia pela minha vida, tinha medo de perdê-la... Mas agora eu sei.*

– Sabe o quê?

– *Que é o medo que nos faz perder a vida... um pouco de cada vez... O que damos ao medo, retiramos... da fé.*

Essas palavras deixaram Jack arrepiado. Onde estava a sua fé? Por que sentia tanto medo de agir como Doreen, que se levantara e contara a todos? Sua reputação era tão importante para ele?

– Robbie?

– *Sim?*

– Você não vai parar de me ligar, não é?

– *Não tenha medo, pai... O fim não é o fim.*

Então a ligação caiu. *O fim não é o fim.* Jack sentiu as lágrimas correrem, mas não as secou. O choro também fazia parte do milagre, e ele queria que tanto uma coisa quanto a outra continuassem pelo maior tempo possível.

🌀 Sully movimentou o mouse. Esfregou os olhos. Era o meio da manhã e ele estava na biblioteca desde que deixara Jules na escola. Estava surpreso com o que encontrara pesquisando apenas sobre “contato com a vida após a morte”. Havia tantos depoimentos! De vozes ouvidas em sonhos e clarividentes que afirmavam ver os mortos até médiuns que psicografavam mensagens do mundo dos espíritos. Muitas pessoas insistiam que tinham recebido telefonemas de entes queridos horas após sua morte, antes que os corpos fossem encontrados. Muitas pesquisas foram dedicadas ao Fenômeno

da Voz Eletrônica que a rede ABC noticiara: a voz dos mortos é, de algum modo, captada em gravações ou nas chamadas “rádios fantasmas”. Sully leu a história de um pintor sueco que cinquenta anos atrás estava gravando o canto dos pássaros e, ao reproduzir a fita, ouviu a voz de sua falecida esposa.

Sully então acessou um site relacionado a outro assunto.

Uma hora mais tarde, desistiu de navegar, deu um longo suspiro e voltou às anotações em seu bloco amarelo. Sete pessoas tinham se manifestado no ginásio, e ele não conseguira encontrar nada sobre elas. Tudo o que ele tinha era uma suspeita de que os telefonemas não eram verdadeiros. Mas, nesse caso, o que seriam? E, se não vinham do céu, de onde viriam?

Como fizera durante seu período militar, Sully reuniu dados e analisou-os para tentar estabelecer um padrão. Aprendera, na Marinha, a ser metódico e sistemático. Naquela época, seus dados eram os mapas, o clima, as falhas nas aeronaves, as informações de inteligência. Desta vez, ele reuniu os sete nomes, procurou seus endereços nos registros locais, encontrou a maioria dos números de telefone na Internet e, numa conversa informal durante um almoço com Ron Jennings, do *Gazette*, conseguiu uma boa quantidade de informações sobre cada uma das pessoas. Fez anotações rápidas no lado esquerdo do bloco, depois criou uma coluna à direita intitulada CONEXÕES?

As pessoas estavam ligadas entre si de alguma forma? Não. Moravam na mesma rua? Não. Frequentavam a mesma igreja? Não. Trabalhavam na mesma área? Provavelmente não. Eram do mesmo sexo? Não. Tinham a mesma idade? Não. Seus sobrenomes começavam com a mesma letra? Não. Todas elas tinham filhos? Não.

Sully correu a caneta de forma distraída pelo papel. Olhou para Liz atrás de sua mesa, com fones nos ouvidos. Ela surpreendeu-o e sorriu, balançando exageradamente a cabeça no ritmo da música que escutava.

De repente, o celular de Sully tocou. O *Gazette* tinha lhe dado um, recomendando que o mantivesse sempre ligado, na certa para garantir que ele não ficaria à toa durante o expediente, como estava naquele instante.

– Alô? – disse ele em voz baixa.

– Oi, é o Ron. Onde você está?

– Abastecendo. O que houve?

– Esqueci de colocar um cliente na folha. Pode cuidar disso à tarde?
Sully nem tinha ido aos três que devia ter visitado naquela manhã.

– Quem é o cliente?

– Davidson & Filhos.

Sully fez uma pausa.

– A funerária?

– Você conhece?

– Estive lá uma vez.

– Ah, meu Deus, é mesmo... Sinto muito, Sully.

Seguiu-se um silêncio constrangido.

– Sem problema – retrucou Sully. – Eu não sabia que eles anunciavam no jornal.

– São um dos clientes mais antigos. Procure o Horace.

– É aquele alto? Meio pálido?

– Ele mesmo.

Sully sentiu um arrepio. Ele gostaria de nunca mais encontrar aquele homem.

– Fale para ele sobre a edição especial “Telefonemas do além”. Veja se ele tem interesse em uma página inteira.

– Está bem.

– Você está com a lista de preços?

– Estou.

– Uma página inteira seria ótimo.

– Vou tentar, Ron.

– Preciso desligar – disse Ron. – Tem um repórter de televisão à minha espera. Que maluquice, né?

Ele desligou. Sully esfregou a testa. Mais um repórter de televisão? Uma edição especial? A funerária?

– Ei! Nada de celular aqui dentro.

Sully ergueu os olhos. Liz estava em pé ao lado da mesa.

– Isto é uma biblioteca, lembra?

– Me desculpe.

– Preciso confiscá-lo?

– Não, senhora. Vou desligar.

– Promete?

– Prometo.

– Desta vez está perdoado.

– Obrigado.

– Com uma condição.

– Qual?

Ela sentou-se e colocou as mãos miúdas sobre a mesa. Fixou os olhos nas pontas dos dedos.

– Qual? – repetiu Sully.

– Me contar o que aconteceu com você.

Sully desviou o olhar.

– Como assim?

– Bem, eu trabalho em uma *biblioteca*. Leio coisas o dia inteiro. Você é *daqui*. Seus pais ainda *moram* aqui. As pessoas comentaram sobre o ocorrido na época. Quando seu avião bateu em outro. E você foi para a prisão.

– Ah, é? E o que elas disseram?

Ela recolheu as mãos e deu de ombros.

– De modo geral, todos lamentaram sua situação. Por causa de sua esposa e tudo o mais. – Encarou-o. – O que aconteceu de verdade?

Sully respirou fundo.

– Ora, vamos! Não vou contar a ninguém – insistiu ela.

Ele bateu com os nós dos dedos na mesa.

– Vou só desligar o telefone, ok?

🌀 *O que aconteceu de verdade?* As pessoas tinham feito essa pergunta desde o dia do acidente até o momento em que ele fora colocado atrás das grades.

O Aeródromo Lynton era um pequeno aeroporto em Ohio usado tanto por aviões civis quanto por militares. Num sábado de manhã, Sully se preparava para aterrissar. Tinha concordado em substituir Blake Pearson no comando do jato Hornet F/A-18 que deveria ser levado para o outro lado do país porque isso lhe daria a oportunidade de, durante suas duas semanas

obrigatórias de serviço de reserva, fazer uma escala e ver Giselle por algumas horas. Depois, continuaria o voo até a Costa Oeste, onde a aeronave era esperada ao anoitecer.

O avião estava envolvido pelas nuvens. Espremido na cabine para uma só pessoa, Sully conferiu os indicadores. Uma tempestade se aproximava, mas não chegava a interferir em seu plano de voo. Fez contato pelo rádio, falando através da máscara de oxigênio, de onde pendia um pequeno tubo em forma de tromba.

– Firebird 304 pronto para aterrissar – disse, transmitindo seu pedido de autorização para pouso.

Havia poucas pessoas de serviço naquela manhã. A maioria delas estava encerrando o turno da meia-noite e se preparando para ir embora. Elliot Gray, o controlador de tráfego aéreo, chegara naquele minuto. Ele tinha uma voz alta e anasalada, do tipo que ninguém gostaria de ouvir cantando.

Sully jamais se esqueceria daquela voz.

Por causa dela, ele tinha perdido tudo.

– Firebird 304, recebido e entendido – disse a voz rapidamente. – Autorizado na 27 da direita.

– Firebird 304, entendido – respondeu Sully.

Era a rotina: Sully sempre recebia autorização para aterrissar na pista da direita. Acionou o trem de pouso e ouviu o barulho das rodas descendo. Pensou que veria Giselle dentro de poucos minutos.

Quero ver você.

Também quero ver você.

Talvez eles fossem àquela creperia perto de Zanesville. Jules adorava waffles com sorvete.

– Torre de Lynton, Firebird 304 nos 8 quilômetros finais, 27, direita – anunciou Sully.

– Firebird 304, recebido e entendido. Aterrissagem autorizada na 27 da direita. Tráfego no padrão 27 esquerda.

Sully reduziu a velocidade. Com o trem de pouso abaixado, a sensação de voo mudava, como se o avião se transformasse de um foguete avançando suavemente em um grande tanque militar voador. Sully ajustou o ângulo, o

manete de combustível e colocou-se em posição descendente para a aproximação. Do lado de fora, nada a não ser nuvens.

Ele ouviu um chiado no rádio, algumas palavras truncadas. Talvez comunicações do tráfego da 27 esquerda, a outra pista. Esperou um pouco, mas não escutou mais nada.

A menos de 5 quilômetros do solo, Sully saiu com o Hornet da neblina. Viu a terra abaixo, recortada em imensos quadrados de campos plantados, árvores e fazendas. Avistou a pista. Estava no trajeto certo. Em dez minutos, estaria falando sobre crepes com a esposa.

E então...

Crash!

Um golpe surdo veio de baixo do avião. Um choque violento. O aparelho sacudia, fora de controle.

Que diabo está acontecendo?, perguntou-se Sully.

Era como se ele tivesse passado por cima de alguma coisa... a quase 300 metros do solo.

☿ Pilotar. Navegar. Comunicar.

Todos os instrutores ensinam aos pilotos de avião essa receita testada e aprovada de como proceder em caso de algum incidente aéreo.

Pilotar. Em caso de problema, continue a voar.

Navegar. Em seguida, entenda aonde é preciso ir.

Comunicar. Por fim, comunique à equipe em solo o que está acontecendo.

Quem executa qualquer uma das três etapas fora da ordem com certeza se dá mal. Por isso, antes mesmo de tentar saber de onde vinha o impacto, Sully aumentou a potência e tentou estabilizar.

Pilotar. Manter o maldito avião no ar. Em segundos, ele percebeu que essa era uma missão impossível. O painel de alerta piscava em vermelho. Os níveis baixavam. A sequência constante do alarme ressoava em seus ouvidos, *bip-bip-bip. Duzentos e cinquenta metros.* Ele perdia potência. A fuselagem começou a vibrar. *Duzentos metros.* Mesmo com o capacete, Sully ouvia o motor enfraquecer, o barulho diminuir e morrer.

Navegar. Ele conseguiria chegar ao campo de pouso? Verificou o ângulo de descida, depois o solo, e percebeu que não chegaria à pista. Além disso, por causa do estrago no avião, tentar mais uma passagem estava fora de questão. *Cento e sessenta metros.* Estava descendo depressa demais. Sem um lugar seguro para pousar, a escolha era clara: desviar a aeronave dos lugares habitados e dar-lhe adeus. *Cento e trinta metros.* Avistou uma clareira a menos de um quilômetro do campo de pouso e seguiu naquela direção.

Comunicar.

– Firebird 304 em estado de emergência! – gritou. – Aeronave fora de controle. Iniciando ejeção.

Ele praticava esse procedimento uma vez por ano em um simulador de uma base naval e, como todo piloto, sempre rezara para que jamais precisasse passar dessa etapa. Seu coração batia forte; cada nervo de seu corpo parecia um fio condutor de eletricidade. Ele começou a transpirar. Programou a aeronave para mergulhar, soltou o manche e colou as costas no assento para não quebrar o pescoço com a força da ejeção. Ergueu as mãos acima da cabeça para alcançar a alavanca e puxou.

Um foguete explodiu abaixo dele. No instante seguinte, Sully atravessou o vidro e foi arremessado para o céu.

Pilotar. Navegar. Comunicar.

Evacuar.

☿ Havia neve no pórtico da Funerária Davidson & Filhos. Sully tirou o gorro de esqui, limpou os pés no capacho e entrou. Torcia para que Horace não estivesse, mas é claro que estava, e assim que viu Sully saiu de sua sala, com seus cabelos ralos cor de palha, o queixo comprido, o rosto grave e pálido.

– Olá mais uma vez – cumprimentou Sully, estendendo-lhe a mão.

– Olá.

– Lembra-se de mim?

– Sr. Harding.

– Pode me chamar de Sully.

- Tudo bem.
- Ron Jennings mandou um abraço.
- Diga-lhe que mandei outro para ele.
- Hoje estou aqui por outro motivo.
- Sim?
- Estou trabalhando no *Gazette*.

– Ah. Gosta da área de notícias?

Sully suspirou. *Na verdade, detesto* era o que ele gostaria de responder.

– Seu contrato de publicidade vence no fim do mês... – Fez uma pausa, na esperança de que Horace dissesse “Ah, sim, aqui está o cheque”, mas ele não moveu um único músculo do corpo. – Ron comentou que você é um dos clientes mais fiéis do *Gazette*, por isso...

Silêncio.

- Então, gostaria de renovar o contrato?
- Sim, claro – disse Horace. – Venha comigo.

Até que enfim! Sully o seguiu até o escritório e ele lhe entregou um envelope fechado e datilografado.

– Aí está – falou Horace.

Sully colocou o envelope na bolsa.

– Ah, Ron me pediu para mencionar que haverá uma edição especial sobre... – Fez uma pausa – ... sobre o que está acontecendo na cidade.

– Na cidade?

– Sim, os telefonemas. As pessoas que falam com os... – Engoliu em seco antes de completar: – ... mortos.

– Ah, sim.

– O título da matéria vai ser “Telefonemas do além”.

– “Telefonemas do além”.

– Gostaria de inserir um anúncio?

Horace coçou o queixo.

– Ron acha que é uma boa ideia?

– Acha. Ele acredita que fará muito sucesso.

– O que *você* acha?

Sully estava detestando a conversa. Tinha vontade de dizer que aquilo

tudo era um absurdo. Não conseguia sequer olhar Horace nos olhos.

– Acho que Ron tem razão. Muitas pessoas vão ler a edição especial.

Horace o encarou.

– Qual o tamanho do anúncio?

– Ron sugere uma página inteira.

– Muito bem – falou Horace. – Pode faturar.

Quando estavam saindo do escritório, Horace pareceu lembrar-se de algo.

– Pode esperar um instante?

Voltou com outro envelope.

– Pode entregar a Ron também este cheque para os obituários? Eu ia mandar pelo correio, mas já que você está aqui...

– Claro, sem problemas.

Sully pegou o envelope.

– Desculpe minha pergunta, mas vocês fazem obituários também?

– Fazemos, sim.

– É mesmo?

– É. Grande parte das pessoas que nos procuram está transtornada, o que é compreensível. Elas não têm vontade de falar com ninguém. Então nós temos uma funcionária excelente, Maria, que reúne todas as informações e prepara os obituários para mandá-los para o *Gazette*, que os publica todas as semanas.

– Ah.

– Na maioria das vezes eles publicam fotos excelentes.

– Sei.

– Nós as fornecemos, também.

– Entendi.

– Recebemos o dinheiro em nome do jornal e acertamos com eles no fim do mês. Uma conta a menos para a família.

Sully concordou com a cabeça. Tinha o olhar vazio.

– Algum problema? – perguntou Horace.

– Não. É que... eu pensava que fosse um jornalista que escrevesse os obituários.

Horace sorriu de leve.

– Esta é uma cidade pequena. O *Gazette* é um jornal pequeno. De qualquer maneira, nenhum jornalista conseguiria informações melhor do que Maria. Ela é muito gentil, e também bastante meticulosa. Realmente leva muito jeito com as pessoas.

Uma frase curiosa, Sully pensou, vindo da boca daquele homem.

– Muito bem, então eu levo isto para o Ron e ficamos acertados.

– Ótimo.

Horace acompanhou Sully até a porta. De repente, sem mais nem menos, colocou a mão em seu ombro.

– Como tem passado, Sr. Harding?

Sully ficou tão surpreso que não conseguiu dizer nada. Apenas olhou fixamente para Horace, que de repente parecia compassivo. Lembrou-se da última vez que saíra dali, com as cinzas de Giselle apertadas contra o peito.

– Não muito bem – sussurrou.

Horace apertou o ombro dele.

– Compreendo.

🌀 Ejetar-se de um avião provoca compressão da coluna vertebral. Sully media quase 1,90 metro quando puxou a alavanca. Estava um centímetro mais baixo quando chegou ao solo.

Enquanto flutuava na direção da terra, o assento já longe e o paraquedas aberto, sentia o corpo inteiro doer; atônito, observava o mundo como em câmera lenta. Viu seu avião atingir o solo. Viu-o explodir em chamas. Agarrou as cordas do paraquedas. Seus pés balançavam. O tubo de oxigênio, ainda ligado à sua máscara, pendia sob seu nariz. Ao longe, avistou pesadas nuvens escuras. Naquele instante, tudo estava em silêncio.

Então, num instante... *bum!*... ele voltou a raciocinar, como um boxeador que abruptamente se recupera de um golpe. Arrancou a máscara para conseguir respirar melhor. Seus sentidos voltaram por completo à ativa, os pensamentos corriam velozes.

Primeiro ele raciocinou como piloto: estava vivo. Ótimo. O paraquedas tinha funcionado. Ótimo. Seu avião tinha caído em uma clareira não

habitada. Ótimo.

Depois, pensou como oficial: acabara de destruir uma aeronave de muitos milhões de dólares. Péssimo. Seria submetido a uma investigação. Péssimo. Passaria meses envolvido com papéis e relatórios. Péssimo. Ainda não tinha ideia do que ele atingira nem do estrago que seu avião causara. Péssimo.

Em seguida, pensou como marido: Giselle, pobre Giselle. Tinha que avisá-la que estava bem, que não estava ardendo naquele monte de metal fundido. Ele estava ali, flutuando, um pequeno ponto no ar. Ela o via? Alguém o via?

O que ele não podia saber, suspenso acima da terra, era a reação do pessoal no solo. O que ele não podia saber era que, nos minutos que se seguiriam, Elliot Gray, o controlador de tráfego aéreo, o homem atrás da voz estridente e anasalada, fugiria da torre, abandonando o local.

O que ele não podia saber era que, alguns minutos mais tarde, Giselle, chegando atrasada ao encontro, estaria em seu carro, numa estradinha de pista única, e veria ao longe a nuvem de fumaça preta. E que, por ser esposa de um piloto, pisaria fundo no acelerador com os piores pensamentos se sucedendo na cabeça.

O que ele não podia saber era que a última coisa que sua esposa diria enquanto voava em uma curva era uma prece.

Ah, Deus, por favor, faça com que ele esteja a salvo.

Ele agarrou as cordas e desceu em direção à terra.

🌀 O rádio tocava músicas religiosas. Amy olhou pela janela do carro quando passaram pela lanchonete de Frieda. Estava lotada, com automóveis estacionados ao longo de toda a rua.

– Bom para Frieda – observou Katherine, atenta à direção e com as duas mãos no volante. – Antes de tudo isto começar, ela me disse que talvez precisasse vender a casa.

– Ah, é?

Essa era a resposta de Amy a quase tudo o que Katherine dizia.

– E eles têm três filhos. Seria difícil encontrar alguma coisa na faixa de

preço dela.

Katherine sorriu. Seu humor tinha melhorado desde o último telefonema de Diane. A ligação tinha sido uma resposta às suas preces.

– *Kath... não fique triste.*

– Diane, e as outras pessoas?

– *Elas têm suas bênçãos... mas Deus nos abençoou também. Estamos juntos para que vocês possam se curar... Conhecer o céu... é o que nos cura na Terra.*

Em pensamento, Katherine repetiu as palavras da irmã. *Conhecer o céu é o que nos cura na Terra.*

– Sou eu a eleita? Fui escolhida para espalhar a mensagem?

– *Sim, minha irmã.*

Essas palavras deram tranquilidade a Katherine.

Amy, ao contrário, estava a cada dia mais agitada.

☿ Ela havia esperado manter a reportagem sob seu controle, talvez ganhar um prêmio, conquistar o interesse de um mercado maior. Depois da reunião geral, no entanto, esse sonho se tornara impossível. Havia pelo menos cinco emissoras de TV acampadas na cidade. Noticiários em rede tinham sido transmitidos de lá. *Noticiários em rede!* Amy ficara a 3 metros de Alan Jeremy, o famoso repórter da ABC, que estava vestido com uma calça jeans, uma camisa social azul e gravata sob um casaco de esqui do *ABC News* que devia ter custado uma fortuna. Em qualquer outra ocasião, ela logo teria se aproximado, talvez flertado um pouco com ele. Nunca se sabe de que modo alguém pode dar um empurrão em uma carreira.

Porém, naquelas circunstâncias, Alan Jeremy era um concorrente. Ele demonstrara interesse em falar com Katherine, mas, quando ela perguntara o que Amy achava disso, a repórter no mesmo instante respondera que talvez Alan não fosse digno de confiança. Ele tinha vindo de Nova York. Quais seriam suas intenções?

– Bem, então não vamos falar com ele – concluíra Katherine.

– Certo – dissera Amy.

Ela sentira uma pontada de culpa, mas Phil tinha lhe aconselhado o

seguinte: “Esteja sempre um passo à frente deles. Você chegou lá primeiro. Lembre-se, esta é nossa principal reportagem do ano.”

Nossa principal reportagem do ano. Fazia quanto tempo que Amy sonhava com uma oportunidade dessas? Mas era só uma fantasia. *Notícias em rede?* E ela continuava ali, toda desajeitada com sua câmera. Sentia-se tão amadora! Como era insultante ser esmagada exatamente pela emissora na qual esperava trabalhar!

Então decidiu fazer o que os grandes não conseguiam. Grudou-se em Katherine e tornou-se indispensável. Ofereceu-se para fazer suas compras, suas entregas, analisar os inúmeros e-mails que chegavam à sua caixa de entrada e lidar com os visitantes que ocupavam seu gramado. Agia como se fosse amiga dela. Nas últimas noites, Katherine até permitira que Amy dormisse no quarto de hóspedes, onde agora sua mala estava guardada.

No momento estavam indo a um hospital próximo visitar um paciente com leucemia em estágio avançado. Ele escrevera para Katherine perguntando se ela partilharia com ele seu conhecimento sobre o céu. No início, Katherine queria que o pastor Warren a acompanhasse, mas uma voz interior lhe dissera que não, que ela conseguiria lidar com a situação.

– Concorda comigo? – perguntara a Amy.

– Sim, claro.

🌀 No hospital, Katherine ficou de mãos dadas com Ben Wilkes, um trabalhador aposentado da indústria automotiva de 74 anos. Após meses de quimioterapia, os cabelos dele estavam finos e reduzidos a poucas mechas. Além disso, tinha o rosto encovado e as rugas ao redor de sua boca pareciam rachar quando ele falava. Ben ficou radiante com a visita de Katherine e demonstrou enorme interesse pela história dela.

– Sua irmã lhe disse como é o mundo ao redor dela? – perguntou.

– Ela diz que é bonito! – respondeu Katherine.

– Ela lhe explicou as regras?

– Regras?

– Sobre quem pode entrar.

Katherine deu um leve sorriso.

– Todos os que aceitam o Senhor são bem-vindos.

Na verdade, Diane nunca tinha usado essas palavras, mas Katherine sabia que era a coisa certa a dizer.

– Tem certeza que ela está no céu? – quis saber Ben, segurando a mão de Katherine com firmeza. – Não quero ofendê-la, mas não sei se acredito nisso.

– Tenho certeza. – Katherine sorriu, então fechou os olhos e colocou a outra mão sobre a de Ben, já entrelaçada com a sua. – Existe vida depois desta vida.

Ben entreabriu a boca e inspirou fracamente. Depois sorriu.

Amy, por trás de sua câmera, sorriu também. Ela filmara toda a cena. Nenhuma outra emissora tinha aquele ângulo. *Existe vida depois desta vida.*

E um emprego melhor depois deste emprego.

🌀 No dia seguinte, Ben faleceu.

Os médicos não esperavam isso. Seus sinais vitais estavam bons. A medicação continuava a mesma. Não havia razão para temer uma morte repentina.

A única conclusão a que chegaram foi que, depois da visita de Katherine, o organismo de Ben tinha parado de forma “voluntária”.

Simplesmente, Ben desistira.

A décima primeira semana

Na manhã de 14 de fevereiro de 1876, Alexander Graham Bell deu entrada na documentação para patentear sua invenção do telefone. No mesmo dia, Elisha Gray, engenheiro de Illinois, apresentou sua própria versão. Muitos acreditam que Gray fez o registro primeiro, mas que ações inadequadas entre o advogado de Bell e o analista de patentes, um alcoólatra que devia dinheiro ao advogado, levaram à vitória de Bell. Sua documentação estava listada como o quinto pedido do dia, e a de Gray como o 39º. Se Gray tivesse agido mais cedo, mesmo que apenas um dia, seu lugar na História poderia ter sido diferente.

No entanto, mais de um século depois, ainda é Bell quem recebe o crédito e o prestígio de um precursor.

Em Coldwater, tivera início uma competição similar. De acordo com a arquidiocese, a mensagem que Tess Rafferty recebera da mãe e que a fizera deixar cair o telefone, em choque, acontecera numa sexta-feira às 8h17, conforme indicava a voz na secretária eletrônica. Ou seja, quase duas horas antes do que se imaginava ser o primeiro telefonema, o reivindicado por Katherine Yellin, da Igreja Batista Colheita da Esperança.

A cronologia era importante, dizia a arquidiocese. Embora a Igreja Católica ainda estivesse deliberando sobre o que seria esse “milagre”, era possível afirmar que, qualquer que fosse o fenômeno que estivesse afetando a população daquela cidadezinha de Michigan, Tess Rafferty havia sido a primeira a testemunhá-lo.

– E o que isso significa? – perguntou Samantha a Tess quando souberam da declaração da Igreja.

– Nada – respondeu Tess. – Que diferença faz isso?

À tarde, no entanto, quando abriu as cortinas, Tess viu a diferença que fazia.

O gramado de sua casa estava repleto de fiéis.

☿ Sully foi para o carro segurando o filho pela mão. O celular de plástico azul-claro continuava no bolso do menino.

Sully pedira explicações à professora e à diretora da escola de Jules em voz tão alta que ele próprio se surpreendera.

Desde quando, quisera saber, era atribuição de um professor aconselhar uma criança sobre a vida após a morte? Dar-lhe um telefone de brinquedo e dizer que ela poderia falar com sua falecida mãe?

– Ele parecia tão triste... – alegou Ramona, a professora, uma mulher baixa e troncuda de 20 e poucos anos. – Desde o primeiro dia de aula ele demonstrou ser introvertido. Nunca consegui que respondesse a uma pergunta ou resolvesse uma questão simples de matemática. Então um dia ele levantou a mão. Sem mais nem menos. Disse ter visto na TV que era possível falar com o além. Contou que sua mãe estava no céu e que, portanto, isso significava que ela estava viva. As outras crianças grudaram os olhos nele. Então uma delas começou a rir e, o senhor sabe como são as crianças, todas as outras riram também. Jules encolheu-se na cadeira e começou a chorar.

Sully cerrou os punhos. Teve vontade de bater em alguma coisa.

– Durante o recreio, encontrei um telefone de brinquedo na sala do jardim de infância. Para falar a verdade, Sr. Harding, minha intenção era mostrar-lhe que os telefones *não* são mágicos. Mas, quando o chamei e ele viu o aparelho, na mesma hora começou a sorrir e perguntou... Foi tudo tão rápido... Desculpe. Não tive intenção de fazer nenhum mal. Falei apenas que ele podia acreditar no que quisesse.

Então ela começou a chorar.

– Sou uma pessoa que frequenta a igreja – argumentou.

– Bem, eu não – disse Sully. – Isso ainda é permitido nesta cidade, não é?

A diretora, vestida com um blazer de lã azul-marinho e com o rosto muito sério, perguntou se Sully queria registrar uma queixa.

– É contra o regulamento abordar questões religiosas, e a Sra. Ramona sabe disso. Somos uma escola pública.

Sully abaixou a cabeça. Tentou se aferrar à sua raiva, mas sentiu que ela diminuía. Se Giselle estivesse ali, daria um tapinha no seu ombro. Era o modo dela de dizer “*Mantenha a calma, perdoe, seja simpático*”. Fazer uma queixa formal? De que serviria? E depois?

Ele foi embora com a promessa de que aquilo não se repetiria.

No carro, virou-se para Jules, seu filho querido, prestes a fazer 7 anos, com seus cabelos encaracolados, o peito muito magro e os olhos alegres da mãe, com quem ele não falava desde o dia do acidente, quase dois anos antes. Sully adoraria acreditar em Deus de novo, só para perguntar como Ele podia ser tão cruel.

– Posso falar com você sobre a mamãe, filho?

– Pode.

– Você sabe que eu a amava muito.

– Sei.

– E sabe que ela amava você mais do que tudo no mundo.

Jules assentiu com a cabeça.

– Mas, Ju – continuou ele, usando o apelido que Giselle lhe dera –, não podemos falar com ela. Eu acharia ótimo se isso fosse possível, mas não é. É isso que acontece quando as pessoas morrem. Elas vão embora.

– Você foi embora.

– Eu sei.

– E voltou.

– É diferente.

– Por quê?

– Porque eu não morri.

– Talvez a mamãe também não tenha morrido.

Sully sentiu as lágrimas lhe chegarem aos olhos.

– Morreu, sim, Jules. Ficamos tristes com isso, mas foi o que aconteceu.

– Como você sabe?

– Como assim, como eu sei?

– Você não estava lá.

Sully engoliu em seco. Passou a mão no rosto. Manteve o olhar firme para a frente porque subitamente pareceu difícil demais olhar para o filho, que com uma simples frase renovara a tortura que Sully se infligia todos os dias.

☿ *Você não estava lá.*

Com a fumaça preta do avião destruído espalhando-se no céu acima dele, Sully tocou o solo, manteve as pernas dobradas e rolou de lado. O paraquedas, depois da missão cumprida, perdeu força e achatou-se no chão. A grama estava úmida. O céu, cinza como chumbo.

Sully desenganchou o equipamento, livrou-se do paraquedas e tirou o rádio do colete. Estava com muita dor, desorientado e, acima de tudo, queria falar com Giselle. Mas conhecia o protocolo militar. Tinha que seguir o procedimento. Fazer contato pelo rádio. Nada de nomes. O pessoal de serviço informaria sua esposa.

– Torre de Lynton, aqui fala Firebird 304. Ejetei em segurança. Estou 800 metros a sudoeste da pista. Avião caiu em uma clareira. Destroços devem estar 800 metros mais adiante, a sudoeste. Aguardo resgate.

Esperou. Nada.

– Torre de Lynton. Última mensagem entendida?

Silêncio.

– Torre de Lynton? Nenhuma mensagem recebida.

Sem resposta.

– Torre de Lynton?

Silêncio.

– Firebird 304... Desligo.

O que estava acontecendo? O que tinha havido com a torre? Recolheu o paraquedas e tentou dobrá-lo corretamente, mas alguma coisa o atormentava e, à medida que a imagem de Giselle, preocupada, o invadia, sua ansiedade aumentava. Recolheu o paraquedas de qualquer jeito, apertando-o contra o peito como um grande travesseiro. Viu a distância um carro branco, que avançava na direção dos destroços.

Pilotar. Ele agitou os braços.

Navegar. Correu para a estrada.

Comunicar.

– Estou bem! Estou bem! – gritou, como se, de algum modo, a esposa pudesse ouvi-lo.

Um dia depois

NOTICIÁRIO

Canal 9, Alpena

(Amy, na frente da Igreja Batista Colheita da Esperança.)

AMY: Já se fala em “milagre de Coldwater”. Depois que Katherine Yellin começou a receber telefonemas que, segundo ela, vêm de sua falecida irmã, as pessoas quiseram saber mais. Uma delas se chama Ben Wilkes e sofre de leucemia em estado avançado.

(Imagens do hospital.)

BEN: Sua irmã lhe disse como é o mundo ao redor dela?

KATHERINE: Ela diz que é bonito!

(Imagens de Ben.)

AMY: Os médicos disseram a Ben que não há muita esperança para ele. Os telefonemas de Katherine, no entanto, devolveram-lhe a coragem.

(Imagens do hospital.)

BEN: Tem certeza que ela está no céu? Não quero ofendê-la, mas não sei se acredito nisso.

KATHERINE: Tenho certeza. Existe vida depois desta vida.

(Amy na frente da igreja.)

AMY: Embora outras pessoas afirmem que recebem telefonemas do além, Katherine continua a ser o centro das atenções.

KATHERINE: Se o Senhor escolheu a mim para divulgar a mensagem, devo fazê-lo. Estou feliz por ter dado a Ben um pouco de esperança. Isso me conforta.

AMY: De Coldwater, Amy Penn, para a Nine Action News.

Phil parou a fita. Olhou para Anton, advogado da emissora.

– Não vejo por que seríamos os responsáveis – falou.

– Não somos – respondeu Anton. – Mas Katherine Yellin pode ser. Ela diz com todas as letras ao paciente que ele não tem o que temer. Esse registro poderia ser utilizado em um processo.

Amy olhava de um para outro – Phil, com sua barba de viking, e Anton, com a cabeça raspada e o terno preto. Ela tinha sido chamada de volta a Alpena naquela manhã. Disseram que poderia haver um problema. Sua reportagem – editada às pressas, já que o Canal 9 parecia não se cansar dos acontecimentos de Coldwater – fora veiculada na mesma noite da visita ao hospital. Como de costume, tinha se espalhado rapidamente na Internet.

No dia seguinte, Ben morrerá.

E naquele momento o mundo cibernético estava em polvorosa, com acusações surgindo de todos os lados.

– Há protestos sendo planejados – informou Phil.

– Que tipo de protestos? – perguntou Amy.

– De pessoas que não acreditam no além... ou não querem acreditar.

Alegam que esse tal Ben se matou por causa de uma mentira.

– Ele não *se matou* – atalhou Anton.

– Estão colocando a culpa em Katherine? – quis saber Amy.

– Ela disse a Ben que há vida após esta vida...

– Como dizem todas as religiões do mundo – observou Anton.

Phil refletiu.

– Então eles não têm um argumento sólido em que se basear?

– Quem sabe? É possível mover uma ação por qualquer motivo.

– Espere – disse Amy. – Quando esses protestos vão acontec...

– O que a família acha disso? – interrompeu Anton.

– Nada, por enquanto – respondeu Phil.

– Tenha cuidado, então.

– E os *protestos*? – insistiu Amy.

– Não sei – falou Phil, virando-se para ela. – Estão marcados para amanhã, eu acho. Depende do blog que você ler.

– Você apenas divulgou a notícia – acrescentou Anton. – Lembre-se disso.

– Isso mesmo – concordou Phil. – Você tem razão. – Virou-se de novo para Amy. – Volte para Coldwater.

– Quem vai cobrir os protestos? – quis saber ela.

Ele olhou-a como se a resposta fosse óbvia.

– Você.

☿ “Esteja pronta às dez horas”, Samantha escrevera no e-mail. “Tenho uma surpresa para você.”

Tess se maquiou pela primeira vez em semanas. Já tivera surpresas suficientes nos últimos tempos, mas estava enlouquecendo naquela casa e, honestamente, qualquer mudança na rotina seria bem-vinda.

Ela atravessou a cozinha e, obedecendo a um hábito recente, deu uma olhada no telefone para ter certeza de que ele estava no gancho. O Dia de Ação de Graças seria dali a duas semanas. Ela não fizera planos. De todo modo, esse feriado não lhe agradava. Depois do divórcio, sua mãe sempre comemorava a data e convidava metade da vizinhança, qualquer pessoa sem família, velha ou solitária. Era como naquele filme de Woody Allen em que ele reúne artistas desajustados – um ventríloquo gago, uma mulher que tira sons de copos de cristal – e os convida para um jantar de Ação de Graças à base de peru congelado e refrigerante diet. Ruth sempre se animava na hora de ver quem ficava com o ossinho da sorte do peru. “Faça um pedido! Faça um pedido!” Tess imaginava que todos na casa pediam uma única coisa: que não precisassem voltar no ano seguinte.

Agora, no entanto, Tess compreendia toda a bondade que sua mãe tinha manifestado às pessoas que passavam por um período difícil. Isso também permitira a Ruth combater a própria solidão. Na época, tudo o que Tess queria era que seu pai chegasse de carro, buzinando, para levá-la dali.

– Meu Deus, Tess – sussurrou, furiosa por ter sido tão ingênua.

Um raio de sol atravessou a claraboia da cozinha. Ela pensou nas pessoas instaladas no seu gramado. Deviam estar congelando.

Pegou copos de papel e encheu uma cafeteira.

Quando abriu a porta da frente, um murmúrio percorreu a multidão.

Muitos se levantaram. Alguns exclamaram “Bom dia!” e “Que Deus a abençoe, Tess!”. De repente, todos começaram a gritar. Devia haver umas duzentas pessoas.

Tess ergueu os copos e franziu os olhos sob o sol matinal.

– Alguém quer café? – perguntou.

Ela logo percebeu que o conteúdo da cafeteira serviria apenas uma pequena parte daquela gente. Sentiu-se uma idiota. *Café? Eles querem milagres e você lhes oferece café?*

– Posso preparar mais – murmurou.

– Sua mãe telefonou hoje, Tess?

Ela engoliu em seco e assentiu com a cabeça.

– Ela disse por que você foi escolhida?

– Você foi a primeira!

– Prometa que rezará conosco!

– Deus a abençoe, Tess!

De repente, o rumor foi interrompido por três toques rápidos de buzina. A caminhonete amarela da Começos Brilhantes, a creche em que Tess trabalhava, tinha acabado de parar na entrada para carros. Quando a multidão recuou, Samantha desceu do automóvel e abriu a porta lateral. Umas dez crianças agasalhadas saltaram do veículo, com os olhos fixos naquele mar de gente.

Tess levou a mão à boca. Como ela não podia ir ao trabalho, seus amigos haviam levado o trabalho até ela.

Tess nunca se sentira tão feliz quanto ao ver aquelas crianças.

☿ Doreen levou duas garrafas de Coca-Cola para a mesa. Sentou-se em uma ponta enquanto Jack se acomodava na outra, com os convidados no meio. Ela ainda se sentia desconfortável na presença do ex-marido. O divórcio. Os papéis. As chaves de casa que ele deixara sobre o móvel no hall. Todas as imagens do casamento desfeito passavam diante de seus olhos na presença dele.

Já fazia mesmo seis anos? Doreen estava casada com outro homem. Tinha

uma vida diferente. Mas ali estava Jack agora, sentado à mesa da casa em que os dois tinham morado juntos e que coubera a ela na partilha, a casa onde Mel, o novo marido, não queria que ele sequer colocasse os pés. Doreen, no entanto, dissera: “Os amigos de Robbie querem falar conosco.” Mel tinha resmungado que ela fizesse o que achasse melhor e que ele sairia para tomar uma cerveja.

– Obrigado, Sra. Sellers – falou o jovem chamado Henry.

– Obrigado, Sra. Sellers – ecoou o outro, Zeke.

– É Sra. Franklin agora – corrigiu Doreen.

Eles se entreolharam.

– Tudo bem, não tem problema – acrescentou ela.

Os dois rapazes eram bonitos, atléticos, tinham ombros largos, e haviam sido amigos de Robbie no antigo bairro desde que eram crianças. Na época, eles tocavam a campainha e Robbie saía a toda a velocidade com uma bola de futebol, dando um rápido “Tchau, mãe” quando passava por Doreen, que recomendava “Feche o casaco”, com as palavras correndo atrás dele como a brisa de um ventilador.

Os três jovens tinham se alistado ao terminar o ensino médio. Fizeram o treinamento juntos e, graças a alguém que conhecia alguém, partiram também em trio para o Afeganistão. Nem Henry nem Zeke estavam com Robbie no dia em que ele fora morto. Para Doreen, tinha sido melhor assim.

– Quando voltaram? – perguntou Jack.

– Em setembro – falou Zeke.

– É, em setembro – confirmou Henry.

– É bom estar de volta?

– Muito bom!

– Sim, senhor.

Zeke tomou um gole de sua Coca-Cola.

– Bem, como estávamos dizendo... – começou Henry.

– Sim – acrescentou Zeke –, estávamos nos perguntando... – Olhou para Henry. – Quer continuar?

– Não, não, você pode...

– Não.

– Isto é...

Os dois se calaram.

– Está tudo bem – garantiu Jack. – Podem falar.

– É – concordou Doreen. – Podem falar o que quiserem, rapazes.

Por fim, Zeke criou coragem:

– Estávamos nos perguntando... o que Robbie diz para vocês. Quando telefona.

Jack se encostou no assento da cadeira. Sentiu um arrepio.

– Ele só telefona para a mãe. Doreen?

Então ela contou tudo a eles. Disse que as conversas tinham, acima de tudo, lhe dado a certeza de que Robbie estava bem, em segurança, num lugar bonito.

– Ele sempre diz alguma coisa que me agrada – acrescentou. – Diz que... o fim não é o fim.

Zeke e Henry trocaram um sorriso amarelo.

– Que engraçado – disse Henry.

– O quê?

O rapaz brincou com a garrafa de Coca-Cola.

– Não, é só que... existe uma banda de rock que ele adorava. House of Heroes.

– Eles têm um CD que se chama *O fim não é o fim* – acrescentou Zeke. – Robbie sempre pedia que alguém mandasse o CD para ele.

– Sim, ele pediu isso durante meses. “*O fim não é o fim. Mandem O fim não é o fim.*” É um tipo de música punk.

– É, mas é uma banda cristã, eu acho.

– Isso.

– House of Heroes.

– Era seu CD preferido.

– *O fim não é o fim.*

Jack olhou para a ex-esposa. Uma *banda*?

– E, bem, além disso – continuou Henry –, Robbie alguma vez falou sobre os homens do esquadrão dele?

☿ Jason Turk, o funcionário da loja de telefonia, esfregou as mãos uma na outra vigorosamente e fechou a porta contra a tempestade de neve. Tinha esquecido as luvas mais uma vez. Mais uma vez sua namorada tinha razão: “Jason, seu cérebro funciona em meio expediente.”

Abriu o armário em que se lia ACESSO RESTRITO AOS EMPREGADOS DA DIAL-TEK. Seu rosto estava molhado e o nariz pingava. Pegou uma caixa de lenços de papel da prateleira e ouviu alguém bater na porta dos fundos.

– Droga – resmungou. – Não são nem oito horas.

Ao atender, viu Sully, enfiado em sua jaqueta de camurça e com o gorro de esqui.

– Olá, cara – disse Jason, com um sorriso.

– Como vai?

– Tudo bem. Entre.

– Obrigado.

– Não tenho dinheiro para você hoje, amigo.

– Eu sei.

– Quer uma Coca?

– Não, obrigado.

Entraram no escritório.

– Então, o que há de novo?

Sully suspirou. Tirou um bloco amarelo da bolsa.

– Preciso de um favor.

☿ Uma hora mais tarde, Sully voltou para o carro perguntando a si mesmo em que se metera.

Seguindo sua intuição, mostrara a Jason os nomes, números de telefone e endereços dos sete moradores de Coldwater que afirmavam ter feito contato com o além. Ele sabia que Katherine Yellin comprara seu telefone naquela loja – o país inteiro parecia saber –, mas Sully se perguntava se os outros também.

Jason inseriu os dados no computador, e o resultado foi curioso. Quatro das sete pessoas eram clientes, o que não chegava a ser surpreendente, dada a

escassez de lojas de telefonia em Coldwater, mas seis das sete, todas com exceção de Kelly Podesto, a adolescente, usavam a mesma companhia.

E tinham o mesmo tipo de serviço incluído no pacote contratado.

– Qual? – quis saber Sully.

– É uma espécie de nuvem, entende? Coisas como e-mails, fotos etc. ficam armazenadas na web, salvas em uma conta.

Sully consultou seu bloco. Correu o dedo pelas inúmeras perguntas que havia anotado. Uma delas era “data da morte?”.

– Você consegue verificar desde quando cada uma delas usa esse serviço?

– Acho que sim. Espere alguns minutos.

Jason começou a digitar, mas logo parou e inclinou o corpo para trás.

– Posso me meter na maior confusão por lhe mostrar isto.

– Eu sei.

Jason tamborilou nervosamente nos joelhos.

– Ah, dane-se. Vamos lá. – Sorriu. – Detesto este trabalho mesmo...

Minha namorada diz que eu devia ser fotógrafo profissional.

– Talvez ela tenha razão.

– Ela é um pé no saco. Você tem namorada?

– Não.

– É casado?

– Já fui.

– Ela largou você ou o contrário?

– Ela morreu.

– Nossa! Sinto muito, cara.

Sully suspirou.

– É, eu também.

☿ Alexander Bell conheceu o amor de sua vida, Mabel, quando ela se tornou sua aluna. Era dez anos mais jovem que ele, mas Bell logo se apaixonou pela jovem surda e isso o incentivou a aprimorar cada vez mais seu trabalho. Se as lágrimas de Mabel não o tivessem levado a pegar aquele trem para a Filadélfia, sua principal invenção talvez nunca tivesse se tornado

um sucesso. Ainda assim, o telefone continuou a ser algo que ela, que perdera a audição devido à escarlatina, jamais conseguiria compartilhar com o marido.

Às vezes o amor nos aproxima, mesmo que a vida nos separe.

Na ambulância, após o acidente com o avião, Sully pediu um celular para ligar para a esposa. Seu aparelho, como o resto de seus pertences, queimava no meio dos destroços. Ele tentou entrar em contato com Giselle um monte de vezes. Nenhuma resposta. Ligou para os pais dela. Nada. Tentou de novo o aeródromo, do seu rádio de emergência. Nada. Alguma coisa estava muito errada. Por onde andava todo mundo?

Sua cabeça latejava, e a lombar o fazia gritar de dor. No hospital, uma pequena instalação em Lynton, ele passou pelos procedimentos de praxe: verificaram seus sinais vitais, colheram uma amostra de sangue, limpavam seus cortes e radiografaram sua coluna. Deram-lhe analgésicos, que o deixaram tonto. Alguém disse que o avião com o qual ele colidira, um pequeno Cessna de dois motores, tinha aterrissado em segurança. Ele não perguntou por que os dois aviões se encontravam na mesma pista de pouso. Durante todo o tempo, não parou de pedir notícias da esposa.

– Se me der o número dela – disse uma enfermeira –, alguém ligará até conseguir falar com ela.

– Ligue para o aeródromo, também – pediu Sully, com a voz engrolada.

Num estado entre a consciência e o sono, viu a enfermeira dar instruções, viu alguém entrar e puxá-la de lado, viu-a voltar e falar com outra pessoa, mas depois todos sumiram.

Sully fechou os olhos e sua mente se acalmou. Esses seriam os últimos minutos felizes durante os quais ele continuaria a ignorar o que não tinha como saber:

Que Giselle vira a fumaça subir e acelerara rumo ao aeródromo em sua caminhonete Chevrolet Blazer.

Que Elliot Gray, o controlador de tráfego aéreo, abandonara o local e sumira em um Toyota Camry azul.

Que Giselle repetira sua prece: *Ah, Deus, por favor, faça com que ele esteja a salvo*, agarrando o volante com tanta força que suas mãos tremeram.

Que o carro de Elliot Gray chegara a mais de 100 quilômetros por hora na estreita estrada de acesso.

Que o Chevrolet de Giselle surgira de repente na curva e, numa fração de segundo, batera no Camry a toda a velocidade.

Que Elliot Gray tinha sido arremessado a 10 metros de altura.

Que Giselle, presa pelo cinto de segurança, rodopiara três vezes em seu automóvel. Que o carro aterrissara em uma vala. Que ela vestia um suéter lilás. Que “Hey, Jude”, dos Beatles, estava tocando no rádio.

Que ela precisara ser retirada das ferragens. Que havia sido transportada com urgência para um hospital em Columbus.

Que estava inconsciente quando chegou.

Que nunca acordaria.

Que Elliot Gray estava morto.

A décima segunda semana

– **AQUI E AGORA, NÃO NO ALÉM! AQUI E AGORA, NÃO NO ALÉM! AQUI E AGORA...**

Katherine cobriu os ouvidos com as mãos.

– Meu Deus, essa gente não vai parar com isso?

– Talvez seja melhor descermos – sugeriu Amy. – Lá é mais tranquilo.

– Não! – exclamou Katherine. – Estou na minha casa. Não vou me esconder num porão.

Do lado de fora, os manifestantes continuavam:

– **AQUI E AGORA, NÃO NO ALÉM! AQUI...**

Eles tinham se reunido na rua um pouco antes do meio-dia. Havia pelo menos cinquenta pessoas, muitas com cartazes como O CÉU PODE ESPERAR e outros mais grosseiros, como CRER MATA! ou MORTE POR EMBUSTE!

Depois que a morte de Ben Wilkes tinha sido divulgada, o vídeo da conversa entre ele e Katherine no hospital se espalhara ainda mais depressa do que o “Telefonema do além” original. A notícia de seu falecimento fora seguida por outra: ao redor do mundo, seis pacientes com doenças incuráveis teriam visto as reportagens sobre Coldwater e morrido de forma inesperada – como se tivessem deliberadamente desistido de viver.

Essas pessoas acabariam morrendo de qualquer maneira, mas o mistério da morte é: por que ela parece escolher um momento específico? Sem uma resposta terrena, a coincidência pode se tornar uma conspiração? Com o apetite insaciável dos meios de comunicação por Coldwater, a ideia de que o céu estaria *matando* as pessoas se revelava irresistível.

– Esses fanáticos religiosos deveriam ser mantidos longe dos pacientes – declarou um homem enraivecido diante de uma câmera de televisão.

– Eles não são melhores do que os terroristas que prometem uma recompensa para quem explode o próprio corpo – acrescentou uma jovem.

– Eu conhecia Ben Wilkes havia muitos anos – contou um operário aposentado. – Era um lutador. Não teria partido se essa gente não o tivesse hipnotizado, ou sei lá o quê.

Em pouco tempo, um grupo chamado Desligue se For do Além foi criado e protestos começaram a ser organizados, como o que acontecia naquele instante na frente da casa de Katherine.

– AQUI E AGORA, NÃO NO ALÉM! AQUI E AGORA...

Dentro da casa, Amy preparou um chá de hortelã e serviu uma xícara para Katherine, mas ela estava tão perdida em seus pensamentos que nem a viu.

– Beba – disse Amy, solícita.

– Ah, obrigada.

A jornalista enfrentava um dilema. Ela sabia que Phil queria uma reportagem sobre os manifestantes, mas como falar com eles sem perder inteiramente a confiança de Katherine, a única coisa que representava uma vantagem sobre os outros repórteres?

– Você está se mostrando uma ótima amiga – observou Katherine.

– Que bom – murmurou Amy.

– Tudo isso começou quando outras pessoas se envolveram, não foi? Tess Rafferty? Francamente. Há anos ela deixou de ir à igreja. Ela mesma reconheceu isso!

Katherine agitou as mãos, como se para convencer uma testemunha invisível. Apertou o telefone cor-de-rosa, girou-o entre as mãos. Observou-o durante vários minutos. De repente, seu tom mudou.

– Amy?

– Sim?

– Você acredita em mim?

– Acredito.

Na verdade, Amy acreditava que Katherine acreditava. Isso bastava, não?

– Telefonei para meus filhos. Eles estão em Detroit. Sabe o que me disseram?

– O quê?

– Disseram que dedico tempo demais à religião. – Ela quase riu. – Eu esperava que viessem me visitar. Fazer-me companhia. Mas John disse que está atolado de trabalho. E Charlie falou...

Katherine engoliu o fim da frase.

– O quê?

– Que eu o *emvergonho*. Foi o que as filhas de Diane me disseram também. Por isso não vieram me ver.

Então ela começou a chorar. Amy desviou os olhos. Como não sentir compaixão por aquela mulher, por mais iludida que estivesse?

Os slogans dos manifestantes estavam cada vez mais altos. Amy espiou pela janela e viu uma viatura de polícia estacionada junto ao meio-fio. Jack Sellers, o delegado, movimentava as mãos enquanto falava. Uma equipe de televisão filmava com os microfones no alto. O evento seria retransmitido para todos os lugares. Phil ficaria furioso.

– Eu não matei ninguém – murmurou Katherine.

– Claro que não – disse Amy.

Katherine enfiou o rosto nas mãos.

– Como podem falar esse tipo de coisa? Minha irmã está no céu. Deus está vendo tudo. Por que eu mataria alguém?

Amy olhou para a sua câmera, deixada sobre a mesa da cozinha.

– Quer saber de uma coisa? Vamos dizer isso a eles.

🌀 O pastor Warren lia as Escrituras todas as tardes. Naquele dia, no livro de Isaías, um versículo do capítulo 60 chamou sua atenção:

Levanta os olhos e olha à tua volta; todos se reúnem para vir a ti. Teus filhos chegam de terras distantes; tuas filhas são carregadas nas ancas. Teus olhos brilharão e teu coração estremecerá e se alegrará.

Warren adorava essas palavras. Em outra época, teria anotado a passagem e guardado para usar no sermão de domingo. Agora, no entanto, ele se

perguntava se o trecho não seria utilizado para justificar os telefonemas que chegavam do além. “Levanta os olhos e olha à tua volta; todos se reúnem para vir a ti.” Ele detestava precisar filtrar suas mensagens desse modo. Sentia-se cada vez mais dividido. Servo de Deus. Servo do povo. Deus. O povo.

Seus colegas diziam que ele devia estar contente. Todas as igrejas em Coldwater estavam lotadas, e aos domingos havia tanta gente que algumas pessoas precisavam ficar de pé. São Vicente, a paróquia do padre Carroll, tinha sido a que mais crescera, quadruplicando o número de fiéis desde Tess Rafferty e a visita que o bispo lhe fizera.

A campanha do escritório soou.

– Quem é?

– Sou eu, pastor – disse a Sra. Pulte.

– Pode entrar.

Ela estava sem seu bloco de anotações. Pela sua expressão, ele percebeu que havia algo errado.

– Pastor, tenho uma coisa para lhe dizer, e é difícil para mim.

– Pode me falar qualquer coisa.

– Preciso sair.

– Sair mais cedo?

– Sair do emprego. É muito... – Ela começou a chorar. – Estou aqui há sete anos.

– A senhora tem feito um excelente...

– Eu queria ajudar a igreja...

Sua respiração ficou mais acelerada.

– Sente-se, por favor. Está tudo bem, Sra. Pulte.

Ela continuou de pé e logo começou a desabafar, despejando as palavras aos borbotões:

– Todas essas ligações do mundo inteiro... não aguento mais. As pessoas me perguntam certas coisas que eu não sei responder... mas elas insistem, algumas choram, outras gritam, e eu... não sei o que fazer. Algumas falam de um ente querido, imploram para fazer um novo contato. Outras ficam com muita raiva! Dizem que estamos pregando um Evangelho falso. Durante

todos esses anos, nunca pensei... Quero dizer, eu volto para casa todas as noites e desabo, pastor. Minha pressão está muito alta, e o Norman fica preocupado. Me desculpe. Sinto muito mesmo. Não quero decepcioná-lo, mas a verdade é que não aguento mais.

Ela chorava tanto que quase não conseguia falar. Warren ofereceu-lhe um sorriso de compaixão.

– Eu entendo, Sra. Pulte.

Aproximou-se e colocou a mão em seu ombro. Na sala ao lado, podia ouvir o toque incessante dos telefones.

– Deus me perdoará? – murmurou ela.

Muito antes de perdoar a mim, Warren pensou.

🌀 Jack Sellers ligou a luz de emergência no teto da viatura policial e acionou a sirene. Os fiéis no gramado da casa de Tess se agitaram. Ele saiu do veículo.

– Bom dia – disse, em tom seco.

– Bom dia – responderam alguns.

– O que fazem aqui?

Ele não tirava os olhos da porta. O que queria, na verdade, era a mesma coisa que todos: que Tess aparecesse.

– Estamos orando – retrucou uma mulher magra.

– Para quê?

– Para fazer contato com o céu. Quer se juntar a nós?

Jack afastou Robbie da mente.

– Vocês não podem se reunir sem mais nem menos no gramado de alguém.

– O senhor acredita em Deus, policial?

– Isso não vem ao caso.

– Não só vem ao caso como é de *extrema* importância.

Jack ficou contrariado. Primeiro, os manifestantes diante da casa de Katherine Yellin. Agora aquilo. Controlar uma multidão era algo que ele jamais imaginara precisar fazer na minúscula Coldwater.

– Vocês precisam ir embora – disse.

Um homem jovem de casaco verde se aproximou.

– Por favor, não estamos causando nenhum problema.

– Queremos apenas orar – acrescentou uma garota ajoelhada na grama.

– Espere, li alguma coisa sobre o senhor – comentou o homem jovem. –

O policial. Sua esposa... ela fez contato com seu filho. Foi a escolhida. Como pode nos mandar embora?

Jack desviou o olhar.

– É minha ex-esposa. E isso não é da sua conta.

Tess apareceu no vão da porta com uma manta xadrez vermelha sobre os ombros, uma calça jeans puída e botas azuis, os cabelos longos presos em um rabo de cavalo. Jack tentou não olhar muito para ela.

– Precisa de ajuda? – gritou.

Tess contemplou os fiéis.

– Não, está tudo certo.

Jack fez um gesto perguntando se podia entrar. Ela assentiu com a cabeça e abriu caminho por entre a multidão, que se manteve em silêncio enquanto ele passava. Era uma atitude comum quando Jack estava usando seu uniforme.

❧ Apesar de ter a aparência típica de um policial, Jack nunca fora fascinado por seu trabalho. O pai era da polícia e, antes dele, o avô também. Quando Jack deixou o Exército, seguir os passos dos dois era o caminho natural. Ele entrou para o Departamento de Polícia de Grand Rapids e durante seis anos trabalhou no patrulhamento. Então Robbie nasceu e ele e Doreen se mudaram para Coldwater a fim de realizar o desejo de viver em uma cidade pequena. Ele devolveu o distintivo e abriu uma loja de equipamentos de jardinagem.

– É melhor trabalhar por conta própria – dissera ao pai.

– Um policial nunca deixa de ser um policial, Jack – respondera o homem.

Três anos depois, a loja foi à falência. Sem outras aptidões, Jack voltou à

atividade que estava em seu sangue e passou a integrar a polícia de Coldwater.

No seu aniversário de 37 anos, já era o delegado.

Nos oito anos seguintes, não precisara disparar sua arma nem uma vez, e só a tirara do coldre em seis ocasiões – uma delas quando o que todos imaginavam ser um ladrão se revelou apenas uma raposa revirando o porão de uma moradora.

– Você não disse uma palavra na reunião – observou Tess, oferecendo-lhe uma xícara de café.

– Não.

– Por quê?

– Não sei. Medo? Meu trabalho?

Ela franziu os lábios.

– Pelo menos você é sincero.

– Meu filho diz que devo contar a todos. Sobre o céu. Quando ele telefona.

– Minha mãe também.

– Acha que eu estou decepcionando Robbie?

Tess deu de ombros.

– Não sei. Às vezes tenho a impressão de que nada mais importa. Digo a mim mesma que esta vida não passa de uma sala de espera. Minha mãe está lá em cima... e voltarei a vê-la. Mas depois percebo que sempre acreditei nisso. Ou que sempre disse que acreditava.

Jack deslizou a xícara de um lado para outro no balcão.

– Talvez você só precisasse de uma prova.

– É isso que tenho agora?

Jack pensou em sua conversa com os colegas de esquadrão de Robbie. *O fim não é o fim*. Alguma coisa o incomodava nessa história.

– Não sei o que temos – respondeu.

Tess olhou para ele.

– Você foi um bom pai?

Ninguém jamais lhe perguntara isso. Ele pensou na época em que incentivara Robbie a se alistar. Nos problemas com Doreen.

- Nem sempre.
 - Aí está a sinceridade de novo.
 - Você foi uma boa filha?
- Ela sorriu.
- Nem sempre.

☿ A verdade era que Tess e Ruth também tinham passado por anos difíceis. Quando Tess foi para a faculdade, sua beleza logo se destacou. Seguiu-se então uma série de namorados, mas Ruth nunca os aprovava. A sombra de um pai ausente rondava suas conversas.

- E você por acaso sabe segurar um homem? – gritara Tess certa vez.
- Seus namorados não são homens, são meninos!
- Não se meta na minha vida!
- Só estou tentando protegê-la!
- Não preciso da sua proteção!

E continuavam nisso. Depois de formada, Tess morou com três homens diferentes e afastou-se de Coldwater. Um dia, quando estava com 29 anos, recebeu uma ligação estranha de Ruth, que queria saber o número do telefone de Anna Kahn, uma velha conhecida.

- Por que quer o telefone dela?
 - Porque ela vai se casar no próximo fim de semana.
 - Mãe, ela se casou quando eu tinha, sei lá, 15 anos.
 - O quê?
 - Ela mora em Nova Jersey.
- Seguiu-se uma pausa confusa.
- Não estou entendendo.
 - Mãe? Está tudo bem?

Em pouco tempo Ruth foi diagnosticada como um caso precoce de Alzheimer. Depois, o avanço foi rápido. Os médicos advertiram que ela não devia ser deixada sozinha, que mulheres no seu estado podiam às vezes fugir, atravessar ruas movimentadas, esquecer regras básicas de segurança. Recomendaram profissionais de saúde, ou uma casa de repouso. Tess, no

entanto, sabia que o que a mãe mais prezava era algo que a doença inevitavelmente tiraria dela: sua independência.

Então ela voltou para casa. E as duas foram independentes juntas.

☿ Sully e sua mãe tinham um tipo diferente de relação. Ela perguntava. Ele respondia. Ela deduzia. Ele negava.

– O que está fazendo? – indagara ela na noite anterior.

Jules estava comendo e Sully estudava suas anotações no sofá.

– Só checando algumas coisas.

– Para o trabalho?

– De certa forma.

– Telefonemas de vendas?

– Mais ou menos.

– Por que você está dando tanta importância a isso?

Ele ergueu os olhos. Ela estava em pé na sua frente, de braços cruzados.

– Se as pessoas querem falar com fantasmas, que falem.

– Como sabe que eu...

– Sully.

Uma palavra bastou.

– Certo – disse ele, em um tom de voz mais baixo. – Não gosto dessa história. Jules está sempre com um telefone na mão. Ele vive no mundo da fantasia. Alguém precisa esclarecer isso.

– Então agora você é um detetive?

– Não.

– Você fez anotações.

– Não.

Deduzir. Negar.

– Acha que todas aquelas pessoas estão mentindo?

– Não sei.

– Não acredita que Deus opera milagres?

– Já acabou?

– Quase.

– O que mais?

Ela olhou para Jules, que via televisão. Baixou a voz:

– Está fazendo isso por ele ou por você mesmo?

Sully estava pensando nisso agora, enquanto bebia preguiçosamente seu café dentro do Buick estacionado na rua onde ficava a Davidson & Filhos. Talvez uma parte daquilo *fosse* por ele, para ajudá-lo a perceber que estava fazendo algo com sua vida; talvez outra parte fosse para fazer o resto do mundo saber a dor que ele sentia, que os mortos estão mortos, que Giselle jamais voltaria a fazer contato e que os entes queridos das pessoas também não.

Ele se remexeu no banco. Estava ali havia mais de uma hora, à espera, atento. Então, logo depois do meio-dia, viu Horace sair, vestido com um sobretudo longo, entrar no carro e partir. Sully torcia para que ele tivesse ido almoçar. Precisava conferir uma coisa.

Correu até a porta e entrou.

Lá dentro, como sempre, estava silencioso e quente. Sully foi até o escritório principal. Não havia ninguém. Percorreu o corredor, enfiando a cabeça em diferentes salas. Uma música ambiente tocava. Virou no fim do corredor e ouviu o som de teclas de computador. Dentro de um escritório acarpetado estreito havia uma mulher miúda, com bochechas de anjo, nariz arrebitado, corte de cabelo estilo pajem, braços firmes e uma cruz de prata pendurada ao pescoço.

– Estou procurando o Horace – disse Sully.

– Ah, sinto muito, ele acabou de sair para o almoço.

– Posso esperar.

– Tem certeza? Ele deve demorar mais ou menos uma hora.

– Não tem problema.

– Aceita um café?

– Aceito, sim, obrigado. – Estendeu a mão. – Meu nome é Sully.

– O meu é Maria.

Eu sei, ele pensou.

☿ Maria Nicolini, como dissera Horace, realmente levava jeito com as pessoas. Ela falava. E falava. Qualquer frase inspirava três dela como resposta. Maria se interessava por todos os assuntos e, à menção de algum acontecimento ou lugar específico, erguia os olhos e pedia: “Ah, me conte mais sobre isso.” Era sócia do Rotary Club e fazia parte da Comissão Histórica de Coldwater, além de trabalhar nos fins de semana na padaria de Zeda, onde metade da cidade comprava pão. Maria conhecia todos os habitantes, ou pelo menos alguém que os conhecia.

Assim, quando as famílias de luto a encontravam na funerária, não relutavam em falar sobre os entes queridos que se foram; na verdade, ficavam felizes em partilhar suas lembranças. Isso as consolava. Pequenas histórias. Detalhes engraçados. Todos confiavam em Maria para escrever os obituários. Seus textos no *Gazette* eram sempre longos e elogiosos.

– Venda de espaço para publicidade? Como é isso? – disse.

– É muito simples. Você vai às empresas, pergunta se querem fazer algum anúncio e lhes vende o espaço – explicou Sully.

– Ron Jennings é um bom chefe?

– É, sim. A propósito, seus obituários são muito bem escritos. Li alguns.

– Obrigada, é muita gentileza sua. – Maria parecia emocionada. – Quando era mais jovem, o que eu queria mesmo era ser escritora de verdade. Mas esta é uma boa maneira de ajudar os outros. As famílias guardam os obituários, por isso é importante que sejam precisos e minuciosos. Já escrevi 149 até hoje, sabia?

– Cento e quarenta e nove obituários?

– Sim, guardo todos eles aqui.

Ela abriu a gaveta de um arquivo, cujas pastas se destacavam pela organização. Os obituários estavam ordenados por ano e por nome. Havia pastas adicionais com etiquetas de plástico, todas alinhadas com perfeição.

– O que são esses papéis? – perguntou Sully.

– Minhas anotações. Transcrevo todas as conversas, para não esquecer nada. – Ela baixou a voz: – Às vezes, quando as pessoas falam comigo, elas choram tanto que no início é difícil entender o que dizem. Por isso uso um

gravador.

Sully estava impressionado.

– Você é mais minuciosa do que qualquer repórter de cidade grande que eu já tenha conhecido.

– Você conhece repórteres de verdade? Ah, me conte mais sobre eles.

☿ A primeira vez que Sully apareceu em um jornal foi na ocasião do pior acontecimento de sua vida.

“Piloto se acidenta em colisão em pleno voo”, dizia a manchete. E, em letras menores: “Esposa e controlador se envolvem em acidente fatal”.

Sully viu o jornal na cafeteria do hospital de Ohio onde Giselle estava internada, ligada a tubos e cateteres, cheia de hematomas que não pareciam humanos. Ele já estava ali havia dois dias, sem dormir. Tudo não passava de um grande borrão.

A enfermeira em Lynton, para onde ele fora levado após o acidente, dera a notícia. Sully se lembrava de ter ouvido as palavras “acidente”, “esposa” e “Columbus”, e de em seguida estar dentro de um táxi, com os pensamentos confusos, insistindo que o motorista andasse mais depressa. Depois, de algum modo, ele corria por uma sala de emergência, gritando para os médicos: “Cadê ela? Cadê ela?” Finalmente, desabava aos pés do leito ao vê-la – *Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus* –, antes que todos aqueles braços o envolvessem: primeiro os da equipe médica, depois os dos seguranças, em seguida os dos sogros e por fim os próprios, tentando firmá-lo enquanto seu corpo tremia.

Dois dias. Duas noites. Ele sentia uma dor terrível nas costas, não conseguia dormir, estava tonto e abatido. Para se obrigar a se mexer um pouco, tinha ido tomar café na lanchonete do primeiro andar. Ali, sobre uma mesa, havia um jornal abandonado. Sully deu uma olhada rápida, depois um detalhe chamou sua atenção. Reconheceu seu rosto mais jovem em uma antiga foto da Marinha. Ao lado, havia imagens do Cessna, que pousara em segurança, e de seu F/A-18 destruído: pedaços da fuselagem espalhados em um campo, a ponta de uma asa, um motor calcinado. Contemplou o jornal

como se estudasse uma pintura. Perguntou a si mesmo como os editores decidiam as manchetes. Por que “Piloto se acidenta em colisão em pleno voo” acima de “Esposa e controlador se envolvem em acidente fatal”? Para ele, “esposa” era muito mais importante. Giselle, a pobre, inocente e linda Giselle, que nada fizera de errado a não ser pegar o carro e ir encontrar o marido, que por sua vez nada fizera de errado a não ser dar ouvido às palavras de um controlador de tráfego aéreo que cometera um erro grave, que não tivera a coragem de assumir a responsabilidade por ele e que fugira como um covarde, tirando a própria vida e quase matando a melhor pessoa que Sully conhecia. Essa era a manchete. Eles tinham errado completamente.

Amassou o jornal e jogou-o no lixo. Há duas versões para cada vida: a que vivemos e a que os outros contam.

☿ Uma semana antes do Dia de Ação de Graças, não havia um único quarto de hotel disponível em Coldwater nem num raio de 15 quilômetros. O número de peregrinos reunidos em Lankers Field era estimado em cinco mil e o total de manifestantes do lado de fora da casa de Katherine Yellin era de pelo menos trezentas pessoas, metade a favor dela, metade contra. A equipe de polícia de Coldwater, sobrecarregada, havia recebido reforços de Moss Hill e de outras cidades vizinhas, mas isso ainda não bastava. Os oficiais podiam passar o dia inteiro sem fazer outra coisa a não ser emitir multas por estacionamento irregular. O mercado de Coldwater recebia agora caminhões de entrega várias vezes por dia, quando o habitual era uma vez por semana. O posto de gasolina precisava fechar de tempos em tempos por falta de combustível. A lanchonete de Frieda contratou pessoal extra e tornou-se o primeiro negócio na história de Coldwater a funcionar 24 horas por dia. O estoque de placas de compensado e tinta da loja de ferragens quase acabou por conta dos cartazes que as pessoas espalhavam nos gramados de todas as casas: ESTACIONAMENTO \$ 5, depois ESTACIONAMENTO \$ 10, depois ESTACIONAMENTO \$ 20.

A histeria parecia não ter fim. Todos na cidade tinham um telefone na mão, às vezes dois ou três. Jeff Jacoby, o prefeito, recebeu dezenas de pedidos

de licença para novos negócios, de fabricantes de camisetas a vendedores de artigos religiosos, todos ansiosos por se instalar logo que possível nas lojas da Lake Street.

Enquanto isso, o programa de entrevistas de maior audiência no país estava enviando uma equipe de Los Angeles – inclusive seu famoso apresentador! – para uma transmissão especial. Muitos moradores queixavam-se dessa intrusão, mas Jeff não parava de receber propostas de moradores locais querendo participar do programa.

As sete pessoas que recebiam os telefonemas acabaram se tornando conhecidas de todos na cidade, assim como suas histórias. Além de Katherine, Tess e Doreen, havia Eddie Doukens e sua falecida ex-esposa; Jay James e seu ex-sócio; Anesh Barua e sua filha; e ainda Kelly Podesto e sua melhor amiga, uma adolescente morta no ano anterior por um motorista bêbado.

Todas tinham concordado em participar do programa de entrevistas, menos Katherine.

Ela tinha os próprios planos.

Dois dias depois

NOTICIÁRIO

Canal 9, Alpena

(Close em Katherine.)

KATHERINE: Não matei ninguém. Jamais mataria alguém. Apenas divulgo as palavras que ouvi do céu.

(Amy, diante dos manifestantes.)

AMY: Esta é uma mensagem que Katherine Yellin quer que os manifestantes entendam. O que aconteceu com Ben Wilkes, doente terminal e antigo operário da indústria de automóveis, foi o que ele quis.

(Imagem de Ben no hospital.)

BEN: Quero muito acreditar que é verdade.

(Amy, diante dos manifestantes.)

AMY: Ben Wilkes morreu de câncer terminal. Ainda assim, esses manifestantes enfurecidos acham que Katherine Yellin é, de algum modo, a responsável. O fardo de ser uma “eleita” tem sido difícil de carregar, como declarou em conversa exclusiva com a Nine Action News.

(Close de Katherine, em lágrimas.)

KATHERINE: Não pedi essa bênção. Deus mandou minha irmã de volta por alguma razão.

AMY: Qual parte tem sido mais difícil?

KATHERINE: As pessoas não acreditarem em mim.

AMY: Como os manifestantes lá fora?

KATHERINE: Sim, isso mesmo. Eles gritam o dia inteiro. Dizem coisas terríveis. Alguns desses cartazes...

(Ela chora copiosamente.)

AMY: Está tudo bem.

KATHERINE: Desculpe.

AMY: Não tem problema.

KATHERINE: Olhe, são eles que estão perdendo alguma coisa. São eles que não ouvem a mensagem de Deus: que o céu existe, e que nenhum de nós deve continuar tendo medo.

(Imagem dos manifestantes.)

MANIFESTANTES: AQUI E AGORA, NÃO NO ALÉM!

(Amy na frente da casa.)

AMY: Katherine Yellin afirmou ter tanta certeza das mensagens que pensa em fazer algo que ninguém fez ainda.

(Close de Katherine.)

KATHERINE: Vou compartilhar um telefonema com todos os que estão lá fora.

AMY: Com os manifestantes?

KATHERINE: Com qualquer um. Não tenho medo. Pedirei que minha irmã fale com essas pessoas, que lhes diga a verdade. Quando ouvirem suas palavras, elas entenderão.

(Amy na rua.)

AMY: Os detalhes deste fato novo e chocante ainda estão por vir, mas talvez a cidade inteira logo tenha a oportunidade de ouvir o som do céu. Nós, da Nine Action News, manteremos a população permanentemente informada, sempre em primeira mão. De Coldwater, Amy Penn.

Em seu escritório em Alpena, Phil assistiu com um sorriso ao final da reportagem.

Genial, disse a si mesmo.

Talvez Amy Penn chegasse lá, no final das contas.

🌀 Jules estava sentado na biblioteca, folheando um livro da coleção *Jorge, o curioso*. Liz estava ao seu lado.

– Você gosta de macacos? – perguntou.

– Eles são legais – murmurou Jules.

– Só legais?

– Prefiro tigres.

– Vou ver se acho um livro de tigres para você.

Jules ergueu os olhos.

– Venha comigo – falou ela.

Ele saltou da cadeira e deu a mão a ela. Sully observou-os com emoções conflitantes. Estava feliz por seu filho ter segurado a mão de uma mulher, mas preferia que tivesse sido a de Giselle.

À frente dele estavam espalhados os obituários do *Gazette* referentes a cada uma das pessoas que supostamente tinham telefonado do céu. Graças a Maria, os textos eram cheios de detalhes: histórias familiares, profissionais, expressões mais usadas ou locais preferidos de férias. Sully tinha hesitado em perguntar sobre isso ao pessoal do jornal (que razão ele poderia dar para não parecer indiscreto?), mas, quando tocara no assunto com Liz, ela fora a um arquivo, abriu duas gavetas e perguntara: “Do que você precisa? Temos todos os exemplares aqui.” Claro, Sully pensou. Jornal local, biblioteca local, por que não teriam? Ele anotou os detalhes em seu bloco amarelo. Quanto mais escrevia, mais pensava nas outras pastas no escritório de Maria: a transcrição das conversas que ela tivera com as famílias. Sem dúvida seriam ainda mais detalhadas, suficientes para elaborar um perfil completo das pessoas falecidas e talvez revelar um elo que pudesse ter escapado a Sully.

O verdadeiro mistério, claro, continuava o mesmo: as vozes. Todas as pessoas que tinham recebido as ligações juravam que as vozes eram reais. Ninguém conseguiria imitá-las tão bem. Será que existia alguma máquina capaz de modificar a entonação de uma voz? Um aparelho no qual alguém poderia falar e se fazer passar por outra pessoa?

O celular de Sully vibrou. Ele olhou o identificador de chamadas. Ron Jennings. Não atendeu. No minuto seguinte, o aparelho tocou de novo com uma mensagem de texto: “Cadê você?”

Sully desligou o telefone.

– Olhe, papai!

Jules segurava um livro de ilustrações com um tigre na capa.

– Que rapidez! – observou Sully.

Liz sorriu.

– Passo bastante tempo explorando essas prateleiras.

Jules voltou para sua cadeira e começou a folhear o livrinho.

– Ele é um amor – disse Liz.

– É, sim – concordou Sully. – Está gostando do livro, Ju?

– Estou! Vou contar para a mamãe que li todo.

Liz desviou o olhar. Sully voltou aos obituários, à procura de indícios que provassem que os mortos não falavam com ninguém.

☿ Muitas vezes, constatamos que não há nada tão ruim que não possa piorar. Uma tempestade, por exemplo, sempre pode ser mais violenta. Da mesma forma, o fardo da vida também pode se tornar ainda mais pesado.

O avião de Sully havia sido destruído, sua esposa se envolvera em um acidente horrível, os registros da torre de controle aéreo eram indecifráveis e o controlador – o único homem capaz de confirmar o relato de Sully – estava morto e enterrado, com o corpo tão mutilado, diziam, que o caixão não pudera nem permanecer aberto durante o velório.

Era mais do que qualquer homem poderia suportar. Porém, oito dias após o acidente, com o estado de Giselle ainda inalterado, Sully ergueu os olhos em seu quarto no hospital e viu dois oficiais da Marinha entrarem.

– Precisamos que nos acompanhe – disse um deles.

Uma situação já ruim piorava ainda mais.

O resultado do exame de sangue de Sully tinha ficado pronto. Havia vestígios de álcool. Embora nunca tivessem mencionado qualquer desconfiança, quando os investigadores do pequeno escritório da Marinha em Columbus começaram a fazer perguntas (“Conte-nos tudo o que aconteceu”), Sully entendeu tudo e, no mesmo instante, sentiu algo como um chute no estômago. Em meio ao turbilhão de acontecimentos que tinham devastado sua vida, ele jamais pensara na noite anterior ao voo. Não sabia que iria pilotar, então não se preocupara em não ingerir bebidas alcoólicas. Havia tomado uma dose de vodca com tônica na companhia de dois colegas de esquadrão no restaurante do hotel antes de ir para o quarto,

mas a que horas teria sido? Bebera uma dose ou duas? A que horas ele decolara? A regra era: doze horas entre o último gole e o voo.

Ah, meu Deus, pensou.

Viu o futuro desmoronar à sua frente.

– Quero um advogado – disse com voz trêmula.

A décima terceira semana

A neve tinha caído pesada em Coldwater e na manhã do Dia de Ação de Graças as ruas estavam submersas em uma espessa camada branca. Por toda a cidade as pessoas saíam de casa para pegar o jornal do lado de fora ou tirar a neve acumulada da entrada. Respiravam o ar frio e silencioso, um bálsamo para a histeria das últimas semanas.

Dentro de casa, na Cuthbert Road, Tess apertou o roupão contra o corpo e entrou na cozinha. Ela esperava que a neve tivesse obrigado as pessoas a saírem de seu gramado e, de fato, muitas tinham ido se abrigar nas igrejas de Coldwater.

Ainda assim, quando ela abriu a porta de entrada e viu os raios de sol refletidos na neve branca, restavam pelo menos trinta pessoas enroladas em cobertores ou amontoadas dentro de barracas. Ela viu um berço de bebê vazio, o fundo coberto de neve. A mãe e a criança espiavam por uma fresta da barraca.

– Bom dia, Tess.

– Deus a abençoe, Tess.

– Ore conosco, Tess.

Tess sentiu um aperto no peito e teve vontade de chorar: todos aqueles fiéis no frio, todas aquelas pessoas que *não receberiam* ligações segurando seus celulares na esperança de também serem agraciadas com um chamado do céu, como se milagres fossem contagiosos. Pensou na mãe e nos jantares de Ação de Graças que ela oferecia a quem aparecesse.

– Entrem – disse ela de repente. Depois, mais alto: – Por favor! Todos vocês. Entrem e se aqueçam!

☿ Na Igreja Batista Colheita da Esperança, o aroma de batatas fritas invadia a cozinha. Perus eram cortados e distribuídos às pessoas. O molho estava em um pote de aço inoxidável.

O pastor Warren circulava entre os desconhecidos, a quem oferecia chá gelado e palavras de estímulo. A maioria dos voluntários era formada por fiéis de longa data, que tinham adiado o próprio jantar de Ação de Graças para servir os mais necessitados. A neve trouxera mais visitantes do que o previsto, e eles precisaram espalhar cadeiras dobráveis pelo lugar.

Mais cedo, Warren recebera um telefonema de Katherine Yellin. Fazia semanas que eles não se falavam.

– Feliz Dia de Ação de Graças, pastor.

– Obrigado, Katherine. Para você também.

– O senhor está bem?

– Deus me fez despertar de novo esta manhã... contra todas as expectativas.

Era uma brincadeira antiga, mas ele a ouviu rir mais uma vez. Warren quase tinha esquecido que, antes de tudo aquilo começar, Katherine o visitava com frequência – para chorar a morte da irmã, sim, mas também para pedir conselhos e estudar o Evangelho. Ela era uma paroquiana fiel e gostava dele como se fosse da família. Certa vez até o levara ao médico para tratar de uma gripe muito forte.

– Pastor, eu gostaria de ajudá-lo com as refeições hoje.

– Ah...

– Tudo bem para o senhor?

Warren hesitou. Ele testemunhara a comoção que Katherine causava agora nos manifestantes e nas equipes de TV.

– Claro, minha querida. Ficaremos felizes em contar com sua ajuda, como sempre. Só acho...

Uma pausa.

– Não se preocupe. Eu entendo – disse ela.

– É difícil...

– Não, não, eu...

- Talvez nós...
 - Está tudo bem. Eu só queria desejar-lhe um bom feriado.
- Warren engoliu em seco.
- Que Deus esteja com você, Katherine.
- Ele a ouviu dar um suspiro profundo.
- Obrigada, pastor. Que Deus esteja com o senhor também.

☿ Nem todas as bênçãos são vistas da mesma forma pelas pessoas. Enquanto os outros “escolhidos” sentiam um relativo consolo cada vez que seus entes queridos telefonavam do céu, o mesmo, infelizmente, não acontecia mais com Doreen. Seu entusiasmo inicial dera lugar a um sentimento inesperado: uma tristeza profunda. Depressão, até.

Ela percebeu isso na manhã do Dia de Ação de Graças, na cozinha de sua casa, enquanto fazia as contas para o jantar daquela noite. Ao repassar a lista dos convidados – Lucy, Randy, os dois filhos, ela, Mel... –, Doreen notou que tinha incluído Robbie como se ele também fosse estar presente. Mas isso não aconteceria. Nada mudara. Antes de seu filho fazer contato, ela estava começando a se recuperar de sua morte. Tinha finalmente concordado com Mel, que tantas vezes nos últimos dois anos resmungara: “Chega. Os vivos têm que continuar vivendo. Precisamos seguir em frente.”

Agora tudo parecia voltar. Robbie fazia parte de sua vida mais uma vez. Mas que parte era essa? A alegria inicial de ouvir sua voz fora substituída por uma frustração inquietante. Em vez de sentir-se de novo ligada ao único filho, ela experimentava sua perda de maneira tão palpável quanto no momento em que recebera a notícia de sua morte. Um telefonema inesperado de tempos em tempos? Uma conversa interrompida? Um fenômeno que poderia terminar tão depressa quanto começara? O fato era que a parte terrível continuaria a mesma. Robbie não voltaria para casa. Nunca mais se debruçaria sobre a mesa da cozinha, seu corpo jovem e musculoso usando um casaco largo de moletom com capuz; nunca mais encheria a boca com flocos de milho encharcados de leite; nunca mais se esparramaria descalço no sofá, passando de um canal de desenho animado

para outro; nunca mais entraria no seu Camaro com Jessica, sua namorada de cabelos curtos, e ouviria a música deles; nunca mais abraçaria Doreen por trás e esfregaria o nariz em sua nuca repetindo “Mamãe, mamãe, mamãe, mamãe”.

Seu filho está no céu, todos diziam. *Agora você tem a prova*. Mas Doreen já acreditava nisso muito antes de ouvir a voz dele. De certo modo, parecia que o céu lhe trazia mais conforto quando existia apenas em sua imaginação.

Ela segurou o fio do telefone e seguiu-o até a parede. Depois, com um puxão, desconectou-o da tomada e deixou-o caído ali mesmo.

Depois, deu uma volta pela casa e desconectou todos os aparelhos. Em seguida, colocou-os em uma caixa, pegou o casaco, entrou no carro e dirigiu no meio da neve até o depósito de uma feira de caridade na Main Street.

Basta de telefonemas. Basta de desafiar a natureza, Doreen pensou. Existe o momento de começar as coisas e também o momento de encerrá-las. É por isso que o ato de enterrar parece natural, mas o de desenterrar, não.

❧ Graças em grande parte à Marinha, Sully e Giselle tinham vivido em cinco estados diferentes. Primeiro havia sido Illinois, onde eles se conheceram, na faculdade, depois Virgínia, Califórnia, Flórida (onde Jules nascera) e Michigan, na periferia de Detroit, onde se instalaram depois que Sully foi para a reserva. Era um lugar bom, além de ficar relativamente perto das famílias dos dois.

Onde quer que eles estivessem morando, os pais de Sully os visitavam no Dia de Ação de Graças. Agora, pela primeira vez desde o ensino médio, a situação tinha se invertido: Sully voltou à mesa da família junto com os tios Theo e Martha, ambos já octogenários, com os vizinhos de longa data Bill e Shirley Castle, com Jules e seu rosto lambuzado de purê de batatas e com Liz, a bibliotecária, que o menino tinha convidado na semana anterior enquanto ela lia para ele um livro sobre tigres. Ela aceitara na hora.

– Ela pode vir? – perguntara Jules à avó depois, por insistência de Sully. – É minha amiga.

– Claro, meu bem. Quantos anos ela tem?

– Vinte.

Ela virou-se para Sully com as sobrancelhas erguidas.

– Espere até ver os cabelos dela – acrescentou o menino.

Em seu íntimo, Sully estava contente. Liz era como uma irmã mais velha para Jules. Ele confiava nela e deixava o filho aos seus cuidados enquanto trabalhava. E, de qualquer maneira, uma biblioteca estava longe de ser um lugar ruim para uma criança.

A mãe de Sully apareceu com o peru.

– Aqui está! – anunciou.

– Que lindo! – exclamou o tio Theo.

– Uau! – acrescentou Liz.

– Precisei encomendar com um mês de antecedência. Não se pode mais confiar no mercado. Com todos os malucos que andam por aqui, a gente entra para comprar qualquer coisa e corre o risco de não encontrar.

– A cidade enlouqueceu – comentou Bill.

– E os engarrafamentos? – falou sua esposa.

– Se não estivesse tão frio, eu só andaria a pé.

– Com certeza.

– Sim, a cidade perdeu a razão.

A conversa continuou nesse tom, como em quase todas as mesas da cidade naquela noite; o tempo inteiro as famílias comentavam como Coldwater mudara desde os milagres. Todos se queixavam, balançavam a cabeça, voltavam a lamentar.

Mas também falavam sobre o além. Sobre fé. Sobre Deus. Fizeram mais orações do que em anos anteriores. Houve mais pedidos de perdão. O número de voluntários para o preparo da sopa popular excedeu em muito o necessário. A quantidade de colchões nas igrejas foi bem maior do que o número de desabrigados.

Apesar dos engarrafamentos, das longas filas e dos banheiros químicos instalados nas ruas da cidade, ninguém passou fome ou ficou sem abrigo em Coldwater no Dia de Ação de Graças, fato que não foi registrado em nenhum jornal ou noticiário.

☞ – Vamos fazer um brinde?

O grupo encheu os copos com vinho. Sully pegou a garrafa da mão de seu tio Theo, olhou de relance para os pais e entregou-a rapidamente à tia Martha.

Ele não bebia mais na frente do pai. Fred Harding tinha servido na Força Aérea durante a Guerra da Coreia. Sessenta anos depois, ele ainda mantinha o corte de cabelo militar e o mesmo ponto de vista inflexível. Sentira orgulho por Sully ter se inscrito para o treinamento oficial ao sair da faculdade. Os dois não se falavam muito na época da adolescência de Sully, mas, à medida que ele avançava na carreira aeronaval, eles passaram a encontrar assuntos comuns, e sempre conversavam sobre os equipamentos atuais em comparação com os da época da Coreia, quando os aviões de caça ainda eram novidade.

– Meu filho pilota o F/A-18 – contava Fred a todos, cheio de orgulho. – Chega quase ao dobro da velocidade do som.

Tudo isso mudou com o exame toxicológico de Sully. Fred ficara furioso. Qualquer piloto inexperiente, ele gritara, conhece a regra básica que diz: doze horas entre o último gole e o voo. Era muito simples.

– O que você estava pensando, meu Deus?

– Foram só dois drinques, pai.

– Doze horas!

– Eu não ia voar.

– Você precisava ter contado ao seu oficial comandante.

– Eu sei, eu sei! Acha que não sei disso? Isso não muda nada. Eu estava ótimo. Foi o controlador que me ferrou!

Isso não parecia fazer diferença para seu pai nem, durante algum tempo, para ninguém. Logo que aconteceu o acidente, as pessoas se mostraram solidárias: o outro avião tinha, por sorte, aterrissado em segurança, Sully passara por uma ejeção traumática e Giselle fora claramente uma vítima inocente. Pobre casal.

Mas, quando o relatório toxicológico vazou, a opinião geral a respeito de Sully mudou de forma drástica. Um jornal foi o primeiro a conseguir uma

cópia, e publicou-a com a manchete “O piloto estava embriagado no momento do acidente?”. Os telejornais seguiram a mesma linha e transformaram a pergunta em uma espécie de acusação. Pouco importava que se tratasse apenas de um vestígio de álcool e que ele tivesse plenas condições de pilotar. A Marinha, com sua política de tolerância zero, levava essas coisas a sério. E, por se tratar do fato mais recente (os meios de comunicação estão sempre atrás da pista mais fresca), o contexto foi ignorado e Sully foi parar nas primeiras páginas como “o grande culpado”. Ninguém mais falava nos registros de voo que tinham desaparecido – coisa que nunca acontece –, nem em Elliot Gray, que fugira do local e provocara um acidente de carro.

De repente, Sully Harding era um piloto bêbado, cuja irresponsabilidade, como disse um comentarista sarcástico, “fizera a esposa aterrissar num coma”.

Depois de ler essa declaração, Sully parou definitivamente de acompanhar as notícias.

Passou a ficar ao lado da cama de Giselle dia após dia no hospital de Grand Rapids para onde ela havia sido transferida a fim de ficar mais perto da família. Ele segurava sua mão. Afagava seu rosto. Sussurrava: “Fique comigo, meu amor.” Com o tempo, os hematomas dela sumiram e a cor da pele retomou um tom mais natural, mas seu corpo miúdo murchava e seus olhos permaneciam fechados.

Meses se passaram. Sully estava impedido de trabalhar. Gastava rios de dinheiro com advogados. No início, a conselho deles, entrara com uma ação contra o aeródromo de Lynton, mas, com Elliot Gray morto e as poucas testemunhas inúteis, ele foi forçado a retirar a queixa e concentrar-se em sua defesa. Os advogados incentivaram-no a ir a julgamento; seu caso era consistente, disseram, e o júri se mostraria solidário. Na verdade, porém, seu processo não era nem um pouco consistente. Diante de um tribunal militar, as regras eram muito claras. Beber nas doze horas anteriores a um voo representava uma clara violação do poderoso manual de procedimentos da aviação naval. Além disso, poderiam culpá-lo pela destruição de propriedade do governo. Pouco importava quem tinha feito besteira na torre de controle,

ou de quem a vítima da tragédia era esposa. Duas testemunhas haviam visto Sully beber no restaurante do hotel, e podiam até atestar a hora.

A vida de Sully se transformara num inferno. Ou pior, num purgatório. Uma lâmina pairava sobre sua cabeça. Estava sem emprego, com a esposa no hospital, o pai envergonhado dele, os sogros sem dirigir-lhe a palavra, o filho perguntando pela mãe o tempo inteiro... Além disso, ele tinha pesadelos tão terríveis que detestava dormir, e o mundo real era tão terrível que também detestava acordar. O que era mais importante para ele não era para os advogados. O fator crucial para Sully era o tempo. Caso se declarasse culpado, começaria a cumprir sua pena mais rápido e também sairia mais rápido. Logo voltaria para Jules. Para Giselle.

Contrariando o conselho dos advogados, ele concordou em assumir a culpa.

Foi condenado a dez meses de reclusão.

Sully entrou na prisão lembrando-se da última coisa que dissera à esposa.

Quero ver você.

Também quero ver você, ela respondera.

Essas palavras se transformaram em seu mantra, sua meditação, sua prece. Permitiram que ele fosse em frente, que acreditasse, até o dia em que lhe informaram que ela estava morta.

Nesse dia, sua fé também morreu.

❧ Na noite de Ação de Graças, Sully voltou para casa com Jules já adormecido no banco de trás do carro. Subiu as escadas com ele no colo, deitou-o na cama e deixou-o dormir com a roupa que vestia. Foi até a cozinha e encheu um copo com uísque.

Jogou-se no sofá com a barriga ainda cheia, ligou a televisão e parou em um jogo de futebol. Baixou o volume e ficou ali, hipnotizado. Queria esquecer-se de tudo pelo resto da noite.

No momento em que seus olhos se fechavam, pensou ter ouvido uma leve batida. Piscou diversas vezes.

– Jules?

Nenhuma resposta. Voltou a fechar os olhos e o som se repetiu. Seria a porta? Será que havia alguém à porta?

Levantou-se, girou a chave na fechadura e sentiu o coração disparar.

Virou a maçaneta e abriu a porta.

Elias Rowe estava diante dele com um casaco de operário e luvas cor de mostarda.

– Posso falar com você um minuto? – perguntou.

A décima quarta semana

NOTICIÁRIO

Canal 9, Alpena

(Amy na Main Street.)

AMY: Temos notícias impressionantes direto da cidade de Coldwater. Kelly Podesto, uma adolescente que afirma ter recebido ligações do além de sua melhor amiga, agora diz que inventou tudo.

(Kelly em uma coletiva de imprensa, flashes de câmeras.)

KELLY: Quero pedir desculpas a todos. Realmente sentia muita falta de minha amiga.

(Repórteres fazendo perguntas aos gritos.)

UM DOS REPÓRTERES: Por que fez isso?

KELLY: Não sei. Acho que me servia de consolo. Todas as outras pessoas estavam recebendo ligações.

(Mais gritos.)

REPÓRTER: Kelly, você fez isso apenas para chamar atenção?

KELLY: *(chorando)* Sinto muito, muito mesmo. E peço desculpas à família de Brittany. Me perdoem.

(Amy, na Main Street.)

AMY: Restam ainda seis pessoas que, em uma reunião geral no mês passado, alegaram ter recebido telefonemas do além. Até agora, nenhuma delas mudou sua história. Algumas, como Eddie Doukens e Jay James, lamentaram por Kelly Podesto.

(Imagens de Doukens e James.)

DOUKENS: Ela é apenas uma adolescente. Tenho certeza de que não quis fazer mal a ninguém.

JAMES: Isso não muda o que aconteceu conosco.

(Amy na frente da Igreja Batista.)

AMY: Kelly falou a verdade aos pais ontem, depois de ser entrevistada em cadeia nacional. Os dois insistiram que ela contasse tudo. Agora, algumas pessoas estão dizendo: “Eu avisei...”

(Imagens de manifestantes.)

MANIFESTANTE UM: Não, não estamos surpresos. Afirmamos o tempo inteiro que tudo não passa de uma farsa!

MANIFESTANTE DOIS: Eles nunca deram nenhuma prova. Aposto que as outras pessoas admitirão na próxima semana que é tudo mentira.

AMY: Até agora, no entanto, elas mantêm suas declarações.

(Imagem de Katherine.)

KATHERINE: Não há nada falso com relação ao amor de Deus. Se precisarmos mostrá-lo a todos, mostraremos.

(Amy caminha pela Main Street.)

AMY: Katherine Yellin afirma que ainda tem planos de colocar no ar um telefonema de sua falecida irmã. Continuaremos nossa cobertura exclusiva desta história à medida que ela se desenrolar.

(Amy olha para a câmera.)

AMY: De Coldwater, Amy Penn, para a Nine Action News.

Jeff Jacoby pediu à secretária que trouxesse água mineral e petiscos para seus convidados. Queria fazer o possível para tranquilizá-los.

– Escutem – começou ele. – Sei que a situação nos pegou um pouco desprevenidos...

Examinou os rostos ao redor da mesa de reuniões. Havia quatro homens dos quiosques de souvenir que tinham sido abertos na cidade, três produtores do programa de entrevistas transmitido em rede nacional, dois representantes de uma empresa de artigos esportivos que vendia barracas e outros equipamentos de camping, três mulheres de uma fábrica de produtos religiosos e um representante da Samsung.

– Quero garantir-lhes que está tudo bem – continuou Jeff.

– Não está nada bem – interrompeu Lance, um dos produtores, um

homem de cabelos ondulados e camisa de gola rulê preta. – Talvez tenhamos que cancelar.

– É bem provável – acrescentou seu colega Clint.

– Mas Kelly é só uma adolescente – argumentou Jeff. – Adolescentes fazem bobagens.

– Ficou arriscado demais – observou Lance.

– Não vamos querer parecer ingênuos – disse Clint.

– Ele tem razão – concordou Terry, o executivo da Samsung. – Isso coloca a história toda em dúvida.

– Uma adolescente? – perguntou Jeff. – Ainda temos todos os outros casos.

– De todo modo, o melhor seria cancelar os outdoors por enquanto. Precisamos ver como as coisas evoluem.

Jeff mordeu o lábio inferior. A Samsung tinha alugado da prefeitura oito painéis como parte de um “patrocínio” oficial de Coldwater. Jeff tinha negociado os espaços por um preço absurdamente alto. Agora estavam dando para trás?

Ele precisava salvar o negócio. Respirou fundo. Estava tão furioso com Kelly Podesto que seria capaz de gritar.

– Me respondam uma coisa – disse, dando seu sorriso mais profissional. – Vocês acreditam mesmo que todos os outros inventaram essa história? Eles não são crianças. Têm uma reputação a proteger. Anesh Barua é dentista, pelo amor de Deus! Ele não se arriscaria a perder os pacientes. Tess Rafferty é diretora de uma creche. Doreen Sellers foi casada com nosso chefe de polícia! Eu realmente acredito que tenha sido um incidente isolado.

Seus convidados ficaram calados. Alguns tamborilavam na mesa.

– Talvez a situação seja incontornável – falou Lance.

– Essa história foi alvo de muita publicidade – acrescentou Clint.

– Não dizem que mesmo a má publicidade não deixa de ser publicidade? – arriscou Jeff.

– Isso só vale para estrelas de cinema.

– Não para telejornais.

– Nem para venda de telefones.

Jeff cerrou os dentes. *Pense. Pense.*

– Escutem. Quero deixá-los tranquilos. Sou o prefeito. O que posso fazer por vocês?

– Quer mesmo saber? – Lance olhou ao redor da sala. – Eles dizem que estão falando com o além, certo? Alguma *prova* disso viria bem a calhar.

Os outros concordaram com a cabeça. Jeff fez o mesmo.

Seus pensamentos se voltaram para Katherine Yellin.

☿ Uma das características de Coldwater que o pastor Warren apreciava muito era o silêncio que imperava mesmo quando se abria uma janela – interrompido apenas pelo eventual canto dos pássaros. Era muito diferente das cidades grandes, onde o barulho invadia os ambientes pelas menores frestas.

Naquele dia, no entanto, ele despertou de sua soneca matinal com um ruído que jamais ouvira naquela cidadezinha: pessoas gritavam diante de sua janela.

Grupos oponentes se enfrentavam na frente da igreja, aparentemente inspirados pela confissão de Kelly Podesto. A princípio eles se limitaram a trocar olhares furiosos e agitar cartazes, depois começaram a gritar palavras de ordem, até que um participante fez uma provocação, outro retrucou e agora o grupo com cartazes de ARREPENDAM-SE: O ALÉM EXISTE! estava frente a frente com o que carregava cartazes com QUEM OUVE VOZES QUASE SEMPRE É MALUCO.

Insultos geravam mais insultos. Ameaças produziam novas ameaças.

– Deixem-nos em paz!

– Vocês são todos impostores!

– Louvemos o Senhor!

– Façam isso em outro lugar!

– Só estamos tentando ajudar a humanidade!

– Estão é levando as pessoas a se matarem!

– Estamos nos Estados Unidos! Temos direito à nossa religião!

– Mas não têm o direito de nos forçar a aceitá-la!

- Deus está vendo!
- Mentirosos!
- Salvem suas almas...
- Impostores!
- Anjos de Deus...
- Calem a boca!
- Vão para o inferno...
- Bando de doidos...
- Doidos são vocês!
- Fiquem longe de mim!

Alguém fez uma ameaça, outra pessoa revidou e os grupos se misturaram um com o outro, formando uma grande confusão. Cartazes foram derrubados e os gritos se tornaram incompreensíveis. Os manifestantes forçavam passagem e corriam, alguns para entrar no tumulto, outros para fugir dele.

O pastor Warren saiu de casa com passos vacilantes e as mãos na cabeça.

- Por favor, parem! Todos vocês!

Um carro de polícia chegou a toda a velocidade e Jack Sellers saltou com Dyson, aos gritos:

- Parem com isso! Todos! Já!

Mas havia gente demais, algumas centenas de pessoas.

– Façam alguma coisa! – alguém gritou. – Em seguida: – Socorro!...
Aqui!

Jack olhou de um lado para outro. Em sua grande maioria, os fiéis estavam curvados e os manifestantes, em posição agressiva.

- Ligue para Moss Hill e Dunmore! – gritou Jack para Dyson.

Eles precisariam de um grande reforço para enfrentar aquela situação. Em cidades maiores, a polícia tem escudos, coletes à prova de bala, capacetes, equipamento antimotim. Jack, no entanto, estava ali apenas com seu casaco, um cassetete na cintura e um revólver no coldre, mas jamais o sacaria no meio de tanta gente. Atrás da massa de manifestantes que se empurravam e se acotovelavam, ele viu repórteres de televisão e operadores de câmera se aproximando a correr pela rua com seus equipamentos.

– AFASTEM-SE! – gritou ele, avançando com dificuldade no meio da turba. AFASTEM-SE!

Foi inútil. Jack tentou pegar o cassete, mas no mesmo instante pensou em Robbie. Teve a repentina sensação de que seu filho o observava e julgava todos os seus movimentos.

Enquanto abria caminho e tentava determinar quem estava de qual lado, Jack viu um jovem de casaco marrom que parecia ter a mesma idade de Robbie colocar o braço na frente do rosto para se proteger e exclamar: “Pai, me salve. Pai, me salve!” Jack correu na direção dele, mas então sentiu o forte impacto de alguma coisa contra sua cabeça. Perdeu o equilíbrio, tropeçou e caiu de quatro, com a visão turva, o couro cabeludo sangrando, enquanto os gritos aumentavam e preenchiam a atmosfera antes tranquila de Coldwater.

☿ Samantha tirou fatias de pão de cinco torradeiras diferentes e levou um prato cheio delas para a sala onde estava Tess, sentada no chão, rodeada por dezenas de fiéis. Desde a celebração do Dia de Ação de Graças, Tess convidava-os todos os dias para o café da manhã. Eles chegavam em grupos pequenos, comiam alguma coisa, saíam e cediam lugar a outros. Alguns agora até iam ao mercado comprar pão, geleia e caixas de cereal.

No início parecia haver algum constrangimento entre eles. Embora Tess usasse casacos e calças jeans velhos, as pessoas consideravam-na abençoada, a escolhida, e ela percebia que era observada por todos quando imaginavam que estivesse distraída.

Mas o que de fato interessava àquela gente eram os telefonemas que ela recebia. Quando Tess contava o que sua mãe dizia, todos ficavam extasiados.

– *Não trabalhe tanto nem até tão tarde, Tess.*

– Por que não, mãe?

– *Reserve algum tempo... para apreciar a criação de Deus.*

– Como é a passagem do tempo no céu?

– *O tempo foi feito pelo homem... Nós estamos acima do Sol e da Lua...*

– Existe luz no além?

– *Sempre existe luz... mas não como você imagina.*

– Como assim?

– *Lembra-se da sua infância, Tess? Você tinha medo do escuro quando eu estava em casa?*

– Não, não tinha. Eu sabia que você estava lá, que me protegeria.

– *No céu... a sensação é a mesma. Não há medo. Nunca está escuro. Quando você sabe que é amada... só existe a luz.*

Os fiéis baixaram a cabeça depois dessas palavras de Tess. Todos sorriram e deram-se as mãos. Era evidente que a própria Tess se comovera ao citar a mãe. Durante seu último ano de vida, Ruth ficara em uma cadeira de rodas. Era uma estátua viva que deixava Tess escovar seu cabelo, abotoar sua blusa e vez ou outra lhe colocar um colar no pescoço. Tess a alimentava, dava-lhe banho e teria adorado ouvi-la falar. Tantas vezes afastamos as vozes mais próximas de nós...

Mas, quando elas estão longe, as queremos de volta.

– Sua mãe é uma *santa* – disse uma mulher com sotaque espanhol que usava uma pequena cruz no pescoço.

Tess visualizou Ruth naquela mesma mesa, preparando sanduíches de presunto ou de salada de ovos.

– Não – respondeu Tess com um sorriso. – Ela era cozinheira.

🌀 Sully saiu da loja de móveis com um cheque na pasta. A caminho da porta, uma vendedora desejou-lhe Feliz Natal.

Ainda faltavam três semanas para a data festiva, mas as casas e os estabelecimentos comerciais de Coldwater já estavam enfeitados com luzes coloridas. Muitos tinham guirlandas nas portas. Sully deu partida no carro, ligou a calefação e esfregou as mãos uma na outra. Consultou o relógio: duas horas até Jules sair da escola. Seguiu na direção da Dial-Tek, onde iria se encontrar com Elias Rowe.

Pensou na semana anterior, na noite em que Elias aparecera na sua porta. Sully tinha lhe oferecido uma bebida e ambos sentaram-se à mesa da cozinha.

– É a primeira vez em semanas que volto aqui – disse Elias.

Ele ficara em sua cabana na Península Superior para evitar “todos os malucos” que haviam tentado encontrá-lo. Só tinha voltado para casa no Dia de Ação de Graças, para passá-lo com a família do irmão. No entanto, ao ver como estava a cidade – os carros, as caminhonetes, as vans, as pessoas acampadas, toda aquela multidão –, ao perceber que ela estava quase irreconhecível, ele sentiu que devia procurar Sully antes de ir embora.

– Não consigo parar de pensar naquele dia em que você correu na direção do meu caminhão. Tenho refletido muito, me perguntado se eu não deveria ter mantido minha boca fechada... De todo modo, me desculpe se causei algum problema ao seu filho.

Sully olhou na direção do quarto de Jules. Pensou em mostrar a Elias o telefone azul de plástico enfiado embaixo do travesseiro do menino, mas limitou-se a perguntar:

– O que o fez ir embora?

Elias falou sobre sua história com Nick Joseph. Sobre a morte conturbada dele. Contou dos telefonemas em que ele perguntava “Por que fez isso?” e disse que jogara o telefone no lago Michigan.

Sully, por sua vez, contou que acreditava que tudo aquilo não passava de um embuste e também que descobrira que seis das sete pessoas que supostamente haviam recebido as ligações utilizavam o mesmo plano telefônico. Não havia sido surpresa saber que Kelly Podesto era a única exceção.

Elias jogou a cabeça para trás.

– Ah, cara... Eu usava o mesmo plano, também. Há dois anos.

– Não pode ser só coincidência – observou Sully.

Elias deu de ombros.

– Talvez não. Mas isso não explica por que eu estava falando com Nick.

Sully baixou os olhos. Esse era o problema.

– Mas vocês não tiveram mais nenhum contato, certo?

– Eu estava sem telefone.

– Está disposto a tentar alguma coisa? Para provar isso de um modo ou de outro?

Elias balançou a cabeça em uma negativa.

– Desculpe. De jeito nenhum. Fico com a impressão de estar brincando com alguma mágica poderosa. Para ser franco, fiquei apavorado com essa história.

Sully passou as mãos pelos cabelos e tentou disfarçar a frustração. As pessoas estavam hipnotizadas pelas conversas sobre o além ou aterrorizadas por elas. Por que ninguém queria revelar a verdade?

Ele reparou que Elias olhava por cima de seu ombro. Virou-se e viu Jules parado no corredor, esfregando os olhos.

– Papai?

O menino apoiou-se no caixilho da porta e baixou a cabeça até encostar o queixo no peito.

– O que houve, filho?

– Estou com dor na barriga.

Sully aproximou-se, pegou o garoto no colo e levou-o de volta para a cama. Ficou a seu lado por vários minutos, acariciando seus cabelos até ele adormecer de novo. Quando voltou, Elias estava com as mãos enormes juntas e a testa pousada nelas.

– Ele sente falta da mãe?

– Demais.

– Você acredita mesmo que seja tudo um embuste?

– Só pode ser.

Elias suspirou.

– O que quer que eu faça?

Sully quase sorriu.

– Arranje um telefone novo.

🌀 Amy parou em um posto na estrada e estacionou ao lado de uma bomba de calibrar pneus. Deixou o motor ligado. Phil desceu do carro e espreguiçou-se longamente.

– Nossa, que frio! – exclamou, esfregando os braços com força. – Quer um café?

– Quero, obrigada.

– Com creme?

– Puro.

Ele afastou-se depressa.

Por insistência do próprio Phil, Amy o estava levando a Coldwater, onde havia dois meses ela tinha se estabelecido. Ele achava que precisava supervisionar pessoalmente a transmissão de uma ligação para o telefone de Katherine Yellin. Amy não se importava. Na verdade, estava feliz com a vinda do chefe. Assim ele veria tudo o que ela fazia pela emissora, agora que literalmente vivia naquela cidadezinha atrasada e tinha conquistado a simpatia de Katherine. Tinha sido graças a Amy que Katherine se recusara a participar de um programa de entrevistas em cadeia nacional previsto para dali a pouco tempo, e também fora graças a ela que Katherine concedera à Nine Action News a prioridade de veiculação do telefonema de sua irmã. Phil veria tudo isso na viagem. Na pior das hipóteses, o fenômeno de Coldwater permitiria que Amy se livrasse dos noticiários de fim de semana. Ela já participava das transmissões de segunda a sexta-feira mais do que qualquer outro repórter da emissora. De brincadeira, referiam-se a ela como a “Amy de Coldwater”.

Ela pegou o telefone e ligou para Rick, seu noivo.

– Alô?

– Olá, sou eu – disse Amy.

– Ah, olá – respondeu ele, com a voz assumindo um tom de irritação.

❧ Alexander Bell pode ter inventado o telefone, mas nunca precisou enfrentar os efeitos peculiares desse aparelho sobre os relacionamentos humanos. Como Mabel, o amor de sua vida, era surda, ela jamais esteve do outro lado da linha, e Bell nunca ouviu sua voz assumir um tom frio, aborrecido ou distante, ou sofreu o desconforto de escutar as pessoas queridas sem vê-las e precisar lidar com sua contrariedade apenas com uma pergunta: “O que aconteceu?”

Havia semanas Amy repetia essa pergunta quando ligava de Coldwater para Rick depois de enviar suas matérias. Ele parecia cada vez mais distante.

Irritado. Na noite anterior, em um raro aparecimento dela em seu apartamento, Amy descobrira o motivo.

– É isso mesmo que você quer fazer? – perguntara ele, elevando o tom de voz como se quisesse iniciar uma briga.

– Como assim?

– Quer encher a cabeça das pessoas com essas histórias fantasiosas?

– Isso se chama jornalismo, Rick. É o meu trabalho.

– É uma obsessão. Você dorme lá. Pelo amor de Deus, Amy, conheço diretores que trabalham menos do que você.

– Não digo a você como fazer seu trabalho!

– Mas eu vou do trabalho para *casa*! Tenho vontade de conversar sobre coisas diferentes. Mas você só fala de Coldwater. Conta o que Katherine disse, o que fulano, beltrano ou sicrano fez, o que os jornais publicaram, como você conseguirá superá-los, como precisa de um cinegrafista só seu. Amy, você não se ouve?

– Me desculpe, mas é assim que funciona, está bem? Todos os jornalistas famosos só alcançaram o sucesso graças a uma reportagem que os colocou no mapa!

Rick balançou a cabeça, a boca entreaberta.

– Ouça o que você está dizendo. Que *mapa*, Amy? Não existe mapa nenhum! Você não falou uma única vez em nós dois. Nós não vamos nos casar? Que tal falar *nesse* mapa?

– O que quer que eu faça? – interrompeu Amy, com o rosto contraído pela raiva.

Foi mais uma ameaça do que uma pergunta.

A décima quinta semana

Quando ainda eram casados, Doreen costumava visitar Jack na delegacia, que ficava a pouco mais de um quilômetro da casa deles. Às vezes ela e o pequeno Robbie levavam sanduíches de rosbife para todo mundo. Os agentes novatos costumavam mostrar suas armas para o menino, o que fascinava a ele e irritava sua mãe.

Desde o divórcio, seis anos antes, Doreen não colocara mais os pés naquele local. Foi por isso que todas as cabeças se viraram quando, na manhã de segunda-feira, ela apareceu no balcão de atendimento e tirou a echarpe.

– Bom dia, Ray.

– Olá, Doreen! – disse ele, com entusiasmo exagerado. – Como tem passado? Você está ótima!

– Obrigada. – Doreen vestia um casaco vermelho velho e estava completamente sem maquiagem. Sabia que não estava ótima. – Por favor, diga a Jack que estou...

– Pode entrar – falou Jack, parado no vão da porta.

A delegacia era pequena demais para ele não saber que a ex-esposa estava ali. Doreen deu um sorriso tímido e seguiu-o. Cumprimentou Dyson e dois homens que não reconheceu com um aceno de cabeça. Jack fechou a porta assim que ela entrou.

– Mel não queria que eu viesse – começou Doreen.

– Hã... Ok.

– Fiquei preocupada com você. O ferimento foi grave?

– Não foi nada – disse ele, levando a mão à cabeça.

Ele tinha um curativo na testa e uma cicatriz de pouco mais de um centímetro logo abaixo. Durante a confusão na igreja, na semana anterior,

alguém o atingira com uma placa – sem querer, conforme ficou provado – e ele caíra de quatro diante das câmeras. A imagem do chefe de polícia local no chão espalhou o pânico por toda a cidade, obrigando o governador a enviar seis agentes da polícia estadual para Coldwater por período indeterminado. Dois deles – os homens que Doreen não havia reconhecido – estavam agora do lado de fora do escritório.

– O que você estava fazendo no meio do tumulto? – perguntou Doreen.

– Estava tentando acabar com aquilo. Tinha um jovem lá que me fez lembrar de...

– De quem?

– Não importa.

– Robbie?

– Não importa. Tentei ajudá-lo. Foi burrice minha. Mas estou bem. Meu orgulho está mais ferido do que minha cabeça.

Doreen reparou em um porta-retratos na sua mesa: era uma foto dos três – Robbie, Jack e Doreen – durante um passeio em uma lancha quando Robbie era adolescente, todos eles usando coletes laranja.

– Tirei todos os telefones, Jack.

– O quê?

– Tirei todos os aparelhos de casa. Livrei-me deles. Não aguentava mais.

– Você parou de falar com ele?

Ela assentiu com a cabeça.

– Não entendi.

Doreen deu um suspiro profundo.

– Aquilo não me deixava feliz. Para ser sincera, só fazia com que eu sentisse ainda mais a falta dele.

Ela olhou de novo a foto. Apesar das lágrimas que enchiam os seus olhos, precisou conter uma risada.

– O que foi? – perguntou Jack.

– A foto. Veja o que estamos usando.

– O quê?

– Coletes salva-vidas.

☿ Sem que Doreen soubesse, Jack falara com Robbie na sexta-feira anterior.

– *Pai, você está bem?*

Jack imaginou que ele se referisse ao seu machucado. Contou para o filho sobre os protestos.

– *Eu sei, pai... Você foi demais!*

– As pessoas não estão sabendo como lidar com tudo isso, Robbie.

– *Está legal... Está tudo legal...*

Jack estremeceu. Era assim que Robbie falava quando estava vivo, mas agora Jack esperava que seu vocabulário fosse outro.

– Robbie...

– *Quando as pessoas não têm uma crença, elas ficam perdidas.*

– É. Acho que sim.

Uma pausa.

– *Está tudo legal.*

– Escute, filho, o que você quer dizer quando fala que “o fim não é o fim”?

Outra pausa. Mais longa do que o habitual.

– *O fim não é o fim.*

– Você diz isso em relação à vida? Porque seus amigos Zeke e Henry vieram aqui e comentaram alguma coisa sobre uma banda. Esse é o nome de uma música de uma banda?

– *Eu te amo, pai.*

– Também te amo, filho.

– *Pai?*

– Sim?

– *Pela dúvida... é assim que O encontramos.*

– Como assim?

Então a ligação caiu.

Aquela conversa não saía da cabeça de Jack durante todo o fim de semana, e agora, com a ex-mulher à sua frente explicando por que não queria mais falar com o filho morto, ele estava pensando nela de novo.

Doreen secou os olhos com um lenço de papel.

– Achei que eu precisava lhe dizer isso – explicou ela. – Porque não é minha intenção abrir mão de algo que você queira para si.

Jack estudou o rosto dela, marcado por rugas ao redor dos olhos e salpicado por algumas manchas da idade. Muitos anos haviam se passado desde o primeiro encontro, o casamento, a chegada em Coldwater. Ele quase não tinha mais nenhuma lembrança do sentimento que os unira. Em um casamento, quando o amor acaba, os filhos se tornam o cimento que une os tijolos. Quando eles partem, os tijolos apenas se acumulam uns sobre os outros. E, se eles morrem, os tijolos desmoronam.

– Está tudo bem – garantiu Jack. – Era para você que ele telefonava, não para mim.

☿ Sully escreveu DETALHES? no alto do bloco amarelo e releu os nomes de sua lista: Tess Rafferty, Katherine Yellin, Doreen Franklin (ex-Sellers), Anesh Barua, Eddie Doukens, Jay James, Elias Rowe. Ele cortara Kelly Podesto com um traço vermelho.

Bateu ritmadamente com a caneta no bloco.

– Como está indo o trabalho de perícia? – perguntou Liz.

Ela olhava para ele por cima de sua mesa, onde Jules, sentado em um banco alto, coloria uma ilustração de elefante.

– Ah... – falou Sully. Depois deu um suspiro. – Estou tentando entender.

– Entender o quê?

– Como alguém foi capaz de descobrir tantos detalhes sobre essas pessoas.

– As pessoas mortas?

Jules ergueu a cabeça.

– Seja mais discreta, por favor – pediu Sully.

– Desculpe.

– Eu sei o que é morte – intrometeu-se Jules. – Foi o que aconteceu com a minha mãe.

Ele largou o giz de cera azul e pegou o vermelho.

– Escute, Jules... – disse Liz.

– Mamãe ainda consegue falar. Ela vai me ligar.

Liz suspirou e foi até Sully, que estremeceu ao ver seus movimentos mal coordenados. Ele imaginou se algum dia haveria cura para aquela doença. Ela era tão jovem... Talvez descobrissem alguma coisa.

– Sinto muito mesmo – disse ela, e sentou-se ao lado dele.

– Sem problemas.

– Agora, voltando aos detalhes que você quer, já tentou os obituários? Quem quer que os tenha escrito deve conhecer muito bem os detalhes sobre aquelas pessoas, certo?

– Já pensei nisso. Tem uma mulher...

– Maria Nicolini.

– Sabe quem é?

– Quem não sabe?

– Ela escreve os obituários. Tem uns arquivos enormes com informações.

– Isso. E...?

– E o quê? – Sully deu um sorriso irônico. – Você está achando que Maria...? Posso apostar qualquer coisa que aquela mulher não tem nada a ver com essas vozes.

Liz balançou a cabeça.

– Eu sei. Maria jamais faria mal a alguém. A não ser falar sem parar até a pessoa não aguentar mais.

– Exatamente.

– Mas quem além dela tem acesso a todos esses arquivos?

– Ninguém. Eles ficam com ela.

– Tem certeza?

– Aonde quer chegar?

Liz olhou de relance para Jules, concentrado em sua tarefa de colorir.

– O que quero dizer é que, quando eu estava na faculdade, fiz alguns cursos na área de jornalismo e aprendi que se deve sempre guardar os registros quando se publica uma matéria, para o caso de questionamento. “Guardem todas as suas anotações e pesquisas”, os professores diziam.

– Espere. – Sully fixou os olhos nela. – Você está querendo dizer que alguém tem esses arquivos e poderia estar comandando tudo... do *jornal*?

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Onde você trabalha.

☿ Se Jeff Jacoby soubesse que o cargo de prefeito exigiria tanto dele, nunca teria se candidatado. Só o fizera porque a autoridade era algo natural em sua vida: já a tivera como presidente do banco, como presidente da Associação Comercial, como membro do conselho do Country Club em Pinion Lake. Por que não em Coldwater? Ora, qual poderia ser a dificuldade em ser prefeito?

Quem poderia saber que seu mandato coincidiria com o fenômeno mais importante já ocorrido no lugar? Mas, agora que Coldwater estava sob os holofotes da mídia internacional, Jeff não queria perder o posto só porque a jovem Kelly Podesto não conseguira resistir à tentação de chamar a atenção para si mesma.

Lance, o produtor de TV, tinha dito que alguma prova do que estava acontecendo viria a calhar. Então, na tarde de quarta-feira, Jeff marcou um almoço de negócios no Frieda com o próprio Lance, Clint, o chefe de polícia Jack Sellers (afinal, a ideia que Jeff tinha em mente demandaria um especialista em segurança) e Katherine Yellin – a chave de tudo. Ao ser convidada, ela respondera que teria que consultar sua “amiga”, a repórter de TV Amy Penn, que por sua vez dissera que precisaria da autorização de seu chefe, o diretor de jornalismo Phil Boyd, que também teve que se reportar a seus superiores na emissora. A Nine Action News, como Jeff descobriu com muita satisfação, era a mesma rede que transmitira para todo o país o programa de entrevistas que fizera com que Lance e Clint aparecessem em Coldwater pela primeira vez.

Jeff estava aprendendo bem rápido que os meios de comunicação tinham dois lados: o que queria conseguir as notícias e o que fazia questão que ninguém mais as conseguisse.

Ele sabia tirar proveito das situações. Era conhecido no meio bancário como o “mandachuva”. Ao reunir Katherine, Jack, Amy, Phil, Lance e Clint ao redor da mesma mesa, ele provava que era isso mesmo. Reparou que

todos estavam com seus celulares a postos. Deu uma olhada no aparelho cor-de-rosa de Katherine, o que originara tudo.

– Muito bem – começou, depois de Frieda servir água gelada para todos.
– Obrigado a cada um de vocês por estar aqui hoje...

– Posso fazer uma pergunta? – interrompeu Katherine. – Por que tivemos que nos reunir aqui? É tão cheio...

O lugar estava de fato lotado e, apesar de ter sentado nos fundos, o grupo era objeto de atenção constante. Clientes os observavam. Repórteres tiravam fotos. Exatamente o que Jeff queria.

– Só pensei que poderíamos prestigiar um estabelecimento local.

– O Frieda vai muito bem sem a nossa ajuda – rebateu Jack.

Jeff olhou para ele, que continuava com o curativo na têmpora esquerda.

– É verdade, Jack. Mas, já que estamos aqui, que tal falarmos sobre o *motivo* que nos trouxe aqui?

E então ele revelou seu plano.

❧ Um: Katherine tinha planejado partilhar um telefonema com o mundo.

Dois: o programa de entrevistas precisava garantir que o fenômeno era real.

Três: os outros “escolhidos” temiam que a mentira de Kelly tivesse um efeito negativo sobre eles.

Quatro: a Nine Action News continuava mantendo Katherine como matéria “exclusiva”.

Cinco: o Natal estava chegando.

Jeff havia reunido esses tópicos e tido uma ideia que, segundo ele, faria todos saírem ganhando. Se Katherine conseguisse receber a ligação em público e partilhasse a voz de sua falecida irmã com todos, ao mesmo tempo que era filmada em rede nacional para um programa de entrevistas, todas as dúvidas quanto à verdadeira natureza dos milagres de Coldwater se dissipariam. Kelly Podesto cairia no esquecimento. O caso daria uma bela matéria de Natal. E, como o programa de entrevistas era transmitido pela Nine Action News de Alpena (e foi aí que Jeff se imaginou um executivo da

televisão), não seria o caso de contarem também com a participação de Phil e Amy? Não era isso que chamavam de “promoção cruzada”?

– Poderíamos manter a exclusividade? – perguntou Phil.

– Por nós, tudo bem – respondeu Lance.

– Amy poderia participar do esquema publicitário?

– Sem problema – concordou Clint.

– Onde faríamos?

– Que tal o engenho de sidra? – sugeriu Jeff.

– Em ambiente externo?

– Qual é o problema?

– A imprevisibilidade meteorológica.

– E se for no banco?

– Você quer fazer isso em um banco?

– Também pode ser em alguma das igrejas.

– Seria melhor.

– Qual delas?

– A São Vicente?

– A Colheita da Esperança?

– Que tal na escola?

– O ginásio seria uma opção...

– Já o usamos antes, quando...

– PAREM! PAREM! VOCÊS NÃO PODEM FAZER ISSO! ESTÁ ERRADO!

Isso levou todos os clientes do Frieda a um silêncio momentâneo. Lance e Clint arregalaram os olhos. Jeff ficou de boca aberta. O grito poderia ter sido dado por Katherine, a quem haviam pedido que transmitisse a voz da irmã morta para o mundo, ou por Jack, que estava sendo informado de um enorme evento público quando sua cabeça ainda exibia o machucado causado pelo último deles.

Mas, na verdade, quem gritara tinha sido a mulher que, de certa forma, dera início a toda aquela história.

Amy Penn.

– O que está *fazendo*? – resmungou Phil baixinho.

Amy olhou para ele como se estivesse em transe.

Ela nem percebera que as palavras tinham saído de sua boca.

☿ Elias Rowe contemplou as pequenas ondas que atingiam a margem. Ele gostava de ficar à beira dos Grandes Lagos. Era capaz de passar horas ali, fascinado pelo movimento da água. Um amigo que morava em Miami brincara: “Um lago não é um oceano, por mais que você olhe para ele.” Para Elias, no entanto, que passara os verões de sua infância andando de barco e nadando naquelas águas, uma visita ao litoral parecia uma peregrinação.

Era uma manhã de sexta e ele estava a caminho do norte. Havia parado ali por alguns minutos para aproveitar a solidão. Reparou em pequenas placas de gelo na beira da água – era o inverno que, aos poucos, assumia o controle.

Enfiou as mãos nos bolsos.

Sentiu o telefone vibrar.

Era o celular que ele relutara em comprar naquela loja em Coldwater. Ele e Sully estavam havia cinco dias em seu “experimento”. Ele não dera o número a ninguém. Olhou o identificador de chamadas. NÚMERO DESCONHECIDO.

Elias deu três suspiros ruidosos em sequência, como alguém que se prepara para mergulhar.

Em seguida pressionou uma tecla e disse: “Quem é?”

Três minutos depois, com as mãos trêmulas, ligou para um número que anotara em um pedaço de papel.

– Você estava certo – sussurrou quando Sully atendeu. – Ele acabou de me ligar.

– Quem?

– Nick.

☿ Naquela noite o pastor Warren estava diante de uma igreja repleta de fiéis. Era o dia de estudo da Bíblia, um evento que apenas poucos meses antes talvez tivesse atraído sete ou oito pessoas. Agora havia no mínimo quinhentas.

– Hoje eu gostaria de falar sobre o maná – começou. – Todos sabem o que é maná?

– É o alimento do céu – respondeu alguém.

– Alimento de Deus – corrigiu o pastor. – Mas, sim, era um alimento que vinha do céu todas as manhãs enquanto as crianças de Israel vagavam pelo deserto.

– Pastor?

Um homem tinha a mão levantada. Warren suspirou. Ele sentia uma leve tontura e esperava acabar logo com aquilo.

– Sim, meu jovem?

– A alma precisa de alimento no céu?

Warren piscou.

– Eu... não sei.

– Perguntei a Tess e ela disse que a mãe nunca mencionou isso.

– Katherine também nunca falou sobre isso – acrescentou outra pessoa.

– Sou amiga de Anesh Barua – comentou uma mulher de meia-idade, levantando-se. – Posso pedir que ele pergunte à filha.

– Como ela morreu?

– De leucemia. Aos 28 anos.

– Quando você vai falar com ele?

– Silêncio, *por favor!* – exclamou Warren.

A congregação calou-se. Warren transpirava. Sua garganta doía. Estaria com algum problema? Nos últimos tempos, tinha confiado os estudos da Bíblia a Joshua, seu jovem diácono, mas naquela noite sentira-se obrigado a fazer um esforço.

Mais cedo, tinha ficado sabendo do plano do prefeito: uma transmissão pela TV de Katherine Yellin falando com a irmã morta. O mundo inteiro assistiria.

Cada fibra de Warren lhe dizia que aquilo estava errado, que era até uma blasfêmia, que algo terrível poderia acontecer a todos. Ele tentara marcar um encontro com Jeff Jacoby, mas a resposta que recebera foi que ele estava ocupado demais. Tentara telefonar para Katherine, porém ela não havia atendido. As Escrituras lhe diziam que ele precisava ser humilde, mas uma

chama ardia dentro de si; a sensação era de ter levado uma bofetada. Ele ocupara aquele púlpito durante 54 anos. Não merecia a cortesia de ser ouvido? O que estava acontecendo com as pessoas que conhecia? Katherine, que costumava ser sua congregada leal? Jeff, que sempre ouvira seus conselhos? Padre Carroll? Os outros sacerdotes? Eles pareciam estar deixando-o para trás, atraídos por uma luz que Warren sentia não ser de natureza divina. Ele inclusive perdera a estimada Sra. Pulte por causa daquela loucura e, na ausência dela, os voluntários haviam criado uma confusão enorme. A vida organizada que Warren conhecera parecia agora desfeita e dispersa. Nem um simples estudo bíblico ele conseguia dominar. *Foco. Senhor, dai-me foco.*

– Voltemos, então... ao maná – continuou. – Leiam comigo, por favor... – Estreitou os olhos atrás dos óculos e enxugou o suor da testa. – Aqui... Êxodo, capítulo 16, versículo 26...

Concentre-se.

– Deus fala do maná pela voz de Moisés: “Seis dias o recolhereis, mas o sétimo dia é o sábado, e nele nada haverá.” – Warren ergueu os olhos. – Sabem o que aconteceu?

Uma senhora idosa, franzina, ergueu a mão.

– Eles foram atrás do maná assim mesmo?

– Exatamente. No versículo 27 nós podemos ler: “E aconteceu ao sétimo dia que alguns saíram para fazer sua provisão, mas nada encontraram.” – Enxugou de novo a testa com um lenço. – Então... havia esse povo que recebia o que havia de mais incrível no mundo. Alimento caído do céu. Alimento bom. Que os satisfazia. Uma nutrição perfeita. Talvez nem os fizesse engordar.

Alguns riram. Warren não se sentia bem. Seu coração estava acelerado. *Continue. Continue.*

– Mas o que aconteceu? Algumas pessoas ainda não confiavam na palavra de Deus. Elas saíram sábado, embora Ele tivesse lhes dito o contrário. Lembrem-se: o maná era um milagre. Um milagre *verdadeiro!*

Inspire, expire. Termine a aula.

– Mesmo com esse presente de Deus, elas queriam mais.

Inspire. Expire.

– E o que elas conseguiram?

– Nada – respondeu alguém.

– Pior que isso. Deus ficou *zangado*. – Ele ergueu a cabeça. As luzes pareciam particularmente fortes. – Sim, *zangado*! Não podemos pedir milagres. Não podemos esperá-los! O que está acontecendo em Coldwater, caros amigos, é errado.

Os fiéis começaram a murmurar.

– É errado! – repetiu ele.

O murmúrio ficou mais alto.

– Irmãos e irmãs, sabem o que quer dizer a palavra *maná*?

Todos se entreolharam.

– Alguém conhece o significado da palavra?

Nenhuma resposta. Warren suspirou.

– Significa... “O que é isto?”

Repetiu as palavras. A igreja começou a girar. Sua voz enfraqueceu de repente.

– “O que é isto?”

Então ele perdeu os sentidos.

A décima sexta semana

Alexander Graham Bell inventou o telefone, mas foi Thomas Edison quem criou o “alô”. Bell tinha escolhido a palavra “olá” como a saudação-padrão, mas em 1878 seu concorrente Edison sugeriu que um termo pouco utilizado seria mais característico e mais claro. Como Edison supervisionou as primeiras ligações telefônicas, “alô” rapidamente tornou-se a norma.

Edison também aprimorou muito a qualidade do sinal ao introduzir um disco de carbono comprimido no transmissor.

Ainda assim, nada do que Edison fez com o telefone se comparou à histeria original inspirada por Bell – pelo menos até 1920, quando Edison declarou a uma revista que estava trabalhando em um “telefone espírita”, um aparelho que talvez viesse a permitir que as pessoas um dia falassem com os mortos.

“Acredito que a vida, como a matéria, é indestrutível”, afirmou ele. “Se houver pessoas em outro plano... que desejem entrar em contato conosco nesta existência... esse aparelho pelo menos lhes daria uma oportunidade melhor.”

O artigo provocou uma reação furiosa, seiscentas cartas ao editor e inúmeros pedidos do aparelho. Embora Edison tenha mais tarde sugerido que tudo não passara de uma brincadeira, ainda hoje há gente que busca pistas de sua invenção misteriosa.

A notícia de que uma transmissão ao vivo de Coldwater, Michigan, veicularia pela primeira vez uma voz do além provocou uma reação que teria engolido Thomas Edison como uma avalanche. As estradas para Coldwater ficaram congestionadas durante horas. O governador convocou dezenas de policiais, que se posicionaram a cada quilômetro ao longo da Rota 8 e a cada

100 metros na Lake Street. Caravanas chegavam. Caminhonetes, trailers e ônibus escolares amarelos. Como uma chuva de meteoros, um eclipse solar ou uma festa para celebrar a passagem do milênio, o acontecimento atraiu os curiosos, os devotos e aqueles que queriam apenas participar de um momento histórico. O fenômeno despertou o interesse tanto de fanáticos religiosos quanto de descrentes, que julgavam ser loucura tratar o céu daquela maneira.

O evento foi marcado para sexta-feira, três dias antes do Natal, à uma da tarde. A locação seria ao ar livre, no campo de futebol da escola de ensino médio, onde tinham sido montados um palco e alto-falantes, porque nenhum local na cidade conseguiria acolher a multidão prevista. O chefe de polícia Jack Sellers, que deixou claro ser “inteiramente contrário à ideia”, recusou-se a garantir a segurança de uma filmagem em ambiente fechado. Ele previa uma enorme confusão quando as pessoas tentassem entrar, e um grande risco de incêndio.

Amy Penn não cobriria o evento. Havia sido mandada para casa e Phil Boyd pedira desculpas pela falta de profissionalismo dela. Ninguém sabia o que a levava a fazer aquele escândalo e sem mais nem menos se recusar a falar sobre um assunto no qual trabalhara durante meses. “É provável que seja exaustão”, Phil dissera. “As pessoas fazem besteiras incríveis quando estão cansadas.” Ele designou o apresentador de seu principal noticiário para assumir o lugar dela.

O sinal verde para a execução do plano inteiro dependia, é claro, de Katherine Yellin, que pedira um dia para pensar. Sexta-feira de manhã, depois de rezar por várias horas ao pé de sua cama, o telefone tocou. Ela sabia que seria Diane. E era.

– *Está feliz hoje, mana?*

Katherine desabafou. Expressou sua frustração. Falou sobre os manifestantes, os céticos, os descrentes.

– Diane, você falará comigo na frente de todos? Para que saibam que é tudo verdade? Que fomos as primeiras?

Chiado.

– *Quando?*

– Querem que seja na próxima sexta. Esses homens... não sei. Isso é bom ou ruim, Diane? Estou tão perdida...

– *O que você quer realmente, Kath?*

Katherine sorriu por entre as lágrimas. Diane, mesmo no céu, preocupava-se com as necessidades da irmã.

– Quero apenas que as pessoas *acreditem* em mim.

O chiado aumentou.

– Diane?... Você ainda está aí, Diane?

Finalmente, sua irmã respondeu:

– *Estarei sempre aqui para você, Kath.*

– Como sempre esteve.

– *Sexta-feira.*

Depois disso, silêncio.

Os escritórios do *Northern Michigan Gazette* estavam mais movimentados do que nunca. Nas últimas semanas, o jornal dobrara de tamanho, em grande parte graças aos anúncios destinados aos visitantes de fora da cidade. Ron Jennings havia contratado freelances para ajudar os dois repórteres fixos – Elwood Jupes, de 66 anos, que trabalhava ali havia décadas, e Rebecca Chu, de 24, que o substituiria quando ele se aposentasse – na produção de textos. Cada um precisava escrever pelo menos cinco matérias por edição.

Nos dois meses em que trabalhava para o *Gazette*, Sully não conhecera ninguém do editorial, e nem queria conhecer. Devido ao seu passado e à natureza do trabalho jornalístico, ele imaginava que seria bombardeado com perguntas que não tinha interesse em responder.

Agora, porém, ele tinha um motivo para estar ali: a ideia sensata de Liz de que alguém no jornal poderia saber das entrevistas feitas por Maria para os obituários. Com tantas informações sobre os mortos, além do acesso que os repórteres tinham aos números de telefone, dados, históricos e detalhes biográficos... haveria base melhor para se montar uma farsa?

– Então vamos começar, pessoal – anunciou Ron Jennings.

Ele reunira as duas equipes – editorial e comercial – ao redor de uma mesa de reuniões. Mal conseguia conter o entusiasmo. De pé, tamborilava com uma caneta azul no quadro branco ao seu lado.

– Vai ser a semana mais importante que já tivemos...

☿ Ao final da reunião, Sully deu um jeito de se aproximar de Elwood Jupes, o repórter de cabelos brancos com nariz de boxeador e uma papada que caía por cima do colarinho abotoado e do nó apertado da gravata. Jupes olhou para Sully por trás dos óculos, depois estendeu a mão e se apresentou:

– Muito prazer, meu nome é Elwood. Você trabalha em vendas, é isso?

– Isso. Sullivan Harding.

– Hum...

Sully fez uma pausa. O que aquilo queria dizer?

– Há quanto tempo está trabalhando aqui? – perguntou Elwood.

– Só há dois meses. E você?

Elwood riu.

– Desde antes de você nascer.

– O que está achando de tudo isso? Quero dizer, dos telefonemas.

– É a coisa mais maluca que já cobri.

– Acha que é uma coisa boa?

– Boa? – Elwood estreitou os olhos. – Só o tempo vai dizer. As pessoas estão se comportando melhor, não é? Não tivemos um caso sequer de furto em lojas desde que tudo isso começou. Quando a gente fala com os religiosos, eles dizem que todas as igrejas estão lotadas. As pessoas têm orado como nunca. Então, o que acha, Sr. Harding? Será que é uma coisa boa?

– Imagino que tenha precisado escrever muito sobre isso – disse Sully em vez de responder à pergunta.

– Sem parar, desde que começou. – O homem suspirou. – Mal tenho tempo de cobrir outro assunto, a não ser os jogos dos Hawks nas noites de sexta-feira. Continuo louco por futebol, sabe? Não fomos muito bem este ano. Só vencemos três vezes.

Sully mudou de assunto:

– Escute, alguém teve notícias do tal Elias Rowe? Ele não foi um dos primeiros a receber as ligações?

Elwood olhou para um lado e para outro, depois inclinou o corpo na direção de Sully.

– Ele voltou à cidade esta semana. Algumas pessoas o viram.

– Por que ele não quer aparecer?

– Por quê? Talvez porque a pessoa que liga para ele não seja alguém com quem ele *queira* falar, não é? Ninguém pensa nisso. Mas eu, sim.

Sully cerrou os punhos involuntariamente.

– Quem será que liga para ele, então?

– Não posso dizer. Tenho que proteger minhas fontes.

Sully forçou um sorriso.

– Que bobagem! Trabalhamos para o mesmo lado, não é?

– Ah, não – retrucou Elwood. – O dinheiro e as notícias nunca estão do mesmo lado.

Ele deu um tapinha amigável no braço de Sully, cuja mente trabalhava a toda a velocidade. Sully percebeu que a conversa estava por acabar, e ainda havia muita coisa que ele precisava saber.

– Por falar em negócios, preciso ir ver um cliente hoje. Davidson & Filhos. Conhece?

– Se conheço? Tenho 66 anos. Consegue imaginar a quantos velórios já fui? Além disso, o proprietário é um velho amigo meu.

Ótimo, Sully pensou. Horace e Elwood. Que dupla!

– Estive conversando com uma senhora que trabalha lá, Maria. Ela me disse que escrevia nossos...

– Obituários. Sim – falou Elwood, com ar de reprovação. – Nunca aprovei isso. Um anunciante nos paga por um serviço e nós terceirizamos esse trabalho para eles?

– Pois é – respondeu Sully, pensando nos arquivos de Maria. – Também acho estranho. Como podemos ter certeza de que o que publicamos está correto? Alguém confere as informações?

Elwood pigarreou. Estudou Sully com atenção, como uma câmera fazendo uma panorâmica do horizonte.

– Você está muito curioso sobre esse assunto, não é?

Sully deu de ombros.

– Por quê? – insistiu Elwood.

– Não importa.

Elwood coçou o queixo.

– Acredita no além, Sr. Harding?

Sully baixou os olhos. A resposta era não. Ele piscou e voltou a olhar para Elwood.

– Por que quer saber?

– Por nada – disse o velho. – Mas desde a criação do homem as pessoas se perguntam se o além existe. Esta semana teremos, talvez, uma prova disso. Seria a matéria mais fantástica de todos os tempos, não?

Sully não respondeu de imediato.

– Contanto que seja verdade – disse baixinho, por fim.

– Hum... – murmurou Elwood. Em seguida contraiu os lábios para reprimir um sorriso.

Sully decidiu arriscar:

– Quem é Nick Jos...

Então sentiu um toque no ombro.

– E aí, meus amigos, estão se conhecendo melhor? – perguntou Ron Jennings. – Que tal fazerem isso em outra oportunidade? Temos um monte de coisas a fazer. Aqui está sua lista de clientes, Sully. Vamos.

Enquanto o homem o afastava dali, Sully olhou por cima do ombro e viu que Elwood Jupes voltava a sua mesa. Ron conduziu Sully até a porta sem parar de falar por um só instante, lembrando-o de que os preços dos anúncios tinham dobrado naquela semana em antecipação à maior tiragem do *Gazette* de todos os tempos.

– Explique aos anunciantes que é uma oportunidade única – orientou Ron ao abrir a porta. – Eles pagarão.

E assim Sully viu-se parado no meio da rua. Expirou longamente e tentou decifrar o que acabara de acontecer. Ele estava no caminho certo ou muito longe de conseguir uma pista? Mais à frente, passageiros desembarcavam de um ônibus. Mais turistas. Ouviu o badalar dos sinos da

igreja.

– Harding!

Ele se virou. Elwood Jupes estava apoiado no batente da porta, sorrindo.

– O que foi?

– Você não se virou quando gritei seu nome naquele jogo de futebol no mês passado. Por quê?

Sully engoliu em seco.

– Era você?

Elwood estalou a língua nos dentes.

– Você sofreu uma grande injustiça, rapaz. Muita gente sabe disso. E não dê bola para o idiota que gritou “Jerônimo”. Ele estava caindo de bêbado.

Então entrou e fechou a porta.

☿ Na verdade, o *Gazette* tinha publicado, na época do acidente de Sully, uma matéria sobre o assunto, sob o título ANTIGO MORADOR DE COLDWATER ENVOLVIDO EM COLISÃO AÉREA. Escrito por Elwood Jupes, o texto basicamente repetia a maior parte das informações da Associated Press, mas acrescentava uma frase do pai de Sully, para quem Elwood ligara após a notícia. “Conheço meu filho”, dissera Fred Harding. “É um excelente piloto. Alguém naquela torre de controle fez besteira, e espero que descubram o que aconteceu.”

Não descobriram. Elliot Gray estava morto, e tudo o que se sabia sobre ele era que assumira a função menos de um ano antes, após realizar trabalhos similares em outros três estados. As fitas de transmissão da torre estavam vazias ou inaudíveis. A princípio se suspeitou de que Elliot as havia apagado, mas isso teria requerido tempo e habilidade, e, considerando o pequeno intervalo entre o choque aéreo e a colisão de seu Toyota com o Chevy de Giselle Harding, a hipótese foi logo descartada. O equipamento de gravação não tinha funcionado direito, só isso. Não havia mais ninguém na torre, pois todo o pessoal disponível correria para a aeronave Cessna que fizera um pouso de emergência no gramado ao lado da pista depois de ter atingido um poste telefônico durante a descida.

O avião sofrera danos na fuselagem e tivera o leme de direção partido – um dos pedaços parecia ter sido aspirado pelo motor de Sully, provocando o acidente. O piloto do Cessna declarou que em nenhum momento avistou o F/A-18, e que a torre o autorizara a “pousar na pista 27 à direita”, a mesma designada para Sully, segundo seu depoimento. Esses fatos haviam atraído uma atenção considerável, até o resultado do exame de sangue de Sully vir a público.

O *Gazette* também escrevera sobre o caso.

Sully nunca lera essas matérias. No entanto, noite após noite enquanto esteve na prisão, ele pensou naquela transmissão, nas palavras “27 à direita” e em como uma voz humana falando através de cabos – uma tecnologia inimaginável sem a invenção do telefone – mudara sua vida para sempre.

☿ Havia anos Jack não fazia panquecas, mas foi fácil reaprender, principalmente depois da nona rodada. Ele estava usando duas frigideiras e uma chapa de ferro. Quando as panquecas ficavam prontas, Tess as levava em bandejas grandes para a sala de sua casa e as servia às pessoas.

Desde o Dia de Ação de Graças, a antiga casa de sua mãe se transformara em um “posto de abastecimento” repleto de visitantes (Tess proibiu o uso da palavra *fiéis*) que, sentados no chão, perguntavam sobre suas conversas com o além, sobre o que Ruth dissera, que conselhos dera. Tess não permitia que ninguém, a não ser Samantha ou Lulu e, agora, Jack Sellers, entrasse na cozinha, onde ficava o telefone, pendurado na parede. Quando o aparelho tocava, ela puxava o fio até a despensa para ter privacidade.

Fazia uma semana que Jack aparecia lá todas as manhãs antes do trabalho. Com toda a loucura dos protestos e da mídia, ele gostava de passar uma hora ou duas naquela cozinha à moda antiga, em meio ao tilintar de pratos e talheres. Achava que Tess estava certa em não deixar a televisão ligada. Deliciava-se com o aroma que impregnava a cozinha e com as crianças correndo de um lado para outro o tempo todo.

Acima de tudo, ele gostava de estar perto de Tess. Precisava se controlar para não ficar o tempo inteiro com os olhos grudados nela e acabar

denunciando seus sentimentos. O que mais o fascinava era a humildade sincera que a dominava a cada novo contato da mãe. Tess tinha dificuldade em lidar com esse fenômeno, assim como Jack ao falar com Robbie. Ela não queria que isso chamasse a atenção.

Foi por esse motivo que ele tentou convencê-la a não ir ao evento de sexta-feira.

– Por que participar desse fiasco?

Tess pensou por um momento, depois fez um gesto para que ele a acompanhasse até a despensa.

– Também acho – sussurrou ela. – Mas, quando falei com minha mãe sobre isso, ela disse: “Conte para todos.” Acho que *devo* espalhar a notícia.

– Você quer dizer que se não...

– Estarei fazendo uma coisa errada.

– Cometendo um pecado?

– Mais ou menos.

– O padre Carroll disse isso?

Ela concordou com a cabeça.

– Como você sabe?

– Olhe, eu também vou à igreja, mas...

– Eu não faria o que Katherine está fazendo...

– Não, isso é loucura...

– Mas, se me perguntarem o que eu sei, é certo guardar só para mim?

Jack não respondeu.

– Todas as outras pessoas estarão lá, também.

Ela o olhou intensamente.

– Menos você.

Jack desviou o olhar.

– Minha ex-mulher parou de falar com Robbie. Diz que isso a deixava triste demais.

– E você?

– Falar com meu filho não me deixa triste. Adoro ouvir a voz dele. Mas tenho...

– O quê?

– Não sei.

– Dúvidas?

– Talvez.

– É pela dúvida que encontramos Deus.

Ele a encarou. Robbie não dissera mais ou menos a mesma coisa?

– Está doendo? – perguntou Tess com delicadeza, estendendo a mão e tocando o ferimento dele.

Seus dedos pareceram fundir-se com a pele dele.

– Não – disse Jack, engolindo em seco.

– Parece que está cicatrizando.

– É.

Estavam apenas a alguns centímetros de distância um do outro.

– Por que está tão preocupado com a transmissão?

– Porque... não posso proteger você.

As palavras saíram antes que ele percebesse. Tess sorriu.

– Que gentileza!

Em seguida, beijou-o. Uma vez. De leve. Então eles se afastaram e murmuraram “Me desculpe” ao mesmo tempo. Tess baixou os olhos e saiu da despensa no instante em que um dos visitantes a chamava.

Jack continuou onde estava. Mas não estava mais ali.

🌀 A Biblioteca de Coldwater costumava estar sempre vazia, mas agora até ela fervilhava de gente. Durante o dia, visitantes vasculhavam livros e documentos sobre a história da cidade. Repórteres faziam pesquisas para suas matérias. Outros pediam mapas. Como era a única bibliotecária, Liz estava sempre ocupada.

Mas às seis da tarde ela apagava as luzes externas e permitia que Sully fizesse seu trabalho com privacidade. Na terça-feira à noite, três dias antes da data marcada para a transmissão, ele entrou pela porta dos fundos com outro homem, um sujeito robusto com um casaco de lona e gorro de lã.

– Olá – cumprimentou Sully, sem apresentar seu acompanhante.

– Olá – disse Liz.

– Viemos aqui para conversar com tranquilidade.

Os dois sentaram-se num canto perto do computador. Sully pegou seu bloco amarelo e ouviu Elias Rowe repetir, devagar e metodicamente, o diálogo que tivera com Nick Joseph.

– *Aonde você estava, Elias?* – começara a voz de Nick.

– Me deixe em paz – respondera Elias.

– *Você precisa fazer uma coisa por mim.*

– Não tenho que fazer nada. Por que está me ligando?

– *Você precisa cuidar...*

– Do quê?

– *De Nick.*

– Eu tentei cuidar de você. Dei-lhe todas as chances!

Sully parou com as anotações.

– O que ele disse depois?

– Nada.

– Você perguntou a ele tudo o que combinamos?

– Eu tentei.

Os dois tinham preparado uma lista de perguntas, na esperança de conseguir uma pista sobre o que estava acontecendo. Uma delas era “De onde você está ligando?”.

– *Você sabe de onde* – respondera Nick.

– Então ele não falou “do céu”? – perguntou Sully.

– Não – disse Elias. – Perguntei duas vezes.

– E perguntou sobre os colegas de trabalho?

– Sim. Pedi que ele falasse sobre eles, e perguntei como se chamavam. Ele não respondeu. Ouvi apenas muito chiado e outros ruídos.

Sully imaginou por que ele não tinha respondido. Deveria ser uma pergunta simples para Nick Joseph, caso se tratasse mesmo dele. E como Nick teria conseguido ligar para um número diferente do antigo, em um aparelho que Elias comprara de Jason apenas poucos dias antes?

Sully apoiou o queixo nas mãos.

– O que mais?

– Perguntei “Como é Deus?”, como combinamos. No início não houve

resposta, só mais ruído. Depois ele repetiu seu nome: “Nick”. E aí...

Elias fez uma pausa.

– O quê? – insistiu Sully.

– E aí, antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ele disse: “Faça o que é certo, Elias.”

Elias se descontrolou:

– Isso mexeu realmente comigo. O cara era uma besta que não merecia nenhuma confiança, entende? Aproveitou-se de mim de todas as maneiras. Mas, desde que descobri que ele estava morto, passei a ter... uma sensação ruim. Como se eu tivesse feito alguma coisa errada.

– Mas você...

– AH, MEU DEUS! – gritou Liz.

– O que foi? – perguntou Sully, virando-se.

– Tem alguém ali!

– Onde?

– Na janela!

Sully levantou-se de um salto, mas a pessoa já havia desaparecido.

Depois que Liz recuperou o fôlego, falou:

– Puxa, me desculpem. Eu me assustei. Vi duas mãos no vidro...

Mas, antes que ela pudesse terminar, Sully já corria porta afora, a tempo de ver um carro azul arrancar. Correu de volta para dentro.

– Era homem ou mulher? – perguntou.

– Homem.

– Velho? Ou jovem?

– Não deu pra ver. – Ela baixou os olhos. – Me desculpem por ter agido feito um bebê chorão.

– Não precisa se desculpar. – Sully olhou para a janela, depois para Elias. – Você conhece um cara chamado Elwood Jupes? – perguntou.

🌀 Naquela mesma noite, Katherine sentou-se na cozinha vestida com seu robe felpudo, um copo de suco de mirtilo em uma das mãos e um retrato na outra. A foto mostrava Diane e Katherine de maiô, na

adolescência, erguendo a medalha de primeiro lugar do “Desafio de Uma Milha de Nado em Dupla no Lago Michigan”. Elas tinham pernas bronzeadas e esguias, os rostos corados.

– Nós somos uma boa equipe, maninha – comentara Diane na época.

– Você foi mais rápida do que eu – dissera Katherine.

– Não fui nada! Só vencemos graças a você.

Katherine sabia que não era verdade. Diane conseguia superar qualquer garota de Coldwater na natação. Mas o que importava mesmo para ela era elevar a autoconfiança da irmã mais nova. Ah, Deus, como Katherine ansiava por aquilo... Às vezes o que mais aumenta a saudade é o modo como a pessoa fazia você se sentir a respeito de si mesmo.

– Quer companhia?

Katherine ergueu os olhos e viu Amy ao pé da escada. Ela usava um casaco de moletom da Universidade Yale e uma calça azul também de moletom.

– Claro. Venha sentar aqui.

– Obrigada.

Amy se acomodou em um banco.

– Estudou em Yale?

– Um ex-namorado. Este casaco foi tudo o que restou dele.

– Bem... – Katherine suspirou, contemplando seu copo de suco. – É mais do que meu ex me deixou. – Olhou para Amy. – Quer beber alguma coisa?

– Mais do que você imagina.

🌀 Nas últimas 24 horas, Amy Penn dirigira 520 quilômetros. Depois de ser mandada embora de Coldwater por Phil, ela tinha voltado para o duplex que alugava em Alpena e o achara quase vazio. Rick partira. Tinha deixado alguns livros, algumas roupas sujas, um sanduíche embalado na geladeira e uma caixa de barras de proteína no armário. Também havia um bilhete: “Podemos conversar quando você tiver tempo. R.” A ironia era que agora o que ela mais tinha era tempo. Pegou o celular para ligar para ele e pensou na desculpa que poderia dar. Olhou para o aparelho em sua mão.

Não ligou.

Em vez disso, voltou para o carro, dirigiu até Coldwater, estacionou na Gunningham Road e convenceu dois policiais a deixarem-na bater na porta dos fundos de Katherine.

– Vou até o fim com essa história – afirmou assim que Katherine abriu. – Mereço pelo menos isso. Não me importo se estiver sendo usada.

– Vou preparar sua cama – disse Katherine.

A verdade era que Katherine nunca tinha desejado que Amy fosse embora. A repórter era a única pessoa em quem Katherine confiara desde o início, e, quando ela se descontrolara durante aquele almoço, Katherine ficara preocupada com sua saúde e imaginara que ela poderia precisar de repouso. Só no dia seguinte, depois de já ter concordado em participar do programa, foi que Katherine descobriu que Amy havia sido mandada embora. O âncora em Alpena estava louco para fazer a cobertura em Coldwater e, pensando na audiência que ele trazia, Phil precisava mantê-lo satisfeito. Além disso, Amy já tinha cumprido sua missão e sua explosão dera a Phil uma justificativa para efetuar a troca.

Agora as duas mulheres estavam sentadas na cozinha silenciosa, Katherine com seu suco de mirtilo, Amy com uma garrafa de vinho. Sem nenhuma câmera por perto, a conversa passou de telefonemas do além para relacionamentos. Katherine falou sobre o ex-marido, Dennis, que se mudara para o Texas um ano após o divórcio. Ele dera um jeito de provar que não possuía nada, bem a tempo da audiência, deixando Katherine praticamente sem dinheiro. Mais tarde, naquele mesmo ano, Dennis comprara um barco.

– Como os homens conseguem se dar bem com golpes como esse? – perguntou ela.

Amy deu de ombros. Rick tinha sido a terceira vítima de sua vida profissional. O namoro da época da faculdade fracassara quando ela conseguira seu primeiro emprego em Beauford, na Dakota do Norte, em uma emissora tão longe de tudo que as principais notícias eram sobre as colheitas locais. Já o segundo namorado sério gostava do mundo televisivo – até um pouco demais. Enquanto Amy passava as noites isolada em sua cabine de edição, ele saía com uma loura de 22 anos que fora contratada para o

noticiário esportivo. Agora os dois moravam na Geórgia, em um campo de golfe.

Rick era diferente. Pelo menos era isso que Amy pensava. Como arquiteto, ele entendia as longas jornadas de trabalho e como funcionava a política interna das empresas. Aparentemente, no entanto, não sabia o que significava levar um caso até o fim. Pelo menos não aquele.

– Sinto muito – disse Katherine.

– A culpa foi minha – respondeu Amy. – Eu estava sempre avaliando minha carreira e me julgando por não ter chegado tão longe quanto deveria até essa ou aquela idade. O lado profissional era muito importante para mim, e imaginei que devia ser para ele também. Eu achava que amor era isso. – Correu um dedo pelo fundo de sua taça de vinho. – Talvez isso seja algo que dizemos a nós mesmos quando, na verdade, o que queremos é fazer as coisas do nosso jeito.

– Bem, quem saiu perdendo foi ele – observou Katherine. – Quero dizer, olhe só para você.

Amy estreitou os olhos e por pouco não riu.

– Obrigada.

– Sabe o que Diane costumava dizer?

– O quê?

– Se tiver *um* amigo verdadeiro na vida, você é mais rica do que a maioria das pessoas. Se esse amigo verdadeiro for seu marido, você é abençoada. – Ela fez uma pausa. – E, se esse amigo verdadeiro for sua irmã, não fique chateada. Pelo menos ela não pode se divorciar de você.

Amy sorriu.

– Eu não tinha tempo para amizades.

– Não?

– Estava sempre trabalhando. E você?

– Eu tinha tempo. Mas afastava a maioria das pessoas.

– É mesmo?

– É. Eu era muito mandona. Queria ter sempre razão. Diane sempre me chamava a atenção por causa disso.

Amy deu um leve sorriso.

– Nunca mais ninguém foi tão sincero comigo desde que ela morreu – falou Katherine. – Depois de sua morte eu passei a viver envolta numa névoa, quase à espera de ouvir de novo sua voz. Foi por isso que, quando os telefonemas começaram, tudo fez sentido. Ela era uma irmã maravilhosa. Sempre que eu precisava dela, ela estava por perto. Por que não voltaria para mim?

Amy mordeu o lábio.

– Katherine, essas pessoas não se importam com você de verdade.

– Que pessoas?

– As da TV. – Ela suspirou. – Nós.

Katherine ficou em silêncio por um instante.

– Eu sei – disse ela baixinho.

– Elas só estão interessadas na audiência.

– Eu sei.

– Rick tinha razão. Sugamos as coisas ao máximo, até não sobrar nada, depois vamos embora. Deixamos apenas a terra ressequida.

– Eu sei.

Amy virou-se para olhar Katherine nos olhos.

– Eu faço parte disso.

– Não mais. – Katherine sorriu. – Você disse: “Parem!”

– Porque me senti muito estranha. Parecia que tínhamos deixado de narrar as notícias e começado a inventá-las. – Amy suspirou. – Mas eu queria muito fazer a reportagem.

– É.

– Seria bom para minha carreira.

– Eu sei.

– Bom para todas as pessoas daqui. Essa é a única razão pela qual não a deixam em paz, entende?

– Entendo.

Amy parecia confusa.

– Se você entende tudo, por que está passando por isso?

Katherine se recostou na cadeira.

– No dia do enterro de Diane, voltei para casa e fiquei com o olhar

perdido, encarando as paredes. Pedi a Deus que me mandasse um sinal de que ela estava bem. Se minha irmã não podia estar comigo, que pelo menos estivesse com Ele. Pedi isso todos os dias durante dois anos seguidos. E então o telefone tocou. O celular cor-de-rosa que era de Diane e que eu guardei só para ter mais uma lembrança dela.

O olhar de Amy parecia vazio.

– Você não entende? Deus me respondeu. Ele me deu o maior presente que eu poderia receber: a voz da minha irmã. E, se tudo o que Ele quiser em troca for que as pessoas saibam que Ele existe, como posso negar? Devo guardar a informação só para mim? Antigamente, as pessoas subiam ao alto das montanhas e falavam para as outras. Mas agora...

– Agora temos a televisão?

– Sim, acho que é isso.

– Mas e se... – começou Amy, com cuidado. – ... e se ela não ligar?

Katherine cruzou as mãos à sua frente.

– Ela vai ligar.

Por um momento, as duas olharam apenas para seus copos, em silêncio.

– Eu menti para você – murmurou Amy.

– Quando?

– Quando falei que acreditava em Deus. Eu não acredito.

Katherine balançou o corpo para a frente e para trás lentamente.

– Talvez na sexta-feira você passe a acreditar.

🌀 No dia seguinte, Sully foi de novo à Davidson & Filhos no horário do almoço. Esperou até Horace sair. Em seguida, entrou apressado e atravessou o corredor silencioso até o escritório de Maria Nicolini.

– Olá de novo – cumprimentou Sully, enfiando a cabeça pela porta. – Horace está por aí?

– Ah, não! Saiu para almoçar – respondeu ela. – Que coisa! Você parece movido pelo ciclo alimentar dele.

– Eu espero.

– Tem certeza? Ele *acabou* de sair.

– Estamos com uma edição importantíssima prestes a sair. Talvez ele queira fazer parte dela.

– Ah, posso imaginar.

– Que loucura, não é? O que está acontecendo na cidade.

– É mesmo. Levei vinte minutos para chegar aqui hoje de manhã, e eu moro a pouco mais de um quilômet...

Foram interrompidos por uma batida suave. Maria olhou a tela de uma pequena câmara de segurança.

– Com licença – disse, levantando-se. – Não conheço essas pessoas. Podiam ter entrado. A porta nunca está trancada.

No instante seguinte, Sully estava sozinho.

Ele olhou para o arquivo de aço. Sua respiração se acelerou. Tinha ido ali para tentar descobrir se mais alguém – em particular Elwood Jupes – tivera acesso às transcrições de Maria e, de repente, a resposta estava ao alcance de sua mão. Ele nunca roubara nada – nunca tivera motivo para isso –, mas pensou na transmissão de sexta-feira, no desconhecido que espiara pela janela da biblioteca, nas perguntas estranhas de Elwood e no fato de que ele simplesmente não tinha informações suficientes.

Mas Maria tinha.

Respirou fundo. Ou fazia o que tinha em mente, ou não. Pensou no rosto de seus pais, no de Giselle e no de Jules e isso eliminou qualquer drama de consciência.

Abriu a gaveta.

Agindo rapidamente, logo conseguiu encontrar a maioria dos arquivos originais: “Nick Joseph”, “Robert Sellers”, “Ruth Rafferty”, “Simone Barua” e “Diane Yellin”. Pegou-os antes de ouvir Maria e os visitantes se aproximando. Fechou a gaveta sem nenhum ruído, depois fez o mesmo com sua pasta. Em seguida, levantou-se de um salto e pegou seu casaco.

– Sabe de uma coisa? – disse, ao encontrá-los no meio do corredor. – Tenho que passar em mais dois lugares, mas volto daqui a algumas horas.

– Tudo bem – respondeu Maria. – Tem certeza?

– Sim. Estou cheio de coisas para fazer.

– Estes são o Sr. e a Sra. Albergó. Este é o Sr. Harding – apresentou

Maria.

Todos se cumprimentaram com um aceno de cabeça.

– Meus sinceros pêsames – disse a Sra. Albergo.

– Ah, não – retrucou Sully. – Estou aqui a trabalho, não por...

O casal trocou olhares.

– O Sr. Harding realmente perdeu a esposa – explicou Maria –, mas no início do ano.

Sully olhou para ela.

– É. Sim, é verdade, eu perdi minha esposa.

– Estamos aqui por causa do meu pai – murmurou a Sra. Albergo. – Ele está muito doente. Câncer na medula.

– É difícil – disse Sully.

– Muito difícil – acrescentou Maria.

– Ele não tem mais muito tempo de vida. Tomara que, depois que ele se for, tenhamos mais possibilidade de ouvir de novo sua voz se ele for enterrado aqui em Coldwater.

Sully fez um pequeno gesto com a cabeça, resistindo ao impulso de emitir um comentário cínico.

– Será que posso lhe fazer uma pergunta? – disse o Sr. Albergo.

– Sim, claro.

– Sua esposa... ela já... – Ele apontou para o céu – ... se comunicou com o senhor?

– Não. – Sully engoliu em seco. Olhou para Maria. – Parece que isso não acontece com todos.

O Sr. Albergo abaixou o dedo. Todos ficaram em silêncio. Sully sentiu o corpo tenso.

– Preciso ir – murmurou.

No estacionamento, Sully extravasou sua raiva batendo no capô do carro cinco vezes seguidas. *Isto nunca vai acabar!* A cada maldita hora alguma coisa lhe trazia essa lembrança, aumentava um pouco a ferida no seu coração. Jogou a pasta com as informações roubadas no banco de trás. Ao abrir a porta do lado do motorista, percebeu um Ford Fiesta azul no fundo do estacionamento.

Havia alguém lá dentro, observando-o.

☿ Na sua cama no hospital, o pastor Warren escutava o ruído metálico do jornal da TV a cabo. Apertou várias teclas do controle remoto até silenciá-lo. Bastava. Já tinha ouvido notícias suficientes por um ano.

Um leve incidente cardíaco, foi o que os médicos disseram. Ele ficaria bem. Contudo, na sua idade, seriam necessários alguns dias de observação. *Só por garantia.*

Warren olhou ao redor do quarto neutro e asséptico, com uma mesa de metal de rodinhas e uma poltrona de couro marrom. Pensou na preocupação que provocara em todos ao perder os sentidos no púlpito e nos paramédicos que apareceram correndo. Lembrou-se de uma citação das Escrituras: “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos darei o repouso.” Ele dedicara a vida a Deus, e esperava – de certa forma ansiava por isso – que Deus a levasse logo.

O padre Carroll passara por lá mais cedo. Falaram sobre assuntos gerais, sobre velhice e saúde. Por fim, conversaram sobre a transmissão que se aproximava.

– A emissora me pediu para estar lá – comentou o padre Carroll. – Acho que será bom para a igreja.

– Talvez.

– Acha que ela vai conseguir?

– Quem?

– Katherine Yellin. Será que vai mesmo fazer contato com a irmã?

O pastor Warren examinou o rosto de Carroll, esperando ver algo que não estava conseguindo ver.

– Não seria Deus a fazer o contato?

O padre Carroll desviou o olhar.

– Sim, claro.

Ele foi embora poucos minutos depois. Warren sentiu-se esgotado pela conversa.

– Pastor, o senhor tem mais visitas – anunciou uma enfermeira que havia

entrado para trocar o soro. – Elas estão subindo.

Warren puxou o lençol até o pescoço. Quem seria agora? A Sra. Pulte? Ou um dos outros clérigos? A enfermeira saiu do quarto e ele a acompanhou com os olhos até que a mulher sumisse no corredor.

De repente, o pastor ficou boquiaberto.

Elias Rowe vinha em sua direção.

❧ A história celebra Alexander Bell, enquanto seu sócio, Thomas Watson, o destinatário do primeiro telefonema do mundo, é bem menos conhecido. Watson, que era indispensável para Bell, trabalhou com ele apenas por mais cinco anos depois do surgimento do telefone. Depois, em 1881, pegou a considerável quantia de dinheiro que a invenção lhe rendera e foi atrás de outros interesses. Teve uma longa lua de mel na Europa. Investiu no ramo de construção de navios. Tentou trabalhar como ator no teatro shakespeariano.

Trinta e oito anos depois de sua primeira conversa telefônica, Watson e Bell se falaram a distância de novo, dessa vez com a ajuda não de 6 metros de fio, mas de cerca de cinco mil quilômetros, Bell em Nova York e Watson em San Francisco. Era a primeira ligação transcontinental do país, e Bell a iniciou com a frase que pronunciara tantos anos antes: “Sr. Watson, venha cá.”

Ao que Watson respondeu: “Eu demoraria uma semana para chegar até você agora.”

O tempo é um ladrão que age em silêncio e pode levar as pessoas embora. O pastor Warren estudou o rosto de Elias Rowe, que não via fazia muitos meses. Lembrava-se dele na adolescência, sempre por perto, sempre humilde, sempre hábil no uso de ferramentas. Elias ajudara a reconstruir a cozinha da congregação. A colocar um tapete novo na igreja. Durante anos participara das missas de domingo, até o dia em que Katherine Yellin anunciara que tinha testemunhado um milagre. E Elias confirmara.

Desde então, Warren não o vira mais.

– Quero lhe pedir perdão, pastor – disse Elias, sentando-se junto da cama.

– Você não fez nada que precise de perdão.

- Eu atrapalhei seu culto.
 - Katherine fez isso primeiro que você.
 - Pode ser. Mas quero que o senhor saiba que tenho orado muito.
 - Deus o escuta de onde quer que você esteja. Sentimos sua falta na igreja.
 - Pastor?
 - Sim?
 - Posso trazer uma pessoa aqui para vê-lo?
 - Aqui? Agora?
 - É.
 - Tudo bem. Pode.
- Ele fez um sinal e Sully entrou. Então Elias os apresentou e disse:
- Bem, pastor, talvez eu tenha que lhe pedir perdão por mais uma coisa.
- Warren ergueu as sobrancelhas.
- Pelo quê?

🌀 No início da tarde, Elias e Sully tinham se instalado no apartamento de Sully para examinar o arquivo de Nick Joseph roubado da funerária. Encontraram a transcrição de conversas que o irmão mais novo de Nick, Joe, e sua irmã mais velha, Patty, haviam tido com Maria. Além dos detalhes biográficos habituais, Patty falara sobre um “pequeno Nick”: “O que deixava Nick mais triste com relação à morte era não saber quem tomaria conta do pequeno Nick. A mãe se encontra em um estado deplorável... Tenho certeza que não conseguirá nem ir ao velório... Quando Nick parou de lhe mandar dinheiro, ela ficou maluca. Mudou de casa e não lhe deu o endereço novo... Mas não escreva nada sobre o pequeno Nick, está bem, Maria? Isso deve ficar entre nós.”

Elias nunca soubera que Nick tinha um filho – ou uma ex-mulher –, assim como ninguém na sua equipe. Pela maneira como ele bebia e vivia na gandaia, só se podia supor que vivesse sozinho.

– Pastor, sei que Nick frequentava a sua igreja – disse Elias. – Pensei que, se alguém soubesse disso, seria o senhor. Mas, quando fui à igreja procurá-lo,

descobri que o senhor tinha passado mal durante o estudo bíblico.

– Um acontecimento inesperado – disse Warren simplesmente.

– Lamento muito.

– Não precisa. O Senhor tem Seus planos. Mas, quanto a esse filho...

– Sim?

– Infelizmente eu nunca soube de sua existência. E Nick costumava ir me ver com regularidade. Patty também.

– Espere. Nick o visitava?

– Ele tinha problemas financeiros terríveis. O pouco que ele tinha era empréstimo da igreja.

Elias esfregou a testa.

– Pastor, fui eu a causa desses problemas. Mande-o embora. Cortei seus benefícios.

– Eu sei.

Elias desviou o olhar, envergonhado.

– Ele tem me telefonado.

– Quem?

– Nick. Ele me telefona do... o senhor sabe. Do céu. De onde quer que esteja. Ele está com raiva. Quer que eu faça alguma coisa. Disse que eu tinha que fazer algo pelo Nick, e entendi que fosse para ele mesmo. Mas agora imagino que seja para o seu filho.

Warren estreitou os olhos.

– Foi por isso que você saiu da cidade?

– Eu estava com medo, pastor. Lamento muito. Não sabia que ele tinha um filho...

– Está tudo bem, Elias...

– Eu jamais o teria demitido...

– Não foi sua...

– Por maiores que tenham sido os problemas que ele criou...

– Está tudo bem...

– Essas ligações... A voz dele. Elas me assombram.

Warren tocou o braço de Elias para confortá-lo. Percebeu que Sully os observava e fez um sinal com a cabeça na sua direção.

– O que acha de tudo isso, Sr. Harding?

Sully levou a mão ao peito.

– Eu?

– Sim.

– Bem, pastor, sem querer ofendê-lo... não acredito no além.

– Continue.

– Na minha opinião, alguém está manipulando esses telefonemas. Alguém que tem muitas informações sobre as pessoas que morreram. Se o *senhor* não sabia da existência do filho de Nick, não deve haver muita gente que saiba, certo? Mas o dono da voz que fala com Elias... sabe. Então, ou é mesmo o Nick... ainda que ele não consiga responder a algumas perguntas básicas... ou é alguém com acesso a um grande número de dados.

Warren repousou a cabeça no travesseiro. Olhou para o tubo do soro conectado ao dorso de sua mão, preso por várias camadas de esparadrapo. “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos.”

– Elias... – O pastor fez um sinal com o dedo para que ele se aproximasse. Elias segurou sua mão. – Você não sabia da existência dessa criança. Deus irá perdôá-lo. Talvez haja um modo de ajudar esse menino agora.

Elias assentiu com a cabeça. Uma lágrima rolou pelo seu rosto.

– E, Sr. Harding? – chamou Warren.

Sully retesou o corpo.

– Eu acredito com todas as forças no além. E acredito que Deus nos dá manifestações de sua existência.

– Entendo – murmurou Sully.

– Mas não desse modo.

Sully piscou. Um homem de Deus estava concordando com ele?

– Em sua opinião, quem poderia inventar uma coisa dessas? – quis saber Warren.

Sully pigarreou.

– Existe uma pessoa no jornal que tem acesso a todos esses dados.

O pastor balançou a cabeça devagar.

– Jornais... – murmurou. – Eles são muito poderosos. – Fechou os olhos. – Você sabe disso por experiência própria, não é?

Sully soltou um suspiro. Então o pastor Warren também conhecia sua história.

– É, sei.

❧ As noites de inverno caem cedo no norte de Michigan. Às cinco da tarde de quinta-feira, já estava escuro em Coldwater. No campo de futebol da escola de ensino médio, sob gigantescos holofotes, Jeff Jacoby inspecionava o palco. Precisava admitir que os produtores tinham razão: com dinheiro tudo é possível. Havia andaimes por todo lado, uma tenda branca enorme, inúmeros refletores, aquecedores portáteis e um excelente piso de madeira para as câmeras sobre rodas, trazido de Detroit em caminhão. O lugar estava tão iluminado que parecia dia. As arquibancadas mais distantes haviam sido isoladas e as mais próximas estavam protegidas por lonas para o caso de chuva. Dois telões imponentes haviam sido instalados à direita e à esquerda do palanque. Durante todos os seus anos em Coldwater, Jeff jamais vira uma montagem como aquela. Sentiu uma onda de orgulho, seguida por outra de preocupação.

O cronograma havia sido estabelecido. Os “escolhidos” deviam sentar-se com o famoso apresentador pontualmente à uma da tarde de sexta, quando começaria a transmissão ao vivo. Eles seriam entrevistados e receberiam perguntas da plateia e dos espectadores do país inteiro pela Internet. Enquanto isso, Katherine ficaria à espera do telefonema de Diane. Uma câmera a acompanharia o tempo todo. Os produtores já haviam testado seu celular nos alto-falantes.

Se uma voz do além se materializasse, ela seria ouvida com toda a clareza.

É claro que Jeff se preocupava com o óbvio: e se não houvesse telefonema? Katherine havia garantido a todos que ele aconteceria, mas como podiam ter certeza? Para incrementar a transmissão, os produtores tinham convidado diversos “especialistas”. Havia clarividentes que afirmavam falar regularmente com os mortos; experts em paranormalidade com registros de vozes espectrais captadas em frequências de rádio; uma mulher que passara por uma experiência de quase morte e agora afirmava ver

espíritos a seu redor, inclusive durante a entrevista.

Após algumas horas, Jeff foi embora perguntando-se não se os telefonemas em Coldwater eram possíveis, mas por que não haviam acontecido mais cedo. Em uma “pré-entrevista”, ouvira Anesh Barua falar sobre a filha, que descrevera o além como uma “luz infinita”. E Eddie Doukens, cuja ex-esposa dissera que o céu era como “nossa primeira casa juntos, quando nossos filhos brincavam”. Tess Rafferty afirmava que, segundo Ruth, sua mãe, o céu é o lugar onde “tudo é perdoado”, onde não há “os terrores da noite nem as flechas do dia”.

Foi um depoimento impressionante. Ainda assim, Jeff estava preocupado, e quando puxou Lance para o lado e perguntou “E se o telefonema de Katherine não acontecer em três ou quatro horas?”, o produtor abriu um sorriso amarelo.

– Só nos resta esperar.

– Não entendi.

– Não – retrucou Lance em tom irônico –, não entendeu mesmo.

Lance sabia a verdade: aquilo não era importante de fato. Quanto maior a duração do programa, mais longo era o espaço para publicidade. Quanto mais espaço para anúncios fosse vendido, mais dinheiro eles ganhariam. No fim das contas, a emissora cobria a existência do além como cobriria um casamento real ou a final de um reality show: os custos de produção e o retorno do investimento eram colocados na balança. Como o interesse dos espectadores por Coldwater era imenso, a audiência estava garantida, e continuaria dessa forma... contanto que as pessoas acreditassem que uma voz abençoada seria ouvida.

A existência real do além nunca chegou a fazer parte da equação.

☿ No sonho, Sully estava no interior da cabine. O avião balançava. Os indicadores não paravam de cair. Ele se preparou para a ejeção e de repente o céu ficou preto. Sully virou para a direita e viu, pressionado contra a janela, o rosto de Elwood Jupes.

Acordou com um sobressalto.

Desde aquele despertar angustiante de quinta-feira de manhã – a véspera da transmissão –, Sully tentava confirmar sua suspeita. Fora ao estacionamento do *Gazette* e espiara dentro de um Ford Fiesta azul que, segundo descobrira, era mesmo o carro de Elwood. Viu caixas no banco de trás, inclusive várias da Radio Shack.

Sully entrou e fingiu estar ocupado com contratos de publicidade. Cada vez que levantava a cabeça, flagrava Elwood observando-o. Às dez e meia, o homem saiu do prédio. Instantes depois, Sully foi atrás e seguiu-o a uma distância segura até a Lake Street. Alguns quarteirões à frente, o Fiesta parou de repente.

Elwood estava estacionando na porta da Davidson & Filhos.

Sully parou mais adiante e esperou dentro do carro por mais de uma hora. Por fim, viu o Fiesta azul passar e seguiu-o até a Cuthbert Road, onde morava Tess Rafferty. Quando Elwood entrou na casa, Sully ficou aguardando na rua.

Meia hora depois, Elwood saiu, pegou o carro e foi até o campo de futebol da escola, onde aconteceria a transmissão do dia seguinte. Depois que ele estacionou e saltou, Sully esperou um minuto e fez o mesmo. Abaixando-se e escondendo-se atrás dos caminhões da produção, ele viu Elwood examinar o local, os projetores e o centro de controle, apresentando a credencial de jornalista quando alguém o interpelava. Após uma hora, Elwood voltou para o carro e seguiu para o *Gazette*.

Sully, então, foi até a biblioteca para falar com Liz, que tinha uma longa fila de pessoas para atender. Fez um sinal para que ela o seguisse até a saleta dos fundos.

– Elwood Jupes – disse ele.

– O cara do jornal?

– Será que ele é só o cara do jornal?

– Como assim?

– Ele teria alguma razão para dar esses telefonemas? Qual seria o motivo?

– Não sei. A filha dele, talvez?

– O que tem a filha dele?

– Ela se suicidou há alguns anos. Jogou-se da ponte, de carro. Foi

horrível.

– Por que ela fez isso?

Liz balançou a cabeça.

– Por que alguém tira a própria vida?

– Você tem a reportagem?

– Espere um minuto.

Ela saiu e voltou dez minutos mais tarde, de mãos vazias.

– Desapareceu. A edição inteira. Não está mais aqui.

☿ As horas seguintes foram de uma atividade frenética. Sully correu para a Dial-Tek para ver se Elwood Jupes tinha o mesmo plano de telefonia dos “escolhidos”. Enquanto Jason checava, Sully pegou o carro e foi ao *Gazette* atrás da edição que sumira. Elwood estava lá, debruçado sobre sua mesa, e viu quando Sully se dirigiu aos arquivos.

– Duas vezes em um dia... – observou. – O que está procurando?

– Um dos clientes quer o original de um anúncio antigo.

– Hum...

Quando encontrou a edição fatídica pela data que Liz havia lhe fornecido, Sully mal leu a manchete MORTE NA PONTE: INVESTIGAÇÃO EM CURSO antes de dobrar o jornal e colocá-lo na pasta. Não queria que Elwood visse do que se tratava.

Em seguida pegou o carro, correu para buscar Jules na escola, deixou-o na casa dos pais e voltou depressa para seu apartamento. Elias Rowe já o esperava na escada.

Durante as horas seguintes eles examinaram tudo. Analisaram todas as transcrições das conversas de Maria com as famílias dos mortos. Ficaram sabendo por Jason que Elwood de fato tinha o mesmo plano de telefone que os outros. Leram juntos o jornal antigo, a história trágica de uma mulher de 24 anos que jogara o carro nas águas geladas de novembro.

O mais estranho, no entanto, era a autoria.

A matéria havia sido escrita por Elwood Jupes.

– Ele escreveu sobre a própria filha? – perguntou Elias.

- Muito estranho.
- Mas qual é a relação entre isso e os telefonemas que estou recebendo?
- Não sei.
- É a voz de Nick, tenho certeza.
- Os outros também afirmam que as vozes são reais.
- É assustador.
- Ele deve estar fazendo alguma coisa.

Ficaram sentados em silêncio por alguns instantes. Sully olhou pela janela; a claridade do sol sumira. Em menos de 24 horas, o mundo inteiro estaria conectado a Coldwater na esperança de desvendar o maior de todos os mistérios: existe vida após a morte?

Tòc, toc toc!

Sully ficou paralisado. Olhou na direção da porta.

Tòc, toc, toc!

Sentiu um nó no estômago.

– Está esperando alguém? – sussurrou Elias.

Sully balançou a cabeça em uma negativa. Aproximou-se do olho mágico, deu uma espiada e sentiu um arrepio da cabeça aos pés. Foi invadido por uma sensação desagradável e familiar, o mesmo sentimento que ele prometera a si mesmo, no dia em que saíra da prisão, nunca mais voltar a experimentar.

– Sou o chefe de polícia Sellers – disse o homem uniformizado quando Sully abriu a porta. – Preciso que me acompanhe.

🌀 Katherine e Amy estavam em uma pequena colina com vista para o campo de futebol e o palco imponente. O ar estava gelado, e Katherine apertou mais o cachecol em volta do pescoço.

– UM... DOIS... TRÊS... TESTANDO...

A voz do técnico de som ressoava pelos microfones. O palco estava sob tantos holofotes que parecia iluminado diretamente pelo sol.

– O que achou? – perguntou Amy.

– É tudo muito grande – respondeu Katherine.

– Você ainda pode recuar.

Katherine deu um leve sorriso.

– Isso não depende mais de mim.

A voz ressoou de novo:

– UM... DOIS... TRÊS... TESTANDO...

Amy viu pelo menos meia dúzia de equipes de TV filmando os preparativos, homens parrudos de casaco, as câmeras nos ombros apontadas para o palco como bazucas. Sentiu-se um pouco injustiçada por não estar lá, transmitindo as últimas notícias. Ainda assim, precisava reconhecer que também estava aliviada, como um aluno dispensado de uma prova.

– Posso interceder a seu favor – sugeriu Katherine.

– Falando o quê?

– Que não participarei a não ser que você faça a matéria, por exemplo.

– Mas isso não é verdade.

– Não importa.

– Por que faria isso justamente por mim?

– Eu faria justamente por ser você.

Amy sorriu. Pela primeira vez desde que tinham se conhecido, ela conseguia imaginar o relacionamento de Katherine com a irmã, Diane, e por que ela sentia tanto essa perda. A lealdade comandava a alma daquela mulher, mas lealdade precisa de parceria.

– Obrigada, mas não precisa.

– Tentou ligar de novo para Rick?

– Ele não atende. Não quer falar comigo.

Katherine baixou os olhos.

– Está tudo bem? – perguntou Amy.

– Estava só pensando.

– Em quê?

– Você espera que atendam sua ligação enquanto eu espero atender a de alguém.

🌀 Na década seguinte à invenção do telefone, Alexander Bell precisou

defender a patente do produto mais de seiscentas vezes. Contra empresas concorrentes. Contra pessoas gananciosas. *Seiscentas* vezes. Ele ficou tão farto da enorme quantidade de ações judiciais que se mudou para o Canadá. Segundo dizem, lá ele costumava sentar-se em uma canoa à noite para fumar um charuto e observar o céu. Estava mortificado por ser acusado de roubar exatamente o que lhe era mais valioso – suas ideias – e pelo fato de os advogados insinuarem uma coisa dessas. Às vezes perguntas conseguem ser mais cruéis do que insultos.

Sully Harding estava em uma sala nos fundos do Departamento de Polícia de Coldwater e Jack Sellers o bombardeava com um interrogatório.

- O que sabe sobre esses telefonemas?
- Que telefonemas?
- Os do céu.
- Os que as pessoas *dizem* ser do céu?
- Qual é o seu envolvimento?
- Meu envolvimento?
- Sim, seu envolvimento.
- Nenhum.
- Então por que tem se encontrado com o Sr. Rowe?
- Somos amigos.
- Amigos?
- Amigos recentes, sim.
- Ele tem recebido telefonemas?
- Pergunte a ele.
- Por que esteve no *Gazette* hoje?
- Eu trabalho lá.
- Como vendedor de espaços para publicidade.
- Isso mesmo.
- Por que estava mexendo em jornais antigos?
- Por que está me perguntando isso?
- Quero saber qual é o seu envolvimento.
- *Envolvimento?*

A cabeça de Sully girava. Elias estava em algum lugar por ali, em outra

sala. Ele parecia ter ficado amedrontado com a chegada da polícia, e os dois não tinham se falado desde então.

- Está me prendendo por alguma coisa?
- Estou apenas fazendo perguntas.
- Sou obrigado a respondê-las?
- Não responder não ajuda na sua alegação.
- Que alegação?
- A de não estar envolvido.
- Não estou mesmo.
- Por que esteve na Davidson & Filhos?
- Eles são clientes do jornal.
- Por que esteve no campo de futebol?
- Espere, como sabe de tudo isso?
- Por que tem seguido Elwood Jupes?

Sully estremeceu.

- Já esteve na prisão, Sr. Harding?
- Uma vez.
- Por quê?
- Um erro.
- Por que está seguindo Elwood Jupes? Qual é seu envolvimento nos telefonemas? O que sabe sobre eles?

Sully engoliu em seco. Depois, contra todo o seu bom senso, disparou:

- Acho que Elwood pode ser o responsável por eles.

Jack retesou o corpo. Seu rosto ficou tenso.

- Que estranho.

Dirigiu-se a uma porta lateral e abriu-a, revelando Elwood Jupes em pé, com um bloco na mão.

- Ele acha a mesma coisa do senhor.

❧ Jack não assistia a séries policiais. A maioria dos policiais de carne e osso também não. Para quem vive nesse mundo, dramas falsos parecem ridículos. De todo modo, as coisas nunca acontecem como na televisão.

Jack sabia que a linha de interrogatório que adotara com Sullivan Harding era chumbo grosso, para dizer o mínimo. Na verdade, ele não tinha o direito de interrogá-lo. Duas horas antes, tinha recebido uma queixa de Elwood, do *Gazette*, que Jack conhecia bem, porque qualquer chefe de polícia de uma cidade pequena conhece o único repórter local.

Elwood telefonara com uma teoria. O tal Sully Harding, no momento vendedor de anúncios publicitários, passara a circular por aí com Elias Rowe, que por sua vez quase não aparecia em público desde a divulgação dos telefonemas que vinha recebendo. Por quê? O que os dois tinham em comum? E Harding tinha feito todo tipo de pergunta a Elwood. Quisera saber sobre obituários. Tentara encontrar edições antigas do jornal. Parecia suspeito, não?

Em outra época, Jack teria dito “Não, Elwood, não parece suspeito” e ignorado o caso. No entanto, o que Jack não podia perguntar, embora quisesse desesperadamente saber, era se havia chance de aquilo ser verdade. Poderia a história toda não passar de uma fraude? Era muito importante descobrir isso. Por ele. Por Doreen. Por Tess. Por todos na cidade. Ele tinha seu filho de volta, e Tess, sua mãe. As pessoas não deviam brincar com essas emoções. Jack considerava isso um crime mais grave do que os previstos na Constituição.

Então ele fora atrás de Sully com base em uma suspeita inconsistente e o interrogara sem piedade até se dar conta de que Sully desconfiava de Elwood da mesma forma que o repórter desconfiava dele. A situação se transformou em uma troca de acusações quase cômica.

– O que você foi fazer na funerária? – quis saber Sully.

– Fui perguntar sobre você – respondeu Elwood. – E você, o que estava fazendo tão tarde na biblioteca?

– Pesquisando sobre você. Por que foi ao campo de futebol?

– Para checar se você tinha estado lá.

Continuaram assim até que Jack coçou a cabeça e os interrompeu:

– Chega!

Estava cansado de ouvi-los. E era evidente que nem um nem outro tinha algo mais concreto que suspeitas.

Assim como Jack.

– Me desculpe por ter aparecido daquele jeito no seu apartamento.

Sully suspirou.

– Vamos deixar isso pra lá.

– Não é assim que costumamos fazer as coisas em Coldwater.

– Coldwater não é mais Coldwater.

– Você que o diga – concordou Elwood.

– Meu filho acha que receberá uma ligação – comentou Sully, surpreso consigo mesmo.

Por que dissera aquilo?

– Da mãe? – indagou Elwood.

Sully concordou com a cabeça.

– É uma situação difícil – observou o repórter.

– É por isso que eu queria provar que essa coisa toda está errada.

– Para que o menino não tenha falsas esperanças?

– Exatamente.

– Tipo esperar que um fantasma vá ligar e dizer que está tudo bem...

– Não se trata disso – interrompeu Jack. – Ouvir a voz de alguém que imaginávamos ter perdido é... um *alívio*, como se a notícia triste nunca tivesse acontecido. No início é estranho. A gente olha o telefone e pensa que é uma brincadeira. Mas é surpreendente como é normal voltar a falar com a pessoa.

Jack percebeu que Sully e Elwood olhavam para ele.

– Foi Doreen quem me disse isso – explicou depressa.

– Sua esposa? – perguntou Sully.

– Ex-esposa.

Por um momento, todos ficaram calados. Finalmente, Elwood fechou seu bloco de anotações e virou-se para Sully.

– Bem, talvez você não tenha seguido sua vocação.

– Como assim?

– Você poderia ter sido um repórter.

– Por quê? – Sully esboçou um sorriso. – Porque entendi errado?

Elwood também sorriu. De repente, todos se sentiram muito cansados.

Jack olhou para o relógio e falou:

–Vamos sair daqui.

Abriu a porta da sala e os três dirigiram-se à recepção. Elias levantou-se da mesa em que estava e trocou olhares com dois policiais que o observavam.

Logo depois, todos os quatro foram embora nos próprios carros. Jack passou na casa de Tess e sorriu quando ela abriu a porta. Elwood parou no Pickles e tomou uma cerveja. Elias seguiu para a casa do irmão, onde dormiria no quarto de hóspedes.

Sully foi para seu apartamento, contemplando pela janela o forte clarão que vinha do campo de futebol e dois holofotes imensos cuja luz parecia chegar até o céu.

O dia da transmissão

NOTICIÁRIO

ABC News

APRESENTADOR: Bom dia. Hoje é sexta-feira, dia 22 de dezembro, e logo mais a pequena cidade de Coldwater, no estado de Michigan, será alvo da atenção do mundo inteiro quando tentar conectar-se com o além. Alan Jeremy está no local. Alan?

(Alan na neve.)

ALAN: Como os telespectadores podem ver a meu redor, Coldwater já recebeu uma manifestação do céu: uma nevasca repentina que chegou ontem à noite e deixou quase 10 centímetros de neve no chão. As máquinas limpadoras de neve não conseguem passar, porque há veículos estacionados por todo lado. Nas escolas, as aulas foram suspensas. Muitas lojas não abriram as portas. A cidade está literalmente paralisada enquanto espera, assim como grande parte do mundo, que uma mulher faça contato com o céu através de um telefonema que receberá, segundo afirma, de sua falecida irmã.

APRESENTADOR: O que sabemos sobre essa mulher, Alan?

(Imagens de Katherine.)

ALAN: Katherine Yellin é uma corretora de imóveis de 46 anos, divorciada e mãe de dois filhos. Parece que ela e a irmã eram muito unidas. Diane Yellin foi vítima de um aneurisma, há dois anos. Katherine afirma ter conversas regulares com a irmã desde setembro, por meio de telefonemas que, segundo ela, são feitos do além.

APRESENTADOR: Outras pessoas dizem o mesmo, certo, Alan?

(Imagens das outras pessoas.)

ALAN: Sim, e elas são desde a diretora de uma creche até um dentista. A maioria

delas também participará da transmissão de hoje em cadeia nacional. O foco, no entanto, estará em Katherine Yellin, na sua irmã e naquilo que poderá ser uma voz “do outro mundo”. Yellin será monitorada ao vivo e qualquer contato que seja feito com ela será transmitido em tempo real. Desde que Alexander Graham Bell apresentou o telefone para a rainha da Inglaterra, em 1878, o mundo não aguardava uma ligação com tanta ansiedade.

APRESENTADOR: Esta pode ter implicações maiores.

ALAN: É verdade. De Coldwater, Alan Jeremy, para o *ABC News*.

– Podemos conseguir mais máquinas limpadoras de neve? – perguntou Lance.

Precisou gritar para encobrir o barulho dos ventiladores e dos geradores industriais.

– Estou tentando – berrou Jeff em resposta. – Já liguei para cinco cidades diferentes!

Lance balançou a cabeça, contrariado. Eles deviam se concentrar nos preparativos para a transmissão. Em vez disso, para onde se olhasse as pessoas estavam tirando a neve – voluntários varriam as arquibancadas ou secavam o cenário com toalhas. Através de sulcos brancos profundos, Jack Sellers liderava dezenas de policiais, que o seguiam em fila indiana. Jeff Jacoby tentava localizar mais máquinas para alugar.

Com tantas noites para haver uma tempestade de neve... Lance apertou o botão no seu walkie-talkie e falou:

– Clint, os embaixadores estão a caminho para o encontro com os convidados?

Depois de muito chiado, ele ouviu:

– Dissemos a eles que... *bzzzt...*

– Repita, por favor.

– Temos que... *brzzzttt...* horas.

– O quê?

– *Bzzzpt...* o quê?

– Eles estão a caminho, Clint?

– ... às 10 horas.

– Não. Não às 10 horas! Agora! Está vendo essa neve toda? Vá buscá-los mais cedo!

– *Zmmzzpt...* agora?

– É. Agora. Agora!

Chiado.

– Enten...

Lance atirou o aparelho na neve. *Só pode ser brincadeira.* Dentro de quatro horas esperavam transmitir um telefonema vindo de outra dimensão e não conseguiam fazer funcionar nem sequer seus walkie-talkies.

☿ Sully serviu uma tigela de cereais para o filho e despejou leite por cima.

– Posso pôr açúcar também?

– O cereal já tem açúcar suficiente – respondeu Sully.

Sentaram-se perto da janela com vista para a ravina. A neve acumulada parecia chantili e as árvores arqueavam sob o peso dos galhos congelados.

Sully tomou todo o seu café extraforte na esperança de recobrar um pouco de energia. Não conseguia lembrar-se de já ter ficado tão cansado. Ele tentara provar sua teoria, mas ela estava errada. Sentia-se um idiota. Um idiota exausto. Se não fosse por Jules, teria dormido o dia inteiro.

– Escute, filho, você não terá aula hoje, então vai ficar com seus avós, certo?

– Podemos brincar na neve primeiro? Podemos fazer um Stu?

Sully sorriu. Stu era como Giselle chamava os bonecos de neve que faziam. “Vamos fazer um Stu!”, ela gritava, irrompendo pela porta da frente puxando Jules pela mão. Sully olhou para o filho e sentiu um aperto no peito, como se devesse a ele um grande pedido de desculpas. Todo aquele tempo que gastara na caçada a Elwood, Maria, Elias, os obituários, obcecado por negar um milagre, e seu filho continuava a amá-lo dia após dia. Um pequeno milagre por si só.

– Claro – concordou Sully. – Vamos fazer um Stu.

– Oba! – exclamou o menino, enfiando uma colherada cheia de cereais

na boca e fazendo o leite escorrer por seu queixo.

Sully pegou um guardanapo e limpou o rosto do filho enquanto ele mastigava.

– Papai?

– Hum?

– Não fique triste. Mamãe vai telefonar para você.

Sully largou o guardanapo.

– Bem, vamos fazer nosso boneco de neve, está bem?

– Nosso Stu – corrigiu seu filho.

☁ Uma hora mais tarde, eles tinham feito perto da entrada do prédio um boneco de neve enorme, com um nariz de graveto e biscoitos no lugar da boca e dos olhos. Fred, o pai de Sully, chegou em sua caminhonete e saltou, sorrindo.

– É o novo segurança do edifício?

– Vovô! – gritou Jules, afundando os pés na neve até chegar ao avô e abraçar suas pernas.

– Obrigado por vir buscá-lo – disse Sully. – Ele quis fazer este boneco primeiro.

– Não tem problema – respondeu Fred.

Sully limpou a neve das luvas e fungou.

– Você demorou. Pegou muito trânsito?

– É, a cidade está uma loucura. Há policiais por todo lado, não sei o que eles estão fazendo. E nem todos os reboques do mundo são suficientes para resolver a confusão criada pelos carros mal estacionados.

– Você e mamãe vão...

– Aonde? Ao espetáculo?

– É assim que estão chamando o tal evento?

– Você tem uma palavra melhor?

– Acho que espetáculo define bem.

– Sua mãe quer ir.

Sully suspirou. Fez um sinal na direção do filho.

– Não quero que Jules participe de nada disso, combinado?

– Vou ficar em casa com ele – prometeu Fred. – Se alguém quiser falar conosco do além, imagino que vá ligar para lá.

Sully riu, lembrando-se de quem herdara seu cinismo. Ajeitou o gorro na cabeça.

– Preciso ir trabalhar.

– Alguém está trabalhando hoje?

– Tenho que ir buscar um cheque de pagamento na funerária.

– Na Davidson & Filhos?

– É.

– Lugar animado.

– Nem me fale. O dono é uma figura, não é? Poderia ser o mordomo da Família Adams.

– Sam?

– Hã?

– Sam Davidson? Ele é baixo e gordo. Não se parece muito com o mordomo da Família Adams.

Sully fez uma pausa.

– Quem é Sam? Estou falando de Horace.

– Ah, aquele cara. Não, ele não é o dono. Só comprou uma parte do negócio para que Sam pudesse se aposentar.

Sully olhou para o pai.

– Quando foi isso?

– Acho que há uns dois anos. Esse sujeito me dá arrepios. Quem *escolhe* ser gerente de uma funerária?

– Horace não é de Coldwater?

– Acho que nos lembrariamos de um rosto como o dele. Não. Ele veio de outro estado. Por quê?

Sully olhou para o boneco de neve, que o encarou com seus olhos de biscoito.

– Preciso ir – disse.

☿ Katherine terminou suas orações matinais e se maquiou. Ouvia Amy na cozinha e foi cumprimentá-la ainda de roupão.

– Bom dia.

– Bom dia. Como está se sentindo?

– Nervosa.

– Sei.

Katherine segurava o telefone de Diane na mão direita.

– Vou preparar seu café da manhã – falou.

– Não precisa se incomodar.

– Dizem que o café da manhã...

– É a refeição mais importante do dia.

– Sim, é o que dizem.

Amy sorriu.

– Preciso cortar calorias. Na minha profissão, pessoas gordas não têm vez.

– Você jamais conseguiria ser gorda.

– Ah, me dê um mês comendo tudo o que quero.

As duas riram.

– Sabe, quando...

A campainha da porta tocou.

Katherine olhou o relógio e sua expressão ficou tensa.

– Disseram que viriam às dez, e ainda são 9h20!

– Deixe que eu cuide disso.

– Tem certeza?

– Vá se vestir. Fique tranquila.

– Obrigada!

Katherine correu para seu quarto. Amy abriu a porta.

– Pois não? – disse aos três homens na varanda.

– Somos da produção do programa.

– Katherine ainda não está pronta.

– Queremos colocar o microfone nela, ajeitar o telefone etc.

– Ela estará pronta às dez.

Os homens trocaram olhares entre si. Os três eram jovens, tinham cabelos

pretos e usavam casacos com a marca da emissora. Atrás deles, ao longo da Gunningham Road, havia caminhonetes com logotipos de emissoras de TV pintados nas laterais. Um pequeno grupo de cinegrafistas estava na calçada e apontava suas lentes para a casa como se fosse um pelotão de fuzilamento. De repente, Amy sentiu-se a milhões de quilômetros de sua antiga vida.

– Não podemos ir adiantando a preparação dela? – perguntou um dos jovens. – Quanto mais cedo, melhor. Com toda essa neve...

Amy cruzou os braços.

– Vocês marcaram para as dez, e é nesse horário que ela estará pronta. Não podem pressioná-la desse jeito. Ela é um ser humano.

Os homens fizeram movimentos estranhos com a boca, como se estivessem demonstrando diferentes modos de morder a língua.

– Espere, você não fez algumas das primeiras reportagens? – indagou um deles.

– Fez, sim – continuou outro. – Amy Penn, da Nine Action News. Vi suas matérias.

– Katherine não deve falar com outras emissoras – falou o terceiro.

– Tínhamos exclusividade com ela...

– Você combinou isso com Lance?

– Sabe quanto dinheiro estão gastand...

– É uma violação de...

– É melhor você não...

Amy fechou a porta.

❧ Sully avançava devagar no seu Buick. Jamais vira as ruas de Coldwater tão congestionadas. Aliás, ninguém vira. Os carros se arrastavam. Muitas ruas continuavam cobertas de neve até a altura dos joelhos. Caminhonetes e ônibus, com os canos de descarga expelindo uma fumaça escura, transportavam lentamente milhares de passageiros em sua peregrinação ao campo de futebol.

Sully chegou à funerária às onze e meia. A transmissão começaria em noventa minutos. Ele saiu depressa do carro, deu dois passos e escorregou no

gelo, caindo na neve e mergulhando o rosto no frio e na umidade. Levantou-se, envergonhado, limpou a neve do rosto e, aos tropeços, chegou à porta da frente.

Lá dentro, o hall estava vazio e uma música suave preenchia o ambiente. As calças e o casaco de Sully tinham ficado ensopados. Ele seguiu pelo corredor e logo viu Maria no seu escritório.

– Sr. Harding – disse ela, de olhos arregalados. – O que aconteceu?

– Escorreguei na neve.

– Ah, meu Deus. O senhor está todo vermelho. Tome aqui – falou ela, estendendo-lhe lenços de papel.

– Obrigado. Maria, cadê o Horace?

– Saiu de novo. Que pena! Mais um desencontro.

– Puxa...

– Bem, pelo menos ele não está no almoço.

– Ele foi assistir à transmissão?

– Sei que eu estou indo para lá agora. Ele, eu não faço ideia de onde esteja.

– Ele não lhe disse?

– Não. Na verdade ele nem vem mais trabalhar às sextas, hoje foi uma exceção. De qualquer forma, não me falou aonde ia.

Sully engoliu em seco com tanta dificuldade que teve a impressão de que um ovo descia pela sua garganta.

– Desde quando ele não vem às sextas?

– Já faz algum tempo. Acho que desde o verão.

Sextas-feiras. Todos aqueles telefonemas às sextas-feiras.

– Maria, preciso lhe fazer umas perguntas que talvez você ache estranhas.

– Ahã – disse ela, cautelosa.

– Quando Horace começou a trabalhar aqui?

– Fez um ano em abril. Eu me lembro bem porque foi no aniversário da minha neta.

Fez um ano em abril? Um mês depois do acidente de Sully?

– De onde ele veio?

– De algum lugar na Virgínia. Ele foi sempre muito discreto a esse

respeito, porque... Bem, você deve entender melhor do que ninguém.

– Por que eu entenderia?

– Os militares são assim, não é?

Sully tentou controlar-se.

– E o que Horace fazia... no Exército?

– Não sei ao certo. Ele e o Sr. Davidson conversaram sobre isso. Ele trabalhava no Forte não sei o quê, na Virgínia.

– Forte Belvoir?

– Isso! Nossa, como sabia?

Sully cerrou os punhos. O Forte Belvoir era o centro de comando do Exército para a inteligência militar. *Escutas telefônicas. Interceptação de chamadas.*

Maria olhou o relógio.

– Puxa, estou atrasada.

– Espere. Mais uma coisa.

– Pode falar.

– Aquelas transcrições que você faz das conversas que tem com as famílias dos mortos, para os obituários...

– Sim?

– Horace costuma vê-las?

Maria parecia perplexa.

– Por que você quer sab...

– *Ele costuma vê-las?*

O tom de Sully a fez recuar.

– Eu... ele pode ver, se quiser. Mas não faria muito sentido.

– Por que não?

– Porque ele vai a todas as reuniões.

– O quê?

– É assim que ele gosta de trabalhar. Participando de tudo. Conversando com todo mundo. Ele tem uma cópia de todas as edições do jornal.

Sully ficou com o olhar perdido. Lembrou-se de seu primeiro contato com Horace. *Foi uma cerimônia linda.* Ele participava de tudo. Lia tudo. Conhecia todas as pessoas que tinham sido enterradas em Coldwater: Nick Joseph, Ruth Rafferty, Robbie Sellers.

Giselle.

Ele sabia sobre Giselle.

Sully deu um passo na direção de Maria.

– Onde ele mora? – murmurou.

– Sr. Harding, o senhor está me assustando.

– *Onde ele mora?*

– Por que...

– Por favor – insistiu Sully, cerrando os dentes. – Diga apenas *onde ele mora*.

Maria arregalou os olhos.

– Não sei. Ele nunca me disse.

☿ Ao meio-dia, todos os lugares da arquibancada estavam ocupados. O sistema de aquecimento funcionava graças a geradores. A iluminação forte também ajudava a aquecer o local a ponto de as pessoas poderem abrir os casacos.

Jack já havia organizado seus homens, conversado com os policiais e distribuído walkie-talkies para dezenas de auxiliares de segurança. Agora ele seguia com Tess até a sala dos professores, onde os convidados que iam participar do espetáculo esperavam sua vez. Tess segurava sua bolsa com força; dentro dela havia um celular novo, para o qual seriam transferidas as ligações feitas para o telefone de casa caso sua mãe decidisse fazer contato enquanto ela estivesse fora.

– Você não é obrigada a participar – sussurrou Jack.

– Está tudo bem – retrucou Tess. – Não tenho medo de perguntas.

Jack sabia que era verdade. Ao longo de várias manhãs, ele a observara, sentada com os fiéis na sala de sua casa, respondendo a todas as questões deles.

– Estarei no palco o tempo inteiro – prometeu ele.

– Ótimo – disse Tess, sorrindo.

Ele tinha ido à casa dela na noite anterior, depois da experiência desastrosa com Harding, Jupes e Elias Rowe. Precisava se recompor. Quando

contou a história, ela ouviu com atenção, colocando de vez em quando os longos cabelos louros atrás das orelhas.

– Então não era uma conspiração – concluiu ela no final do relato.

– Não, eram só dois sujeitos que suspeitavam um do outro.

Ela parecia satisfeita. De certo modo, ele também. Os telefonemas do céu tinham resistido a um desafio. Isso os tornava mais dignos de crédito.

Depois, Tess fez um chocolate quente e eles sentaram-se no sofá com as xícaras. Conversaram um pouco sobre a transmissão, a histeria generalizada e a expectativa para o dia seguinte. Em algum momento Jack deve ter cochilado, pois quando abriu os olhos percebeu que continuava no sofá, mas agora com um cobertor sobre o corpo. A casa estava escura. Sua vontade era dormir até de manhã, ver Tess descer as escadas, reviver aquela antiga sensação de começar o dia como um casal, mas sabia que, com tudo o que estava acontecendo, isso não seria sensato. Dobrou o cobertor, deixou-o sobre o sofá, voltou para casa, tomou uma ducha e foi para a escola, de onde não saiu mais.

De manhã, quando Tess chegou, ele a acompanhou até a área VIP, e ela foi se apresentar a uma mulher com uma prancheta na mão.

– Olá, meu nome é Tess Rafferty.

– Ótimo – disse a mulher, ticando seu nome. – Tem café e biscoitos logo ali, se quiser. E aqui estão alguns papéis para preencher.

Entregou-lhe a prancheta. De repente, Tess ouviu uma voz masculina:

– Bom dia, Tess.

Quando se virou, ela viu o padre Carroll, usando um pesado casaco de lã por cima da roupa clerical. A seu lado estava o bispo Hibbing.

– Padre – falou, confusa. – Bom dia. Bom dia, bispo.

Ela olhou para Jack, que se apresentou, depois recuou um passo e enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

– Bem – disse ele –, tenho um milhão de coisas a fazer. Está pronta?

– Estou, sim – respondeu Tess.

– Até mais tarde, então.

Jack saiu do prédio, tentando ignorar seus sentimentos e concentrar-se no maior desafio logístico que já enfrentara. Aproximou-se do palco gigantesco,

onde permaneceria durante toda a transmissão. A plateia estava cada vez maior, e já havia gente sentada nas colinas atrás das arquibancadas. Felizmente, a nevasca passara e alguns raios de sol passavam pelo meio das nuvens. Perguntou a si mesmo como estaria a cidade no dia seguinte: melhor ou pior?

Enquanto ele se aproximava dos degraus do palco, seu celular tocou.

– Alô, Jack Sellers falando.

– *Papai... é Robbie...*

Jack ficou paralisado.

– Filho?

– *Fale de mim para eles, pai... Diga onde estou.*

☿ Sully tinha ligado para Liz e pedido que o encontrasse na biblioteca assim que possível. Ele correu pelo meio da neve, já que o carro seria inútil nos enormes congestionamentos de Coldwater. Respirava com dificuldade. O ar frio parecia queimar seus pulmões.

– O que aconteceu? – perguntou ela quando ele irrompeu pela porta dos fundos.

– Preciso de um endereço. – Tentou recuperar o fôlego. – Tenho que descobrir... onde Horace mora.

– Quem é Horace?

– O cara da funerária.

– Ok, ok – disse ela, dirigindo-se ao computador. – Existem os registros públicos, informações sobre hipotecas, mas precisamos de alguns dados básicos.

Sully apoiou as mãos nos joelhos, ofegante.

– Comece com “Horace”... Qual é o sobrenome, meu Deus? Escreva “funerária” e vamos ver o que acontece.

Ela digitou rapidamente.

– Aparece um monte de informações sobre Davidson & Filhos... Davidson & Filhos... Horace Belfin, diretor.

– Procure o endereço residencial!

– Acho que não... espere... Não, nada.

Sully consultou o relógio. Quase meio-dia e meia.

– Como se descobre onde alguém mora nesta cidade?

Liz continuou a digitar depressa, depois parou e ergueu os olhos.

– Acho que tem um modo mais rápido de fazer isso – falou.

☿ Dez minutos depois, eles entraram pela porta da frente da imobiliária de Coldwater. A bancada da recepcionista estava vazia, mas havia um homem sentado nos fundos.

– Posso ajudá-los em alguma coisa? – perguntou ele, que se chamava Lew.

– Talvez – respondeu Sully, recuperando o fôlego. – Pode parecer estranho...

– O que mais pode parecer estranho em Coldwater? Só não me digam que querem uma casa para onde seus parentes mortos possam telefonar. Acabo de vender a última.

Sully olhou para Liz.

– Você acredita nessa história? – perguntou a ele.

Lew observou ao redor, como se alguém pudesse escutá-lo.

– Bem, eu não deveria contradizer a grande Katherine Yellin, nossa querida parceira comercial, mas não, não acredito em nada disso. Para mim, esta foi a pior coisa que já nos aconteceu aqui, mas não diga a ninguém que eu falei isso. – Deu uma fungada. – Bem, estão procurando uma casa?

– Estamos – respondeu Sully. – Uma casa que possa provar que você tem razão.

Lew coçou o queixo.

– Como assim?

☿ Quando faltavam cinco minutos para a uma da tarde, a apresentadora emergiu no palco e recebeu aplausos estrondosos. Vestia um casaco rosa-choque por cima de uma blusa preta de gola rulê, uma saia na altura dos joelhos, meias pretas e botas de cano alto. Sentou-se em um banco. Do outro lado do palco vieram Tess Rafferty, Anesh Barua, Eddie Doukens e Jay James,

que também se acomodaram em bancos dispostos um ao lado do outro.

Katherine Yellin entrou por último, usando um terninho azul que Amy ajudara a escolher. Na mão esquerda, segurava um celular cor-de-rosa. A multidão explodiu em uma cacofonia de gritos estridentes, aplausos e conversas exaltadas. Katherine foi conduzida ao seu lugar – uma cadeira um pouco mais destacada. Por uma sugestão que Lance fizera no último minuto, o chefe de polícia de Coldwater, Jack Sellers, estava a seu lado, ainda abalado depois de ter acabado de falar com o filho morto.

– Obrigado a todos por terem vindo! – exclamou o prefeito ao microfone. – Falta pouco para começarmos. Quero lembrar a todos que o mundo inteiro estará nos assistindo ao vivo. Por isso, por favor, aconteça o que acontecer, vamos fazer com que Coldwater passe uma boa imagem, certo? – Ele se virou e fez um sinal para o padre de cabelos brancos. – Padre Carroll, poderia abençoar a plateia antes de darmos início?

❧ No seu Buick, Sully avançava com dificuldade pelas ruas cobertas de neve, desviando dos carros estacionados, numa tentativa de chegar à Rota 8. O carro balançava muito e a todo momento ele era jogado para a frente e para trás, sendo por vezes quase lançado contra o painel. O automóvel subia e descia de calçadas, com o chassi protestando ruidosamente. Sully não tinha escolha: se diminuísse a velocidade, corria o risco de afundar na neve.

Ele tinha um endereço e um mapa desenhado às pressas em uma folha de papel. De acordo com os registros da imobiliária, Horace comprara uma propriedade nos arredores de Moss Hill quinze meses antes, uma grande área com uma casa de fazenda antiga e um celeiro. Pagara em dinheiro. Como a transação fora intermediada pela imobiliária, a empresa ficara com uma cópia da escritura arquivada em seu poder. Lew a entregara a Sully alegremente, comentando: “Nunca acreditei em Katherine, nem mesmo quando ela recebeu o telefonema aqui.”

Sully desceu de um gramado e chegou a uma rua mais ou menos desimpedida. O carro deu mais um solavanco ao tocar a neve firme. Sully não conseguia tirar da cabeça o rosto fino e pálido de Horace, e lembrou

todas as conversas que haviam tido, na tentativa de encontrar algum indício do seu envolvimento.

Foi uma cerimônia linda. Imagino que a família tenha lhe contado.

Eu sou a família.

Claro.

Sully sentiu um nó no estômago. Pegou a Rota 8, que já tivera a neve removida, e os pneus do Buick felizmente recuperaram sua aderência normal. Sully pisou fundo no acelerador. À sua esquerda, o tráfego estava lento, engarrafado por 1,5 quilômetro até chegar a Coldwater. Já a estrada que saía da cidade estava vazia.

Como tem passado, Sr. Harding?

Não muito bem.

Compreendo.

Olhou o relógio.

Uma e dez da tarde.

A transmissão havia começado.

☿ Atendendo a uma solicitação real, Alexander Graham Bell havia concordado em participar de um evento de importância mundial: uma demonstração do funcionamento do telefone para a rainha Vitória. A apresentação aconteceu no palácio pessoal dela na ilha de Wight, em 14 de janeiro de 1878, menos de dois anos após o imperador do Brasil ter exclamado: “Meu Deus! Ele fala!” O telefone já estava bastante aperfeiçoado, e a rainha teria naquele dia a mais elaborada das demonstrações. Quatro locais seriam conectados para que Sua Majestade pudesse ouvir, através do receptor, os seguintes sons: uma voz vinda de uma fazenda vizinha; quatro cantores na cidade de Cowes; um clarinetista em Southampton; e um organista em Londres.

Jornalistas escreveriam artigos sobre o evento. Todos sabiam que, se a rainha tivesse uma boa impressão, o telefone teria um próspero futuro garantido em todo o Império Britânico. No entanto, momentos antes do horário previsto, Bell descobriu que três das quatro linhas não estavam

funcionando. Não havia tempo para corrigir o problema e, quando ele ergueu os olhos, viu que o grupo real já entrava na sala. Fez uma leve mesura ao ser apresentado à rainha, a seu filho, o duque de Connaught, e a sua filha, a princesa Beatrice.

A rainha perguntou, por intermédio do fidalgo que a servia, se o professor faria a gentileza de explicar “o aparelho que ele chama de telefone.”

Bell pegou o fone, respirou fundo e rezou em silêncio para que a linha remanescente funcionasse.

☿ No hospital do condado, com a televisão ligada em volume baixo, Elias Rowe repousou a mão sobre o punho magro do pastor Warren.

– Começou, pastor.

Warren abriu os olhos.

– Hum... está bem.

Elias observou o corredor. Estava quase vazio: muitos funcionários tinham faltado para assistir à transmissão. Em Coldwater e nos arredores, havia uma sensação quase palpável de que aquela data, três dias antes do Natal, poderia trazer uma mudança de vida, como a manhã de uma eleição importante ou a noite em que o homem caminhou na Lua.

Elias tinha ido visitar Warren porque, após a loucura da noite anterior com Sully e Elwood, precisava desanuviar a mente. Os dois tinham orado juntos e, agora, Elias estava sentado em uma poltrona estofada ao lado da cama do pastor. Os dois assistiam ao ápice dos quatro meses mais estranhos que já tinham vivido: naquele momento, a mulher na TV apresentava, para todo o mundo ver, os “escolhidos” e Katherine Yellin. A todo instante as câmeras mostravam as pessoas na plateia dando-se as mãos, com os olhos fechados em oração.

– Katherine, você pediu à sua irmã Diane que fizesse contato conosco hoje, não é verdade? – perguntou a apresentadora.

– Sim – respondeu Katherine.

Ela parece nervosa, Elias pensou.

– E você explicou o motivo a ela?

– Expliquei.

– O que você disse?

– Eu... perguntei a ela... se o Senhor queria que o mundo inteiro soubesse que o além era real, se ela podia provar isso para... bem, o mundo inteiro.

– E ela respondeu que podia?

Katherine concordou com a cabeça e olhou para o telefone.

– Você tem uma lista de perguntas que pessoas de várias partes do mundo fizeram, certo? As dúvidas sobre o além que elas mais querem ver respondidas?

Katherine segurou com força a prancheta que lhe haviam dado.

– Isso.

– E imagino que todos vocês – continuou a apresentadora, virando-se para os outros convidados – tenham trazido seus celulares. Podem mostrá-los para nós?

Todos pegaram seus telefones e os colocaram sobre os joelhos ou seguraram-nos junto ao peito. A câmera fez um close neles, um de cada vez.

– O fenômeno das vozes do além não é algo novo – disse a apresentadora, lendo no teleprompter. – Vamos agora ouvir uma especialista em comunicação paranormal, a Dra. Salome Depawzna. Ela está em Houston, falando conosco via satélite. Dra. Depawzna, obrigada.

Nos telões apareceu a imagem de uma mulher de meia-idade com algumas mechas grisalhas, sentada numa sala com os arranha-céus de Houston ao fundo.

– Estou feliz por estar aqui – começou.

– Pode nos dizer, doutora, se no passado outras pessoas conseguiram fazer contato com...

Triiiiiiiii.

A apresentadora interrompeu o que dizia. Os convidados olharam de um lado para outro.

Triiiiiiiii.

No palco, Tess baixou os olhos. Seu telefone novo estava tocando.

– Ah, meu Deus – sussurrou ela.

Triiiiiimmm.

Em seguida, outro telefone começou a tocar no palco, e depois mais um. Logo os celulares de todos os “escolhidos” estavam tocando. Todos se entreolharam, paralisados.

– Olá? – disse a Dra. Depawzna. – Perdemos o contato?

O público, ciente do que acontecia, começou a gritar:

– Atendam! Atendam logo!

Tess olhou para Anesh, que olhou para Jay, que olhou para Eddie. Do outro lado do palco, Katherine fitou Jack Sellers, espantada, porque o telefone dele também estava tocando.

☿ Sully avistou a casa no fim de uma estrada sem calçamento e ainda coberta de neve. Desceu do carro. Uma grade alta com tela de arame cercava o terreno e a construção ficava bem no fundo da propriedade. O celeiro localizava-se mais longe ainda, atrás da casa. Sully viu o portão de entrada, mas não tinha nenhuma intenção de chamar atenção para sua chegada. Tomou fôlego, correu na direção da grade, deu um salto e agarrou-se no espaço entre as barras. Uma década de treinamento militar lhe havia ensinado a transpor obstáculos, mas os anos sem prática o deixaram ofegante pelo esforço. De qualquer maneira, ele conseguiu chegar ao topo, passou uma perna por cima das pontas salientes e pulou para o outro lado, tentando amortecer a queda.

Lembra de mim?

Sr. Harding.

Pode me chamar de Sully.

Está bem.

Sully avançou devagar, imaginando o embate que se seguiria. A neve estava alta e a cada passo ele tinha a sensação de que seus pés eram sacos de cimento, de tão pesados. Seus olhos lacrimejavam. O nariz escorria. Ao chegar perto da casa, viu uma construção grande, que lembrava uma caixa, ao lado do celeiro. Um mastro se projetava a pelo menos 20 metros de altura,

com pedaços de aço que pareciam candelabros quebrados anexados a ele. Havia galhos e folhas verdes no topo, como se alguém tivesse tentado imitar uma árvore. No entanto, as outras árvores ao redor estavam nuas, e as folhas dos pinheiros próximos costumavam ser mais verdes do que as que tinham sido usadas na simulação.

Sully sabia reconhecer uma tentativa de camuflagem quando via uma. Aquilo era uma torre de telefonia.

☿ – Anesh? O que sua filha disse?

– “Estamos aqui.”

– E sua mãe, Tess?

– A mesma coisa.

– Jay? Seu sócio?

– Também.

– Eddie? Sua ex-esposa?

– O mesmo.

– Chefe Sellers? – A apresentadora virou-se para Jack, que estava no meio do palco com ar constrangido, entre Katherine e os “escolhidos”, como alguém tirado da multidão para ocupar um lugar de destaque. – O que a voz lhe disse?

– Era meu filho.

Jack ouviu sua voz amplificada ecoar entre os presentes, como se ele tivesse gritado dentro de um cânion.

– Qual é o nome dele?

Jack hesitou.

– Robbie.

– Quando ele faleceu?

– Há dois anos. Era soldado.

– Ele já tinha ligado antes?

Jack ergueu a cabeça. Perguntou-se onde estaria Doreen e como ela reagiria a tudo aquilo. Ele queria se desculpar. Olhou para Tess, do outro lado do palco, e ela fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Já. Ele me liga sempre.

Um grito sufocado ecoou na plateia.

– E o que ele falou agora?

Jack engoliu em seco.

– “O fim não é o fim.”

A apresentadora olhou para a câmera principal e cruzou as mãos sobre os joelhos. Era evidente a sua satisfação por transmitir um momento histórico. Todos os celulares tocando no mesmo instante? Tantas vozes do além falando uma única frase e calando-se logo depois? *O fim não é o fim?* Ela tentou manter a gravidade do momento, acreditando que a transmissão seria vista pelas gerações futuras.

– Então, vamos relembrar o que testemunhamos aqui...

– NÃO OUVIMOS NADA!

A voz veio da arquibancada. A apresentadora tentou localizar o dono. Colocou a mão na testa para proteger os olhos da luz ofuscante.

– NÃO OUVIMOS NADA! COMO PODEMOS SABER?

Todos se viraram e espicharam o pescoço. Um operador de câmera deu um zoom em um homem parado na primeira fila. Ele tinha cabelos brancos e usava um sobretudo por cima de um paletó. Sua imagem apareceu nos telões.

– TODOS ELES PODEM ESTAR MENTINDO! – gritou Elwood Jupes.

Ele olhou para os dois lados, com as mãos estendidas, e dirigiu-se aos habitantes da cidade.

– NÃO OUVIMOS NADA, OUVIMOS?

🌀 Sully apoiou as mãos enluvadas na parede externa do celeiro de madeira e encostou o ouvido nela. Escutou apenas sons abafados, ininteligíveis. A grande porta de entrada ficava a menos de 10 metros de distância, mas Sully pensou duas vezes antes de bater. Se Horace fosse mesmo o responsável por tudo o que estava acontecendo, a única solução seria pegá-lo em flagrante.

A base do celeiro era de pedra, o telhado de estanho, as laterais de tábuas de cedro. Não havia janelas. Sully foi até os fundos pelo lado sul. Ele tremia, exausto; seus pulmões queimavam. Só quando imaginou Jules, seu garotinho, atendendo ao telefone e ouvindo uma ligação falsa da mãe feita por Horace, aquele homem sinistro e sem emoções, parecendo uma assombração esquelética, Sully encontrou forças para prosseguir. Caminhou com dificuldade na neve até chegar ao outro lado da construção, onde viu um trilho de metal a mais de 3 metros de altura.

Abaixo dele, uma porta de correr.

— O que você está dizendo? — perguntou a apresentadora, em pé na beira do palco. — Que todas essas pessoas inventaram essa história?

— Pelo que sabemos, sim — respondeu Elwood, usando o microfone que alguém lhe entregara.

Seu desafio perturbou a multidão. Segundo ele, todos estavam ali para ouvir uma voz que vinha do céu, mas até aquele momento o que tinham visto resumia-se a cinco pessoas atendendo seus celulares e contando-lhes o que tinham escutado.

— O senhor mora aqui? — quis saber a apresentadora.

— Desde que nasci.

— O que faz para viver?

— Sou repórter do jornal local.

A apresentadora olhou para seu diretor.

— Por que não está junto com os outros membros da imprensa?

— Porque, antes de ser um repórter, eu sou morador desta cidade. Frequentei a escola aqui. Me casei aqui. Criei minha filha aqui. — Fez uma pausa. — E ela morreu aqui.

Murmúrios na plateia. A voz de Elwood ficou embargada:

— Os habitantes locais sabem disso. Ela tirou a própria vida se jogando de uma ponte com o carro. Era uma boa menina que tinha uma doença ruim, e não quis mais viver.

A apresentadora se recompôs e começou a falar:

– Sinto muito por sua...

– Não precisa dizer isso – interrompeu ele. – A senhora não a conhecia, e também não me conhece. Mas há alguns meses recebi um desses telefonemas.

– Espere. O senhor recebeu um telefonema de sua filha morta?

– Era a voz dela.

Um novo grito abafado da plateia.

– O que o senhor fez?

– Disse a quem estava do outro lado da linha que parasse de brincadeira, que da próxima vez eu gravaria a ligação e iria à polícia.

– E?

Elwood baixou os olhos.

– Ela nunca mais telefonou. – Ele secou o rosto com um lenço. – Então, quero ouvir uma ligação, só isso. Quero escutar outra voz, uma voz *real*, falar sobre o além e deixar que as pessoas aqui presentes sejam os juízes. Que decidam. Então saberei...

Elwood parou de falar.

– Saberá o quê? – perguntou a apresentadora.

Ele desviou o olhar.

– Se cometi um erro.

Secou o rosto mais uma vez e devolveu o microfone. A plateia estava em silêncio.

– Bem, estamos aqui exatamente para isso – disse a apresentadora, enquanto se dirigia de volta para sua cadeira. – E, Katherine Yellin... – Virou-se para onde Katherine estava sentada, com um cinegrafista filmando-a sempre de perto. – Contamos com você para isso.

Katherine apertou o celular cor-de-rosa da irmã entre as mãos. Tinha a impressão de que todos os olhos do planeta estavam voltados para ela.

🌀 Sully segurou a extremidade da porta. Colocou nesse gesto todas as suas esperanças. Sabia que seria sua única chance de surpreender Horace, e precisava agir depressa. Respirou fundo três vezes e, sem hesitar – como no

momento em que acionara o ejetor para salvar a própria vida –, abriu a porta com violência e entrou.

Lá dentro estava escuro e seus olhos levaram algum tempo para se adaptar. Havia máquinas enormes, pequenas luzes vermelhas, fontes de alimentação, cabos que serpenteavam por todo lado e equipamentos que ele não reconhecia montados em prateleiras. Havia também uma grande escrivaninha de metal e uma cadeira vazia. O barulho que ele ouvira vinha de uma televisão de tela plana, que exibia um desenho animado.

– Horace! – gritou Sully.

Então circulou lentamente por trás das máquinas e correu os olhos pelo local.

– Horace Belfin!

Nada. Sully aproximou-se da escrivaninha muito bem organizada, com pilhas de papéis e marcadores de texto amarelos dentro de uma caneca. Acendeu uma luminária e a mesa se iluminou. Abriu com força uma das gavetas. Material de escritório. Outra gaveta. Cabos de computador. Uma terceira gaveta.

Sully piscou.

Lá dentro havia algo que ele já vira antes: os arquivos de Maria. As guias organizadas por cores. Na frente, viu nomes conhecidos.

Ruth Rafferty. Barua. Robert Sellers. Diane Yellin...

Ele gelou.

Na última pasta leu *Giselle Harding*.

– Sr. Harding?

Sully virou-se de um pulo.

– Sr. Harding?

A voz vinha de fora. As mãos de Sully tremiam tanto que ele não conseguiu fechar a gaveta.

– Sr. Harding, por favor, apareça!

Ele seguiu o som até a entrada do celeiro, respirou fundo, depois espiou de trás da porta.

– Sr. Harding!

Horace estava parado diante da casa, de terno preto, acenando.

– Aqui! – gritou.

Quando Katherine e Diane deram à luz seus primeiros bebês, ficaram na sala de parto acompanhando uma à outra, apertando-se as mãos quando as contrações ficavam mais fortes.

– Agente só um pouco mais – disse Diane com voz meiga. – Você consegue.

O suor escorria pelo rosto de Katherine. A irmã a levava de carro para o hospital duas horas antes – Dennis estava no trabalho –, ziguezagueando entre os carros a uma velocidade incrível.

– Não consigo acreditar... que não fomos... paradas – comentou Katherine entre as respirações.

– Seria bom que tivéssemos sido. Sempre quis dizer para um policial: “A culpa não é minha, é que esta senhora vai ter um bebê.”

Katherine quase riu, mas então teve a contração mais forte até aquele momento.

– Meu Deus, Diane, como você conseguiu aguentar isto?

– Foi fácil. – Ela sorriu. – Você estava comigo, lembra?

Katherine pensou nesse diálogo enquanto segurava o telefone da irmã e observava a multidão. Estavam no meio de um intervalo comercial, as luzes haviam sido reduzidas e de repente ela desejou poder escapar dali, voltar para casa, ficar sozinha e esperar a voz de Diane, em vez de continuar cercada por todas aquelas pessoas, aquelas câmeras, aqueles telefones tocando, aquele maluco chamado Elwood Jupes. E agora os incontáveis olhos voltados para ela, observando-a, em expectativa.

Ela olhou ao redor do palco. Um maquiador retocava o rosto da apresentadora. Assistentes de produção empurravam aquecedores mais para perto dos convidados. Jack Sellers estava a poucos metros, de cabeça baixa.

Katherine o observou. Eles tinham se encontrado uma ou duas vezes, na época em que os habitantes de Coldwater se conheciam pelo primeiro nome e pela profissão – “Jack, o chefe de polícia”, “Katherine, a corretora de imóveis” –, antes de a cidade ser dividida entre aqueles cujos telefones

tocavam e os outros, cujos aparelhos permaneciam silenciosos.

– Com licença – disse ela.

Jack levantou a cabeça.

– O que você acha que ele quis dizer? Seu filho?

– Como assim?

– Quando ele falou “O fim não é o fim”. O que acha que ele quis dizer?

– Acho que estava se referindo ao céu. Ao além. É o que espero, pelo menos.

Ele olhou para a multidão.

– Não planejei contar para ninguém.

Ela acompanhou seu olhar.

– Agora é tarde demais – sussurrou.

E então seu telefone tocou.

☿ Sully entrou na casa com cuidado, tocando no batente da porta antes de atravessá-la. Horace fizera um sinal com a mão, exclamando “Aqui!”, e então desaparecera lá dentro. Se aquilo fosse algum tipo de armadilha, Sully pensou, ele estava sendo pego totalmente de surpresa. Enquanto avançava devagar, procurou alguma coisa com que pudesse se defender.

Os corredores eram estreitos, as tábuas do assoalho, velhas e arranhadas, as paredes, pintadas em tons desbotados; todos os espaços pareciam pequenos, como se de um tempo em que as pessoas eram menores, também. Sully passou diante da cozinha, que tinha as paredes cobertas de papel florido, armários de carvalho claro, uma cafeteira na bancada. Ouviu vozes que vinham de baixo e percebeu, no final do corredor, o corrimão de uma escada que levava ao porão. Parte dele queria fugir dali e parte queria descer. Tirou o casaco devagar e deixou-o cair em silêncio no chão. Pelo menos agora ele teria liberdade de movimentos.

Chegou à escada.

Pensou em Giselle.

Fique comigo, querida.

Começou a descer.

☿ Nove anos depois de inventar o telefone, Alexander Graham Bell fez experiências sobre a reprodução do som. Gravou sua voz falando através de um diafragma que movia um estilete que fazia sulcos em um disco de cera. Recitou uma série de números. No final, para autenticar a gravação, disse: “Para comprovar o fato, ouçam minha voz... Alexander... Graham... Bell.”

Durante mais de um século esse disco permaneceu intacto em uma caixa na coleção de um museu, até que, afinal, uma tecnologia que envolvia computadores, luz e uma câmera 3D permitiu que o som fosse extraído da cera. Pesquisadores ouviram a voz do morto pela primeira vez e repararam em sua pronúncia, que tinha um leve sotaque escocês.

Hoje as pessoas criam registros vocais inúmeras vezes por dia, principalmente através das mensagens de voz deixadas em caixas postais de telefones. A valiosa invenção de Bell, que permitiu que a voz humana viajasse por um fio, estende-se agora a satélites e transforma nossas palavras em dados digitais, que podem ser preservados, reproduzidos e, inclusive, manipulados.

Quando chegou ao porão, Sully não sabia que estava diante de tal tecnologia. Viu apenas Horace em uma cadeira de espaldar alto, diante de telas de TV enfileiradas que mostravam o palco montado no campo de futebol de Coldwater. Sully estava cercado por monitores, diversos teclados e múltiplas prateleiras com equipamentos eletrônicos. Dezenas de cabos amarrados em feixes corriam pela parede e saíam por uma abertura rumo ao celeiro.

– Pode sentar onde quiser, Sr. Harding – disse Horace, sem se virar.

– O que está fazendo? – sussurrou Sully.

– Se o senhor não soubesse, não estaria aqui. – Horace pressionou diversas teclas. – Aqui vamos nós.

Apertou um último botão e Katherine Yellin apareceu na tela, com os olhos fixos em seu telefone. Ele tocou uma vez. Duas vezes. As câmeras de TV se aproximaram quando ela atendeu.

– Alô... Diane? – disse ela.

Sua voz ecoou nos alto-falantes do porão, surpreendendo Sully. Ele viu

Horace conferir uma lista na tela e apertar uma sequência de teclas.

– *Alô, mana.*

Era a voz de Diane Yellin.

Sully escutou-a ressoar no porão e Katherine, no próprio ouvido; a multidão escutou-a nas arquibancadas e as pessoas ao redor do mundo, em seus aparelhos de televisão ou computadores – graças a um sinal enviado do equipamento de Horace, recebido em um telefone celular, retransmitido através de um amplificador e difundido por uma rede de áudio.

O sonho de Graham Bell de ver os seres humanos falarem entre si a distância havia feito um completo e bizarro círculo.

A voz de uma morta, recriada, estava agora em conversa com uma viva.

– Diane, *é* você – disse Katherine.

Horace digitou rapidamente alguma coisa.

– *Estou aqui, Kath.*

– Tem outras pessoas ouvindo você.

Horace continuou a digitar:

– *Eu sei... Eu vejo...*

– Diane, você pode falar ao mundo sobre o além?

Horace agitou as mãos no alto, como um pianista que termina uma canção com um floreio.

– Obrigado pela pergunta, Katherine Yellin – murmurou.

Horace tocou em uma tecla e o monitor encheu-se de palavras. Depois o homem se virou e olhou diretamente para Sully.

– É fácil quando se sabe a pergunta que vai ser feita – explicou.

❧ O que o mundo ouviu a seguir foi uma explicação de 54 segundos sobre a vida após a vida, pela voz de uma mulher já falecida. Ela seria transcrita, memorizada, impressa e repetida inúmeras vezes.

O que a voz disse foi:

– *No céu, podemos ver vocês... podemos senti-los... sabemos do seu sofrimento, das suas lágrimas, mas nós mesmos não sofremos, não choramos... Não há corpos aqui... não há idade... Os velhos que chegam não são diferentes das crianças...*

Ninguém se sente só... Ninguém é maior ou menor... Estamos todos na luz... a luz é a graça... e somos parte de algo muito grande...

A voz calou-se. Katherine ergueu os olhos.

– O que é esse algo muito grande? – sussurrou.

No porão, Horace assentiu de leve: era a pergunta esperada. Pressionou mais uma tecla.

– *Amor... nascemos dele... e retornamos a ele.*

Na tela, Katherine chorava, o telefone entre as mãos como um pássaro amedrontado.

– Diane?

– *Mana...*

– Sente falta de mim como sinto de você?

Horace fez uma pausa, mas logo voltou a digitar.

– *O tempo inteiro.*

Lágrimas corriam pelo rosto de Katherine. No palco, os outros apenas a observavam, em silenciosa reverência. A apresentadora apontou para a prancheta. Katherine baixou a cabeça e começou a ler as perguntas.

– Deus ouve nossas preces?

– *Sempre.*

– Quando receberemos as respostas?

– *Vocês já as têm.*

– Vocês estão acima de nós?

– *Estamos bem ao seu lado.*

Sully aproximou-se de Horace. Ele podia ver que lágrimas rolavam livremente pelo seu rosto magro e abatido.

– Então o céu está mesmo à nossa espera? – perguntou Katherine.

Horace respirou fundo e digitou uma última frase:

– *Não, irmã querida... Vocês estão à espera dele.*

❧ O que aconteceu a seguir no porão foi violento e repentino. Só mais tarde Sully se lembraria dos detalhes, dos cabos que ele arrancou das tomadas, dos monitores que varreu das mesas, dos equipamentos que

destruiu com a força de um jogador de futebol americano, levando tudo ao chão. Estava tomado por um furor cego, como se houvesse uma venda sobre seus olhos e um zumbido em sua cabeça que ele precisava fazer calar. Lançava-se sobre tudo o que via, com a respiração ofegante e os músculos retesados como cabos de aço. Depois que a estante de equipamentos foi destruída, ele se virou e viu que Horace o observava... não com raiva, não com ar de reprovação, nem mesmo de espanto.

– CHEGA! PARE COM ISSO! – gritou Sully.

– Já está feito – disse Horace, com delicadeza.

– Quem é você? Por que fazer isso com essa gente?

Horace parecia surpreso.

– Não estou fazendo nada a ninguém.

– Está, sim! Isso é horrível!

– É mesmo? – Ele apontou para as telas. – Não parece tão horrível.

Embora o som tivesse sumido durante o ataque de Sully, as imagens dos monitores haviam sido preservadas: as pessoas riam, se abraçavam, se ajoelhavam para rezar, choravam nos braços umas das outras. Katherine era abraçada pelos demais convidados. A apresentadora parecia radiante e andava no meio de todos. Ver as cenas silenciosas tornava a situação ainda mais surreal.

– Isto é uma loucura – murmurou Sully.

– Por quê?

– É tudo uma grande mentira.

– O céu? Tem certeza?

– Você está lhes dando uma falsa esperança.

Horace cruzou as mãos sobre os joelhos.

– O que há de falso na esperança?

☿ Sully apoiou-se em uma mesa. Estava com um nó na garganta e respirava com dificuldade. A pontada atrás dos olhos era tão intensa que quase o cegava.

Horace girou um botão e as telas se apagaram.

- Agora vamos ver – disse.
- Você não vai sair desta impunemente.
- Por favor, Sr. Harding...
- Vou contar a todos.

Horace contraiu os lábios.

- Não acho que vá fazer isso.
- Você não me impedirá.

Horace deu de ombros.

- Fique longe de mim... Estou avisando – disse Sully.
- Sr. Harding, o senhor não está entendendo. Não farei nada contra sua integridade física. Não estou bem de saúde.

Sully engoliu em seco. Naquele momento, ao observar a silhueta quase esquelética de Horace, sua expressão abatida, os olhos contornados por círculos escuros, ele percebeu que, de fato, o homem devia estar doente. Até então, Sully associara sua palidez e aparência mórbida ao trabalho de agente funerário.

- Então, você é o quê? – perguntou Sully, olhando os equipamentos eletrônicos. – Membro da inteligência militar?

Horace sorriu.

- Se é que é possível usar “inteligência” e “militar” na mesma frase.
- E qual é sua especialidade? Telefones? Interceptações? Hacking?
- Mais do que isso.
- Esquema internacional? Contraespionagem?
- Muito mais.
- Foi assim que conseguiu fazer isto tudo?

Horace ergueu as sobrancelhas.

- Isto? – perguntou, apontando para os equipamentos. – Nada disto é muito difícil atualmente.
- Vamos, fale! Explique tudo, droga!
- Muito bem.

Nos minutos seguintes, Horace detalhou um processo que deixou Sully espantado com a evolução da tecnologia. Mensagens telefônicas deixadas pelas pessoas antes de morrerem. Um provedor que as havia armazenado em

servidores durante anos. Informações hackeadas. Software de reconhecimento de voz. Programas de edição. As pessoas deixam dezenas de mensagens de voz por dia, Horace comentou. Com tantos dados com que se trabalhar – ou seja, tantas palavras –, é possível criar praticamente qualquer frase. Às vezes as frases são incompletas, ou desconjuntadas, por isso era essencial que as falas fossem curtas. Mas conhecer as pessoas que “ligavam”, suas histórias, seus problemas familiares, seus apelidos – tudo convenientemente fornecido pelos obituários feitos pela Davidson & Filhos – tornava a tarefa muito mais fácil.

Quando Horace acabou a explicação, Sully sabia o suficiente para entender como enganar tantas pessoas ao mesmo tempo era possível. O que ele não compreendia era o motivo.

– Por que fez isso?

– Para que as pessoas acreditassem em algo.

– Por que você acha que isso é importante?

– Quando elas acreditam, comportam-se melhor.

– O que você ganha com isso?

– Penitência.

Sully ficou surpreso.

– Penitência?

– Às vezes somos colocados em uma cela sem ter feito nada para merecer, Sr. Harding. – Horace desviou o olhar. – Às vezes é o inverso.

Sully não entendeu.

– Por que essas pessoas especificamente?

– Poderiam ter sido outras. Essas foram suficientes.

– Por que Coldwater?

– Não é óbvio? – Horace ergueu as mãos. – Por sua causa.

– Por *minha* causa? O que tenho a ver com isso?

Pela primeira vez, Horace pareceu surpreso.

– Não sabe mesmo?

Sully enrijeceu o corpo. Fechou os punhos por reflexo.

– Me desculpe – disse Horace. – Pensei que a esta altura estivesse tudo claro. – Em seguida, seu olhar ficou vago. – Como descobriu onde era

minha casa?

Sully explicou: Maria, a biblioteca, a imobiliária.

– Então o senhor leu a escritura?

– Sim, li.

– Leia de novo.

Horace deu um suspiro profundo e colocou as mãos sobre a mesa, em seguida se ergueu como um lutador que se levanta da lona. Parecia mais frágil do que nunca.

– Você não vai a lugar nenhum – disse Sully.

– Não cabe a você decidir.

– Vou ligar para a polícia.

– Não acho que vá fazer isso.

Horace encaminhou-se para a parede dos fundos.

– Sua esposa, Sr. Harding. Lamento que não tenha conseguido se despedir dela. Sei como se sente. – Puxou a parte inferior do paletó preto com as mãos finas, de veias e juntas salientes. – Foi uma cerimônia linda *mesmo*.

– Não ouse falar de Giselle! – gritou Sully. – Você não sabe nada dela.

– Em breve saberei. – Horace juntou as mãos em um gesto de oração. – Agora preciso descansar. Por favor, me dê licença.

Então ele apertou um botão na parede e a sala mergulhou na escuridão.

🌀 Em tempos remotos, as histórias eram transmitidas através do boca a boca. Um mensageiro que corria pelas montanhas. Um homem que cavalgava por vários dias. Até o mais fantástico dos acontecimentos precisava ser repetido muitas e muitas vezes – da boca aos ouvidos, da boca aos ouvidos –, e se espalhava tão lentamente que era quase possível ouvir o planeta conversar.

Hoje observamos o mundo juntos, sete bilhões de pessoas olhando para a mesma fogueira, no mesmo acampamento. O que aconteceu no palco montado no campo de futebol de Coldwater foi retransmitido para os cantos mais remotos da civilização – não em semanas ou meses, mas em horas. E,

no espaço de uma noite na Terra, a ideia de céu, de além, nunca esteve tão próxima.

A PROVA!, diziam algumas manchetes de jornais. O ALÉM FALA!, anunciavam outras. De Miami a Istambul, as pessoas se reuniam nas ruas, comemorando, se abraçando, cantando e orando. Igrejas, sinagogas, mesquitas e templos se enchiam de fiéis dispostos a se arrepender. Os cemitérios ficavam lotados de novos visitantes. Pacientes em fase terminal respiravam de modo diferente ao fechar os olhos. Havia os céticos – sempre há –, mas por uma noite uma única notícia, uma única reportagem, foi o assunto de quase todas as conversas do planeta.

– Você ouviu?

– O que você acha?

– Consegue acreditar nisso?

– É um milagre?

Apenas um homem, que agora percorria uma estrada de mão dupla a toda a velocidade em um Buick velho, conhecia a verdade e planejava revelá-la. Agarrado ao volante, ele lutava contra a exaustão. Deu-se conta de que não comera nada desde a noite anterior. Suas pernas estavam ensopadas das coxas para baixo, resultado de suas andanças pela neve na inútil busca por Horace, que tinha, de algum modo, desaparecido.

Sully levava algum tempo para escapar da escuridão do porão. Horace cortara a energia da propriedade inteira. Sully avançara tateando, dando topadas aqui e ali, até encontrar a escada, dar uma busca na casa e, em seguida, no celeiro. Percorreu sem rumo os bosques vizinhos. Nenhum sinal do homem. Quando a claridade da tarde começou a sumir, ele foi tomado pelo desespero, por uma necessidade de partilhar com outra pessoa o que vira antes que algo ou alguém o detivesse. Saiu da propriedade, caminhou com dificuldade pela neve até chegar à grade, que escalou de novo, movido por pura adrenalina. O carro estava frio e só depois de várias tentativas o motor funcionou.

Agora ele dirigia na escuridão do início da noite, os faróis lutando contra a neblina espessa que baixara. Ao fazer uma curva e aproximar-se de sua cidade natal, viu uma fila vermelha de faróis traseiros que se estendia por

mais de um quilômetro.

– Ah, não! – exclamou para si mesmo. – Meu Deus, não, não, não!

A transmissão havia provocado uma peregrinação em massa a Coldwater, e a entrada na cidade estava lenta e congestionada. Sully sentia-se desorientado, confuso. De repente, teve uma vontade quase insuportável de abraçar o filho, um desejo tão forte que seus olhos se encheram de lágrimas. Lembrou-se do celular guardado no bolso. Tirou a luva, pegou o aparelho e teclou o número de seus pais. Após dois toques...

– Mamãe? – disse a voz de Jules.

Sully sentiu o coração apertado. Seu filho também fora enganado. A voz de Sully ficou presa na garganta.

– Mamãe? – repetiu Jules.

Sully ouviu a voz do pai ao fundo:

– Jules, me dê esse telefone agora...

Sully pressionou o botão vermelho e encerrou a ligação.

Não acredito que vá fazer isso, Horace dissera quando Sully ameaçara ligar para a polícia.

E se ele tivesse razão? Será que a prova de um embuste sobre o além era tão paralisante quanto a prova do além em si? A respiração de Sully estava acelerada. Ele observou a fila de lanternas à sua frente. Deu um soco no painel. Não. *Não!* Ele não perderia para aquele maníaco assustador e lunático. Acendeu a luz interna do carro e folheou rapidamente os papéis no banco do passageiro até encontrar o número que procurava. Depois, com dedos trêmulos, fez a ligação.

– Elwood? – falou quando atenderam.

– Quem é?

– Sully Harding.

– Ah! Olá. Eu não...

– Escute. É tudo uma farsa. Toda essa história. Tenho provas.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Ainda está na linha? – perguntou Sully.

– Estou ouvindo.

– Era um programa de computador. As vozes dos mortos foram recriadas

através de mensagens que eles deixaram ao longo da vida.

– O quê?

– Foi uma farsa o tempo inteiro.

– Espere um inst...

– Você precisa contar para eles.

– Ei, ei, ei! Vamos com calma. Quem fez isso?

– Foi...

Sully parou. Engoliu em seco. Pensou no que estava por dizer. Uma frase mudaria tudo. Imaginou hordas de jornalistas invadindo a funerária, assim como a polícia, e percebeu que havia uma coisa que ele precisava descobrir antes que isso acontecesse.

– Conto tudo quando nos encontrarmos – disse Sully. – Estou chegando, mas o trânsito está simplesmente...

– Escute, Sully. Não posso fazer muita coisa daqui. Não vamos lançar nada até a próxima semana. Se o que você está dizendo é verdade, alguém precisa investigar isso logo. Conheço um sujeito no *Chicago Tribune*. Trabalhamos juntos há alguns anos. Pode confiar nele. Posso fazer contato? Ele pode ligar para você?

Sully pressionou o telefone contra o ouvido. Jamais se sentira tão sozinho.

– Pode – falou. – Veja se ele pode me ligar em uma hora. Tenho que fazer uma coisa antes.

❧ A iluminação de Natal enfeitava quase todas as casas de Coldwater, e agora as luzes de todas as varandas também estavam acesas. Havia animação nas ruas, e os participantes das festividades, protegidos em seus casacos de inverno, iam de casa em casa, sem se importar com o frio. Não havia desconhecidos. Quem estava na cidade fazia parte do milagre. Todas as portas tinham sido abertas. As mesas estavam sempre postas. O riso era abundante, os carros buzonavam e as músicas natalinas ressoavam nas ruas.

Embora a transmissão tivesse acabado muitas horas antes, o campo de futebol continuava iluminado e centenas de pessoas ainda circulavam pelo local, sem vontade de ir embora. A apresentadora dava entrevistas, assim

como Jeff Jacoby, o prefeito. Katherine Yellin ainda estava no palco, rodeada por não menos que dez policiais, enquanto uma multidão se aglomerava a seu redor, gritando seu nome e bombardeando-a com perguntas. De repente ela avistou Amy Penn, que olhava para ela do chão.

– Amy! – gritou Katherine. – Alguém pode ajudá-la a subir aqui?

Nesse meio-tempo, Jack Sellers encontrara Tess, que grudara nele enquanto a aglomeração de pessoas quase os engolia também, gritando coisas como “Obrigado!” e “Deus é grande!”. Apesar do uniforme de Jack, todos queriam chegar perto dele e apertar sua mão, tocar seu casaco e fazer qualquer tipo de contato. Alguém berrou: “Chefe Sellers, por favor, nos abençoe!” Jack sentiu que alguém agarrava seu ombro com força e, quando se virou, viu Ray, junto com Dyson.

– Estamos aqui – disse Ray.

Então cada um deles se postou ao lado do chefe de polícia.

– Preciso ir para casa – pediu Tess, falando no ouvido de Jack. – Por favor. Isto é demais para mim.

– Venha comigo – falou ele, e começou a abrir caminho enquanto Ray e Dyson gritavam para a multidão deixá-los passar.

No hospital, Elias estava sentado ao lado do pastor Warren. Desde o telefonema de Diane Yellin, eles haviam permanecido em silêncio a maior parte do tempo. Em determinado momento depois de a ligação ter sido encerrada de repente, Elias perguntara ao pastor: “Isto prova nossa crença?” Warren respondera em voz baixa: “Para quem crê, não há necessidade de prova.” Depois disso, Elias ficou calado.

Uma enfermeira trocou de novo o frasco do soro e fez um comentário sobre “a maravilhosa notícia”. Em seguida, saiu do quarto com um sorriso nos lábios. Os dois observaram-na partir. O monitor cardíaco emitia um leve zumbido.

– Poderia segurar minha mão, Elias? – pediu Warren, e Elias obedeceu. – Você é um bom construtor – acrescentou ele, baixinho.

– O senhor também.

Warren olhou para o teto.

– Sentirei falta do culto de Natal.

- Talvez até lá o senhor já tenha ido embora daqui – observou Elias.
Warren deu um sorriso fraco. Seus olhos se fecharam.
– Sim, já terei ido embora.

☿ Sully continuava no engarrafamento na entrada de Coldwater. Estava no trânsito havia uma hora e avançara menos de um quilômetro. O jornalista do *Chicago Tribune* não havia telefonado. Sully ligou o rádio. Em quase todas as estações se falava do acontecimento e se repetiam as palavras de Diane. A notícia estava em toda parte.

Ele desligou o aparelho. Sentia-se impotente – preso no carro, preso no trânsito, preso à noção de que sabia algo que o resto do mundo ignorava. Repassou palavra por palavra o que Horace dissera no porão, na tentativa de descobrir por que ele escolhera Coldwater e o que tudo aquilo tinha a ver com Sully.

Então o senhor leu a escritura?

Sim, li.

Leia de novo.

O que havia de tão importante naqueles papéis? Era um documento legal, repleto de jargões complicados, que qualquer pessoa assinaria ao comprar uma propriedade.

Pensou em ligar para Liz. Talvez ela pudesse ler o texto para ele. No entanto, uma sensação de proteção em relação à bibliotecária fez com que ele hesitasse – se dissesse a ela o que sabia, todos tentariam lhe arrancar a revelação.

Enviou-lhe então uma mensagem de texto: “Está por aí?”

Poucos segundos depois, ela respondeu: “Sim. Muito preocupada. Você está bem? Onde está?”

“Estou bem”, disse ele. “Você tem a escritura da casa de Horace?”

Passaram-se alguns instantes, em seguida: “Entreguei para você.”

Sully ficou paralisado. Releu a mensagem. Em seguida, pegou a pilha de documentos no banco do passageiro. Olhou-os rapidamente e foi descartando um por um, até que de repente... Ali estava.

Aproximou a escritura da luz para tentar ler melhor. Considerações iniciais, providências, descrição da propriedade, numeração de lotes. Que importância tudo aquilo poderia ter? Quando chegou ao fim do documento, Sully viu uma linha para a assinatura do vendedor à esquerda, uma para a do comprador à direita.

Estreitou os olhos para distinguir o nome do comprador.

Um arrepio percorreu seu corpo.

Elliot Gray.

❧ O carro de trás buzinou e Sully levou um susto. Depois de praguejar, concentrou-se e começou a ler a escritura mais uma vez. Os pensamentos se sucediam em sua mente feito um turbilhão. *Elliot Gray? Impossível!* O nome que o assombrava desde o acidente com o avião? Elliot Gray, o controlador de tráfego aéreo que, com uma única e grande besteira, destruíra a melhor parte da vida de Sully? Elliot Gray estava morto! Por que Horace brincaria assim com ele? Por que...

Seu celular tocou. Ao olhar o identificador de chamadas, Sully viu um número que não conhecia. Pressionou a tecla de atender.

– Alô?

– Alô. Aqui é Ben Gissen, do *Chicago Tribune*. Gostaria de falar com Sullivan Harding.

– Sou eu.

– Bem, recebi um telefonema estranho de um velho amigo meu, Elwood Jupes. Ele escreve para um jornal de Coldwa...

– Sei quem é.

– Ótimo. Ele disse que você tem informações sobre os tais telefonemas do além. Falou que é importante. O que aconteceu de verdade?

Sully hesitou. Baixou a voz:

– O que *você* acha que aconteceu?

– Eu?

– É.

– Não é meu papel *achar* nada. Minha função é *ouvir* o que você tem para

me dizer.

Sully suspirou. Não conseguia tirar Elliot Gray da cabeça.

– Por onde devo começar?

– Por onde quiser. Por que não...

De repente, a linha ficou muda.

– Alô? Alô? – disse Sully, e nada. – Droga.

Olhou para o visor do aparelho e constatou que a bateria ainda estava carregada. Girou o celular na palma da mão e esperou. Um pouco depois, ele voltou a tocar.

– Desculpe – disse Sully. – Desliguei na sua cara?

– *Não* – respondeu uma voz feminina muito delicada.

Ele prendeu a respiração.

Giselle.

☿ O que se faz quando os mortos retornam? Essa é a coisa que as pessoas mais temem – embora, em alguns casos, seja o que mais desejam.

Quando Sully ouviu a esposa dizer seu nome, seu coração se encheu de tristeza e alegria ao mesmo tempo. Era claramente a voz dela. Saída da sua boca, do seu corpo, da sua alma. *A voz de Giselle.*

Mas...

– Sei que não é você – murmurou ele.

– *Querido, por favor. Não.*

– Sei que isto não é verdade. Sei que é coisa de Horace.

– *Por favor. Se você me ama, não faça isso.*

Sully engoliu em seco. Não conseguiu conter as lágrimas.

– Não faça o quê? – perguntou por fim.

– *Não conte a ele* – disse ela.

Então a ligação foi encerrada.

☿ Os minutos seguintes foram um verdadeiro inferno para Sully Harding. Ele enterrou o rosto nas mãos. Gritou. Enfiou os dedos nos cabelos e puxou-os com tanta força que quase berrou de dor. Pegou o telefone.

Largou-o. Pegou-o de novo. Gritou o nome da esposa e sua voz ressoou para fora da janela do carro. Como Horace era cruel! Mentiroso! Sully sentiu um nó na garganta e teve a impressão de que iria sufocar se não o engolisse.

Quando o celular começou a tocar de novo, Sully estremeceu. Só atendeu no terceiro toque, com um sussurro quase inaudível:

– Quem está falando?

– Sr. Harding? Aqui é Ben Gissen.

Sully ficou decepcionado. Mesmo sabendo que se tratava de uma farsa, ele queria ouvir Giselle de novo.

– Alô? Sr. Harding? O senhor ainda está aí?

– Sim, me desculpe... – murmurou Sully.

– Sem problemas. A outra ligação caiu. Enfim, agora pode continuar. O senhor estava prestes a me contar alguma coisa.

Sully observou o carro à sua frente. Ele parecia enxergar mais claramente agora. Viu cabeças no banco de trás. Crianças? Adolescentes? Pensou em Jules. Nas pessoas de Coldwater que estavam sendo manipuladas por Horace da mesma forma que o homem tentava fazer agora com ele. Um sentimento negativo começou a tomar conta dele.

– Pode vir aqui pessoalmente? – perguntou. – Não quero falar por telefone.

– O senhor tem mesmo provas de que é tudo uma invenção? Não posso fazer uma viagem tão longa só para...

– Tenho provas – afirmou Sully. – Todas as provas de que precisa.

– Estou em Chicago. Vou precisar de algumas hor...

Mas Sully já tinha desligado. Manobrou o carro, fez o retorno na neve e seguiu na direção contrária.

Elliot Gray, vou matar você, pensou.

Pisou fundo no acelerador.

❧ Jack abriu a porta da viatura e ajudou Tess a descer.

– Cuidado com o gelo – disse, segurando seu braço.

– Obrigada.

O trajeto até a casa dela tinha sido especialmente silencioso. Eles apenas balançavam a cabeça de vez em quando ou murmuravam “Que coisa!”, ou “Incrível!”, como fazem os sobreviventes de uma calamidade. Nas ruas, uma multidão de desconhecidos cantava e festejava, os rostos iluminados de relance pelos faróis dos carros.

– Antes eu conhecia quase todo mundo em Coldwater – comentou Tess.

– Eu sabia onde todos moravam – acrescentou Jack.

Agora, enquanto caminhavam até a casa dela, era o silêncio que lhes parecia estranho. Quando chegaram à varanda, trocaram olhares. O walkie-talkie de Jack tocou.

– Jack, você está aí? – perguntou uma voz masculina.

Ele apertou um botão.

– Estou.

Chiado.

– Pode falar?

– Daqui a um minuto.

Prendeu de novo o aparelho no cinto. Suspirou e voltou a olhar para Tess. Parecia que alguma coisa chegava ao fim.

– Estou exausta – comentou ela.

– Posso imaginar.

– Você deve estar ainda pior. Meu Deus! Há quantas horas está de pé?

Jack deu de ombros.

– Não lembro.

Ela balançou a cabeça em uma negativa.

– O que foi? – quis saber ele.

– Só estava pensando no que vai ser do amanhã.

Jack sabia o que ela queria dizer. Passara a noite inteira com a sensação de que, por ter contado ao mundo sobre Robbie, de algum modo havia completado a missão.

– Sua mãe não disse que isso não duraria?

Tess assentiu com a cabeça e fechou os olhos, exausta. Apoiou a cabeça no ombro dele, permaneceu assim por um instante, depois abriu os olhos e beijou-o de leve nos lábios. O walkie-talkie tocou de novo.

– Desculpe – resmungou Jack. – Como vivíamos antes de ter esses aparelhos?

Tess sorriu.

– Vou ficar bem. Obrigada por ter me acompanhado até aqui.

Ela entrou em casa e fechou a porta. Jack voltou para o carro. Sabia que devia telefonar para Doreen, falar sobre as ligações de Robbie e explicar por que as mantivera em segredo. Seria o correto. Mas, antes de fazer isso, apertou o botão do walkie-talkie.

– Jack falando. Estou na escuta.

– Jack, vá imediatamente para Moss Hill.

– Por quê? O que houve?

– Você verá com os próprios olhos.

🌀 O desejo é o que nos norteia, mas é a vida real que define nossa trajetória. Katherine Yellin desejava apenas honrar a irmã. Amy Penn desejava apenas ter uma carreira brilhante. Elias Rowe desejava apenas conduzir o próprio negócio. O pastor Warren desejava apenas servir a Deus.

O desejo tinha lhes servido de bússola, mas os acontecimentos das últimas dezesseis semanas tinham definido suas trajetórias.

Assim, na sexta à noite, ao ser conduzida para fora do palco, Katherine se perguntou por que nunca ouvira Diane chamá-la de “irmã querida” antes.

Atrás dela, Amy Penn olhava para as câmeras como se estivesse saindo de um culto.

Elias Rowe sentia-se agora obrigado a ajudar o filho de Nick Joseph, um menino que ele nem conhecia.

E o pastor Warren, cuja igreja ficara cheia demais para sua missão, encontraria o Senhor sozinho, depois de dar o último suspiro em um leito de hospital no fim da noite.

Sully Harding também tinha um único desejo: matar um homem chamado Elliot Gray, ou Horace Belfin, ou quem quer que ele fosse, para fazê-lo pagar por ter assombrado sua vida de tantas maneiras. Percorreu 6 quilômetros a uma velocidade alucinante, movido por essa raiva, os músculos

tensos, as mãos prontas para agir, o ar de seus pulmões oxigenado pela necessidade de vingança.

No entanto, quando Sully chegou à rua de Horace, a vida real mudou seu curso. Ele pisou no freio do Buick e estremeceu.

Luzes vermelhas piscavam ao redor da casa: viaturas de polícia. Havia oficiais percorrendo os arredores e vários veículos sem identificação, que Sully imaginou pertencerem ao governo, circulavam pelas imediações.

– Meu Deus – murmurou para si mesmo.

O desejo nos serve de bússola, a vida real comanda nossa trajetória. Sully Harding não mataria ninguém naquela noite.

Engatou a marcha a ré e saiu dali.

Depois da meia-noite

A comemoração em Coldwater continuou noite adentro, e a Lake Street ficou tão engarrafada quanto em dia de desfile militar. Copos de sidra quente eram oferecidos de graça e bandejas com tortas e cookies estavam à disposição em mesas montadas. Um coro religioso, enfileirado na frente de um banco, entoava um hino antigo:

*No alto dos céus, Deus eterno,
Tua bondade em toda a glória resplandece...*

A pouco mais de 3 quilômetros da cidade, Sully Harding, mais uma vez preso no congestionamento para chegar a Coldwater, perdeu sua última gota de paciência e deu uma guinada brusca no volante para a direita. Manobrou o Buick, saiu da longa fila de carros, pisou fundo no acelerador e seguiu pelo acostamento. Precisava chegar em casa. Ver Jules. Encontrar algumas respostas.

Por que havia tantas viaturas na propriedade de Horace? Será que a polícia sabia que ele estivera lá? Será que tudo seria revelado? Será que iriam atrás dele depois?

Por que Coldwater?

Por sua causa.

Por minha causa? O que tenho a ver com isso?

Não sabe mesmo?

Quem era Horace? Elliot Gray estava vivo? *Horace e Elliot Gray não podem ser a mesma pessoa!* Sully tentou se concentrar, mas sua cabeça latejava e ele não conseguia raciocinar direito. Começou a transpirar. Seu pescoço doía.

Sua garganta estava seca. Ouviu o comando “reduza a velocidade” em sua cabeça, mas as palavras soavam como um grito distante.

Ele piscou com força uma vez, depois mais uma. O carro bateu em alguma coisa, fazendo uma pedra voar e trincar o para-brisa com um impacto seco. Sully perdeu a concentração por um instante. A estrada fazia uma curva à esquerda e, quando ele girou o volante nessa direção, os faróis iluminaram três pessoas – um homem, uma mulher, uma criança – que tinham saído do carro em que estavam para avaliar o tráfego. Os três ficaram paralisados. Sully arregalou os olhos, apavorado. Desviou violentamente e pisou fundo no freio. O Buick deu uma guinada brusca para a direita e derrapou antes de voar até a margem do lago, passando por cima dos arbustos cobertos de neve no caminho. Por um breve e silencioso momento, o carro ficou suspenso no ar, como um avião, e o instinto de Sully foi de levantar as mãos e ejetar-se.

Depois, veio o impacto. O Buick caiu pesadamente e girou para a direita. Sully foi projetado por cima do banco do carona e arremessado contra a porta. Sua cabeça estalou contra o vidro e o mundo à sua volta escureceu. O carro continuou rodando sobre o gelo, até que enfim parou com um gemido – duas toneladas de aço sobre poucos centímetros de gelo.

Sully, sangrando, estava desmaiado no banco dianteiro.

☞ Existe alguma coisa na vida que o amor não consiga penetrar? Mabel Hubbard, surda desde criança, deu a Graham Bell um piano de presente de casamento e pediu que ele tocasse para ela todos os dias, como se a música pudesse invadir seu silêncio. Décadas depois, no leito de morte de Bell, foi sua esposa quem produziu o som, dizendo as palavras “Não me deixe”, enquanto ele, que não conseguia mais falar, usou a linguagem dos sinais para responder “Não”.

Existe alguma coisa na vida que o amor não consiga penetrar? Sully tinha perdido a consciência, e nenhum som terreno poderia fazê-la voltar. Porém, em algum lugar distante, enquanto o gelo sob o carro começava a ceder, ele ouviu as palavras do primeiro telefonema que tinha sido dado no mundo:

Venha cá. Quero ver você.

☿ O que aconteceu a seguir jamais pôde ser explicado. Mas foi algo que estava claro, era real e se tornaria a lembrança mais inesquecível da vida de Sully. Ele escutou três palavras.

Pilotar. Sentiu que se erguia dos destroços.

Navegar. Flutuou suavemente como um espírito através da escuridão. De repente chegou a seu apartamento, seguiu pelo corredor e parou na porta do quarto de Jules. Ali viu, sentada na beira da cama do filho, Giselle, jovem e radiante como sempre.

Comunicar.

– Olá – disse ela.

– Olá – respondeu ele.

– Temos pouco tempo. Você precisa voltar.

Sully sentiu apenas leveza e quentura, uma tranquilidade plena, como quando era criança e se deitava no gramado no verão.

– Não – protestou ele.

– Não seja teimoso. – Ela sorriu. – Não é assim que as coisas funcionam.

Sully viu que ela se inclinava sobre Jules.

– Tão lindo...

– Você deveria vir vê-lo.

– Eu o vejo. O tempo inteiro.

Sully sentiu que chorava, mas não havia lágrimas, nenhuma mudança na sua expressão facial. Giselle virou-se, como se tivesse percebido sua angústia.

– O que foi?

– Não é possível que você esteja aqui – sussurrou ele.

– Estou sempre aqui.

Ela apontou para a prateleira na qual repousava a urna com a efigie de um anjo que continha suas cinzas.

– Foi um gesto muito bonito, mas você não precisa dela.

Ele parecia petrificado. Nem piscava.

– Me desculpe.

- Por quê?
- Por não estar lá quando você morreu.
- Não foi culpa sua.
- Nunca me despedi de você.
- Quando se ama alguém, isso não tem importância – disse Giselle. Sully tremia. Sentia feridas antigas se abrirem.
- Eu tinha vergonha.
- Por quê?
- Porque estava na prisão.
- Você ainda está.

Então ela se aproximou o suficiente para que ele sentisse a quentura que irradiava do seu rosto, e em seus olhos Sully reviu todos os dias que haviam passado juntos.

– Basta – sussurrou ela. – Perdoe-se. Eu não sofri. Desde o instante em que eu soube que você estava vivo, fiquei feliz.

- Quando foi isso?
- No início.
- Qual início?
- Quando morri.
- Esse é o fim, não o início.

Ela balançou a cabeça negativamente.

Nesse momento, Sully teve a sensação de que alguém agarrava sua camisa e o puxava por ela. Sentiu um calafrio. Uma dor distante.

– Não conte a ele, por favor.

Ele a ouvira dizer isso antes, mas só agora percebia a quem ela se referia.

Ao filho deles.

Giselle olhou para o menino adormecido, que se virou de lado, deixando aparecer o celular azul de brinquedo aninhado sob seu ombro.

– Não diga a ele que o céu não existe. Ele precisa acreditar, e precisa saber que você também acredita.

– Eu acredito – afirmou Sully. E acrescentou: – Eu te amo.

– Também te amo – disse Giselle com um sorriso.

Ele a sentia ao seu lado, à sua volta, atrás dele. Enquanto o quarto era

invadido por uma confusão de luz e escuridão, ele teve outra vez a sensação de estar sendo puxado pela camisa.

No instante seguinte, Sully percebeu que estava caído do lado de fora do carro. O ar frio era revigorante. Ele se arrastou por alguns metros no gelo coberto de neve até que, com muita dificuldade, tomado por uma grave tonteira, conseguiu se levantar. Sua cabeça sangrava. Ele olhou para o céu, buscando algum sinal da esposa. Ouviu apenas o vento e uma buzina distante.

– Giselle! – chamou.

Nesse momento, o gelo cedeu com um estranho rugido e Sully viu, espantado, o Buick cair na água escura e começar a afundar.

O dia seguinte

NOTICIÁRIO

ABC News

APRESENTADOR: O caso Coldwater, em Michigan, acaba de ter um desdobramento surpreendente. Do local, Alan Jeremy nos conta tudo.

(Alan na frente da propriedade de Horace.)

ALAN: É verdade. Tudo veio à tona na última hora. De acordo com a polícia da cidade, um homem chamado Horace Belfin, que trabalhava como diretor de uma funerária, pode estar envolvido nos telefonemas que ontem chamaram a atenção do mundo inteiro, que acreditou que as ligações vinham do além. Belfin foi encontrado morto em sua casa na noite de sexta-feira. Ainda não se sabe a causa da morte. Estou aqui com Jack Sellers, chefe de polícia de Coldwater.

(Imagem de Jack Sellers.)

JACK SELLERS: Parece que o Sr. Belfin pode estar envolvido em alguma atividade de interceptação de comunicações. Ainda estamos juntando as peças do quebra-cabeça. Na verdade, não posso afirmar o que foi feito – apenas que havia uma grande quantidade de equipamentos na propriedade dele.

ALAN: Fomos informados de que as autoridades federais foram acionadas. Pode nos dizer por quê?

JACK: Você terá que perguntar a elas.

ALAN: Chefe, o senhor recebeu telefonemas de seu falecido filho. Como se sente...

JACK: Minha história não tem importância neste momento. Agora estamos apenas tentando compreender o que aconteceu... se é que aconteceu alguma coisa.

(Alan ao lado de manifestantes.)

ALAN: A reação dos descrentes foi imediata.

MANIFESTANTE: Nós avisamos! O que as pessoas pensavam? Que é possível

alguém simplesmente pegar o telefone e falar com os mortos? Era óbvio que se tratava de uma farsa. Desde o início!

(Vista aérea da propriedade de Horace.)

ALAN: Belfin vivia nesta fazenda de dois hectares. Ele comprou ações da Funerária Davidson & Filhos há menos de dois anos. Não era casado e, de acordo com fontes do governo, não tinha família. Isso é tudo o que sabemos até agora. Teremos mais reações dos moradores locais ao longo do dia. Neste momento, no entanto, parece que o milagre de Coldwater pode ser colocado em dúvida...

Dois dias depois

Na manhã de Natal, começou a cair uma neve fina em Coldwater. Por toda a cidade era possível ouvir o rascar de pás nos degraus das igrejas e ver a fumaça saindo das chaminés. Dentro das casas, crianças entusiasmadas abriam seus presentes, alheias à expressão melancólica estampada no rosto dos pais.

Um culto especial dedicado à memória do pastor Warren foi celebrado na metade da manhã na Igreja Batista Colheita da Esperança. Palavras elogiosas foram proferidas pelo padre Carroll e os outros clérigos prestaram suas últimas homenagens. Elias Rowe apareceu na igreja pela primeira vez desde aquele dia em que se levantara para falar das ligações do além. Dessa vez ele declarou: “Digam o que disserem, sei que o pastor agora está no céu.”

Katherine Yellin compareceu ao culto com Amy Penn, que apresentou às pessoas como sua amiga. Pela primeira vez em quatro meses, ela manteve o celular na bolsa e não checou o visor a cada dois minutos.

Tess Rafferty recebeu várias pessoas em casa, muito mais do que sua mãe já reunira em um dia de festa. A atmosfera, no entanto, era de melancolia, e, enquanto a ajudava com as bandejas de panquecas, Jack a surpreendeu com o olhar fixo no telefone silencioso da cozinha. Ele sorriu enquanto ela piscava para afastar as lágrimas.

Na sala da casa de seus pais, Sully Harding observava Jules abrir o último de seus presentes, um pacote de livros para colorir dados por Liz, que estava sentada no chão ao lado dele, a mecha antes rosa do seu cabelo pintada agora de verde em homenagem ao Natal.

– Está tudo bem? – perguntou Fred Harding a ele.

Sully tocou o curativo na têmpora.

– Só dói quando eu lembro – respondeu.

Alguns minutos depois, ele deixou o filho rodeado por seus presentes, entrou no seu antigo quarto e fechou a porta. Seus pais haviam transformado o cômodo em um quarto de hóspedes, mas ainda mantinham seus diplomas universitários e algumas fotos de futebol nas paredes.

Sully enfiou a mão no bolso e pegou um envelope amassado. Seu nome estava datilografado na frente. Lembrou-se do acidente no lago, algumas noites antes, do rodopio do carro e de como chegara cambaleando à margem, escorregando e deslizando no gelo enquanto o Buick desaparecia devagar sob a superfície. Sully desabara em um banco de neve, exausto, e ficara ali até ouvir a sirene de uma ambulância que alguém chamara. No hospital, ele tinha levado pontos e recebido o diagnóstico de concussão cerebral grave. O médico que o atendeu não acreditava que ele recobrou a consciência a tempo de escapar do carro que afundava. Quanto tempo teria transcorrido entre seu desmaio e o momento em que o gelo se partira? Um minuto?

Sully tinha passado a noite em observação. No dia seguinte bem cedo, ainda tonto, abriu os olhos e viu Jack Sellers entrar no quarto e fechar a porta. Estava de uniforme.

– Você vai ficar bem? – perguntou.

– Acho que sim.

– O que sabe sobre ele?

– Ele quem?

– Horace.

– Não muita coisa – mentiu Sully.

– Com certeza ele estava envolvido em alguma coisa – disse Jack. – Tinha equipamentos que nunca vi na vida. E, vinte minutos depois que chegamos, apareceram uns dez agentes federais dizendo para mantermos segredo sobre tudo aquilo. Levaram tudo.

– Como vocês o encontraram?

– Ele nos ligou.

– Ele *ligou*?

– Para a delegacia. Na sexta-feira à tarde. Disse que tinha um homem morto na sua propriedade. Quando chegamos, o encontramos em um

esconderijo nos fundos do porão. Ele estava caído no chão.

Jack fez uma pausa.

– O homem morto era ele.

Sully recostou a cabeça no travesseiro. Sentiu-se tonto. Nada daquilo fazia sentido. Morto? Horace – *Elliot Gray* – estava morto?

– Escute – disse Jack, enfiando a mão no bolso. – Estou violando um monte de leis neste momento, mas encontrei isto na mesa dele antes de todos e... bem... peguei, porque, se não fizesse isso, os outros com certeza fariam. Peguei porque ele poderia ter feito comigo, e com pessoas importantes para mim, a mesma coisa que fez com você, entende?

Sully assentiu com a cabeça. Jack entregou-lhe um envelope, que ele dobrou ao meio e guardou.

– Não deixe mais ninguém vê-lo. Leia quando chegar em casa. Depois... bem... ligue para mim.

☿ Sully esperara até a manhã seguinte ao Natal para ler o que havia dentro do envelope. Na sua imaginação ele continuava a ver Giselle sentada na cama ao lado de Jules, sorrindo.

Tão lindo...

Você deveria vir vê-lo.

Eu vejo. O tempo inteiro.

Desde então ele queria passar cada minuto com o filho, como se estar junto com o menino pudesse de alguma forma reunir os três. Ele conseguira se livrar do repórter do *Chicago Tribune* e de Elwood Jupes dizendo-lhes que tinha se enganado, que bebera e estava confuso quanto à transmissão mundial do milagre. Finalmente os dois desistiram dele e começaram a ir atrás de outras pistas. Mas agora, com a risada de Jules chegando até ele da sala de estar, Sully sentia-se pronto para encarar o que quer que houvesse naquele envelope, talvez uma explicação para a loucura que o assombrava havia meses.

Ele rasgou o envelope e leu o conteúdo.

*Prezado Sr. Harding,
Imploro que me perdoe.*

Meu nome verdadeiro, como o senhor já deve saber, é Elliot Gray. Elliot Gray Jr., que o senhor também conheceu em circunstâncias trágicas, era meu único filho.

No dia do acidente com seu avião, fui eu que destruí os registros de voo no aeródromo de Lynton, uma tarefa relativamente simples para alguém com minha experiência.

O que fiz foi uma tentativa tola de proteger meu filho.

Ele e eu ficamos sem nos falar durante muitos anos. A mãe dele morreu cedo e ele não aprovava o que eu fazia para viver. Em retrospecto, não posso culpá-lo. Era um trabalho clandestino e falacioso, que muitas vezes me mantinha afastado de casa por longos períodos. Eu agia em nome do país e do governo, duas coisas que surpreendentemente significam muito pouco para mim agora, enquanto redijo este relato.

Naquela manhã, como Elliot não atendia meus telefonemas, fui à casa dele sem avisar. Minha intenção era acertar as contas com ele. Eu estava com 68 anos e havia sido diagnosticado com um câncer incurável. Era hora de colocar um ponto final em nossas diferenças.

Infelizmente, Elliot não gostou de me ver e acabamos discutindo. Os pais costumam acreditar, de forma ingênua, que são capazes de resolver tudo. Eu não fui. Elliot saiu apressado de casa, muito agitado e com raiva. Uma hora depois, ele lhe deu a orientação errada. Acredito que meu filho tenha ficado tão transtornado por minha causa. Ele tinha suas fraquezas, mas seu trabalho, como o meu, era impecável.

Eu tinha ido de carro até a torre de controle para entregar-lhe uma carta que continha meus últimos desejos. Poderia tê-la deixado na casa dele, mas acho que, no fundo, eu queria vê-lo mais uma vez. Cheguei a tempo de ouvir, ao longe, seu avião se espatifar.

Não há palavras para descrever aquele momento. Meu treinamento me preparou para manter o controle em situações caóticas, mas acho que meu filho entrou em pânico. Encontrei-o sozinho na cabine da torre de controle, gritando: “O que eu fiz? O que eu fiz?” Pedi que trancasse a porta e me deixasse resolver a situação. Apaguei rapidamente todos os dados, imaginando, como agente de

operações, que, na ausência de registros de voo, a culpa dele não poderia ser provada.

Por alguma razão, enquanto eu apagava os dados, ele fugiu do local. Até hoje não sei o motivo. É esse o problema quando as pessoas nos deixam depressa demais, não é? Ficamos sempre com tantas perguntas não respondidas!

Na confusão que se seguiu, saí da torre sem ser visto, outra coisa que estou acostumado a fazer. Porém, ao saber do acidente de carro fatal de Elliot e da gravidade do estado de sua esposa, fui dominado pelo remorso. Venho de um mundo de controle e equilíbrio, e sou responsável por meu filho. O senhor e sua esposa foram vítimas de um fogo cruzado entre mim e ele, e isso me deixou desesperado para corrigir meus erros.

Dias depois, no velório de Elliot, conheci amigos dele que eu não sabia que existiam. Todos falaram coisas lindas sobre sua fé em um mundo melhor depois deste. Disseram que ele confiava na graça do céu. Eu nunca soube que ele pensava assim.

Pela primeira vez na vida, chorei por meu filho.

Então, vim para Coldwater a fim de saldar minhas dívidas – com ele e com o senhor. Por ter acesso aos seus registros militares, pude estudar seus antecedentes. Acompanhei sua volta para cá, a mudança de seu filho para a casa de seus pais enquanto o senhor não saía do lado de sua esposa no hospital. Quando soube das acusações contra o senhor, fiquei muito preocupado, porque tinha consciência de que nenhuma prova seria encontrada para defender seus atos. Com o caso em andamento, a morte de Elliot estava sempre nos noticiários, e minha consciência não encontrava descanso.

Sempre fui um homem de ação, Sr. Harding. Com a noção de que minha vida se aproximava do fim, comprei uma casa na cidade, assumi uma nova identidade (outra tarefa muito fácil, graças à minha experiência trabalhando para o governo) e, por um simples acaso, conheci Sam Davidson, que queria se aposentar depois de uma vida inteira à frente da funerária. Quando nos aproximamos da morte, seu caráter misterioso se transforma em um triste atrativo. Comprei uma participação no negócio de Sam e descobri que o sofrimento dos outros me confortava. Eu ouvia suas histórias, seus arrependimentos. Quase todos tinham um único desejo, o mesmo, imagino, que me levou ao aeródromo naquele dia: falar com seus entes

queridos pelo menos mais uma vez.

Então eu decidi fazer com que esse desejo se concretizasse para alguns deles. Decidi que meu último ato seria de empatia e que seria capaz, talvez, de dar ao senhor e ao seu filho um pouco de esperança após o falecimento de sua esposa.

Quanto ao resto – como executei o plano, as oito vozes, a cronologia, os detalhes –, tenho certeza de que a esta altura o senhor já deduziu. Não ache que irá descobrir muitas provas. Meus antigos patrões apagarão qualquer pista importante. Quem faz o que fiz durante tanto tempo nunca se aposenta de fato; como a descoberta de minha identidade poderia constrangê-los, eles reduzirão minha importância e garantirão que eu permaneça, tanto quanto possível, um mistério.

Mas estou partilhando esta história com o senhor porque no seu caso, Sr. Harding, eu talvez nunca consiga saldar minha dívida. Talvez o senhor ache que alguém com um histórico como o meu não acreditasse em Deus, mas isso não é verdade. Foi com a fé inabalável no apoio de Deus que justifiquei meus atos ao longo de todos esses anos.

Fiz o que fiz em Coldwater como penitência, e morrerei sem saber o resultado de minhas ações. No entanto, mesmo que meus métodos sejam revelados, as pessoas acreditarão no que escolherem acreditar. E, se algumas delas passarem a ter fé como consequência desses telefonemas, talvez o Senhor me conceda a Sua graça.

Seja como for, quando o senhor ler estas palavras, Sr. Harding, o mistério do céu estará desvendado para mim. Se eu pudesse de fato entrar em contato com o senhor e confirmar que ele existe, eu faria. Seria a menor das dívidas que eu poderia saldar.

Termino então esta carta como a comecei: pedindo seu perdão. Logo, talvez, eu consiga fazer o mesmo com meu filho.

Adeus.

Elliot Gray, também conhecido como Horace Belfin.

❧ Como conseguimos nos livrar da raiva? Como descartamos a fúria na qual nos apoiamos há tanto tempo, a ponto de corrermos o risco de perder o chão se ela sumir de repente? Sentado em seu antigo quarto, com a carta na

mão, Sully sentiu que sua amargura ia embora, como se ele despertasse de um sonho. Elliot Gray, um inimigo durante tanto tempo, era agora visto de modo diferente – um homem que cometera um erro passível de perdão. A ausência dos registros de voo havia sido explicada, assim como a fraude que tomara conta de Coldwater durante meses. Até Horace tinha se humanizado e era agora um homem sofrido que tentava reparar seus erros.

Às vezes somos colocados em uma cela sem merecer, Sr. Harding. Às vezes é o inverso.

Sully releu a carta. Seus olhos se fixaram nas palavras *as oito vezes* e ele repassou-as na mente. A filha de Anesh Barua, uma. A ex-esposa de Eddie Douken, duas. O sócio de Jay James, três. A mãe de Tess Rafferty, quatro. O filho de Jack Sellers, cinco. A irmã de Katherine Yellin, seis. O antigo empregado de Elias Rowe, sete. A filha de Elwood Jupes, oito.

Oito.

E Giselle? A última voz que Horace havia manipulado? Ele não a contava? Tinha ignorado a dela de propósito?

Sully pegou o telefone e acessou o registro das ligações de sexta-feira. Encontrou a do repórter do *Chicago Tribune*, de 19h46. A chamada anterior, de número desconhecido, aquela da voz de Giselle, tinha sido às 19h44.

Sully revirou os bolsos e encontrou o número que Jack Sellers havia lhe dado no hospital. Ligou rapidamente.

– Alô, Sellers falando.

– Aqui é Sully Harding.

– Ah. Olá. Feliz Natal.

– Obrigado. Para você também.

– Escute, estou aqui com uns amigos...

– Sim, claro, eu também estou com minha família... Só liguei para lhe fazer uma pergunta.

– Tudo bem.

– É sobre Horace. Você sabe a que horas ele morreu?

– Já estava morto quando o encontramos. Ray foi o primeiro a entrar e foi ele que registrou o horário. Foi às 18h52.

– Pode repetir?

– Foi às 18h52.

Sully sentiu um arrepio percorrer seu corpo.

19h44.

– Tem certeza?

– Absoluta.

A cabeça de Sully girava quando ele desligou.

Desliguei na sua cara?

Não.

Correu para a sala de estar e tomou Jules nos braços.

Dois meses depois

As cidades pequenas têm um ritmo próprio de funcionamento, que não leva em consideração o número de pessoas que chegam ou saem de seus limites. Nos meses que se seguiram, Coldwater foi recuperando esse ritmo, enquanto os caminhões partiam, as barracas eram desmontadas e os visitantes iam embora aos poucos.

A lanchonete de Frieda não tinha mais filas para entrar. As vagas para estacionar eram abundantes nas ruas livres da neve. Nos fundos do banco, o presidente da instituição – e prefeito da cidade – podia ser visto batendo com um lápis na sua mesa.

Ninguém mais recebeu telefonemas de pessoas mortas. O Natal tinha passado, assim como o ano-novo. Katherine Yellin nunca mais teve notícias da irmã, nem Tess Rafferty da mãe, nem Jack Sellers do filho. Nenhum dos outros escolhidos recebeu mais ligações do céu. Era como se o milagre tivesse sido soprado para longe, como sementes ao vento.

A história de Horace Belfin e de sua morte misteriosa provocou as mais estranhas suposições durante vários dias. Muitos afirmavam que as ligações eram uma fraude elaborada, orquestrada por um velho esquisito que, segundo um porta-voz das Forças Armadas, tinha um cargo desimportante na inteligência norte-americana e se aposentara após receber o diagnóstico de um tumor inoperável no cérebro.

Mas havia alguns detalhes valiosos. O equipamento da casa de Belfin tinha sido apreendido pelo governo, que emitiu um relatório informando que apenas dados sem interesse haviam sido encontrados. Durante algum tempo, os meios de comunicação insistiram em mais informações, mas, sem as vozes do além, o interesse do público logo desapareceu e a imprensa acabou

partindo para outros assuntos.

Com o tempo, os fiéis abandonaram os gramados e os campos abertos. Sem nada mais contra o que protestar, os manifestantes também partiram. O bispo Hibbing e a Igreja Católica deram o caso por encerrado. Muitas pessoas se apegaram às palavras de Katherine Yellin e passaram a estudá-las como evangelho; outras as descartaram, dizendo que eram pura invenção. Como acontece com todos os milagres, quando a vida volta ao normal as pessoas que acreditam neles os recontam maravilhadadas e as que não creem nem sequer os comentam.

Embora a cidade estivesse muito triste pela perda das vozes celestiais, ninguém parecia perceber como os telefonemas tinham mostrado às pessoas exatamente o que elas queriam.

Katherine Yellin, que mergulhara na solidão depois da morte de Diane, construíra uma amizade de irmã com Amy Penn. E Amy, que só pensava em sua carreira na televisão, deixou a emissora e alugou uma casinha na cidade, onde todos os dias toma um café com a amiga. Além disso, começou a escrever um livro sobre tudo o que testemunhou em Coldwater.

Tess Rafferty e Jack Sellers encontraram conforto um no outro e conseguiram preencher as lacunas deixadas pelas mortes de seus entes queridos. O padre Carroll e os outros clérigos assistiram a um aumento impressionante do número de fiéis, algo pelo qual haviam rezado durante anos. Elias Rowe, honrando a promessa feita ao pastor Warren, ajudou a família de Nick Joseph: construiu uma pequena casa para eles e contratou Nick Jr. para seu primeiro emprego de verão na área de construção. Ao longo dos anos, o jovem ganharia o suficiente para pagar sua faculdade.

Sully Harding transferiu as cinzas de sua esposa de seu apartamento para um lugar no cemitério. Depois que fez isso, voltou para casa e teve sua primeira noite tranquila em anos.

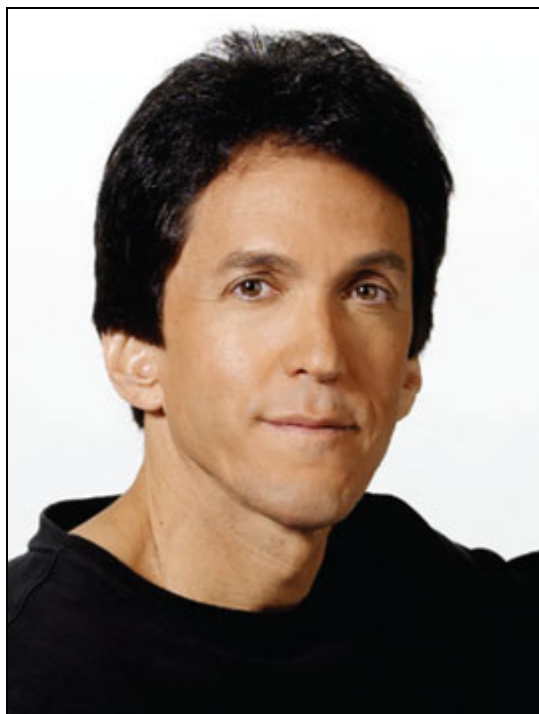
❧ Dizem que a primeira inspiração para o telefone surgiu quando Alexander Graham Bell ainda era adolescente. Ele percebeu que, se cantasse determinada nota perto de um piano aberto, a corda correspondente a essa

nota vibrava em resposta. Nascia aí a ideia de conectar vozes através de um fio.

No entanto, a ideia não era nova. Desde o princípio dos tempos, nós estamos acostumados a chamar e receber uma resposta. É assim desde que a fé existe. Quando, tarde da noite, em uma pequena cidade chamada Coldwater, um menino de 7 anos ouve um ruído, abre os olhos, leva um brinquedo azul ao ouvido e sorri, essa é a prova de que o céu está e sempre estará entre nós, e que nenhuma alma parte realmente enquanto guardamos sua lembrança.

sobre o autor

© Glenn Triest



MITCH ALBOM é romancista, roteirista, dramaturgo e jornalista premiado. Seus livros estão sempre entre os primeiros da lista do *New York Times* e já ultrapassaram a marca de 34 milhões de exemplares vendidos, em 42 idiomas. *A última grande lição* é o livro de memórias mais vendido de todos os tempos.

Albom fundou sete instituições de caridade, inclusive a primeira clínica médica 24 horas para crianças sem-teto nos Estados Unidos. Também dirige um orfanato em Port-au-Prince, no Haiti. Vive com a esposa, Janine, nos arredores de Detroit.

mitchalbom.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett
Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben
A cabana e A travessia, de William P. Young
A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich
Água para elefantes, de Sara Gruen
Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown
Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks
Julieta, de Anne Fortier
As regras da sedução, de Madeline Hunter
O guardião de memórias, de Kim Edwards
O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!, Praticamente inofensiva e O salmão da dúvida, de Douglas Adams
O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss
A passagem e Os Doze, de Justin Cronin
A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand
A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[A semana em que tudo começou](#)

[A segunda semana](#)

[A terceira semana](#)

[A quarta semana](#)

[A quinta semana](#)

[A sexta semana](#)

[Quatro dias depois](#)

[A sétima semana](#)

[Três dias depois](#)

[A oitava semana](#)

[A nona semana](#)

[Quatro dias depois](#)

[A décima semana](#)

[A décima primeira semana](#)

[Um dia depois](#)

[A décima segunda semana](#)

[Dois dias depois](#)

[A décima terceira semana](#)

[A décima quarta semana](#)

[A décima quinta semana](#)

[A décima sexta semana](#)

[O dia da transmissão](#)

[Depois da meia-noite](#)

[O dia seguinte](#)

[Dois dias depois](#)

[Dois meses depois](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)